

Online ISSN 2447-4878

Revista
**ENSAIOS
TEOLÓGICOS**

Vol. 5 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2019

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 05 – Número 02 – Dezembro / 2019

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista
Pioneira



R454 Revista Ensaios Teológicos : Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 05, n. 02, Dez. 2019. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2019. -
157 p.

Semestral
ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Solicita-se permuta / We request exchange
Wir erbitten Austausch / Se pide cambio



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Faculdade Batista
Pioneira

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Dr^a Marivete Zaroni Kunz

Conselho Editorial

Dr^a. Analzira Nascimento (Faculdade Batista do RJ)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. David Riker (Faculdade Teológica Batista Equatorial)
Dr. Gerson Fischer (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a. Madalena Molochenco (Faculdade Teológica Batista de SP)
Dr^a. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Me. Carlos Alberto Bezzera (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Daniel Torgan (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Faculdade Batista Pioneira)
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Me. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Reginaldo Pereira de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Robson Maurício Ghedini (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)
Me. Willibaldo Ruppenthal Neto (Faculdades Batista do Paraná)

Revisão

Ma. Juliana Scheibner Dellafavera

Diagramação

Dr. Claiton André Kunz

Editoração Eletrônica

Me. Gabriel Giroto Lauter

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação	8
---------------------------	---

ARTIGOS

David Livingstone: Um missionário desbravador em um continente escravizado David Livingstone: an exploring missionary in a slave continent <i>Josemar Valdir Modes e Leandro Hins de Brito</i>	9
O cristão e o cuidado com a natureza The christian and the caring for nature <i>Felippe de Amorim Ferreira</i>	25
O papel atribuído pela comunidade eclesiástica à esposa de pastor: identidade e práticas alternativas diante de uma missão The role assigned by the Ecclesiastic Community to the shepherd's wife: identity and alternative practices before a mission <i>Cássia Maysa Cardoso Tavares</i>	36
Teorias a respeito do objetivo da Carta de Aristeias a Filócrates Theories about the goal of the letter of Aristeas to Philocrates <i>Renan Constantino Colli</i>	54
Irmão André: o missionário pioneiro às igrejas perseguidas do século XX Brother Andrews: the pioneer missionary to the churches persecuted in the 20th century <i>Guilherme Wurster e Lucas Simões Albino Dias</i>	64
A missão integral e o perigo dos extremismos: a importância de se preservar a integralidade da missão The integral mission and the danger of extremisms: the importance of preserving the integrity of the mission <i>Cléber Mateus de Moraes Ribas</i>	84
Ministerium Verbi Divini: a Teologia Moderna e o surgimento da Neo-Ortodoxia Reformada Ministerium Verbi Divini: modern theology and the appearance of reformed neo-orthodoxy <i>Marcone Luiz Baima Pessoa Júnior e Ulicélio Valente de Oliveira</i>	95
Deus é Sol: uma incógnita apresentada pelo Salmo 84.12 God is Sun: an unknown presented by the Psalm 84.12 <i>Gustavo Albernaz Dias Carreiro</i>	111

O líder cristão no desempenho da função de cuidador

Der christliche Führer in der besetzung der Pflegekraft

Jaqueline Bresch 124

A arte cristã: uma perspectiva de Francis Schaffer e H. R. Rookmaaker

Christian art: a perspective from Francis Schaeffer and H. R. Rookmaaker

Isaac Raphael Costa Rehem..... 140

RESENHA

Missão Integral: uma fusão entre a missão do Reino com a do indivíduo

Leandro Hins de Brito 153

Normas para publicação156

APRESENTAÇÃO

Prezado Leitor,

A **Revista Ensaios Teológicos** finaliza mais uma edição. Com o objetivo de promover conhecimento com qualidade, esse espaço apresenta dez artigos com temáticas livres e também uma resenha.

O primeiro artigo, com o título *“David Livingstone: um missionário desbravador em um continente escravizado”*, foi escrito pelo doutorando Josemar Valdir Modes e o acadêmico Leandro Hins de Brito. O segundo artigo tem como título *“O cristão e o cuidado com a natureza”* e foi escrito pelo Me. Felipe de Amorim Ferreira. O artigo intitulado *“O papel atribuído pela comunidade eclesial à esposa de pastor: identidade e práticas alternativas diante de uma missão”* foi escrito pela mestranda Cássia Maysa Cardoso Tavares, seguido do artigo *“Teorias a respeito do objetivo da carta de Aristéias a Filócrates”*, escrito pelo mestrando Renan Constantino Colli. Os acadêmicos Guilherme Wurster e Lucas Simões Albino Dias escreveram o artigo *“Irmão André: o missionário pioneiro às igrejas perseguidas do século XX”*.

Na sequência, tem-se o artigo *“A missão integral e o perigo dos extremismos: a importância de se preservar a integralidade da missão”*, escrito por Cléber Mateus de Moraes Ribas. O sétimo artigo tem como título *“Misterium Verbi divini: a teologia moderna e o surgimento da neo-Ortodoxia Reformada”* e foi escrito por Marcione Luiz Baima Pessoa Júnior e pelo mestre Ulicélio Valente de Oliveira. Em seguida, tem-se o artigo *“Deus é sol: uma icônata apresentada pelo Salmo 84.12”*, o qual foi escrito pelo mestrando Gustavo Albernaz Dias Carreiro. *“O líder cristão no desempenho da função de cuidador”*, escrito por Jaqueline Bresch, é o nono artigo e *“A arte cristã: uma perspectiva de Francis Schaeffer e H. R. Rookmaaker”* é o décimo artigo, o qual foi escrito pelo mestre Isaac Raphael Costa Rehem.

Este é um espaço de diálogos e exposição de reflexões teológicas de pesquisadores de diferentes grupos denominacionais, sendo estes especialistas da área teológica e acadêmicos que estão iniciando sua caminhada de publicações. Oportunizar a exposição de pesquisas acadêmicas é essencial para a comunidade científica, para crescimento pessoal e para o desenvolvimento da fé. São essas trocas que oportunizam o aprofundamento teológico e auxiliam na prática das diferentes áreas ligadas ao meio teológico. Através destas exposições de conhecimentos, o ser humano pode contribuir com sua realidade.

Tenham uma agradável leitura e que Deus abençoe a todos!

Dr^a. Marivete Zanoni Kunz
Editora Responsável

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

DAVID LIVINGSTONE: UM MISSIONÁRIO DESBRAVADOR EM UM CONTINENTE ESCRAVIZADO

David Livingstone: an exploring missionary in a slave continent

Josemar Valdir Modes¹
Leandro Hins de Brito²

RESUMO

A pesquisa contou a história de vida do missionário David Livingstone, destacando a importância de seu trabalho em levar o livre comércio e o cristianismo para o interior do continente africano. Mostrou seu chamado à obra missionária, bem como os lugares pelos quais passou, perigos enfrentados e suas descobertas. Também apresentou os resultados de seu empenho num lugar hostil, onde provavelmente suas chances de sobreviver e obter êxito seriam impossíveis. Livingstone se esforçou muito e investiu tempo; obteve resultados, mostrando, através das pessoas alcançadas e do legado deixado, que valeu a pena investir a vida em algo em que acreditava, mesmo que para isso tivesse que enfrentar a própria morte.

Palavras-chaves: Missões. África. Cristianismo. Escravidão.

¹ O autor é Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e um mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é co-editor da Revista Ensaio Teológico da Faculdade Batista Pioneira e da Revista Teológica FABAMA do Seminário Teológico Batista em São Luís. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

² O autor é bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: leandrohins@gmail.com

ABSTRACT

This research tells the life story of the missionary David Livingstone, highlighting the importance of his work in bringing free trade and Christianity to the African continent's interior. It shows his call to missionary work, the places he went through, the dangers he faced, and his discoveries. It also presents the results of his efforts in a hostile place, where his chances of surviving and succeeding would probably be impossible. Livingstone worked hard and invested time; he obtained results, showing through the people he reached and the legacy he left, that it was worth investing his life in something he believed in, even if it would cost him his death.

Keywords: Missions. Africa. Christianity. Slavery.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história do Cristianismo, o envolvimento na obra missionária tem sido importante tarefa que o próprio Deus confiou a homens e mulheres que dispõem suas vidas em favor de Sua Palavra. Nem sempre foi fácil o cumprimento desta grande obra, porém é perceptível, no decorrer dos séculos, que, de alguma maneira, há várias ações, algumas claras, outra misteriosas, algumas diretas, outras indiretas, contribuindo de maneira progressiva na construção da história do Cristianismo e de uma história missionária.

Neste caso, Deus usou grandemente a vida de Livingstone, para levar esperança às pessoas que viviam oprimidas em um continente que ainda não havia sido explorado por nenhum missionário, e nem mesmo por comerciantes. Fica claro que há uma necessidade de anunciar o amor de Deus, os desafios sempre serão enormes, assim como foi para David Livingstone; no entanto, o Senhor, capacita e dá as estratégias para que a sua obra se cumpra.

A Bíblia menciona diversas pessoas que de alguma maneira influenciaram e se dispuseram a anunciar a Palavra, homens e mulheres que não eram dignos desse mundo, porém ouviram a voz de Deus e obedeceram ao chamado da Grande Comissão, dada por Jesus a todos quantos o receberem (Mt 28.18-20). Mediante essa passagem, fica bem nítido que a missão de anunciar não é apenas de algumas pessoas, como foi o caso de personagens anteriormente citados, mas de todos que receberam a Cristo.

Irá se ver nesta pesquisa um histórico sobre a vida de Livingstone, sua trajetória missionária e os frutos de seu trabalho no Reino de Deus. Ele está entre os grandes missionários da história de missões, mas isso não significa que foi um homem perfeito, pelo contrário, as renúncias feitas por Livingstone relacionadas à sua família são de peso enorme na sua biografia, mas não diminuem seus feitos em prol do Reino, destacando que Deus era o centro do seu viver.

1. HISTÓRIA DE VIDA E FAMÍLIA

Diante do chamado ao campo missionário, David Livingstone, não mediu esforço para encerrar a missão no qual Deus o havia confiado. Mesmo não tendo o mínimo de informação da cultura e contexto onde haveria de ir, colocou-se à disposição para o serviço. Disponibilizava-se do conhecimento sobre Deus, adquirido em sua infância por meio de sua família e de sua formação acadêmica.

1.1 Nascimento, criação e família

Livingstone nasceu em Blantyre, ao sul de Glasgow, Escócia, em 19 de março de 1813. Desde sua infância mostrava ser um menino proeminente, era determinado, cheio de energia e muito notável em suas habilidades: *“isto o levará a vencer muitos desafios”*.³ Filho de pais pobres, trabalhava cerca de catorze horas por dia em uma fábrica de tecelagem para ajudar no sustento da casa e se manter. Mesmo assim, recebeu de seus pais princípios que o fizeram um homem de boa conduta: sua mãe lhe dizia que não podia oferecer bons estudos, mas não abria mão de ensiná-lo sobre retidão e honestidade, por meio do próprio exemplo de vida.⁴

Mesmo trabalhando na fábrica de tecelagem, em meio a barulhos ensurdecedores e ao cansaço, Livingstone não abriu mão dos estudos, realizados na parte da noite. Por vezes, a senhora Agnes Hunter, mãe de Livingstone, levantava-se na madrugada e lá estava ele, debruçado sobre os livros, empenhado em fazer descobertas que melhorariam sua vida. Seus pais o criaram com princípios cristãos e até completar seus 10 anos, acompanhava-os em uma igreja anglicana. Logo após sua família passou a fazer parte de uma congregação que posteriormente veio a ser tornar uma igreja Presbiteriana.⁵

O Pai de Livingstone, Neil Livingstone, costumava contar aos filhos as histórias e proezas de seus antepassados, que já chegava a oito gerações. Muitas vezes, os bisavôs de David, com a família, não encontraram outra escolha a não ser fugir dos cruéis perseguidores de cristãos; por diversas vezes restavam os pantanais, as montanhas, como local onde poderiam adorar a Deus em espírito e em verdade. Porém, mesmo esses cultos, que se realizavam entre os lugares mais escondidos e, às vezes, no gelo, eram interrompidos pelos soldados que chegavam a cavalo para matar ou levar presos, tanto homens como mulheres; mas nem por isso abriram mão de servir ao Deus verdadeiro.⁶

1.2 Formação acadêmica

Livingstone não media esforços para enriquecer seu conhecimento em áreas diversas: dava o máximo de si durante seis dias da semana. No entanto, o domingo era um dia honrado, que toda sua família consagrava a Deus e nele descansava. Em uma de muitas lembranças, ficou marcado o dia em que foi homenageado na igreja por haver decorado todo o Salmo 119 e recitado em público. Isso rendeu a ele sua primeira versão do Novo Testamento Bíblico. Na empresa de tecelagem, assim que recebeu seu primeiro salário, não se deteve em comprar sua primeira gramática em latim.

Segurava a sua gramática aberta na máquina de fiar algodão e, enquanto trabalhava, estudava-a linha por linha. Às oito horas da noite, dirigia-se, sem

³ VARETTO, Juan C. **Eles morreram pela fé: heróis e mártires da obra missionária desde os apóstolos até os nossos dias**. Tradução de Almir S. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1981, p. 123.

⁴ VARETTO, 1981, p. 123.

⁵ TUCKER, Ruth A. **Missões até os confins da terra: uma história biográfica**. Tradução de Lena Aranha e Nely Siqueira. São Paulo: Shedd, 2010, p. 179.

⁶ BOYER, Orlando S. **Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo**. 15.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 111.

perder tempo, à escola noturna. Depois das aulas, estudava as lições para o dia seguinte, às vezes, até a meia-noite, quando a mãe tinha de obrigá-lo a apagar a luz e dormir.⁷

Não sendo completamente diferente de muitas pessoas, Livingstone, em seus momentos de folga do trabalho, gostava muito de pescar e fazer diversas expedições, mesmo que fossem nos lagos e rios curtos próximos de sua casa e de sua vila. Esses passeios lhe serviam tanto de instrução como de complemento de seu aprendizado da sala de aula, pois saía para verificar na própria natureza o que estudava nos livros sobre botânica e geologia. Sem que ele soubesse, no entanto, seu corpo e mente já estavam sendo preparados para as explorações científicas e para o que escreveria com precisão acerca da natureza na África.⁸

Completados nove anos de trabalho na fábrica, foi promovido a um novo posto, que possibilitava uma renda mais significativa. Devido a isso, não sendo surpresa para muitos, consequência de seu grande empenho e dedicação, Livingstone, estava se formando em teologia e em medicina, recebendo o diploma de licenciado da Faculdade de Médicos e Cirurgiões de Glasgow, sem ter recebido a ajuda financeira ou auxílio de qualquer pessoa.⁹

1.3 Chamado ao campo missionário

Ainda muito jovem, David, convencido por Deus, sentiu-se confrontado a uma mudança em sua vida. Passou a compreender a Palavra e, desde então, começou a estudar a Bíblia com frequência. Sem que ele percebesse, começou em sua vida o processo da regeneração, porém só depois dos vinte anos Livingstone entregou por completo sua vida a Cristo, confessou ser Jesus seu Salvador pessoal. No meio desse processo de transformação, o coração de Livingstone já começava a arder pela obra missionária.

David, desde a infância, ouvia falar de um missionário valente na China, cujo nome era Gutzlaff.¹⁰ Nas suas orações, à noite, ao lado de sua mãe, orava por ele. Com a idade de dezesseis anos, David começou a sentir desejo profundo de fazer conhecido o amor e a graça de Cristo àqueles que jaziam em densas trevas, e resolveu firmemente no coração dar, também sua vida, como médico e missionário, ao mesmo país, a China.¹¹

⁷ BOYER, 1999, p. 111.

⁸ BOYER, 1999, p. 112.

⁹ BOYER, 1999, p. 113.

¹⁰ KARL FRIEDRICH AUGUST GÜTZLAFF, anglicizado, nascido em Pyritz (atualmente Pyrzyce), Pomerania, foi um missionário alemão no extremo oriente, notável como um dos primeiros missionários protestantes em Bangkok, Tailândia (1828) e na Coreia do Sul (1832). Ele escreveu "Jornal das Três Viagens" além de "Costa da China" em 1831, 1832 e 1833, com anúncios de Sião, Coreá, e das Ilhas Loochoo (1834). Ele serviu como intérprete para missões diplomáticas inglesas durante a Primeira Guerra do Ópio. Gutzlaff foi um dos primeiros missionários protestantes na China que vestiu roupas chinesas. A escrita de Gutzlaff influenciou Dr. Livingstone e também o Karl Marx. David Livingstone leu "Apelo para as Igrejas da Grã-Bretanha e norteamericanos em nome da China" de Gutzlaff e decidiu se tornar um médico missionário. In.: **GÜTZLAFF, Karl Friedrich August (1803-1851)**. Escola de teologia – história da missiologia. Universidade de Boston. Disponível em: <<http://www.bu.edu/missiology/missionary-biography/g-h/gutzlaff-karl-friedrich-august-1803-1851/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

¹¹ BOYER, 1999, p. 114.

O desejo de ser missionário na China crescia constantemente em seu coração, e desde cedo também aprendeu a renunciar a tudo por amor a Cristo. Acreditava que tudo que possuía deveria servir para acrescentar no Reino de Deus. Desde então, consagrava tudo a Cristo, principalmente suas economias eram prioridades para a obra missionária. Privava-se até mesmo de suas próprias necessidades para contribuir o máximo possível com algum campo missionário; além do mais, não quis doar apenas bens materiais, resolveu renunciar toda sua vida em favor do Evangelho.

Durante todos os anos de estudos para ser médico e missionário, sentia-se dirigido para ir à China. No ano de 1838, Livingstone foi aceito na Sociedade Missionária de Londres. Mas seus planos de ir à China foram interrompidos devido à “guerra do ópio”.¹² A partir disto, teve de abandonar seus planos de fazer missões em terras chinesas.¹³

Embora seus planos tivessem sido frustrados, essa mudança foi decisiva na vida do missionário, o que muito contribuiu para suas futuras explorações e para a sua ida ao continente africano. No ano de 1839, as coisas começaram a mudar novamente: conheceu um pioneiro no trabalho missionário que acabava de voltar do sul da África, cujo nome era Robert Moffat.¹⁴ Após este encontro em que ouviu sobre os desafios do continente, Livingstone voltou seu olhar ao povo africano, e uniu-se à equipe de Moffat em 1841.¹⁵

¹² GUERRA DO ÓPIO. As **Guerras do Ópio**, ou **Guerra Anglo-Chinesa**, foram conflitos armados ocorridos entre o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda (atual Reino Unido) e o Império Qing (atual China) nos anos de 1839-1842 e 1856-1860. O ópio, uma substância entorpecente, altamente viciante, extraída da papoula, que causa dependência química em seus usuários, introduzido ilegalmente na China por comerciantes ingleses e norte-americanos. Produzido na Índia, e também em partes do Império Otomano no início do século XIX, os comerciantes britânicos traficavam-no ilegalmente para a China e muitas vezes forçavam os cidadãos a consumir as drogas, provocando dependência química, auferindo grandes lucros e aumentando o volume do comércio em geral. In.: NAVARRO, Roberto. O que foi a guerra do ópio? 18 abr. 2011. **SUPER INTERESSANTE**. Disponível em: < <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-guerra-do-opio/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

¹³ VARRETO, 1981, p. 124.

¹⁴ ROBERTO MOFFAT, após sua conversão em uma igreja metodista, os frutos de sua fé genuína começaram a aparecer. Certa vez, passando por um edifício viu um anúncio missionário, ficou muito entristecido devido a data ter passado. Desde criança sua mãe lhe contava muitas histórias de missões dos Morávios, essa semente cresceu e o despertou a ser missionário. Inscreveu-se na Sociedade Missionária de Londres, em seu primeiro teste foi reprovado, por não ter feito curso de teologia. Passou algum tempo, fez um curso teológico com um amigo, inscreveu-se novamente e foi aceito. Estudou diversas línguas e idiomas e principalmente as culturas locais por onde passou. Morou em diversos países do continente africano. Foi o patriarca das missões na África do Sul, um homem que teve significativa influência nessa região do mundo durante mais de meio século. Todavia, mesmo durante sua vida ele foi ofuscado pelo seu famoso genro, sendo mencionado com frequência como o "sogro de David Livingstone". Moffat, não obstante, foi maior missionário que seu genro. Ele era evangelista, tradutor, educador, diplomata e explorador, combinando eficazmente esses papéis e se tornando um dos maiores missionários da África de todos os tempos. Primeiro tradutor da Bíblia para Setswana. Foi casado com a senhora Mary Moffat, tiveram dez filhos, dentre eles a esposa de David Livingstone, que herdou o nome de Mary Maffat. In.: VARETTO, Juan C. **Eles morreram pela fé**. Heróis e mártires da obra missionária desde os apóstolos até os nossos dias. Tradução de Almir S. Rio de Janeiro: 4.ed. JUERP, 1981, 207 p 117-122.

¹⁵ CURTIS, A. Kenneth. LANG, J. Stephen. PETERSEN, Randdy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. Tradução de Emirson Justino. São Paulo: Vida, 2003, p. 193.

2. A VIVÊNCIA NO CAMPO MISSIONÁRIO

A realidade do campo missionário Africano, por mais que se apresentasse desconhecida a Livingstone, servia como combustível que o impulsionava a levar a esperança do Evangelho de Cristo aos povos do continente. Mesmo não obtendo resultados imediatos, a fé e perseverança que tinha em Deus, permitiu que seus esforços resultasse em grandes conquistas.

2.1 Partida para África e início do seu trabalho

Comovido, ao ouvir falar em tantas aldeias sem o Evangelho e sabendo que não podia ir à China por causa de guerra que havia naquele país, ele respondeu: *“Irei imediatamente para a África”*. Este seu desejo levou-o aos irmãos da missão S. M. L., e eles concordaram. Antes, voltou ao humilde lar em Blantire, para se despedir dos pais e irmãos. Às cinco horas da manhã, do dia 17 de novembro de 1840, a família se levantou, oraram e juntos fizeram a leitura dos Salmo 121 e 135.¹⁶

As seguintes palavras ficaram gravadas no seu coração, para o fortalecerem no calor e perigos durante os longos anos que passou depois, na África: "O sol não te molestará de dia e nem a lua de noite... O Senhor guardará a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre". Depois de orarem, despediu-se da sua mãe e irmãs e andou a pé, com seu pai que o acompanhou até Glasgow. Depois de se despedirem um do outro, David embarcou no navio para não mais ver, aqui na terra, o rosto nobre de Neil Livingstone.¹⁷

A sede de sua missão ficava a aproximadamente 950 quilômetros da costa, mas o desejo por fazer a obra missionária era grande; isso não foi impedimento, não apenas por ser médico ou missionário, Livingstone sentia o forte desejo de explorar e fazer descobertas que beneficiariam o povo africano. Foi com grandes expectativas que navegou para a África, em dezembro de 1840. *“Depois de passar treze semanas estudando a língua a bordo do navio, ele chegou ao Cabo em março de 1841 e permaneceu ali durante um mês antes de começar sua viagem para Kurumã, onde deveria ajudar com o trabalho até que os Moffats voltassem”*.

Imediatamente apaixonou-se pela África e gostou muito de sua viagem por terra para Kurumã, descrevendo-a como *“um sistema prolongado de recreação”*. Mas com os trabalhos missionário que já havia ali não se impressionou, criticando severamente, e com razão, a obra na Cidade do Cabo, onde um número excessivo de missionários se concentrava em uma pequena área, desencorajando assim a evangelização dos nativos. Enquanto aguardava a volta dos Moffats das férias, fez diversas viagens de carroça na direção norte para explorar a área.¹⁸ O desejo de anunciar o Evangelho era tão grande que, mesmo antes de chegar à África, ele já estava pregando no navio.

A viagem de Glasgow ao Rio de Janeiro e, por fim, à cidade do Cabo, na África, durou três meses. Mas David não desperdiçou o tempo. O comandante se

¹⁶ BOYER, 1999, p. 117.

¹⁷ BOYER, 1999, p. 117.

¹⁸ TUKER, 2010, p. 178.

tornou seu amigo íntimo e ajudou-o a preparar os cultos, nos quais David pregava aos tripulantes do navio. O novo missionário aproveitou, também, a oportunidade a bordo para aprender a usar o sextante e saber exatamente a posição do navio, observando a lua e as estrelas. Essa ciência lhe foi mais tarde de incalculável valor para orientar-se nas viagens de evangelização e exploração no imenso interior desconhecido do qual "subia a fumaça de mil vilas sem missionário".¹⁹

Logo após chegar à cidade do Cabo, partiu para uma nova etapa até chegar a Kurumã, percorreu uma distância de 190 léguas (cerca de 950 quilômetros) feita aos solavancos, em sua condução, um carro de boi, através de campos extremantes desolados. A viagem durou dois meses, até chegar a Kurumã, onde devia esperar o regresso do sogro. O desejo de Livingstone era de estabelecer novas bases missionárias, não apenas ficar em lugares onde já havia a presença do Evangelho.

Para aprender a língua e os costumes do povo, nosso pioneiro passava o tempo viajando e vivendo entre os indígenas. O seu boi de sela passava a noite amarrado, enquanto ele assentava-se com os africanos ao redor do fogo, ouvindo as lendas dos seus heróis. Livingstone, por sua vez, contava-lhes as preciosas e verdadeiras histórias de Belém, da Galileia e da Cruz.²⁰

Depois algum tempo, por volta do ano 1843, afastou-se dos outros missionários, que davam mau testemunho do Evangelho, e não voltou, partindo para a região arborizada e bem irrigada em Mabostsa, cerca de 300 quilômetros ao norte da sua primeira vila, a fim de estabelecer um novo ponto estratégico, para anunciar o Evangelho. "Mabostsa tornou-se o primeiro lar africano de Livingstone. Foi ali também que encontrou pela primeira vez os perigos sempre presentes da selva africana".²¹

Suas aptidões como médico fizeram-no famoso ao cabo de pouco tempo. Enquanto visitava algumas regiões vizinhas, sua imaginação ardente vagava pelo desconhecido interior do continente, tão imensamente grande e tão desconhecido aos geógrafos. Não podia conformar-se com a crença vulgar de que tudo era um árido deserto, absolutamente despovoado, e desejava internar-se, não tanto para buscar novas terras como para buscar novas tribos, às quais levaria a gloriosa mensagem da cruz.²²

2.2 Pessoas alcançadas e projetos estabelecidos

Nos dois anos e meio em que Livingstone esteve em Kurumã, que considerou como total aprendizagem, passou quase um ano longe da base, e essa prática de afastar-se continuou durante o resto de sua carreira. Seu ministério foi extremamente difícil: trabalhou por dez anos entre o povo Tswana, nesse período apenas uma pessoa se entregou a Cristo, reconhecendo-o como Salvador.²³

¹⁹ BOYER, 1999, p. 117.

²⁰ BOYER, 1999, p. 118.

²¹ TUCKER, 2010, p. 179.

²² VARETTO, 1981, p. 124-125.

²³ CURTIS, 2003, p. 194.

Além das dificuldades, que já enfrentava, certa ocasião o missionário estava entre o povo Bechuano, tentando ensiná-los sobre o amor de Deus, quando foi atacado por um leão. Por sorte, os Bechuanos eram bravos guerreiros e o ajudaram e se livrar do feroz animal.²⁴

Durante uma caçada de leões, quando um bando destas feras estava cercado por bravos homens que conduziam apenas lanças, dois furiosos leões escaparam do círculo. David Livingstone atirou duas vezes, curvou-se um pouco para recarregar a arma e o enorme animal arremessou-se sobre ele. Livingstone sentiu o seu corpo no ar, e imediatamente a queda e a sensação de que lhe estava mordendo o braço, sacudindo-o como um cão sacode um rato, e rugindo ferozmente.²⁵

No entanto, alguns meses depois ele, já recuperado, continuou a pregar, porém enfrentava grandes problemas com a junta missionária que o havia enviado. Para eles, o missionário só poderia sair de uma determinada vila se já tivesse montado ali uma igreja e ela estivesse bem estruturada. Isto incomodava Livingstone, por ter um perfil desbravador; esse processo de solidificação da igreja era lento.

Tendo em vista que as condições para a evangelização na África fossem ruins, devido à falta de conhecimento sobre a cultura misturando as tristes realidades, que sofriam nas mãos dos mercadores de escravos. Tudo contribuía fortemente para uma resistência ao cristianismo. Em suas indagações, ele dizia que talvez fosse melhor infiltrar-se no continente para ensinar os povos africanos a desenvolver o seu comércio, e simplesmente aprender sobre seus costumes. Sendo assim, ficaria mais fácil para as futuras gerações aceitarem o Evangelho, conseqüentemente estabeleceriam igrejas em um curto período.²⁶

No ano de 1843, o missionário fundou a primeira estação missionária de Mabotsa. No entanto, Livingstone não permaneceu ali, deixando a estação a cargo de um colega. Partindo dali, foi para outra região, onde vivia o povo Bakwina, em Chonuanne, povo do qual o chefe da tribo, o senhor Sechele, converteu-se a Cristo, mostrando o profundo desejo de aprender os ensinamentos e doutrinas bíblicas. Todavia, uma forte seca os obrigou novamente a sair desta localidade.

Sechele, com todo seu povo, o seguiu, e foram estabelecer-se a uns 320 quilômetros ao noroeste, nas margens do rio Kolobeng. Sechele, que já havia professado sua fé em Cristo, foi batizado, renunciando à poligamia e ao pretendido poder de fazer chover.²⁷

A seca também continuou a devastar as regiões circunvizinhas. Infelizmente o rio Kolobeng secou, deixando um rastro de miséria em todo seu território. Devido a essa nova crise hídrica, Livingstone se vê novamente obrigado a abandonar a localidade, porém, à

²⁴ FRAME, Hugo F. **O missionário que enfrentou um leão**. Biografia de David Livingstone da África. Tradução de Lídia Nogueira Oliveira. Rio de Janeiro: UFMBB, 1979, p. 9-10.

²⁵ FRAME, Hugo F. **Vencer ou morrer**: biografia de David Livingstone da África. Heróis Cristãos VI. Tradução de Lídia Nogueira Oliveira. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1938, p. 6-7.

²⁶ CURTIS, 2003, p. 194.

²⁷ VARETTO, 1981, p. 125-126.

medida que ele avançava para o interior da selva africana, seu coração se enchia de amargura, pois contemplava ali a triste realidade do tráfico de escravos.²⁸

2.3 O casamento de Livingstone

Foi na casa de Roberto Moffatt, em Kurumã, que Livingstone conheceu Mary, a filha mais velha desse missionário. Depois de abrir a missão em Mabotsa, em janeiro de 1845, os dois se casaram. Seis filhos foram o fruto desse relacionamento. Começaram uma Escola Bíblica Dominical; passando-se algum tempo, transformou-se em escola diária, tendo sua esposa como professora. Naquele mesmo ano, depois do nascimento de seu primeiro filho, arrumou suas coisas e mudou com sua família para Chonwane.²⁹ O período passado em Chonwane foi muito bom, mas só durou dezoito meses: no verão de 1847, depois do nascimento de seu segundo filho, mudaram-se para a sua terceira casa.

Durante sete anos, a família viveu uma vida seminômade na África. Algumas vezes, Mary e os filhos ficavam sozinhos em casa, enquanto outras vezes ela levava os filhos e acompanhava o marido peregrino. Nenhuma das situações era satisfatória. Em 1850, depois de uma viagem de exploração com ele, Mary deu à luz o seu quarto filho, que morreu logo depois, enquanto ela sofria de paralisia temporária. Porém, esse estilo de vida não estava agradando aos pais de Mary, que tinham um estilo de vida mais fixo num lugar apenas, no caso em Kurumã.

Em 1851, Mary enviou uma carta aos pais, informando que estava grávida novamente, e que seu marido planejava levá-la com as "queridas crianças" em outra viagem pela selva. A mãe de Mary escreveu a seu genro uma carta, ao estilo característico de algumas sogras”.

Mary me assegurou todo o tempo que se estivesse grávida você não a levaria, mas permitiria que viesse para cá depois de sua partida. [...] Mas, para meu espanto, recebi agora uma carta – na qual ela escreve: "Devo novamente seguir meu penoso caminho para o interior e, talvez ficar confinada no campo". Ó Livingstone, o que você quer – já não foi bastante perder o seu lindo bebê e salvar com dificuldade os outros, enquanto a mãe voltou para casa ameaçada de paralisia? E você vai expô-la de novo, e a eles, a outra expedição de exploração? O mundo inteiro condena ainda a crueldade disso, para não mencionar a indignidade da mesma. Uma mulher grávida com três crianças pequenas, percorrendo as estradas com pessoas do outro sexo – através das selvas da África entre selvagens e feras! Se você tivesse encontrado um lugar para o qual desejasse ir e dar início a um trabalho missionário a questão seria diferente. Eu não diria uma palavra mesmo que fossem para as montanhas da lua – mas seguir com um grupo de exploradores, essa ideia é um absurdo. Despeço-me, bastante preocupada. M. Moffat.³⁰

Infelizmente, a carta não o fez mudar de ideia, pois ele só a recebeu um mês após sua partida. Mary teve seu quinto filho enquanto eles navegavam no rio Zouga. Pior do isso,

²⁸ VARETTO, 1981, p. 126.

²⁹ BOYER, 1999, p. 118.

³⁰ TUCKER, 2010, p. 180.

Livingstone, que registrava todos os acontecimentos importantes em seu diário, tudo com riqueza de detalhes, nesse dia ele registrou apenas uma linha. O que chama a atenção foi que ele preferiu deixar mais espaço para registrar a importante descoberta de ovos de crocodilo, relegando o nascimento do filho a segundo plano. Além disso, reclamava das frequentes gestações da sua própria esposa e ainda a comparava à produção de uma "*grande fábrica irlandesa*". Todavia, amava genuinamente os filhos: tempos mais tarde lamentou profundamente não ter passado mais tempo com eles.³¹

Em 1852, chegou à conclusão de que viagens de exploração na África poderiam prejudicar a sua família. Ele tinha antes justificado o risco: "É uma aventura levar mulher e filhos a um país onde a febre africana prevalece. Mas quem, crendo em Jesus, se recusaria a enfrentar essa aventura para um tal capitão?" No entanto, já não aguentava suportar as reclamações dos sogros. Em março de 1852, teve a infelicidade de ver sua família partir para a cidade do Cabo e, logo após, para a Inglaterra. De fato, o que o levou a fazer isso foi sua convicção de que, mesmo que viesse a deixar seus filhos órfãos, seria para a glória de Deus.³²

Após a volta de Mary para Inglaterra, sua vida se tornou muito ruim, a fama de seu marido e sua própria insegurança a levaram ao alcoolismo.³³ Corriam boatos de que ela e as crianças não estavam apenas "sem casa e sem amigos", mas também "vivendo quase sempre à beira da pobreza em alojamentos baratos". Todavia, Livingstone, após a ida de sua esposa, sentiu-se estimulado a continuar suas explorações na África.

Nos seus primeiros onze anos de trabalho, conseguiu produzir pouco. Não havia convertidos firmes, nem posto missionário, nem igreja, apenas um missionário explorador frustrado, limitado pelo ambiente e preso pela família. Segundo ele, agora podia mover-se à vontade.³⁴ Tempos depois, sentindo-se abandonada, Mary resolveu voltar para a África à procura do marido. Então, lançou-se em uma viagem sem volta: pouco tempo depois de encontrar seu marido, ela veio a falecer.

Em 1862 a esposa reuniu-se a ele novamente, e acompanhava-o nas viagens, mas três meses depois faleceu, vítima da febre e foi enterrada em uma encosta verdejante na margem do rio Zambeze. No seu diário, Livingstone assim escreveu: "Chorei-a porque merece as minhas lágrimas. Amei-a ao nos casarmos, e quanto mais tempo vivíamos juntos, tanto mais a amava. Que Deus tenha piedade dos filhos..."³⁵

2.4 Combatendo a escravidão

Em 1852, logo após ter embarcado sua família em segurança para a Inglaterra, Livingstone promoveu uma expedição para atravessar o continente. Nessa viagem ele descobriu o rio Zambeze. Para ele, aquele rio tinha de nascer em algum lugar, por isso talvez encontrasse uma rota fluvial para cruzar o oceano Índico até o Atlântico. A razão desse

³¹ TUCKER, 2010, p. 181.

³² TUCKER, 2010, p. 182.

³³ CURTIS, 2003, p. 195.

³⁴ TUCKER, 2010, p. 184.

³⁵ BOYER, 1999, p. 124.

empenho seria promover a expansão para o comércio local, como também interferir no tráfico de escravos.

Havia três motivos que o aconselhavam a fazer uma viagem de exploração: Primeiro, queria achar um lugar para residir com a família entre os “barotses” e evangelizá-los. Segundo, a comunicação entre o território dos “barotses” e a cidade do Cabo era muito demorada e difícil e queria descobrir um caminho para um porto mais próximo. Terceiro, queria fazer todo o possível para influenciar as autoridades contra o horrendo tráfico de escravos.³⁶

No desejo de levar esperança, amor e tentar libertar os povos africanos da escravidão, ele pede a Deus que pudesse poupar a sua vida, e a usasse para abrir o continente para a entrada do Evangelho. Ele orou dizendo:

Ó Jesus, rogo que me enchas agora com o teu amor e me aceites e me uses um pouco para a tua glória. Até agora não fiz nada para ti, mas quero fazer algo. Oh! eu te imploro que me aceites e me uses e que seja tua toda a glória. Escreveu mais ainda: Não valeria coisa alguma o que possuo ou o que possuirei, a não ser em relação ao reino de Cristo. Se alguma coisa que tenho pode servir para o seu reino, dar-lhe-ei a Ele, a quem devo tudo neste mundo e durante a eternidade.³⁷

Em muitas de suas viagens, além de tomar cuidado com os perigos, precisava evitar os outros missionários brancos, que ficavam inventando mentiras a seu respeito, dizendo que ele também era um comerciante de escravos. A solução foi seguir seu caminho pelos pântanos, com água até nos joelhos, sofrendo de febre, malária e desinteira, mas nada disso o fazia desistir. Em meio a esses desafios, conheceu um chefe de uma tribo chamado Sekeletu, que cuidou dele, após fazer umas trocas. Nessa tribo Livingstone presenciou cenas horríveis.

Para ele, aquele povo estava à mercê da escuridão, e precisava urgentemente ser alcançado pela graça de Cristo. “O missionário lhes mostrou quadros da Bíblia com uma lanterna de projeção”. Isso causou-lhes medo e ficaram atemorizados, pensavam que poderiam ser destruídos pelo espírito do projetor. Isso os levou a dizer que Livingstone era mágico e que seu espírito era bom. Esse fato rendeu a ele vinte e sete bravos homens, que se tornaram seus auxiliares. Por onde passavam, havia homens selvagens e hostis, como também animais extremamente perigosos. Uma terra de batuque e morte repentina, de escravos acorrentados e de febres.³⁸

Sozinho, com os seus fiéis macololos, caiu trinta e uma vezes de febre nos matagais, durante um período de sete meses. Mas não era tanto sofrimento físico. Suas cartas revelam a sua angústia de espírito ao ver os horrores do povo africano massacrado e arrebatado dos seus lares, conduzido como gado para ser vendido no mercado. De um lugar alto onde subiu, contou dezessete aldeias em chamas, incendiadas por esses nefandos mercadores de seres humanos.³⁹

³⁶ BOYER, 1999, p. 121-122.

³⁷ BOYER, 1999, p. 122.

³⁸ FRAME, 1979, p. 14-15.

³⁹ BOYER, 1999, p. 122-123.

Após ter mandado notícias para Inglaterra, sobre as condições em que viviam os povos africanos, Livingstone recebeu reforços. Em um navio mandado pelo governo inglês, vieram um bispo e outros cinco missionários. Certa ocasião, Livingstone e a sua equipe de reforço se depararam com um carregamento de escravos, que estavam acorrentados pelo pescoço. Descobriram mais tarde que cerca de dezenove mil escravos desciam a cada ano e cerca de noventa mil eram mortos nas expedições de captura. Tempos depois, todos os que vieram na missão de ajudar Livingstone haviam morrido. No ano de 1863, Livingstone foi convocado a retornar à Inglaterra.⁴⁰

No ano de 1865, a América via-se livre da Escravidão, no entanto isso havia custado a vida de muitos heróis. No mesmo ano, Livingstone partiu mais uma vez para o continente africano a fim de libertar os escravos, pregar o Evangelho e explorar o desconhecido. Nesta terceira e última viagem, ele conheceu pessoas importantes de diversos países, os quais se fizeram passar por seus amigos, porém eram verdadeiros comerciantes de escravos. Muito doente, Livingstone encontrava-se sem opção e precisava voltar com um grupo de árabes para Ujiji. A notícia de que ele havia morrido espalhou-se. Em Ujiji, ele encontrou o senhor Stanley, um jornalista que havia sido enviado para buscar o seu corpo, ou mesmo notícias de seu paradeiro.⁴¹

Disposto a levá-lo de volta à Inglaterra, Henry Stanley insistiu, todavia, Livingstone queria completar a missão a ele confiada. Contou a Stanley todas as coisas que havia visto de estranho naquele país: “plantas que comiam insetos, peixes que andavam sobre a terra e sobre o capim molhado, que carregavam seus filhos na boca e que furavam a terra como um coelho”. Todos esses e outros fatos foram cuidadosamente anotados; além disso, fez uma longa narrativa sobre a escravidão, para que o povo inglês pudesse informar-se da situação, a qual posteriormente levaria a Inglaterra a uma indignação e tomaria posição contrária a esse regime escravagista.⁴²

Antes de tudo, esforçava-se para ganhar a estima das tribos hostis, por onde passava, por sua conduta cristã, em grande contraste com a dos mercadores de escravos. Livingstone continuou a pregar o Evangelho constantemente, às vezes a auditórios de mais de mil indígenas.⁴³

Sabia que se descobrisse as nascentes do famoso Nilo, o mundo todo lhe daria ouvidos acerca da chaga aberta da África, com o comércio de escravos. É interessante conhecer o que ele escreveu: “O mundo acha que busco fama, porém eu tenho uma regra, isto é, não leio coisa alguma sobre os elogios que me fazem”. Ele sabia que, ao findar a escravatura, o continente se abriria para deixar entrar o Evangelho.⁴⁴

Após sua chegada a Londres, o jornalista descreveu tudo que havia visto e ouvido enquanto esteve no campo missionário junto com o Livingstone. Além disso, para a surpresa de muitos, ele fez uma bela homenagem, descrevendo o comportamento do doutor.

⁴⁰ FRAME, 1979, p. 24-25

⁴¹ FRAME, 1938, p. 30-32.

⁴² FRAME, 1938, p. 32.

⁴³ BOYER, 1981, p. 122.

⁴⁴ BOYER, 1981, p. 123-124.

Durante quatro meses e quatro dias, vivi na mesma cabana, no mesmo bote ou na mesma tenda, e jamais descobri qualquer defeito nele. Fui para a África com tantos preconceitos contra a religião quanto o pior pagão de Londres. Para um repórter como eu, que só tratava de guerras, reuniões de massa e encontros políticos, as questões sentimentais estavam completamente fora de minha província. Mas tive muito tempo para refletir ali. Me achava afastado do ambiente mundano. Vi aquele homem solitário naquele lugar e me perguntei: "Por que ele fica aqui? O que o inspira?" Durante meses, depois de nos encontrarmos, descobri-me prestando atenção às suas palavras, meditando a respeito daquele homem idoso que transmitia a mensagem: "Deixe tudo e siga-me". Aos poucos, vendo a sua piedade, sua gentileza, seu zelo, sua sinceridade, e como ele desempenhava silenciosamente suas tarefas, fui convertido por ele, embora ele não tivesse tentado fazer isso.⁴⁵

2.5 Descobertas e registros de viagens

Muito dedicado desde sua infância, continuou sempre os seus estudos enquanto viajava, fazendo mapas dos rios e serras do território percorrido. Pouco tempo após estar na África, já havia feito muitas descobertas, sempre fazia o registro em seu diário, como também através de cartas que enviava para os amigos; "em uma carta a um amigo escreveu que descobrira trinta e duas qualidades de raízes comestíveis e quarenta e três espécies de fruteiras que davam no deserto sem serem cultivadas". Mas a maior descoberta para ele seria chegar ao grande lago Ngami: ele pensava que em poucos dias alcançaria este objetivo, mas não foi bem assim que ocorreu. Somente após sete anos de desbravamento foi que ele conseguiu encontrar o grande lago.⁴⁶

Durante sua atividade missionária, ele ouvira falar de regiões férteis além do deserto de Kalahari, uma terra que podia ser cultivada. Em 1849, partiu com a família e um amigo em direção ao norte. Enfrentou o calor inclemente e a escassez de água do deserto, até descobrir o lago Ngami, o que foi o primeiro dos grandes êxitos do descobridor. De 1852 a 1856, viajou pelo rio Zambeze, cruzando quase todo continente africano, de leste a oeste.⁴⁷

Livingstone atravessou, ida e volta, o continente africano, desde a foz do Zambeze a São Paulo de Luanda. Sempre admirava as lindas paisagens de um continente que o mundo julgava ser um vasto deserto. Quando chegou a Luanda, estava magro e doente. Apesar da insistência de alguns líderes importantes para que regressasse à Inglaterra, a fim de recuperar a saúde abalada, preferiu voltar para o interior da selva, traçando outro caminho. "Nessa viagem, Livingstone descobriu as magníficas cataratas de Vitória, nome que ele deu às grandes quedas em honra da rainha da Inglaterra. Nesse lugar, o rio Zambeze tem a largura de mais de um quilômetro; ali as águas desse grande rio se precipitam espetacularmente de uma altura de cem metros".⁴⁸

⁴⁵ TUCKER, 2010, p. 186-187.

⁴⁶ BOYER, 1999, p. 118.

⁴⁷ FRAME, 1979, p. 11-15.

⁴⁸ BOYER, 1999, p. 122.

Ele voltou à África com um séquito oficial para a sua segunda expedição, apenas para descobrir que o rio Zambeze não era navegável. A parte do rio que ele não explorara na viagem anterior continha gargantas rochosas e corredeiras espumantes. Desapontado, voltou-se para o norte (mais próximo da costa leste) a fim de explorar o rio Shire e o Lago Nyasa. Infelizmente, os caçadores de escravos seguiram a pista deixada por ele e assim, durante algum tempo, sua descoberta ajudou mais a abrir a região para o tráfico de escravo do que para as missões.⁴⁹

Quando retornou à Inglaterra, publicou, em 1857, o livro "Viagens missionárias e pesquisas na África do Sul", que virou best-seller. A partir de então, ganhou fama, passou a trabalhar para o governo britânico, a serviço da Sociedade Real de Geografia, partindo, em 1865, à procura da nascente do rio Nilo. Sua dedicação inspirou muitos jovens estudantes a consagrarem-se à obra missionária, mantendo as portas abertas para a continuidade do trabalho missionário naquela região.⁵⁰

Em 1865, Livingstone voltou à África pela última vez, a fim de começar sua terceira e última expedição, dessa vez com o propósito de descobrir a origem do Nilo. Ele não levou europeus em sua companhia e, de fato, não viu outro europeu durante quase sete anos. Foi uma época difícil para Livingstone. Seu corpo estava devastado pela desnutrição, febre e hemorroidas que sangravam. Seus suprimentos foram muitas vezes roubados pelos mercadores árabes de escravos. Todavia, ao mesmo tempo, não foi um período infeliz de sua vida. Embora fracassasse em descobrir a fonte do Nilo, ele fez outras descobertas significativas e se achava em paz consigo mesmo e seu ambiente (exceto pelo contínuo tráfico de escravos que torturava sua consciência). Com o passar do tempo, os africanos se acostumaram com o velho barbado, desdentado e de aspecto selvagem que frequentemente lhes falava de seu Salvador.⁵¹

A sua última viagem foi feita para explorar o Luapula, a fim de verificar se esse rio era a nascente do Nilo ou do Congo. Nessa região chovia incessantemente. Livingstone sofria dores atrozes; dia após dia tornava-se lhe mais e mais difícil caminhar. Foi então carregado, pela primeira vez, pelos fiéis companheiros: Susi, Chuman e Jacó Wainwright, todos indígenas.

O valente missionário explorador, David Livingstone, após ter realizado três grandes viagens ao interior da selva africana, veio a falecer no dia 1 de maio de 1873. Os nativos encontraram-no morto e ajoelhado ao lado da cama: Livingstone morreu orando. Os seus auxiliares de confiança – Chuma e Suza Mniasere – enterraram o seu coração e as suas vísceras debaixo de uma árvore, onde em 1902 foi erguido o atual Memorial Livingstone. Depois disso, eles lavaram o corpo com sal e aguardente e o puseram para secar ao sol. Envolto numa manta de lã e dentro de uma caixa de casca de árvore, o corpo foi levado pelos seus auxiliares até Bagamoyo, de onde o corpo foi levado de navio até o Reino Unido.⁵²

⁴⁹ TUCKER, 2010, p. 185.

⁵⁰ VARETTO, 1981, p. 127.

⁵¹ TUCKER, 2010, p. 186.

⁵² TUCKER, 2010, p. 187.

Ele foi o primeiro a descrever a geografia, a estrutura social, os animais e as plantas do continente africano. “Hoje, os restos mortais do explorador (exceto o coração e as vísceras) se encontram enterrados na Abadia de Westminster, em Londres”. Se não tivesse adoecido, teria descoberto as nascentes do Nilo. Durante os trinta anos que passou na África, nunca se esqueceu do seu alvo principal, que era levar Cristo aos povos escuro continente. Todas as viagens que realizou foram viagens missionárias.⁵³

Em seu sepultamento, além das pessoas importantes de diversos lugares, estavam presentes os seus filhos, que jamais havia visto crescer, como também o seu sogro, o Sr. Roberto Moffat. Além deste destacou-se uma pessoa que estava na calçada chorando amargamente quando o cortejo estava passando, na qual foi indagado por que ele tanto chorava, sua resposta foi surpreendente.

É porque Davizinho e eu nascemos na mesma aldeia, cursamos o mesmo colégio e assistimos a mesma Escola Dominical, trabalhávamos na mesma máquina de fiar. Mas Davizinho foi por aquele caminho, eu por este. Agora ele é honrado pela nação, enquanto eu sou desprezado, desconhecido e desonrado. O único futuro para mim é o enterro de beberão.⁵⁴

Portanto, fica o belo exemplo de vida do eterno missionário explorador, que investiu toda sua vida, sonhos e desejos para poder levar a mensagem do evangelho, o amor de Cristo, àqueles que viviam não somente escravizados fisicamente, mas principalmente uma escravidão espiritual, e, mesmo que isso custasse a sua morte, ele jamais abriu mão de sua missão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a trajetória de vida do missionário David Livingstone, iniciando pela forma qual ele fora criado por sua família, contribuíram de modo significativo para que ele pudesse alcançar os objetivos que estavam propostos seu coração. Apesar de ter pertencido a uma família pobre, isso não lhe serviu de empecilho, pelo contrário, se apegou aos ensinamentos transmitidos por sua mãe e as histórias que seu pai lhe contava a respeito de persistência diante de inúmeras dificuldades para poder servir a Cristo.

Embora sendo muito jovem, Livingstone sempre desafiava os seus limites, mesmo tendo que trabalhar por uma longa jornada, ainda assim, encontrava forças para se dedicar aos estudos. Sempre sendo dedicado em tudo que fazia e mesmo que pudesse ficar de folga, se lançava a estudar alguma coisa a sua volta e mesmo que ainda não soubesse, tudo que ele estava fazendo quando ainda jovem, contribuiria grandemente para que não viesse a desistir de sua futura missão.

Livingstone nunca abandonou os princípios cristãos que lhe foi transmitido, nem mesmo sua formação acadêmica permitiu que ele se distanciasse do Deus verdadeiro. Entretanto, diferentes de muitas pessoas, diante do chamado de Deus, dispôs sua vida e suas habilidades para contribuir com a expansão do Reino de Deus. Mesmo tendo que renunciar muitas coisas

⁵³ BOYER, 1981, p. 127.

⁵⁴ BOYER, 1981, p. 126-127.

durante sua vida de missionário, algumas destas que, talvez ninguém jamais venha compreender como ele conseguiu, contudo, Livingstone, em momento algum abriu mão de sua fé em Deus e isso permitiu que ele cumprisse a missão que lhe foi dada por Deus, para o continente Africano. Os resultados de seus esforços resultaram, um século depois, em uma grande expansão da igreja africana.

REFERÊNCIAS

BOYER, Orlando S. **Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo**. 15.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. 205 p.

CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randdy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. Tradução de Emirson Justino. São Paulo: Vida, 2003. 239 p.

FRAME, Hugo F. **O missionário que enfrentou um leão: biografia de David Livingstone**. Tradução de Lídia Nogueira Oliveira. Rio de Janeiro: UFMBB, 1979. 40 p.

FRAME, Hugo F. **Vencer ou morrer: biografia de David Livingstone da África. Heróis Cristãos VI**. Tradução de Lídia Nogueira Oliveira. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1938. 36 p.

GÜTZLAFF, Karl Friedrich August (1803-1851). Escola de teologia – história da missiologia. Universidade de Boston. Disponível em: <<http://www.bu.edu/missiology/missionary-biography/g-h/gutzlaff-karl-friedrich-august-1803-1851/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

NAVARRO, Roberto. O que foi a guerra do ópio? 18 abr. 2011. **SUPER INTERESSANTE**. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-guerra-do-opio/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

TUCKER, Ruth A. **Missões até os confins da terra: uma história biográfica**. Tradução de Lena Aranha e Nely Siqueira. São Paulo: Shedd, 2010. 624 p.

VARETTO, Juan C. **Eles morreram pela fé: heróis e mártires da obra missionária desde os apóstolos até os nossos dias**. Tradução de Almir S. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1981. 207 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O CRISTÃO E O CUIDADO COM A NATUREZA The christian and the caring for nature

Felippe de Amorim Ferreira¹

RESUMO

O presente artigo analisa a relação entre os ensinamentos bíblicos e o cuidado com a natureza. Existem muitos textos na Bíblia que fundamentam a visão de que o cristão deve ser alguém preocupado com as questões ecológicas. Sendo assim, este artigo apresenta a visão bíblica sobre o cuidado com a criação divina, de forma especial a partir de Gênesis, e de outros textos bíblicos do Novo Testamento. É enfatizando que tudo na criação foi feito com detalhes e cabe ao ser humano zelar por essa criação. A natureza como objeto da criação e não como objeto de adoração é mais um dos destaques deste artigo. Para finalizar falou-se que cuidar da natureza envolve até mesmo questões de ética, pois os seres humanos são responsáveis pelo cuidar do meio ambiente.

Palavras-chaves: Ecologia. Bíblia. Cosmovisão Cristã. Natureza.

ABSTRACT

This article analyzes the relationship between biblical teachings and caring for nature. There are many texts in the Bible that support the view that a Christian should be someone concerned with ecological issues. Therefore, this article presents the Bible view on care for divine creation, especially from Genesis, and other New Testament biblical texts. It emphasizes that everything in creation was done in detail and that it is up to the human being to care for the creation. Nature as an object of creation and not an object of worship is another highlight of this article. Finally, it is said that taking care of nature

¹ Mestre em teologia pela FABAPAR. Pós-graduado em docência universitária e em aconselhamento pastoral. Graduado em Teologia pelo SALT-BA. Pastor da Igreja Adventista de Sétimo Dia. Apresentador da TV e Rádio Novo Tempo. E-mail: felippeamorim@hotmail.com.

even involves ethical issues, as human beings are responsible for taking care of the environment.

Keywords: Ecology. Bible. Christian worldview. Nature.

INTRODUÇÃO

O cuidado com a natureza tem sido assunto de muitas reuniões mundiais. Todos os países do mundo preocupam-se com esta questão. É verdade que alguns se preocupam mais outros menos, e os que menos se preocupam são, muitas vezes, os que mais poluem. A verdade é que o cuidado com a natureza é um assunto importante e precisa ser discutido pelos organismos mundiais que de alguma forma podem contribuir para amenizar problemas como o desmatamento, aquecimento global, extinção de algumas espécies animais e vegetais, dentre outros.

Esta também é uma preocupação de Deus. Ele é o Criador dos ecossistemas e não fica feliz em ver sua criação sendo destruída. Deus valoriza a natureza, haja vista o cenário que Ele escolheu para iniciar a história deste mundo. O início da história da humanidade aconteceu dentro de um grande jardim, uma magnífica paisagem natural. De acordo com Matos:

O ponto de partida de qualquer discussão cristã sobre ecologia deve ser o conceito bíblico de Deus como Criador. De acordo com Gênesis 1, o universo como um todo, e em especial a terra, agraciada com o maravilhoso dom da vida, é obra das sábias e poderosas mãos de Deus.²

Por diversas vezes na Bíblia, encontra-se Deus utilizando a natureza a seu favor. Seja para operar milagres, para mandar juízo sobre seus filhos ou mesmo para ensinar lições a respeito da salvação. O próprio Jesus quando esteve aqui na terra usou com abundância a natureza em suas explicações. A maioria das suas parábolas envolvem algum elemento da natureza.

É importante lembrar que há uma íntima ligação entre os seres humanos e os elementos da natureza, pois, é do pó da terra que o ser humano é criado. Como diz Consolo: “Não é possível dissociar natureza de humano. Deus criou o homem a partir do pó da Terra, e ele está tão presente em nossas entranhas que seria impossível dissociar homem e natureza”.³

No final da história da redenção teremos a completa redenção dos seres humanos, mas também presenciaremos a recriação da natureza perfeita um dia criada por Deus. Portanto, cuidar da natureza definitivamente é um assunto que interessa a Deus. Sua palavra contém diversas referências diretas e indiretas a este assunto. Sendo assim, a seguir procurar-se-á expor algumas delas.

² MATOS, Alderi Sousa de. **O gemido da criação**: os cristãos e a questão ecológica. São Paulo: 2011. Disponível em <<http://www.mackenzie.br/7147.html>>. Acesso em: 11 set. 2012.

³ CONSOLO, Caetano Carlos. **O meio ambiente numa perspectiva bíblica**. São Paulo: Scortecci, 2008.

1. A BÍBLIA E OS ASPECTOS INICIAIS COM RELAÇÃO A NATUREZA

Quando a Trindade decidiu criar a Terra, planejou cada detalhe do novo planeta a ser formado. Deus pensou em cada pequeno ser que seria formado, pois todos eles dariam condições de vida para a obra mais importante da criação, os seres humanos. Desde a estrutura atômica até as maiores estruturas da natureza, cada uma delas foi criada minuciosamente pela vontade de Deus.

Depois de criado o homem (Adão e Eva), Deus deu o primeiro presente a eles: “Então Deus os abençoou e lhes disse: Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra” (Gn 1.28⁴).

O domínio da natureza foi o primeiro presente e a primeira responsabilidade dada por Deus ao homem. Este domínio certamente não envolve o caráter predatório que nos últimos tempos tem marcado a relação entre os seres humanos e a natureza. Deus entregou a natureza para a humanidade com o propósito de que ela cuidasse dela e proveu a capacidade necessária para isso. Como diz Consolo:

O homem foi provido de sabedoria pelo criador e pode ter o controle da situação em suas mãos. Deus é um Deus de amor e nos permite escolher. Ele não é um Deus como muitos tentaram pintar, um Deus severo, implacável. O problema não está no Criador, mas na criatura.⁵

Quando o ser humano percebe estes detalhes do ato criativo de Deus fica maravilhado com o poder e a infinita sabedoria do soberano do universo. Cada mínima partícula estava no planejamento de Deus ao criar tudo na Terra. Como já mencionado anteriormente, o Criador preparou para os seres humanos, que são o centro da criação, uma casa em meio às árvores e animais. Este é o primeiro ecossistema que se tem notícia na história da humanidade. O autor de Gênesis o descreve com bastante detalhes:

Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, para os lados do leste; e ali colocou o homem que formara. O Senhor Deus fez nascer então do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento. E no meio do jardim estavam a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. No Éden nascia um rio que irrigava o jardim, e depois se dividia em quatro. O nome do primeiro é Pisom. Ele percorre toda a terra de Havilá, onde existe ouro. O ouro daquela terra é excelente; lá também existem o bdélio e a pedra de ônix. O segundo, que percorre toda a terra de Cuxe, é o Giom. O terceiro, que corre pelo lado leste da Assíria, é o Tigre. E o quarto rio é o Eufrates. O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo. E o Senhor Deus ordenou ao homem: “Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá” (Gn 2.8-17).

⁴ A versão da Bíblia usada nesse artigo será a NVI. Qualquer modificação será indicada ao longo do texto.

⁵ CONSOLO, 2008, p. 18.

Este é um aspecto a respeito do qual vale a pena pensar. A primeira casa do ser humano foi um jardim. Por que Deus não construiu uma casa de ouro com portas de rubis? Por que Deus não construiu um palácio todo de mármore branco com janelas de diamantes e portas de cristais coloridos? Deus queria que o ser humano tivesse um íntimo relacionamento com a natureza e por isso o colocou para morar em um jardim. Inclusive a alimentação do ser humano deveria vir exclusivamente da flora e este era o plano ideal para o indivíduo. Toda a natureza foi feita para servir à humanidade, mas, infelizmente,

O homem de hoje perdeu esta noção de que é o centro da criação de Deus. Todo esse complexo de natureza gira em torno do ser humano e existe para servi-lo. O ser humano não tem dado valor a isso. Então, agrade o seu ambiente, eliminando os seus próprios recursos de vida.⁶

O primeiro trabalho dado ao homem foi cuidar da natureza e cultivar o solo. O próprio Deus deu esta atribuição ao homem: O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo (Gn 2.15). Não existia uma necessidade urgente de que a natureza fosse cuidada para que pudesse subsistir. Tudo era perfeito, não existiam predadores ou pragas que prejudicariam a natureza. O ato de cuidar da natureza foi uma bênção dada ao ser humano.

No ambiente em que vivia o santo par havia uma lição para todos os tempos, a lição de que a verdadeira felicidade é encontrada, não na satisfação do orgulho e luxo, mas na comunhão com Deus mediante Suas obras criadas. Se os homens dessem menos atenção às coisas artificiais, e cultivassem maior simplicidade, estariam em muito melhores condições de corresponderem com o propósito de Deus em Sua criação. O orgulho e a ambição nunca se satisfazem; aqueles, porém, que são verdadeiramente sábios encontrarão um prazer real e enobrecedor nas fontes de alegria que Deus colocou ao alcance de todos.⁷

A alegria original do ser humano não está nas grandes construções da arquitetura, ou nos arranha-céus. A natureza humana original não se satisfazia em ter casas, apartamentos e carros. A natureza do ser humano encontrava verdadeira satisfação quando entrava em contato com as árvores, as flores, os animais, enfim, com a criação em sua forma original. Não será por isso que quando o ser humano quer descansar frequentemente lembra-se de ir para o campo ou para a praia ficar em contato com a natureza?

Os animais foram os primeiros companheiros dos seres humanos e os nomes de todos saíram da incrível capacidade mental do Homem. “Depois que formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, o Senhor Deus os trouxe ao homem para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o seu nome” (Gn 2.19).

Para os antigos semitas, o nome não era algo meramente exterior e, sim, uma parte constitutiva da pessoa ou coisa nomeada. Dar ou mudar um nome era uma forma de afirmar

⁶ FERREIRA, Damy. **Ecologia na Bíblia**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992, p. 62.

⁷ WHITE, 2007. p. 21.

autoridade ou domínio sobre algo ou alguém. E foi esta a posição que Deus colocou o ser humano, este deveria cuidar e dominar a natureza.

O ser humano antes do pecado sabia exatamente que este domínio sobre a natureza não era um domínio predatório. Pelo contrário, embora dominasse a natureza, ele vivia numa perfeita harmonia com todos os elementos naturais. Foi a entrada do pecado que fez com que aquele ambiente perfeito entrasse em declínio. O pecado afastou o ser humano de Deus e, também o afastou da natureza que o servia. No Éden existia harmonia perfeita entre Deus-Homem-Natureza.

Eis a razão por que o homem não está se dando bem com a ecologia. Quanto mais ele se afasta de Deus, mais problemático e difícil fica o seu meio ambiente. Daí, devemos compreender desde já, que o nosso problema de relacionamento com a natureza provém, em grande parte, do nosso relacionamento com Deus.⁸

Aquela perfeita harmonia do Éden foi quebrada como consequência da escolha pecaminosa do ser humano. Na verdade, o problema ecológico só será completamente resolvido, quando o problema do pecado for completamente resolvido.

2. A NATUREZA NA BÍBLIA

Na Bíblia pode-se encontrar diversas referências a temas que dizem respeito à natureza. A seguir serão expostos alguns deles. Em Êxodo 34.26 há uma recomendação para não sacrificar filhotes, o versículo diz: “[...] Não cozinhe o cabrito no leite da própria mãe”. Esta recomendação bíblica se parece muito com o que se conhece hoje por defeso, que é o período de proibição de caça a determinados animais por estarem em momento de reprodução e crescimento. Outro tema que se encontra na Bíblia é o descanso periódico da terra. Em Êxodo 23.10-11, Levítico 25.1-7 e Levítico 25.20-22, Deus recomenda que no sétimo ano a terra descanse. Este descanso faz com que aquela área plantada volte ao seu equilíbrio natural.

O grande Deus do universo preocupa-se com a fauna que ele próprio criou, pode-se evidenciar isso quando se lê as palavras ditas por Deus ao profeta Jonas depois de ter perdoado a cidade de Nínive: “Contudo, Nínive tem mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem nem distinguir a mão direita da esquerda, além de muitos rebanhos. Não deveria eu ter pena dessa grande cidade?” (Jn 4.11). Por qual motivo Deus menciona o gado neste verso? Pode-se inferir que Deus ficaria triste com a destruição do povo de Nínive, mas também com a destruição dos animais que viviam naquela região.

O mesmo Deus deve ficar muito triste quando hoje os humanos tratam os animais de maneira tão cruel. Isso fica evidente quando se lê o que Deus deixou registrado por meio de Salomão em Provérbios 12.10: “O justo olha pela vida dos seus animais; porém as entranhas dos ímpios são cruéis”. Ellen White relaciona este texto ao episódio que Balaão espanca sua mula, ela afirma:

⁸ FERREIRA, 1992, p. 64.

Poucos se compenetraram, quanto deveriam, da pecaminosidade de maltratar os animais, ou deixá-los sofrer pela negligência. Aquele que criou o homem fez os animais irracionais também, “e as Suas misericórdias são sobre todas as Suas obras” (Sl 145.9). Os animais foram criados para servirem ao homem, mas este não tem direito de causar-lhes dor com tratamento rude, ou cruel exigência.⁹

Esta advertência deveria ser um texto de meditação para os criadores de animais, seja o animal doméstico ou o animal que trabalha com as suas cargas. Jesus mesmo afirmou que Deus cuida dos animais usando como exemplo os pequenos pássaros: “Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas?” (Mt 6.26). Seguindo o exemplo do Mestre, deve-se também cuidar do meio-ambiente.

Embora seja necessário preocupar-se com as questões da natureza, não o ser humano não deve se colocar numa posição de veneração pelas coisas da natureza. O único ser que deve ser louvado e adorado é Deus.

A natureza sempre esteve ativamente presente nos episódios bíblicos. O próprio lugar que Deus escolheu para que Jesus nascesse mostra o bom gosto de Deus e sua relação com a natureza:

O perfil das colinas em toda parte é tão singular, puro e delicado que parece desenhado por mão de artista; existe ali uma perfeição somente comparada à de Atenas. Onde quer que seja, a relação de planos, as distâncias remotas, imprimem uma harmonia secreta sobre a mente e a fazem voltar-se para a eternidade. Sob o céu azul profundo as cores fulgem com extraordinária riqueza – o vermelho da terra dos vinhedos, o verde delicado das hortas, o ouro pálido da cevada madura, o amarelo-tostado do deserto; e sob o sol todas essas cores contrastantes se fundem num só brilho quente, e na sombra nos tons violeta do bronze. E para tornar ainda mais evidente a harmonia, aqui e ali grupos de ciprestes escuros se integram na paisagem; ou, de repente, a superfície trêmula dos olivais ressalta em azul.¹⁰

Neste lindo lugar, de acordo com a descrição acima, foi que Jesus exerceu seu ministério terrestre. Durante os três anos e meio que Jesus esteve aqui na terra como homem, ele usou muitas vezes a natureza para ilustrar os seus sermões.

Não é necessário procurar muito para encontrar exemplos. Basta pensar nas parábolas que Jesus contou. Para simbolizar a união do ser humano com Deus, Jesus usou a videira (Jo 15). Quando ele quis falar da posição do ser humano em relação a ele, trouxe a comparação com uma ovelha (Jo 10). Quando falou da fé, a comparou com um grão de mostarda (Lc 13.18). Quando quis mostrar a condição dos Judeus usou a figura de uma figueira estéril (Lc 13.06). Quando quis alertar a humanidade a respeito da sua segunda vinda falou de sinais na natureza (Mt 24). Pode-se destacar ainda as vezes que Jesus usou o refúgio da natureza para ter seus momentos de comunhão com o Pai.

⁹ WHITE, 2007. p. 324.

¹⁰ DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 15.

Esses são apenas alguns exemplos de como Jesus pensava na natureza e a utilizava para o seu benefício, para passar os seus ensinamentos às pessoas ao seu redor. White corrobora o pensamento bíblico de que a natureza deve ser preservada e desfrutada pelo ser humano ao dizer que

O contato constante com o mistério da vida e o encanto da natureza, bem como a ternura suscitada com o servir a estas belas coisas da criação de Deus, propendem a despertar o espírito, purificar e elevar o caráter; e as lições ensinadas preparam o obreiro para tratar com mais êxito com outras mentes.¹¹

Até na compreensão dos textos da Bíblia o contato respeitoso com a natureza é benéfico. White escreveu que

Muitas ilustrações da natureza são empregadas pelos escritores da Bíblia; e, observando nós as coisas do mundo natural, habilitamo-nos, sob a guia do Espírito Santo, para compreender mais amplamente as lições da Palavra de Deus. É assim que a natureza se torna uma chave do tesouro da Palavra.¹²

É, portanto, muito clara a importância que Deus atribuiu à natureza em todos os seus escritos inspirados. Não há dúvidas de que é vontade dEle que o ser humano cuide de forma muito estrita do meio-ambiente que Ele mesmo deu.

3. O CRISTÃO E SUA RESPONSABILIDADE COM A NATUREZA

Diante da exposição anterior a respeito da relação entre Deus e sua natureza criada, é natural perceber que cada cristão, enquanto imitador de Cristo tem a responsabilidade maximizada em relação aos cuidados com o meio ambiente.

No meio cristão os assuntos éticos são sempre mencionados. Fala-se da ética nos relacionamentos interpessoais, nos relacionamentos de trabalho, no relacionamento com o próprio Deus, mas, muitas vezes, é negligenciada a ética em relação ao meio-ambiente. Nesse sentido Almeida pondera:

O ser responsável como o que responde legal ou moralmente pela vida e bem-estar de alguém é aquele que tem capacidade de entendimento ético e determinação da vontade para realizar o que é correto. O cristão deve sair da ignorância a respeito de seu papel no ecossistema. Na criação do universo Deus age sozinho, e na conservação, os homens agem com Ele, cooperando para a própria duração mediante a sua tendência a conservar o próprio ser.¹³

Deveria ser natural a preocupação humana com a crise do meio-ambiente, pois são os seres humanos os principais responsáveis por ela. O consumismo indiscriminado dos humanos tem levado o mundo a uma situação difícil de ser revertida.

¹¹ WHITE, 1977, p. 112.

¹² WHITE, 1977, p. 120.

¹³ ALMEIDA, Marcos de. **A crise ecológica e a responsabilidade social da igreja cristã**. São Paulo: 2010. Disponível em <<http://www.ejesus.com.br/missoes/a-crise-ecologica-e-a-responsabilidade-social-da-igreja-crista/>>. Acesso em: 11 set. 2012.

Sendo assim, cria-se um círculo vicioso difícil de romper. O caso mais preocupante, segundo Matos¹⁴ é a contínua diminuição das reservas de água potável em âmbito mundial. Muitas violações do equilíbrio ambiental têm origens bem pouco defensáveis: ganância, insensibilidade, falta de espírito coletivo, desrespeito às leis. Todos esses são problemas estritamente humanos.

Almeida destaca o preocupante problema da água em nosso planeta. Ele destaca que as reservas de água doce ocupam apenas 2% da superfície terrestre e estão concentradas principalmente no gelo das calotas polares e nos lençóis subterrâneos. Seus principais agentes poluidores são os agrotóxicos usados na lavoura, detergentes e sabões em pó, lixo industrial e urbano, e metais pesados, como chumbo, cádmio, arsênio e mercúrio, utilizados na indústria e na mineração.¹⁵

Continuando sua linha de argumentação, Almeida completa que nos grandes centros urbanos, esgotos e lixo orgânico são lançados sem tratamento nos rios e acabam com toda flora e fauna aquáticas. Ele explica que a matéria orgânica dissolvida alimenta inúmeros microrganismos que, para metabolizá-la, consomem o oxigênio das águas. Cada litro de esgoto consome de 200 a 300 miligramas de oxigênio, o equivalente a 22 litros de água. Se a carga de esgoto for superior à capacidade de absorção das águas, o oxigênio desaparece, interrompendo a cadeia alimentar e provocando a morte da fauna. Isso ocorre com frequência em várias regiões do Brasil, por exemplo, na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, ou na represa Billings, em São Paulo.¹⁶

A água potável é um bem essencial para a vida na Terra. Ela é tão fundamental que já se fazia presente na Terra antes mesmo da semana da criação. Quando Deus criou a massa na qual criaria toda biodiversidade existente, criou junto a água. Assim, observa Consolo

Se observarmos as obras da criação em Gênesis, perceberemos que a água é o único bem de valor inestimável que não está contida na criação dos céus e da Terra e de tudo o que neles há. Por que será? “No princípio criou Deus os céus e a Terra. A Terra, porém, era sem forma e vazia, havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas”. Neste caso, as águas estão presentes antes mesmo da criação da Terra?¹⁷

É importante salientar que o autor da citação anterior não está considerando que Deus criou também a massa sem forma e vazia, porém isso não diminui a validade de sua argumentação. Outra área na qual as ações humanas estão pondo em risco o delicado equilíbrio da natureza é a alimentação. Sem dúvida, alimentar-se é uma necessidade primária do ser humano, mas dependendo das escolhas alimentares que os seres humanos fizerem, contribuirão mais para a degradação da natureza.

¹⁴ MATOS, 2011, p. 7

¹⁵ ALMEIDA, Marcos de. **A crise ecológica e a responsabilidade social da igreja cristã**. São Paulo: 2010. Disponível em <<http://www.ejesus.com.br/missoes/a-crise-ecologica-e-a-responsabilidade-social-da-igreja-crista/>>. Acesso em: 11 set. 2012

¹⁶ ALMEIDA, Marcos de. **A crise ecológica e a responsabilidade social da igreja cristã**. São Paulo: 2010. Disponível em <<http://www.ejesus.com.br/missoes/a-crise-ecologica-e-a-responsabilidade-social-da-igreja-crista/>>. Acesso em: 11 set. 2012.

¹⁷ CONSOLO, 2010, p. 53.

O jornal Gazeta online de 03/06/2010 apresentou dados alarmantes a respeito do consumo de carne bovina e o impacto sobre a degradação do meio-ambiente. A matéria dizia que,

O uso de combustíveis fósseis e a agricultura são as atividades que causam maior impacto ambiental no mundo todo, segundo um estudo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). Como forma de atenuar esse impacto, a pesquisa recomenda uma mudança radical da dieta alimentar da população.¹⁸

O jornal traz ainda dados preocupantes sobre a produção de alimentos no planeta. Segundo a matéria a produção agrícola representa 70% do consumo de água doce e 38% do uso total do território. A produção de alimentos é responsável por 19% das emissões mundiais de gases do efeito estufa, 60% da contaminação com fósforo e nitrogênio e 30% da contaminação tóxica na Europa. Mais dados foram fornecidos no jornal. A necessidade de pastos é cada vez maior para poder alimentar toda a população bovina existente e para criar mais pastos são feitos novos desmatamentos e queimadas a cada dia. Sem contar que o consumo per capita de carne tem aumentado significativamente. Na China, por exemplo, aumentou 42% entre 1995 e 2003. Na China se consomem 70 quilos de carne por pessoa ao ano. Nos Estados Unidos o número vai para 120 quilos.¹⁹

Diminuir o consumo de carne no planeta seria uma das formas de diminuir o sofrimento do meio-ambiente e isso passa diretamente pelas escolhas alimentares humanas. Caso o ser humano estivesse mais próximo da dieta original de Deus, certamente estaria poluindo menos o planeta e, conseqüentemente, aumentando sua própria qualidade de vida.

White adverte que,

Cereais, frutas, nozes e verduras constituem o regime dietético escolhido por nosso Criador. Estes alimentos, preparados da maneira mais simples e natural possível, são os mais saudáveis e nutritivos. Proporcionam uma força, uma resistência e vigor intelectual, que não são promovidos por uma alimentação mais complexa e estimulante.²⁰

Ela completa:

Os que se alimentam de carne, não estão senão comendo cereais e verduras em segunda mão; pois o animal recebe destas coisas a nutrição que dá o crescimento. A vida que se achava no cereal e na verdura passa ao que os ingere. Nós a recebemos comendo a carne do animal. Quão melhor seria obtê-la diretamente, comendo aquilo que Deus proveu para nosso uso!²¹

¹⁸ GAZETA online. **Pecuária**: uma das maiores responsáveis pela crise do meio ambiente. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2010/06/645830-agricultura+e+uma+das+maiores+responsaveis+por+impactos+ambientais+no+mundo.html>. Acesso em: 11 set. 2012.

¹⁹ GAZETA online. **Pecuária**: uma das maiores responsáveis pela crise do meio ambiente. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2010/06/645830-agricultura+e+uma+das+maiores+responsaveis+por+impactos+ambientais+no+mundo.html>. Acesso em: 11 set. 2012.

²⁰ WHITE, 2004, p. 296.

²¹ WHITE, 2004, p. 296.

Além de contribuir para a saúde individual de cada ser humano, uma dieta vegetariana contribuiria para a melhora da saúde do planeta também. Quanto menos carne for produzida, menor será a necessidade de pastos, de água para o processo e outros. Tudo isso contribuiria para a melhora da situação do meio-ambiente.

Os exemplos do consumo de carne e do descarte do lixo apresentados acima, são apenas pequenas amostras de como mudanças na mentalidade humana poderiam trazer um grande benefício para diminuir os impactos ambientais que o planeta vem sofrendo. Neste contexto, os cristãos deveriam ser os primeiros a se posicionarem em favor da melhoria do meio ambiente, de tal forma que servissem de exemplo aos que destroem o meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que já foi descrito até agora, não resta dúvidas de que é dever de todo cristão cuidar da natureza criada por Deus. Se o próprio Deus dá tanta importância a este tema quanto mais seus filhos deveriam fazê-lo.

É necessário ter consciência de que a cosmovisão cristã e criacionista é muito mais ampla do que simplesmente crer em um Deus criador. Ser criacionista é também cuidar da criação de Deus. É responsabilidade do cristão fazer o possível para preservar a natureza.

Muitas vezes o egoísmo humano, sua sede por consumir tem destruído a natureza. As indústrias, por exemplo, poluem a natureza para satisfazer a insaciável fome de ter dos seres humanos. É uma responsabilidade de todo cristão reciclar, economizar água, escolher transportes menos poluentes. A igreja deve promover atividades de conscientização em relação ao cuidado com o meio ambiente, pois estas atividades também são atribuições das instituições religiosas.

Alguns pensam que porque a escatologia anuncia o iminente fim do planeta, não devem cuidar dele. Mas é fácil perceber que este não é um argumento válido. Para esclarecer este conceito pode-se fazer uma comparação, a saber: todos sabem que um dia morrerão isso é natural. Porém, mesmo sabendo deste fato, muitos fazem exercícios físicos, alimentam-se bem, tomam remédios quando estão doentes, enfim, cuidam do corpo para que enquanto estiver vivo, tenham a melhor qualidade de vida possível. Assim também funciona com o cuidado com o planeta. Mesmo sabendo que o seu final é certo, deve-se cuidar dele para que, enquanto o ser humano estiver aqui, tenha a melhor qualidade de vida possível.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos de. **A crise ecológica e a responsabilidade social da igreja cristã**. São Paulo: 2010. Disponível em < <http://www.ejesus.com.br/missoes/a-crise-ecologica-e-a-responsabilidade-social-da-igreja-crista/>>. Acesso em: 11 set. 2012.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CONSOLO, Caetano Carlos. **O meio ambiente numa perspectiva bíblica**. São Paulo: Scortecci, 2008.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FERREIRA, Damy. **Ecologia na Bíblia**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992.

GAZETA online. **Pecuária**: uma das maiores responsáveis pela crise do meio ambiente.

Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2010/06/645830-agricultura+e+uma+das+maiores+responsaveis+por+impactos+ambientais+no+mundo.html>.

Acesso em: 11 set. 2012.

MATOS, Alderi Sousa de. **O gemido da criação**: os cristãos e a questão ecológica. São Paulo: 2011. Disponível em <<http://www.mackenzie.br/7147.html>>. Acesso em: 11 set. 2012.

WHITE, Ellen Gold. **Educação**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

WHITE, Ellen Gold. **Patriarcas e profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen Gold. **Profetas e reis**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen Gold. **A ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O PAPEL ATRIBUÍDO PELA COMUNIDADE ECLESIASTICA À ESPOSA DE PASTOR: IDENTIDADE E PRÁTICAS ALTERNATIVAS DIANTE DE UMA MISSÃO

The role assigned by the Ecclesiastic Community to the shepherd's wife:
identity and alternative practices before a mission

Cássia Maysa Cardoso Tavares¹

RESUMO

O artigo versa sobre problemáticas vivenciadas por uma mulher que assume muitos papéis dentro do seu lar, dentro da igreja e da sociedade: a esposa de pastor. Ela convive com seus próprios conflitos, com problemas familiares e com a comunidade eclesial. Grande parte da ação pastoral acontece nas comunidades protestantes com a participação da “esposa do pastor”, o que estabelece uma situação peculiar de construção de identidade e de ação ministerial na perspectiva de gênero, ou seja, é construído um estereótipo do tipo ideal de mulher cristã, marcado pelas atitudes de abnegação e infalibilidade. O objetivo deste artigo é evidenciar como se dá essa percepção na perspectiva da “esposa do pastor”, elencando alternativas de enfrentamento de sua missão e dos dilemas por ela vividos, no âmbito do ministério. Para que se possa desenvolver a investigação, elege-se a metodologia de caráter qualitativo e a pesquisa bibliográfica. Faz-se uso da aplicação de um questionário semiestruturado para dez esposas de pastores. A aplicação do questionário possibilitou deduzir que as esposas de pastores não se sentem bem, assumindo em grande parte a identidade de “mulher ideal” que lhes é atribuída pela igreja. Sentem-se bem no exercício das funções religiosas e sociais que lhes são confiadas, independentemente da emancipação financeira, das questões de gênero que estão diretamente ligadas à sua religiosidade, do seu papel secundário na liderança em relação aos homens dentro das comunidades e dos conflitos de caráter pessoal, para com a entidade cristã e para com seu cônjuge, o pastor.

¹ Mestranda em Ministérios pela Carolina University. Graduada em Psicologia. E-mail: cassiamctavares@gmail.com

Palavras-chaves: Esposa de pastor. Igreja evangélica. Autoconhecimento. Identidade. Missão.

ABSTRACT

The article discusses the problems experienced by a woman that takes on many roles inside her home, inside the church and in society: the pastor's wife. She lives with her conflicts, with family problems, and with the ecclesiastic community. A significant part of the pastoral activities takes place in the protestant communities with the participation of the "pastor's wife," which establishes a peculiar situation in the building of her identity and ministry involvement as it relates to gender, which means, the pastor's wife represents a stereotype of the ideal Christian woman, marked by attitudes of self-denial and infallibility. This article's objective is to highlight how this perception is given from the perspective of the pastor's wife, to make evident options available for facing her mission and for the dilemmas she experiences within the ministry. The methodology used in the research is qualitative value with bibliographical research and a semi-structured questionnaire. It is used the application of a semi-structured questionnaire to gather information on ten pastor's wives. The questionnaire's application guided the conclusion that the pastor's wives do not find well-being taking on the "ideal woman" identity that is placed on them by the church. They find well-being in the exercise of religious and social functions that are attributed to them apart from financial emancipation, questions of gender that are directly connected to her religiosity, the secondary role in leadership concerning men in the communities and the conflicts of personal character, as it relates to the Christian community and her spouse, the pastor.

Keywords: Pastor's Wife. Evangelical church. Self- Knowledge. Identity. Mission.

INTRODUÇÃO

Possuir uma visão clara e equilibrada a respeito da mulher que escolheu casar-se com o pastor, sua função dentro da comunidade eclesial e seu contentamento em desempenhar este papel, é muito importante diante da missão que a ela é confiada como esposa de pastor. Qual é o reflexo em si mesma, na família e na comunidade quando ela como auxiliadora, desempenha parte da ação ministerial? Quais dificuldades se apresentam no exercício deste papel em uma época pós-moderna em que muitas mulheres ao invés de ser chefiadas passaram a chefiar?

É um privilégio que vem acompanhado de muitas responsabilidades e a primeira delas está na relação direta com os membros da igreja, seja na forma como servem, como são cobradas, ou ainda como são avaliadas. A maneira como seu esposo lida com seu trabalho afeta a sua esposa. É necessário que esta mulher se empenhe em conhecer quem ela realmente é, quais são suas forças e suas fraquezas, quais são seus dons e talentos e como ela pode reforçar sua disposição para continuar exercendo seu papel com excelência. Estes serão destaques e o caminho desenvolvido nos pontos do presente artigo.

1. QUESTÕES PRELIMINARES SOBRE O CONTEXTO E VIVÊNCIA DA ESPOSA DO PASTOR

A multiplicidade de papéis vividos pela mulher, no seu cotidiano, traz em seu interior grandes responsabilidades e exigências para as quais ela precisa estar apta a lidar. Os alvos, os desafios, as tristezas e alegrias, as decepções, as cobranças e os conflitos que a cercam, precisam ser conhecidos de cada uma, para que possa cumprir o seu papel, de esposa, mãe e mulher.

A identidade da esposa de pastor é construída pela comunidade eclesial, a partir da relação entre três aspectos centrais: conhecimento, talento e desejo. Na descrição feita por Covey, o conhecimento é o paradigma teórico do que fazer; o talento é a maneira de fazer e o desejo trata da motivação para fazer. Isso já evidencia o grau de responsabilidade atribuído, como, também, a definição do papel a ser exercida, gerando uma alta expectativa sobre a missão da esposa do pastor.²

Isso revela que diante da expectativa gerada sobre sua missão, ocorre o segundo nível a cobrança, portanto, da esposa de pastor são cobrados os três aspectos, apontados acima e, que serão considerados como definidores do seu caráter. A esposa de pastor, além de suas atividades como profissional, mãe e esposa, necessita construir um plano claro de execução e alvos bem definidos, visto que o ato de estabelecer alvos e desafios geram novas possibilidades de estratégias de ações e práticas concernentes à missão recebida.

Segundo VanAtta, para uma jovem esposa de pastor transformar desejos e esperanças em algo tangível, requer dela disposição, disciplina e, principalmente, trabalho. A disposição em ter alvos, sejam eles de natureza física, financeira, mental e espiritual. Esses alvos estabelecidos precisam ser revisitados continuamente, por isso sua projeção é efetivada a curto ou a longo prazo, o que possibilita que a esposa de pastor tenha consciência de seus valores, ao mesmo tempo, que a motiva a mover-se no sentido de buscar ampliar seu potencial e horizontes.³

Defende-se, aqui, que esposas de pastores, no processo de autoconhecimento, necessitam ter em mente o objetivo final, mantendo-se firmes no que desejam ser, caráter, e como devem fazer, contribuições e conquistas. Isso, porém, não retira a possibilidade de enfrentarem dilemas e conflitos em sua trajetória de autoconhecimento. Afinal, o autoconhecimento já pressupõe a existência de conflitos no ato de auto avaliação sobre sua identidade e formação.

Segundo Ferreira, autor do dicionário Aurélio, conflito ou dilema significa: “embate dos que lutam; penoso estado de consciência devido a choque entre tendências opostas e encontrado, em grau variável, em qualquer indivíduo”.⁴ Reforça-se aqui que nenhum indivíduo está livre de se deparar com os dilemas e conflitos, de passar por situações de

² COVEY, 1989, p. 45.

³ VANATTA, 1988, p. 64.

⁴ FERREIRA, 1999, p. 526.

desarmonia, situações antagônicas que o perturbam e tiram sua paz. Muitas vezes o indivíduo pode entrar em desarmonia consigo mesmo ou com outros indivíduos.

O conceito apresentado sobre o conflito está presente na vida da esposa de pastor, a partir da imagem idealizada, isso porque, não basta o cuidado com o marido, os filhos e a casa, mas o papel de mulher cristã exemplar e que deve ser representado, também, pelo serviço ao outro. O outro que deseja que suas expectativas de ajuda sejam encontradas; ao mesmo tempo em que esta mulher precisa ser afetuosa no agir, também precisa de resistência e força para não se abalar facilmente com as dificuldades.

É preciso ressaltar que na luta pela sobrevivência, a esposa de pastor continua em busca do equilíbrio físico e mental para enfrentar os desafios e problemas que lhe advém, sendo necessário obter tanto a informação, como o conhecimento, que ajudará na construção de subsídios e bases quanto ao seu propósito e à sua missão que lhe foram conferidas.

Aliada à luta pela sobrevivência está o enfrentamento da ansiedade, uma marca presente da contemporaneidade. Observa-se que nesse ato do enfrentamento, a esposa de pastor experimenta diferentes maneiras de lidar com a ansiedade, e, todas as vezes que ela se sente ameaçada, há uma procura por respostas, as quais nem sempre são supridas, segundo a sua vontade. O que indica a sua limitação, fragilidade e humanidade.

Esclarece-se, aqui, que esposa de pastor é um ser real e não ideal, e que precisa ser cuidada, acolhida e amada, enquanto pessoa. Ter esse entendimento pode ser um passo fundamental para tecer relacionamentos pautados na convivência saudável.

Constata-se, ainda, que a expectativa do ideal não se limita à esposa de pastor, mas a sua família, porém, é preciso ressaltar que essa alta expectativa não é real. Afinal, no contexto pós-moderno, as famílias vêm sofrendo muito com as mudanças culturais e econômicas que há muito tempo tem fragmentado as relações humanas e isso também atinge a família da esposa de pastor. Isso, porém, não retira sua finalidade, uma vez que a família continua sendo a base para a formação, disciplina e o desenvolvimento integral de seus membros, o que sinaliza para que se busque o aperfeiçoamento do caráter, a partir do único modelo ideal: Cristo.

Price aborda sobre o conceito de liberdade disciplinada, para exemplificar o que mais se aproximaria de uma “família ideal”.⁵ “O lar ideal é um lugar onde cada um tem a liberdade de viver como um indivíduo, e cada um é suficientemente disciplinado para ser parte do todo”.⁶ Porém, não há como falar de uma família ideal constituída pela força humana. Antes, o seu aperfeiçoamento está diretamente relacionado com o propósito divino; e se assim o é, ela está sob a orientação e autoridade de Deus, que pode mudar integralmente as pessoas.

Conforme LaHaye, Deus não está interessado em mudar as circunstâncias, mas em transformar as pessoas, por isso que é muito mais fácil aceitar as dificuldades, quando se tem a consciência de que Deus tem o controle de todas as coisas. Assim, o que se espera é que o ser humano invista no relacionamento com Deus, ou seja, a partir do desenvolvimento de

⁵ PRICE, 1981, p. 10.

⁶ PRICE, 1981, p. 10.

intimidade. É na construção do relacionamento que se tem a percepção da sabedoria, conhecimento, autoridade e cuidado presentes de Deus para com o ser humano.⁷

2. QUESTÕES DE GÊNERO E SEU REFLEXO NA FAMÍLIA DA ESPOSA DE PASTOR

Ao longo de poucas décadas a mulher mudou, se refez, se revestiu de novas características, algumas delas antes só reservadas ao sujeito do sexo masculino, por esse motivo torna-se cada vez mais inquestionável, não apenas ouvir, mas falar das conquistas e posições femininas. Essa é uma realidade que chega a impor às mulheres uma nova postura no século XXI.

Segundo Góes, 35% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres. A cada conferência da ONU para discutir questões de gênero (México, Nairóbi, Pequim e em diversas localidades) correspondem novas ações do governo para reduzir a desigualdade.⁸ Antes, estar em casa e cuidar do lar e dos afazeres domésticos era o papel destinado à mulher. Hoje, “a mulher representa mais da metade da mão de obra do mundo ocidental, só no Brasil são 42,4%. Pesquisas, ainda, mostram que cerca de 50,9% da população do Brasil é feminina”.⁹

Para Silva, por longas gerações a diferença de gênero se mostrava, além dos aspectos biológicos e anatômicos, pelos papéis sociais exercidos por homens e mulheres e pela maneira como a sociedade os via. Hoje, marido e mulher estão lado a lado, o que vem afetando o modelo de sociedade estabelecido como patriarcal. Afinal, as mudanças continuam e conduzem-na a refletir sobre a constituição da identidade dessa mulher e de seu papel no contexto social.¹⁰

Conforme Silva, a suposta natureza feminina esteve por muito tempo ligada à sua fisiologia, conseqüentemente à maternidade.¹¹ Esta diferença foi utilizada como meio para definir a mulher e como justificativa da dominação masculina, sacramentando a mulher pelo que é e não pelo que deseja ser. Destinando-a ao ambiente privado: seu lar. Porém, ressalta-se que: “Ser mãe, hoje como antes, dá trabalho, e quase sempre em dupla jornada, mas a metáfora do início do século XX envelheceu, e toda mulher sabe que profissão é outra coisa”.¹²

Torna-se consenso que a mulher começa a produzir novas formas de subjetividade feminina, as quais se iniciam no processo de reconstrução das identidades de gênero, a partir de ações diretamente ligadas ao incremento do seu nível educacional, das separações vividas entre homens e mulheres e do crescimento da chefia feminina das famílias.

Sendo assim, quando a mulher chega ao mercado de trabalho, ela causa impacto cultural, transformando a sociedade. O reflexo de todas estas mudanças interfere diretamente na estrutura da família, que tem que criar estratégias para conviver com a nova dinâmica. A prova de que isto também afetou a família da esposa do pastor, mesmo que de

⁷ LAHAYE, 2008, p. 73.

⁸ GÓES, 2010, p. 18.

⁹ FONSECA; *et al*, 2010, p. 26.

¹⁰ SILVA, 2009, p. 23.

¹¹ SILVA, 2009, p. 33.

¹² FONSECA; *et al*, 2010, p. 25.

uma forma não intencional, é que 70% das esposas de pastores entrevistadas¹³ atuam no mercado de trabalho, desenvolvendo atividades desvinculadas da igreja como: psicólogas, pedagogas, funcionárias públicas e outros.

Dito isto, faz toda diferença pertencer a uma igreja evangélica, que reforça a autoestima, enfatiza o momento presente e estimula a busca do crescimento da mulher em vários aspectos. Isso funciona como um estímulo para que a mulher supere os constrangimentos e desconfortos da cultura tradicional, favorecendo a sua participação na esfera econômica. Por esse motivo, quando se pensa sobre a identidade feminina sob a perspectiva da experiência religiosa, observa-se que nesse processo de construção histórica da identidade, homens e mulheres se estabeleceram em polos separados. O feminismo busca combater a assimetria nas relações entre os sexos, mas a cultura média psicanalista dá argumentos para que as mulheres possam rever o conceito de indivíduo e de liberdade individual.

A participação das mulheres na religião será influenciada significativamente pelos espaços sociais disponíveis para ela em uma sociedade particular. No campo da religião, isto significa que para compreender a participação feminina na religião em uma sociedade dada, devemos compreender os espaços sociais disponíveis para as mulheres nesta sociedade. Neste sentido, as teorias sociológicas das sociedades modernas sugerem como variável crucial a natureza e o grau de diferenciação social/estrutural/funcional.¹⁴

Conforme Silva, o feminismo, enquanto movimento social, vem trazer à tona a ideia de público e privado, da descentralização das relações de poder e a distribuição equitativa dos espaços. As conquistas das mulheres em relação à importância do seu papel na sociedade refletem, também, na sua inserção no contexto da liderança religiosa no meio evangélico.¹⁵

Rocha observa que as opiniões dos indivíduos com relação às questões de gênero estão também ligadas à sua religiosidade, por intermédio da maneira como se interpreta a Bíblia, a experiência pessoal que a igreja proporciona através de sermões, aconselhamento pastoral, escola bíblica, e outros meios.¹⁶

Neste contexto, a religião ainda se destaca como fonte de direcionamento das escolhas [...] onde nascem e se desenvolvem as expectativas de homens e mulheres. São nas representações sociais dessas pessoas que se cria um modelo ideal de feminilidade e de masculinidade e é na figura da esposa que muitas vezes o ideal de mulher se personifica [...]. Elas são muitas vezes conhecidas apenas pela nomeação que lhes é atribuída a partir de suas funções sociais, ou seja, como “esposas de pastores”. A essas mulheres, muitas vezes não é permitido ser apenas esposa ou somente mulher, mas sua identidade está intimamente condicionada ao seu papel exercido

¹³ Essa pesquisa foi realizada em maio de 2019, com 10 mulheres, esposas de pastores, na faixa etária de 35 aos 73 anos, nas cidades de Pernambuco, Paraná, Ceará, Amazonas, Espírito Santo e São Paulo. O primeiro contato foi realizado por meio de *Whatsapp* e posteriormente e-mail. Todas decidiram participar, estando cientes que o resultado seria usado no meio acadêmico. A pesquisa consistiu em um questionário com nove questões abertas e diretamente relacionadas à sua experiência pessoal. ‘Essa pesquisa aconteceu de maneira informal, sem aprovação em comitê de ética’.

¹⁴ BANDINI, 2008, p. 7.

¹⁵ SILVA, 2009, p. 57.

¹⁶ ROCHA, 2008, p. 35.

perante a comunidade religiosa; em seu dia a dia a representação social de esposa-de-pastor é indissociável a sua condição de mulher [...]. A atribuição que a comunidade religiosa lhes confere e que com ou sem negociações, elas correspondem [...]. Não basta apenas ser feminina, a esposa do pastor, como ideal de mulher cristã, deve ser representada também como uma mulher que dificilmente é abalada [...]. É por esta complementaridade dos universos e cumplicidade entre os sexos que as representações sociais da esposa de pastor são mantidas, não só pela instituição e pelos sujeitos religiosos, mas por elas próprias, pois é a partir destas elaborações que a realidade vai sendo revestido de sentido, fornecendo modelos de comportamento adequados ao grupo social, o que significa, apesar de uma condição secundarizada, a posse de um relativo status simbólico e a mobilidade social necessária para desenvolver com desenvoltura determinadas funções.¹⁷

Quando a esposa está envolvida no cotidiano da Igreja, ensinando, aconselhando, dirigindo eventos, exortando, entre outras atividades, demonstra que a relação instituição e ela mesma se dão de maneira saudável, sendo esta atitude positiva para o bom desempenho da liderança do pastor, seu marido. Isso revela que: “A fusão de elementos institucionais e religiosos e as expectativas pessoais se traduzem na ideia concebida e materializada do jeito de ser esposa de pastor”.¹⁸ É na esposa do pastor que a comunidade eclesial procura e observa o modelo de mulher, que na maioria das vezes é criado e moldado por e com a aceitação dela. Mesmo tendo convicção de que ela não possui todos os atributos de “mulher ideal”.

3. ENFRENTAMENTOS PESSOAIS DA ESPOSA DO PASTOR

Esposas de pastor são mulheres que juntamente com seus cônjuges se prontificam a dar assistência a igreja com interesse e desvelo. Porém, muitas vezes, não sabem lidar com as dificuldades que lhe advém, não conseguindo evitar sentimentos que afetam o seu espiritual, o seu físico e as relações dos que a cercam. Por consequência, algumas delas passam a ter uma visão da realidade deturpada e a exercer uma influência fragilizada. É necessário levar em consideração que as frustrações mencionadas, podem advir não somente das circunstâncias e pessoas que a cercam, mas também podem ser consequências de um “eu” mal resolvido.

Observando-se o ensinamento bíblico, contido no Evangelho de Mateus 22.39, “Ama ao teu próximo como a ti mesmo”, fica claro a impossibilidade de relegar a individualidade a um segundo plano. Para tanto, faz-se necessário realizar uma busca interior na construção do autoconhecimento para descoberta da própria personalidade. As reflexões que orientam essa busca são: Qual o propósito da vida? Que valores a norteiam? O que os outros veem e que não corresponde com a realidade? Quais os anseios por ela provocados? Quais as realizações? Quais as decepções? Viver-se-ia apenas em função do ponto de vista dos outros?

O primeiro mandamento bíblico, apresentado pelo Senhor Jesus no Evangelho de Mateus 22.37, fala sobre “amar a Deus acima de todas as coisas”. Este amor é ilimitado. Já

¹⁷ ROCHA, 2008, p. 44.

¹⁸ ROCHA, 2008, p. 45.

amar ao próximo, tem limites: o amor próprio. Ressalta-se, porém, que o ato de se anular em benefício do outro, pode trazer frustrações que serão refletidas no lar, na igreja e na sociedade, mas isso também faz parte do seu aprendizado.

À medida que a mulher, na tentativa de tornar-se pessoa, consegue fazer um autoexame e ter equilíbrio, identificando suas lacunas e as crises que lhe advém, ela passa a viver um processo contínuo de descobrir-se e conhecer-se. Assim, tomar consciência das próprias reações gera autoconhecimento.

Espera-se da esposa de pastor que esteja habilitada a agir em todas as situações. A importância do autoconhecimento está no autocontrole. Ela deve ter total controle das suas emoções para que consiga realizar uma autocrítica e mudar de comportamento quando necessário.

Muitos membros das igrejas condenam o psicólogo e o profissional a quem ela recorre, isso é falta de conhecimento sobre a complexidade humana. Obviamente, que o psicólogo, assim como qualquer outro profissional, deve ser bem escolhido. Elementar, também, que nem todas as terapias são aconselhadas em um contexto cristão. Mas, há muitos profissionais competentes dentro das comunidades evangélicas.

Segundo Collins, muitos criticam essa atitude, dizendo que isto é “misturar religião com aconselhamento”.¹⁹ Mas, para as esposas de pastores sufocar seu ego, em detrimento de sua fé e vice-versa, é o mesmo que separar a vida em dois segmentos: um santo e um profano; e isto não é possível.

Um conselheiro honesto e autêntico conduz a pessoa a crer que é possível obter ajuda e reconhecer o próprio valor como indivíduo. O objetivo do profissional de psicologia é ajudar as pessoas a entender e aceitar suas imperfeições, melhorar sua adaptação ao meio, promover o controle emocional, reforçar os aspectos saudáveis da pessoa, permitindo o uso de habilidades e capacidades, a fim de restabelecer uma autoimagem estável.

É de extrema importância identificar o que está dirigindo as esposas de pastores e a sua vida. Para Warren, muitas esposas são dirigidas pela culpa, pelo rancor, raiva, pelo medo, pela necessidade de aprovação. Conhecer o propósito da vida para estas mulheres, estimula, direciona e faz com que elas tenham sentido. A vida do homem deve ser dirigida por um propósito, o propósito precisa gerar sentimento de completude e alegria. Mas, sobretudo, não se pode esquecer o que disse o salmista “[...] lâmpada para os meus pés são as tuas palavras e luz para os meus caminhos” (Sl 119.105).²⁰

Dentro do universo evangélico, a Bíblia e o tempo de qualidade vivido em oração são considerados as melhores ferramentas na descoberta do “eu”, finalidade pretendida das esposas de pastores que desejam causar impacto. O processo de estar bem com outros depende de se estar bem consigo mesmo.

¹⁹ COLLINS, 2004, p. 123.

²⁰ WARREN, 2003, p. 28.

4. O CONVÍVIO E O SERVIR NA IGREJA

A igreja é uma instituição que possui grande potencial terapêutico. Contudo, grande parcela das igrejas cristãs revela que estão longe de ser a comunidade produtiva que Cristo desejou que fosse: com objetivo maior de fazer discípulos por meio da evangelização e do ensino. É interessante notar que no interior dessas comunidades se encontram todos os tipos de pessoas, aquelas que supervalorizam as esposas de pastor e as que só se preocupam em criticá-las.

Nota-se que muitas vezes, a esposa de pastor é censurada pelo que faz ou deixa de fazer, pelos dons e talentos que não exercita, quer tenha ou não sido agraciada com eles.

Há situações em que a comunidade eclesial espera que esta mulher que acompanha o pastor seja biônica, isto é, ela tem que ser competente e exemplar em todas as áreas. Deve entender de música, saber tocar, cantar, reger, deve ter habilidades para trabalhar com crianças, liderar mulheres na igreja, ser uma excelente visitadora, que acompanha sempre o marido, excelente evangelista, conselheira exemplar, relacionar-se muito bem com os jovens e adolescentes, além de mãe primorosa e esposa dedicada.²¹

A prática cristã professa que Deus criou o homem e a mulher com funções próprias para que juntos se completassem. Além disso, cada um de nós tem seu DNA próprio, suas características únicas e peculiares. Até gêmeos univitelinos são diferentes. A esposa do pastor não possui os mesmos dons e talentos do pastor, nem os mesmos dons que outras esposas, porventura, possam vir a demonstrar, porém, muitas vezes, ela é questionada e cobrada a este respeito. Uma lástima. Afinal, cada um tem sua forma de ser.

Neste processo de firmar sua identidade, o mais importante é que a esposa de pastor primeiramente identifique os dons e talentos que Deus lhe concedeu e procure desenvolvê-los com diligência e alegria, na intenção de agradar ao seu Senhor. O seu dom indica o papel, a função ou a maneira particular pela qual Deus quer que ela atue, ou seja, que exerça seu ministério, que possa servir para glorificá-lo e edificar ao próximo.

Trabalhar na igreja em algo que não se é capacitado a fazer, só para agradar aos outros, traz a qualquer indivíduo, homem ou mulher, um sentimento de incapacidade que pode gerar ansiedade e frustração. Azeredo escreve que “é quase impossível a não participação da esposa do pastor”.²² Por menor que seja este envolvimento, há responsabilidades para com ela mesmo que necessitam estar em dia, com o Deus a quem servem, por meio da comunhão e intimidade, com seus esposos, por meio do diálogo e da cumplicidade ministerial e consigo mesma, mantendo o equilíbrio emocional.

As cobranças para esposas de pastor são muitas, e vão de fatos a pequenos detalhes. Além do tempo despendido na igreja, se é pouco ou demais. A esposa do pastor comumente é questionada como economista (a forma como gasta o dinheiro que o pastor recebe da igreja), dona de casa, mãe, esposa, pela sua maneira de andar e vestir.

²¹ DUSILEK, 2009, p. 25.

²² AZEREDO, 2010, n.p.

Se ela cuida da família, é porque não se preocupa com a igreja; se o envolvimento dela com a igreja é grande, não cuida da família. Se é mãe dedicada e carinhosa, só pensa no que é seu; se é professora de crianças dedicada na igreja, podia dar mais atenção aos filhos dela em vez de dar atenção aos outros. Se trabalha na igreja assumindo cargos, quer mandar; se, se limita a poucos deles para dar mais atenção aos filhos pequenos, está desperdiçando talentos. Se cuida bem do marido, é ciumenta e tem medo de perdê-lo; se não age com muito carinho para com ele, não sabe o que tem nas mãos; se, se veste bem está gastando o dinheiro da igreja, se é simples no modo de vestir é relaxada; se, se veste com roupas mais jovens quer ser moderninha; se coloca roupas mais tradicionais, é ultrapassada e de mau gosto.²³

Porém, isso não pode retirar sua importância como companheira idônea. Tal como está descrito na Bíblia: “Far-lhe-ei uma auxiliadora idônea” (Gn 2.18). Esse é um princípio bíblico que atinge não apenas a esposa de pastor, mas, a todas as mulheres que aceitam esse princípio como base para suas vidas.

5. POSSÍVEIS DIFICULDADES CONJUGAIS NA VIDA DA ESPOSA DE PASTOR

“Andarão dois juntos se não estiverem de acordo?” (Am 3.3)

Alguns conflitos enfrentados pelas esposas de pastores podem ter suas origens nos relacionamentos com seus cônjuges, ou seja, com pastores que não conseguem conciliar suas responsabilidades e horários, relegando a família ao segundo plano. Isso gera insatisfação, faz com que as esposas se desmotivem, não auxiliem seus maridos e não queiram se envolver no trabalho eclesial. Afinal, o relacionamento entre marido e esposa, requer um amor genuíno, construído a cada dia sob renúncias, cumplicidade, parceria, perdão e esforço mútuo.

No relacionamento entre o pastor e sua esposa, existem três maneiras como a comunidade eclesial os observa. Primeiro, existe uma parcela da igreja que acompanha os detalhes do relacionamento pastoral: a maneira como se comunicam, gestos, olhares, maneira de agir, crescimento dos filhos. Segundo, existe outra parcela que não se atém aos detalhes, mas acompanha a distância: a forma como se relacionam. Por fim, terceiro, existe outra parcela que é indiferente ao que acontece, ela não se envolve e nem mesmo está interessada com a vida privada no relacionamento estabelecido entre o pastor e sua esposa.

É necessário que o pastor possa estar atento as ciladas que possam surgir ao longo do exercício do seu ministério pastoral. Estas ciladas são fáceis de aprisionar e interferem no relacionamento para com a esposa e na autoridade que lhe é conferida na direção do rebanho. Dessa forma, torna-se de suma importância o discernimento do pastor, atentando nestes momentos para não se envolver emocionalmente, a ponto de perder o controle e o bom senso.

A falta de domínio próprio pode levar o pastor a envolver-se com uma mulher carente a quem aconselha e, que por sua vez, também, se encontra debilitada e carente, vindo a

²³ DISULEK, 2009, p. 39.

praticar e cair em adultério. Haiford, pastor de uma grande igreja nos Estados Unidos conta sua experiência:

Foi no início do ministério sem o mínimo interesse da minha parte em “ter um caso”, que devagar, mas definitivamente, encontrei-me numa armadilha espiritual. Meu casamento era sólido e meu compromisso com Cristo e com a pureza espiritual era forte. Mas, meu envolvimento frequente com uma mulher de igual dedicação, evoluiu para uma afinidade que, com o tempo passou de uma amizade para uma paixão quase adúltera. Durante aqueles dias sombrios de tentação sexual a que nunca me rendi, lutei muito em oração [...].²⁴

Pode ocorrer, por parte do pastor, um maior envolvimento com os membros da igreja que seja superior ao envolvimento com a esposa, visto que os primeiros podem tornar-se mais próximos por intermédio dos gabinetes pastorais, aconselhamentos e sermões. Isso indica que, regularmente, casais, jovens, homens e mulheres buscam a ajuda do pastor na tentativa de resolução dos seus conflitos e problemas e isso é um fator positivo, visto que acreditam na sua autoridade como pastor da Igreja, mas, até mesmo isso precisa ser comedido, porque ele, também, exerce outra autoridade conferida como líder da família.

A agenda pastoral pode ser um grande problema para que suas esposas não sintam alegria, nem se esforcem na tarefa de auxiliá-los. Alguns pastores não conseguem ser objetivos nos seus atendimentos no gabinete ou quando estão fazendo visitas pastorais. Isso torna seu dia a dia mal planejado e cai num vício que é o de não ter um horário coerente de trabalho.

Alguns não voltam para o seu lar enquanto não terminam todos os seus compromissos. Isso compromete os horários da família, refeições, tempo de qualidade, passeios e lazer. É necessário criar estratégias para tornar estes atendimentos eficientes e eficazes, não deixando de tratar os problemas, mas direcionando a conversa para um desfecho.

Ao avaliar o código de ética do pastor Batista, dois incisos que fazem parte do artigo 11, referem-se aos deveres do pastor perante sua família:

II – Ter como companheira uma mulher em condições de ajudá-lo no ministério (I Timóteo 3.2; 11), uma vez que como pastor ele aspira à excelente obra do episcopado. [...] VII – Reconhecer a ação de seu cônjuge, junto à família como algo essencial, não a envolvendo em tarefas eclesiais que venham comprometer seu desenvolvimento familiar.²⁵

Entende-se que estes incisos mostram limitações colocadas pela denominação ao tratar do perfil da esposa do pastor. Não se vê referência quanto ao seu desempenho profissional, entrando em choque com a realidade vivenciada por muitas esposas de pastores.

Alguns pastores são os últimos a sair da igreja, pois não conseguem administrar as conversas ao final dos cultos. Os pastores que possuem filhos pequenos estão indiretamente cultivando nos corações de seus filhos a ideia de que quando o pai está na igreja, não tem horário de retorno ao lar. Em decorrência disso, muitos filhos de pastores se rebelam contra

²⁴ LOPES, 2006, p. 19.

²⁵ ROCHA, 2008, p. 100.

a igreja e, mais tarde, na adolescência não querem mais frequentar os cultos. É preciso coerência de se marcar conversas para horários em que o pastor tenha tempo de qualidade para ouvir suas ovelhas e orientá-las.

Muitas esposas de pastores se envolvem tanto com o trabalho secular, o trabalho eclesial, com os membros da congregação, com filhos e casa, que negligenciam cuidados que precisam ter com o próprio corpo. O cuidado com a aparência é um grande diferencial, e tem sua importância no relacionamento conjugal.

Segundo Rocha, a tradição protestante separa os cuidados do corpo dos cuidados da alma. Muitas esposas priorizam o segundo, esquecendo o primeiro. Exercícios, uma alimentação equilibrada, horários de dormir, visitas médicas, fazem parte de uma vida cristã saudável. Sem dúvida, os pastores precisam de esposas consagradas, mas também precisam sentir admiração e prazer em sua aparência física.²⁶

O pastor e a esposa precisam de amigos sinceros e verdadeiros com quem partilhem suas emoções. Algo extremamente doído para o pastor, e muito mais para sua esposa, é que normalmente eles não possuem um confidente, para lhe dar acompanhamento, alguém para conversar e expressar seus problemas, suas dificuldades, para ajudá-los a caminhar. Desconsiderar a importância de um conselheiro amigo afeta não só o ministério pastoral e o relacionamento conjugal, mas, sobretudo, reflete nos filhos as frustrações que os problemas não trabalhados possam trazer à formação de seu caráter e personalidade.

Conforme Araújo, quem está na liderança pastoreando enfrenta dificuldades e também precisa ser pastoreado. Muitos líderes, escolhem andar só e são individualistas. Isso pode ocorrer tanto com o pastor como com a esposa. O apóstolo Paulo em determinado momento encontrou em Tito uma amizade com quem pode compartilhar suas necessidades, o pastor que não recebe este tipo de atenção, pode chegar a se esgotar, porque está sempre doando de si. E o pior, é que na cabeça desse pastor e da igreja, esta é a condição correta de que ele está dando a vida pelas ovelhas. Há uma necessidade urgente de se quebrar paradigmas antigos quanto à mentalidade, de que se pode continuar ignorando os problemas pessoais, de pastores e de suas esposas, e manter o ministério caminhando.²⁷

A infância é um tempo de aprendizado em que os pais necessitam andar bem perto dos filhos, a fim de conduzi-los no caminho correto. Porém, toda família passa por tempos de turbulências, especialmente, quando os filhos estão na adolescência. Isso, não é diferente com a família da esposa do pastor. É indispensável que o pastor e a esposa mantenham um diálogo aberto, uma conversa franca e direcionada às necessidades da criança ou do jovem.

Há pastores que prestam assistência aos filhos dos membros da igreja e não são capazes de detectar os problemas que seus filhos enfrentam; que estão prontos para aconselhar casais em crise, mas, são indiferentes às que se instalam em seu lar. Infelizmente, se tornou comum ouvir casos de filhos de pastores revoltados, não só com a igreja e os membros da igreja, mas a tudo que se relaciona com “ela”. Por esse motivo, é imprescindível que o pastor opte por investir na vida dos filhos, com qualidade de tempo para devocionais, conversas pessoais

²⁶ ROCHA, 2009, p. 36.

²⁷ ARAÚJO, 2014, n.p.

sobre o dia a dia e para que sinta interesse genuíno pelos assuntos que são pertinentes a seus filhos.

Muitas vezes, os pastores se desgastam tratando problemas da comunidade eclesial, que quando retornam aos seus lares estão sem muita disposição e bastante cansados para investir nos seus próprios filhos, por esse motivo, é muito comum a mãe assumir o papel de sacerdote da casa. É incoerente, mas é real que muitas esposas de pastores assumam o ensinamento bíblico, as cobranças dos afazeres e das responsabilidades dos filhos, para que os pastores disponham de tempo livre, para tratar das dificuldades da comunidade.

Obviamente, é necessária renúncia por parte da família em dias de sobrecarga pastoral, porém, esta não deve ser a regra. Esposas de pastores e seus cônjuges precisam de outros indivíduos ao seu lado para quem prestem conta de suas vidas e compartilhem seus problemas, recebendo também ajuda.

6. PESQUISA COM ESPOSAS DE PASTORES

A pesquisa foi iniciada em maio de 2019, foi proposto pela autora e indica as características e experiência pessoal de 10 mulheres que desempenham seus papéis como “esposas de pastores” no serviço religioso junto às comunidades, com a finalidade de investigar a realidade da percepção pessoal ministerial, identificando se há problemas envolvidos para dar uma visão atual de como elas enxergam as dificuldades estando envolvidas no ministério, e desenvolvendo ações de enfrentamento.

Foi realizado um questionário com nove questões abertas e diretamente relacionadas à sua experiência pessoal no exercício do seu papel como “esposas de pastores”. Todas foram contatadas antecipadamente, primeiramente por *WhatsApp*, a fim de saber se havia interesse em se voluntariar, após a explicação do propósito para o qual se destinaria as suas respostas. A partir deste momento foi encaminhado por e-mail, em um arquivo de *Word* com o questionário para que elas discorressem a respeito de sua vivência ministerial. As respostas foram agrupadas observando-se os significados das palavras e analisadas as respostas a partir da narrativa apresentada.

6.1 Respostas específicas da pesquisa com esposas de pastores no Brasil

A presente entrevista teve por metodologia a pesquisa de campo, que foi realizada nos estados de Pernambuco, Paraná, Ceará, Amazonas, Espírito Santo e São Paulo no ano de 2019. O universo da pesquisa foi constituído por esposas de pastores, pertencentes a três diferentes denominações: Batista, Batista bíblica e Presbiteriana. Existiu a preocupação para que houvesse variedade dos sujeitos e das localidades, no sentido de que fosse possível obter um resultado fidedigno do que acontece às esposas dentro do ambiente de comunidades eclesiais, do lar e do ambiente secular.

A faixa etária variou dos 35 a 73 anos, onde 90% das entrevistadas possuem curso superior e 95% possuem uma atividade na igreja, auxiliando seus maridos no exercício da liderança da comunidade eclesial.

Foram estudados os conflitos e dilemas que poderiam nortear estas esposas e estes transformados em um questionário, que possibilitassem um resultado diversificado. Foram observadas suas experiências a partir de seu papel de esposa de pastor, por intermédio dos conteúdos concedidos no questionário, verificando se elas enfrentam conflitos, quais os mais atenuantes e a maneira como elas lidam com eles.

6.2 Resultados e discussões a partir da pesquisa com esposas de pastores

Foi perguntado às esposas de pastores quais poderiam ser seus maiores conflitos, se é que os tinham, dentro dos seguintes aspectos: ter dificuldade de se sentir bem no papel de esposa; conciliar as responsabilidades e horários de seus maridos para com a igreja; ou ser cobrada quanto à participação, atitudes ou comportamento dos filhos.

Como resultado, 15% concordam que suas dificuldades estão ligadas ao papel que exercem, 40% dizem ter seus maiores conflitos relacionados aos horários do marido e 15% expressam que suas dificuldades vêm de cobranças feitas pela igreja e 30% omitiram suas experiências. Ao serem questionadas se, em sua experiência como esposa de pastor, já haviam de alguma maneira sido cobradas pelos membros da igreja com relação à sua presença em eventos que acontecem na congregação, quer sejam, casamentos, formaturas, reuniões de senhoras, bazares para levantamento de verbas, aniversários, bodas, e outros, e como isto as afetaram, obteve-se o seguinte resultado: mais da metade, isto é, 60% negaram terem sido cobradas pela igreja quanto a sua presença em eventos. Um forte motivo que ficou explícito foi o fato de já se considerarem conscientes dos seus deveres, sempre atuantes e presentes sempre que possível.

Não foi descartado o fato de que em alguns momentos, ao longo da vida de ministério possam ter sido abordadas com relação a sua ausência em algum determinado evento. Observou-se que a importância do evento e as atividades da igreja, bem como o ensinamento da liderança pastoral, interferem nesta cobrança.

Quando a igreja é grande, fica quase impossível para esta esposa acompanhar todos os eventos e atividades que acontecem. Uma congregação de menor porte demanda mais da esposa em todos os sentidos.

Ao interrogar as esposas se, já se sentiram frustradas a respeito de a igreja ter criado alguma expectativa, no que diz respeito ao exercício de algum dom ou talento que elas não possuíam ou não possuem, todas afirmaram que as igrejas, na pessoa de seus membros, não as cobram. A maior cobrança parte delas mesmas. As esposas é que afirmaram que gostariam de tê-los. Vale à pena mencionar que há esposas que também se sentem vocacionadas para o ministério. Outras apenas se sentiram atraídas e se casaram com o pastor.

A próxima pergunta revela em que aspecto, elas acreditam que as agendas de seus maridos, sobrecarregadas de atendimentos (que muitas vezes precisam ser feito à noite, pois os membros estão ocupados durante o dia com trabalho), cultos, mensagens a preparar, estudos, visitação etc. geram conflitos na família. 100% concordaram que o fato de o pastor estar com todo o tempo ocupado é em primeiro lugar prejudicial para o próprio pastor e, que,

posteriormente, isso começa a afetar seu relacionamento com a esposa e, conseqüentemente, com os filhos, podendo até minar e provocar a separação da família. É difícil pensar num ministério eficaz de um pastor sem sua família. Os dois caminham juntos, família e ministério, porém, jamais o ministério deve estar em primeiro lugar.

Houve curiosidade em saber se as mulheres do pastor concordam que existem pastores que se dedicam tanto ao bem-estar de suas ovelhas, que lhes falta tempo para dar assistência a esposa e filhos. Nenhuma das entrevistadas vivenciou esta experiência. Algumas, contudo, relataram casos de outras esposas que chegaram a se separar do pastor ou passaram a viver uma vida de aparências. Outras chegaram a ver filhos de pastores afastados e algumas vezes revoltados, por falta de acompanhamento e muita cobrança do pai e da igreja.

Quando interrogadas a respeito de quais foram suas expectativas de relacionamento para com os membros da igreja quando nela ingressou. Todas, ou seja, 100% responderam que, atualmente, possuem suas expectativas preenchidas, mas que já enfrentaram decepções de relacionamento ao longo do ministério. Estas esposas relatam que esperam de suas igrejas que ajam com respeito e consideração, aceitando-as tal como são, com os dons e talentos que possuem.

Uma pergunta relacionada à personalidade e maneira de suportar os holofotes. O interesse era conhecer, se estas mulheres acreditam que estão sempre sendo observadas pela congregação, como uma vitrine, em que os membros da igreja estão a observar, quanto à forma de vestir, a maneira como trata o marido, educação dos filhos dentre outros aspectos. Dentre as entrevistadas, 95% acreditam que são observadas e creem que a igreja está atenta ao exemplo dado pelas esposas e 5% não acreditam que a igreja se interessa pela vida da esposa do pastor. Houve uma interessante colocação:

Com certeza a esposa do pastor deve ser modelo em tudo, na concepção da igreja. O problema é quando há conflitos de modelo... Se perguntar a dois membros o que é uma esposa de pastor ideal, terá duas respostas diferentes. Ou seja, nunca seremos capazes de agradar o tempo todo.

Ainda, falando da influência causada pela esposa é pertinente relatar esta opinião:

Sim, acredito que por força de minha posição de líder, sempre em evidência, a esposa do pastor, alguém especial, era observada, e detalhes como a aparência, como se vestir que eu considerei de grande importância, não luxo, nem ostentação, mas bom senso e, permita-me dizer, que de tão observada, de repente estava influenciando algumas mulheres a se vestirem melhor, a ter uma aparência mais agradável e isto foi um motivo de alegria para mim. Minhas atitudes de grande respeito pelo meu esposo sempre foram observadas e comentadas entre a membresia, bem como o cuidado com as filhas, não para que fossem notadas, mas que fossem meninas bem orientadas e soubessem conviver com a igreja. Estes cuidados todos contribuíram para que o pastor e sua família fossem vistos como influenciadores, recebendo o pastor um tratamento cordial e respeitoso.

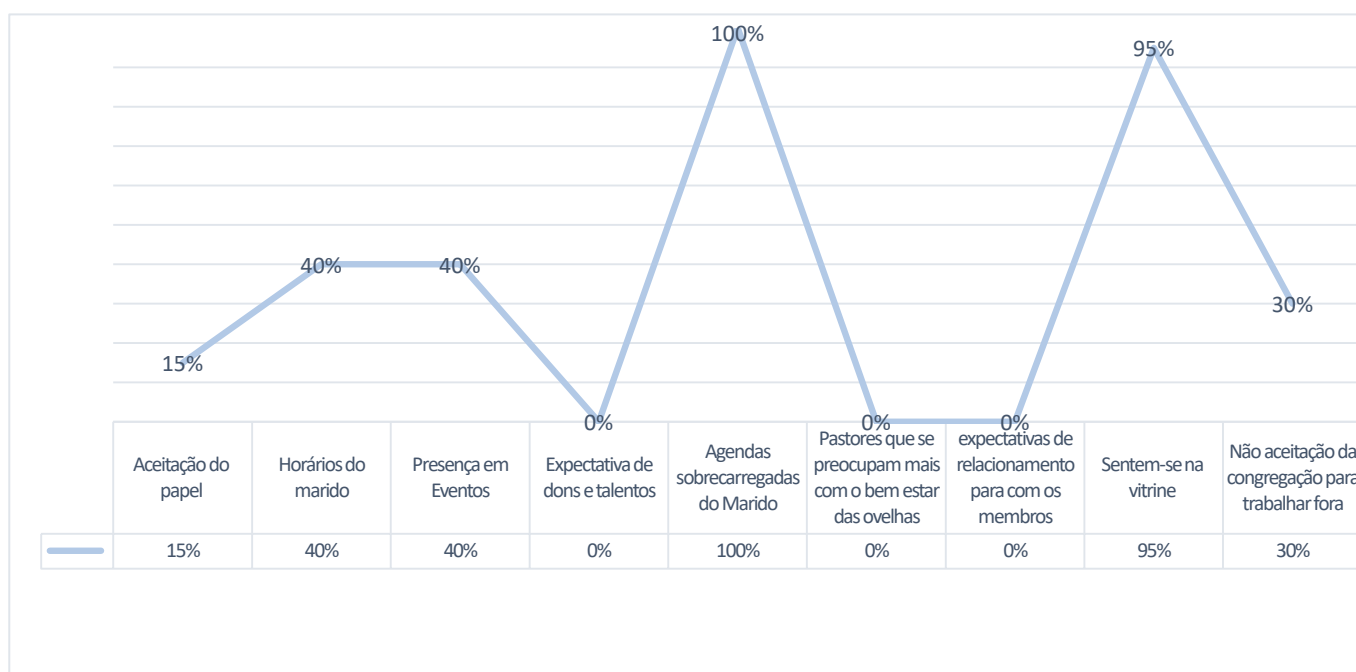
Com relação às esposas de pastor que exercem uma profissão, foi questionado se elas consideram que as igrejas as apoiam ou sentem que, os membros acham que seu tempo estaria mais bem empregado nos trabalhos eclesiais. Com relação a essa questão, 70%

sentem o apoio da igreja e 30% não sentem o apoio. As esposas consideram que a igreja nunca interferiu nesta área e não consideram que o seu trabalho afete os trabalhos eclesiais que desempenham.

Ao ser solicitado que estas esposas pudessem compartilhar experiências que mais marcaram suas vidas no relacionamento esposa de pastor e igreja, e mencionar um conflito que ela precisou enfrentar, percebeu-se que todas, em determinado momento de seus ministérios, precisaram lidar com conflitos, não importando a idade, escolaridade ou classe social.

Fica explícito que, independentemente de cargo ou de quais atividades que elas exerçam na igreja, existe uma contínua disposição para o serviço religioso. As realidades vivenciadas por elas lhes proporcionam a sensação de realização e utilidade.

O gráfico que segue mostra o diagnóstico em percentagens dos dados obtidos na aplicação do questionário realizado junto as esposas dos pastores e suas respostas às questões levantadas.



CONSIDERAÇÕES GERAIS

A missão recebida e vivenciada pela esposa do pastor é positiva e mais valiosa quando ela possui um plano de ação e o executa com disposição e disciplina. Seu equilíbrio como pessoa acontece a partir do seu autoconhecimento e ao assumir suas responsabilidades, mas se supera quando é acolhida pela comunidade na qual serve. Esta mulher continua lidando com as dificuldades que surgem, sejam elas relacionadas com o seu marido, com a comunidade eclesial, com o seu trabalho secular ou no seio da sua família. Porém, reconhece que a igreja sempre é um ambiente que estimula e enfatiza seu crescimento pessoal e melhora sua autoestima.

Ao ilustrar algumas transformações que estão ocorrendo na sociedade ligada a representações e relações de gênero, observa-se que existe uma consequência destas mudanças, mesmo que não intencional na vida das esposas de pastores. Em sua maioria, as esposas de pastores entrevistadas estão inseridas no mercado de trabalho, não estão apenas centradas no espaço privado do lar, mas incluídas no espaço público. Estas esposas não assumem em grande parte a identidade que é colocada pela igreja de mulher ideal, até porque elas são conscientes de sua falibilidade no exercício dos seus papéis, contudo se esmeram no trabalho que lhes é concedido dentro da comunidade.

Registra-se que todas as esposas de pastores confirmam que os conflitos fazem parte do exercício do seu papel, algumas com menos dilemas e outras com mais, porém, estes estão presentes, evidenciando-se no seu dia a dia com a igreja, seja no ato de ensinar, aconselhar, exortar, confortar ou dirigir eventos. Considera-se ser importante não deixar que os dilemas as abatam, mas ver neles uma oportunidade de crescimento utilizando seus dons e talentos da melhor maneira possível para alcançar seus objetivos.

Estas mulheres em geral, não sentem como um peso o ser “esposas de pastores”. A sua posição hierárquica na liderança da igreja, não as afetam, pois esta posição as coloca em conformidade com a sua crença, de que o homem é “o cabeça”, o líder da família, conformando-se em exercer uma liderança de suporte pastoral aos cônjuges, fica transparente a sua dedicação e ocupação com os trabalhos eclesiais e com as pessoas envolvidas na congregação.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**. Informação e documentação: referências e elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ARAÚJO, Gedimar. **Revista comunhão**. Gedimar de Araújo e o pastoreio de pastores, <http://www.comunhao.com.br>, Julho 2014. Acesso em: 08 de julho de 2019.

AZEREDO, Ariane. **O coração da esposa do pastor**. N.59, dez 2010. Disponível em: <http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=59&materia=437>. Acesso em: 10 de abril de 2019.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BANDINE, Claudirene A. Transformações das identidades femininas no campo religioso pentecostal. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUC, Maringá, 2008.

COLLINS, Gary. **Aconselhamento cristão**. Edição Século XXI. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COVEY, Stephen R. **The seven habits of highly effective people**. New York: Fireside, 1989.

DUSILEK, Nancy Gonçalves. **Mulher sem nome**. São Paulo, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 1999.

FONSECA, Ana Cláudia; RODRIGUES, Bruna. **Revista Veja edição especial mulher**. Edição 2166. São Paulo: Abril, 2010.

GÓES, Marta. **Revista Veja edição especial mulher: gritos que fizeram a história**. Edição 2166. São Paulo: Abril, 2010.

LAHAYE, Tim. **Temperamentos transformados**. São Paulo: Vida, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. **De pastor a pastor**. São Paulo: Hagnos, 2006.

PRICE, Shirley. **Esposa e mãe**. São Paulo: Betânia, 1984.

ROCHA, Fernanda. **Mulheres ideais: uma análise do processo de construção e de manutenção das representações sociais das esposas de pastores batistas de Curitiba / PR**. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião, Faculdade de Filosofia e Ciências da religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

SILVA, Maria Auxiliadora. **Feminilidade e liderança religiosa pentecostal na contemporaneidade**. Artigo Científico baseado na dissertação de doutorado da PUC de São Paulo, 2009.

SILVA, Talita Cavalcanti Menezes. **A representação da identidade feminina em mulheres evangélicas na cidade de Recife: família, gênero e religião**. Recife, Dissertação de mestrado da Universidade Católica de PE, 2007.

VANATTA, Lucibel. **Women encouraging women**. Oregon: Multnomah Press, 1987.

WARREN, Rick. **Uma vida com propósito**. São Paulo: Vida, 2003.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

TEORIAS A RESPEITO DO OBJETIVO DA CARTA DE ARISTEIAS A FILÓCRATES Theories about the goal of the letter of Aristeas to Philocrates

Renan Constantino Colli¹

RESUMO

O presente artigo tem como escopo a análise do documento comumente conhecido como “Carta de Aristeias a Filócrates” buscando um entendimento a respeito dos objetivos que seu desconhecido autor tinha em mente ao escrevê-la. Para tanto, são apresentadas teorias defendidas por diferentes autores, contendo diversas interpretações possíveis para as principais seções do escrito. Infelizmente, a leitura das pesquisas publicadas não permite determinar com certeza os alvos que o autor da Carta buscou atingir; apesar disso, a discussão não é vã, uma vez que não é necessário compreender que o documento tivesse apenas um objetivo; e independente de qual seja este, o leitor moderno pode entender a carta como um testemunho dos embates e apropriações culturais próprias do período helenístico que caracterizaram o encontro de judeus e gregos que levou ao pano de fundo social e religioso no qual, pouco tempo depois, se desenvolveriam as ações do Novo Testamento.

Palavras-chaves: Septuaginta. Tradução. Judaísmo. Helenismo.

ABSTRACT

The scope of the present study is the analysis of the document commonly known as the “Letter of Aristeas to Philocrates,” searching for an understanding about the goals that its unknown author had in mind when he or she wrote it. Therefore, it will be presented theories defended by different authors, containing diverse possible interpretations of the main sections of the letter. The reading of the published researches, unfortunately, doesn’t allow to determine for sure the goals that the author sought to reach; despite that, the discussion is not vain, because it not necessary to understand that the document

¹ Bacharel em Teologia pela FABAPAR. Mestrando em Literatura e Línguas Bíblicas pela Universidade de St Andrews, Escócia. E-mail: renan@fastmail.com

had only one goal; and independently of what that might be, the modern reader can understand the letter as a witness of the clashes and cultural appropriations proper to the Hellenistic period that characterized the encounter of Jews and Greeks that led to the social and religious background in which, a short time after, would occur the events of the New Testament.

Keywords: Septuagint. Translation. Judaism. Hellenism.

INTRODUÇÃO

A Carta de Aristeias a Filócrates é um pequeno tratado helenístico cuja datação é debatida entre os séculos II a.C. e I d.C.² Seu autor apresenta-se como Aristeias, um membro de alta posição na corte de Ptolomeu II Filadelfo (283-246 a.C), que escreve a seu irmão Filócrates, um amante do conhecimento (*philomathés*), os motivos que o levaram para uma viagem a Jerusalém e os acontecimentos relacionados. Apesar disso, o autor da carta muito provavelmente não foi grego, mas um judeu alexandrino capaz de dialogar tanto com a fé judaica (o texto possui uma seção dedicada à interpretação de um preceito da Lei) quanto com a filosofia (ponto que fica mais evidente em uma seção dedicada à resposta de diversas perguntas filosóficas).

O fio que liga a narrativa é a história da tradução para o grego da Lei dos Judeus, a Torá (i.e., o Pentateuco), feita por um grupo de 72 sábios (daí o nome que recebeu de Septuaginta), embora “história” aqui deva ser entendida em seu caráter fictício, uma vez que é ponto pacífico entre os estudiosos que a carta não seja mais do que o registro de uma lenda judaica, possivelmente construída a partir de outros escritos.³

O presente artigo, entretanto, não discute a datação da Carta ou sua autoria (o autor será doravante referido como Pseudo-Aristeias, seguindo-se uma tendência da crítica moderna, enquanto que o narrador/personagem da história será chamado apenas de Aristeias), mas sim o possível objetivo de seu escritor ao dar registro a esta história através da apresentação de três teorias principais: 1) A Carta de Aristeias é um tratado apologético destinado à defesa da religião judaica diante de leitores pagãos, 2) A carta tem por destinatários os próprios judeus, e seu objetivo é construir pontes entre a fé deste povo e o pensamento grego como forma de inseri-la como uma possibilidade de leitura de mundo em um contexto helenizado, 3) O objetivo principal da carta é investir a tradução da Septuaginta de autoridade através do espelhamento de eventos referentes ao recebimento da Lei por Moisés, a fim de, autorizar o uso desta pelos judeus helenistas com status igual ou comparável ao da Torá Hebraica.

As citações do texto grego são traduções do autor deste artigo, feitas com o auxílio, quando necessário, da tradução inglesa da Carta de Aristeias realizada por H. St. J. Thackeray.⁴

² Para uma discussão detalhada a respeito da problemática de datação da Carta, cf. PARENTE, Fausto. La Lettera di Aristeia come Fonte per la Storia del Judaismo Alessandrino durante la Prima Metá del Siculo I a.C. **Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa**: Classe di Lettere e Filosofia, Pisa, v. 2, n. 1, p.177-237, dez. 1971.

³ PARENTE, 1971, p. 183-185.

⁴ THACKERAY, H. St. J. Translation of the Letter of Aristeas. **The Jewish Quarterly Review**, Filadélfia, v. 15, n. 3, p.337-391, abr. 1903.

1. A CARTA DE ARISTEIAS COMO OBRA DA APOLOGÉTICA JUDAICA

Uma interpretação tradicional é que Pseudo-Aristeias pretendia defender a fé judaica, elevando a Lei e o povo judeu em face de críticas pagãs. Pfeiffer sumariza o conteúdo da Carta como sendo “meramente um pretexto para defender o judaísmo contra seus denegridores pagãos, exaltar sua nobreza e razoabilidade, no esforço de converter para si gentios de fala grega”.⁵ Para esta leitura não há dúvida de que o público alvo de Pseudo-Aristeias esteja além dos limites do círculo judeu. Uma posição semelhante defende o próprio Thackeray:

O objeto principal [do autor da carta] é magnificar a nação Judaica aos olhos do mundo Grego narrando a honra que lhe fora concedida por um monarca Grego e o louvor que lhe fora dado por lábios pagãos. Esta tendência apologética é vista mais claramente na longa exposição dada por Eleazar do ‘significado interior da Lei’ (§ 171) com relação à comida pura e impura.⁶

O trecho a que se refere está compreendido entre as seções 128 e 171, nas quais o sumo-sacerdote Eleazar explica algumas regras da lei dietária dos judeus.⁷ Sua preocupação é mostrar que as leis judaicas a este respeito não são arbitrárias, uma vez que possuem significados alegóricos que vão além de regulações alimentares. Em um primeiro momento, o personagem explica a razão da divisão entre animais puros e impuros, dando o exemplo dos seres alados (*ptená*): Os pássaros puros limpam-se diariamente e alimentam-se de trigo e sementes, enquanto os pássaros proibidos são ferozes, comedores de carne e aos outros subjagam pela força, causando muitos transtornos aos animais e aos homens (§ 145-146). O judeu deve imitar o modo de vida dos pássaros puros e rejeitar o modo de vida opressor e violento dos pássaros impuros. Assim, observando nos animais considerados limpos virtudes a imitar e nos impuros vícios a rejeitar, o intérprete da Lei descobre o “sentido interno” dos mandamentos e sabe que “debaixo de cada um há uma razão profunda”.⁸

Semelhante é o argumento que elabora mais adiante a respeito da permissão de consumir animais ruminantes e casco fendido: de alguma forma, o fender dos cascos representa a capacidade de discriminar, de conduzir as ações tendo em vista um fim bom (§ 150); e ainda afirma dos judeus que

...também por causa disso somos distinguidos de todos os homens. Pois a maior parte dos demais homens profanam-se a si mesmos misturando-se, realizando uma grande maldade, e tanto regiões como cidades inteiras se exaltam disso. Pois não somente constituem [Segundo a leitura de Thackeray] os homens, mas também as que geraram e ainda as filhas profanam (§ 151-152).⁹

⁵ PFEIFFER, Robert H. **History of New Testament Times**: with an Introduction to the Apocrypha. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1949, p. 225.

⁶ THACKERAY, 1903, p. 338.

⁷ Levítico 11 e Deuteronômio 14.3-21 são os textos do Pentateuco dedicados às leis dietárias do povo de Israel.

⁸ “καὶ καθ’ ἕνα καὶ ἕνα ἔχει λόγον βαθύν”

⁹ “ἔτι δὲ καὶ διότι παρὰ πάντας ἀνθρώπους διεστάλμεθα. οἱ γὰρ πλείονες τῶν λοιπῶν ἀνθρώπων ἑαυτοὺς μολύνουσιν ἐπιμισγόμενοι, συντελοῦντες μεγάλην ἀδικίαν, καὶ χῶραι καὶ πόλεις ὅλαι σεμνύνονται ἐπὶ τούτοις. οὐ μόνον γὰρ {προάγουσι} τοὺς ἄρσενας, ἀλλὰ καὶ τεκούσας ἔτι δὲ θυγατέρας μολύνουσιν”

Aqui o sumo-sacerdote parece inclusive ligar esta interpretação com uma lei alimentar específica à lei das relações sexuais ilícitas¹⁰. Dado o contexto de produção da carta, não é difícil imaginar que a crítica seja dirigida aos pagãos que conviviam com os judeus em Alexandria. Através do método interpretativo alegórico de Eleazar, Pseudo-Aristeias pode desenvolver uma defesa dos costumes dos judeus e dos seus mandamentos aparentemente sem sentido.

Entretanto, o louvor à Torá e ao modo de vida dos judeus não pode partir apenas da boca de judeus, principalmente na hipótese de este escrito ser prioritariamente apologético. Para Schürer¹¹, o valor da obra não está na história da tradução da Septuaginta em si, mas na forma como a exaltação do judaísmo que a perpassa cativa os seus personagens pagãos. O “todo da obra” é, por assim dizer, avaliado em termos do elogio que os judeus recebem dos pagãos Ptolomeu e Aristeias. Um destes elogios está registrado no comentário do Rei às respostas dadas pelos sábios judeus durante um simpósio:

E depois o Rei os saudou e encorajou em alta voz, com os presentes aclamando conjuntamente, principalmente os filósofos. Pois tanto no portar-se quanto no falar eram superiores a eles [os filósofos], uma vez que faziam de Deus o ponto de partida [de suas respostas] (§ 235).¹²

Desta forma, a Carta eleva a sabedoria judaica aos olhos de seu leitor, uma vez que não apenas membros da comunidade dos Judeus enaltecem seu modo de vida, mas o Rei e os próprios representantes do sistema de pensamento grego, além do narrador que pretende ser grego, elogiam os sábios que por sua vez representam o que Jerusalém pode oferecer de melhor.

Mas este processo de enaltecimento do judaísmo não é suficiente para que comprove que o objetivo principal da Carta de Aristeias seja apologético. Outros objetivos, como será visto adiante, beneficiam-se também desta estrutura. Parece que o ponto principal a ser debatido em seu aspecto apologético seja o público a quem a obra é endereçada. Em um primeiro momento, este seria os pagãos que a carta menciona.

Beavis¹³ observa que o tratamento dispensado aos gregos não é em geral negativo, embora sejam feitas críticas através da boca do sacerdote Eleazar ao culto do herói (§ 135-137). Em uma fala dirigida por Aristeias ao Rei Ptolemaico pedindo que este liberte os judeus que seu pai escravizara em campanhas militares, Pseudo-Aristeias deixa passar um elogio à religião grega destacando seu monoteísmo:

¹⁰ Levítico 18.

¹¹ SCHÜRER, Emil. **Geschichte des jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu Christi**: Das Judentum in der Zerstreuung und die jüdische Literatur. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1898. 3 v, p. 468.

¹² “Μετὰ μείζονος δὲ φωνῆς πάντας αὐτοὺς ὁ βασιλεὺς ἠσπάζετο καὶ παρεκάλει, συνεπιφωνούντων τῶν παρόντων, μάλιστα δὲ τῶν φιλοσόφων. καὶ γὰρ ταῖς ἀγωγαῖς καὶ τῷ λόγῳ πολὺ προέχοντες αὐτῶν ἦσαν, ὡς ἂν ἀπὸ θεοῦ τὴν καταρχὴν ποιούμενοι.”

¹³ BEAVIS, M. A. L. Anti-Egyptian Polemic in the Letter of Aristeeas 130-165 (The High Priest's Discourse). **Journal For The Study Of Judaism In The Persian, Hellenistic, And Roman Period**, Leiden, v. 18, n. 2, p.145-151.

Pois estes [os judeus] adoram o Deus fundador e supervisor de tudo, o qual todos [adoram], nós inclusive, ó Rei, chamando-o de Zeus ou Dis¹⁴; pois assim os primeiros apontavam claramente através de quem são geradas e recebem vida todas as coisas, este que tudo lidera e domina (§ 16).¹⁵

Desta forma o autor aproxima judeus e gregos através da religião, considerando ser o mesmo o deus adorado pelos dois povos, ainda que sob nomes distintos. Aos judeus cabe, entretanto, a observância da Lei, inclusive em suas orientações alimentares. “Essas práticas, como vimos, são consideradas pelo sumo-sacerdote como defensoras dos judeus face às ‘pessoas sem valor’”.¹⁶

Mas a aproximação firmada entre judeus e gregos significa que a defesa não pode ser contra estes últimos; o outro grupo ao qual a Carta se refere são os Egípcios, um povo que o narrador (através da fala do judeu Eleazar) chama de “grandemente vaidosos” (*polumatáios*), que não adoram um deus apenas, mas são teriólatras. Para Beavis, o desejo do autor é justificar a razão pela qual os judeus observam leis estranhas e aparentemente arbitrárias com o fim de distingui-los dos egípcios e aproximá-los dos gregos. Isto se deve ao fato de que tanto egípcios quanto judeus eram vistos com suspeição pelos gregos, e suas manifestações religiosas, encaradas com espanto.¹⁷ Tanto judeus quanto egípcios compartilhavam de certas práticas em comum; ambos povos se abstinham de comer determinadas carnes; mas através da interpretação de Eleazar o autor afirma que diferentemente dos egípcios que não comem a carne dos animais que adoram, as restrições judaicas se baseiam na pureza ou impureza das carnes, e esta, por sua vez, em um significado alegórico que lhe confere um outro nível lógico.

Segundo esta interpretação, a Carta de Aristeias pode ser entendida como um documento apologético com o objetivo de defender o povo judeu da acusação de que sua religião seria semelhante à dos egípcios nativos que com eles conviviam em Alexandria. A respeito do seu público alvo, é possível que a obra fosse voltada a um grupo dentro do judaísmo que pretendesse abandonar as práticas da Lei defendidas através de Eleazar. “Entretanto, à luz do filelenismo concentrado de *Aristeias*, parece provável que o autor esperasse alcançar pelo menos alguns leitores gregos com seu relato do ritual judaico”.¹⁸

¹⁴ Thackeray (1903) aponta um jogo de palavras nesta passagem. As duas formas acusativas de Zeus, *Zéna* e *Diá*, são derivadas respectivamente do verbo *záo* (viver) e da preposição *diá* (através), e estas se encaixam na frase “[aquele] através de quem são geradas e recebem vida todas as coisas”

¹⁵ “τὸν γὰρ πάντων ἐπόπτην καὶ κτίστην θεὸν οὗτοι σέβοντα, ὃν καὶ πάντες, ἡμεῖς δέ, βασιλεῦ, προσονομάζοντες ἑτέρως Ζῆνα καὶ Δία· τοῦτο δ’ οὐκ ἀνοικείως οἱ πρῶτοι διεσήμαναν, δι’ ὃν ζωοποιῶνται τὰ πάντα καὶ γίνεται, τοῦτον ἀπάντων ἡγεῖσθαί τε καὶ κυριεύειν.”

¹⁶ BEAVIS, *ibidem*, p. 147.

¹⁷ BEAVIS, *ibidem*, p. 149.

¹⁸ BEAVIS, *ibidem*, p. 151.

2. A CARTA DE ARISTEIAS COMO DOCUMENTO CONCILIADOR VOLTADO AO POVO JUDEU

Embora alguns dos primeiros críticos tenham lido a Carta de Aristeias como documento apologético, esta não foi a interpretação exclusiva dada ao texto. Tcherikover¹⁹ representa uma leitura mais recente e objeta a ideia de que o público-alvo da carta seja formado por leitores gentios; entre seus argumentos, destaca que embora houvessem escritos anti-judaicos tão antigos quanto o século II a.C., seu auge (com uma maior necessidade do desenvolvimento de apologias) dar-se-ia apenas no início da dominação romana, tornando mais improvável que Pseudo-Aristeias tivesse em mente o desejo de defender seu povo e religião. Além disso, o já discutido discurso do sumo-sacerdote Eleazar trata de questões específicas demais para o interesse geral dos pagãos, que estariam mais curiosos em relação a leis acerca da guarda do sábado, circuncisão e a restrição com relação ao consumo de carne suína.²⁰

Como alternativa à leitura de viés apologético, Tcherikover propõe analisar a obra do ponto de vista das necessidades judaicas.²¹ O documento está repleto de referências à literatura grega clássica e do período helenista, e é possível identificar nas séries de jantares entre o Rei e os sábios judeus (§187-300) uma forma de simpósio de perguntas e respostas seguindo modelos platônicos.²²

Enquanto Schürer considera que os elogios recebidos pelos judeus da parte do Rei Ptolomeu são essenciais para construir uma defesa da fé judaica que a reveste da credibilidade dada por autoridades pagãs, Tcherikov considera ingenuidade pensar que um grego pudesse ser convencido pela propaganda que Pseudo-Aristeias colocou na boca de um governante helenista. Ao seu ver, o público que o autor da Carta tem em mente são os judeus, e sua esperança é tornar os judeus simpáticos ao helenismo forjando uma simpatia da parte dos gregos por tudo que é judaico.²³

De muitas formas pontes são erigidas entre as convicções judaicas e a filosofia grega, entendida à época como sabedoria humana universal. As respostas dos sábios judeus no simpósio são marcadamente alheias à comentários exclusivamente judaicos; ao mesmo tempo, todas elas mencionam Deus, mesmo na forma de um aposto ao final de um argumento, de modo que o judaísmo da Carta de Aristeias torna-se apenas a síntese entre filosofia e o monoteísmo²⁴ (que Pseudo-Aristeias já tornou característica da religião grega). Mesmo a tradução da Torá do hebraico para o grego (ponto trabalhado mais adiante) será entendido será entendido como “o bilhete de entrada ao mundo da cultura Grega e sociedade Grega”.²⁵ A Torá é o que identifica o povo judeu, e seus preceitos são gerais o bastante

¹⁹ TCHERIKOVER, V. The Ideology of the Letter of Aristeas. *The Harvard Theological Review*, Cambridge, v. 51, n. 2, p.59-85, abr. 1958.

²⁰ TCHERIKOVER, 1958, p. 60-62.

²¹ TCHERIKOVER, 1958, p. 63.

²² TCHERIKOVER, 1958, p. 64.

²³ TCHERIKOVER, 1958, p. 68.

²⁴ TCHERIKOVER, 1958, p. 71.

²⁵ TCHERIKOVER, 1958, p. 77.

(mesmo em regras bastante específicas) para serem proveitosas a todos os homens, e por isso não pode ser abandonada.

3. A CARTA DE ARISTEIAS COMO FORMA DE INVESTIR AUTORIDADE À SEPTUAGINTA

Para um documento que se propõe a tratar da tradução da Torá do hebraico para o grego, o espaço destinado especificamente para o processo de tradução e seus resultados é relativamente pequeno, ocupando a seção que vai de 301 a 307, enquanto outras seções como a descrição de Jerusalém (§ 83-120) e a narrativa do simpósio (§ 187-300) ocupam juntas um terço da obra. Esta desproporção foi notada por Parente²⁶, que propõe que a história da tradução da LXX seja apenas um pretexto para a apresentação de outros temas.

Entretanto, a importância da Carta de Aristeias para a recepção da Septuaginta não pode ser minimizada. Agostinho de Hipona utilizou a Carta de Aristeias como base para afirmar a autoridade e inspiração da Septuaginta. Adicionando à história da carta, o bispo de Hipona afirma que não apenas as versões feitas por cada tradutor foram comparadas entre si para que fosse escolhida a melhor, mas ao serem comparadas não haviam diferenças entre as versões:

É dito, de fato, que houve um acordo em suas palavras tão maravilhoso, estupendo, e claramente divino, que quando haviam sentado para este trabalho, cada um separado (pois assim agradara a Ptolomeu testar-lhes a fidelidade), eles diferiram um do outro em nenhuma palavra que tivesse o mesmo significado ou força, ou na ordem das palavras; mas, como se os tradutores fossem um, assim tudo que traduziram foi um, pois em cada ato o Espírito Único esteve neles todos.²⁷

Apesar dessa adição, a forma como narra a história da tradução da LXX segue, em todos os demais pormenores, o que é encontrado na Carta de Aristeias, e para este teólogo cristão o resultado não deveria ser minimizado: a tradução grega fora inspirada, tanto quanto o original hebraico, de modo que mesmo as partes constantes na Septuaginta que não estivessem nos manuscritos hebraicos teriam sido revelados por Deus como se os tradutores convocados por Eleazar a pedido de Ptolomeu fossem profetas.²⁸

Uma das correntes que analisa o objetivo da Carta de Aristeias olha para este resultado alcançado por Agostinho: através de vários artifícios textuais, Pseudo-Aristeias compôs uma história que justifica a autoridade da Septuaginta para uso litúrgico entre os judeus, inclusive como substituição das escrituras hebraicas. É possível analisar que apesar do pouco espaço destinado ao processo de tradução da Torá, este ocorre no final de uma sucessão de eventos que são as bases sobre as quais se constrói a ideia de inspiração do texto. Hacham entende

²⁶ PARENTE, 1971, p. 179.

²⁷ AGOSTINHO. *City of God*, XVIII, p. 42.

²⁸ AGOSTINHO, *City of God*, XVIII, p. 43.

que a narrativa construída por Pseudo-Aristeias é paralela em muitos pontos ao livro do Êxodo²⁹, e ao seu ver a intenção do autor resulta desta hermenêutica.

Como já foi anteriormente mencionado, há uma sessão no início da Carta (§ 12-27), logo após Ptolomeu receber o informe da existência da Torá para tradução na qual Aristeias intercede junto ao Rei em favor dos judeus escravizados no reino Ptolemaico. O rei recebe de bom grado o pedido e ordena o resgate e libertação dos judeus. Repete-se, portanto, o tema de libertação de Israel no Egito, resguardada uma óbvia diferença: a boa disposição do Rei Ptolemaico contrasta profundamente com a indisposição do Faraó³⁰; Hacham recorda, entretanto, que é comum em escritos próprios da diáspora retratar as autoridades estrangeiras simpáticas e favoráveis ao povo judeu.³¹ Fora isso, existem várias semelhanças entre as narrativas: tanto no Êxodo (12.37) quanto em Pseudo-Aristeias (§ 12-14) os números de israelitas/judeus libertos é grande; em ambos relatos a libertação vem através de ordem do rei (ainda que por diferentes motivos); nos dois relatos não apenas os homens como também as crianças são libertos (Êx 10.9, Pseudo-Aristeias § 27), etc; mesmo o fato de que as ordens de Ptolomeu foram carreadas em sete dias (prazo impossível para um decreto ser cumprido no Egito Ptolemaco) podem significar uma ajuda divina para a libertação dos escravos assim como no Êxodo.³² Após a libertação dos escravos judeus, ainda pode-se acrescentar que ao enviar uma comitiva para Jerusalém, Ptolomeu presenteia o Templo com uma mesa e tigelas descritas em linguagem comparável à de Êxodo 25.23-30 (§ 51-82).

É claro que a tradução da Torá para o grego ocupa posição de destaque entre as possíveis comparações. Através da ação dos setenta e dois tradutores, a Torá é traduzida e lida ao povo judeu que se encontrava em Alexandria, cuja reação é reconhecer que a versão grega fora traduzida “em tudo acuradamente” (katá pán ekriboméno), e, portanto, não deveria receber nenhuma revisão (§ 310). Além disso, os judeus pronunciaram uma imprecisão contra quem pretendesse alterar o texto acrescentado ou omitindo algo do que fora escrito (§ 311). Partindo do livro de Êxodo para Deuteronômio, semelhante alerta é dado por Moisés referente à Lei recebida.³³ A intenção clara do autor da Carta é demonstrar que, dessa forma a Septuaginta deve ser guardada permanente e imperecível (aénnaa kaí ménonta).

Através destas comparações, Hacham supõe, é construído um “segundo Êxodo”, no qual os judeus não são libertos do Egito *para Canaã*, mas do Egito *para o Egito*; em sua leitura, o objetivo maior de Pseudo-Aristeias é legitimar a vida da colônia judaica no Egito, assim como através dos eventos de Êxodo é legitimada a futura vida na terra prometida.

²⁹ HACHAM, Noah. The Letter of Aristeas: A New Exodus Story? *Journal For The Study Of Judaism In The Persian, Hellenistic, And Roman Period*, Leiden, v. 36, n. 1, p. 1-20, 2005.

³⁰ Êxodo 7.13-14.

³¹ HACHAM, 2005, p. 5.

³² HACHAM, 2005, p. 7.

³³ Deuteronômio 4.2

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso considerar que a aceitação de um destes objetivos como principal por parte de um leitor não exclui os outros de possuírem validade ou serem compreendidos como secundários ao propósito prioritário. A dificuldade de identificação do objetivo principal da Carta e de seu público-alvo reside, em grande parte, na dinâmica ambígua construída entre judeus e grego. Ao mesmo tempo que estabelece um tom helenizante, o autor mantém que os judeus possuem uma lei que os separa “como uma muralha de ferro” das outras nações.

As forças que Pseudo-Aristeias precisa equilibrar são a atração do mundo grego e a pureza da religião judaica, ao mesmo tempo construindo pontes entre eles e mantendo-os distintos o bastante para que o judaísmo não perca sua identidade. Ainda que sua narrativa tenha sido romantizada, o conteúdo da carta importa não apenas para o estudo da literatura judaico-cristã, mas é representativa dos tipos de mudanças, concessões e posicionamentos que uma tradição religiosa pode assumir em face de um mundo novo e constantemente cambiante.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **City of God**. Disponível em:

<<http://www.newadvent.org/fathers/120118.htm>>. Acesso em: 1 jan. 2019.

BEAVIS, M. A. L. Anti-Egyptian Polemic in the Letter of Aristeas 130-165 (The High Priest's Discourse). **Journal For The Study Of Judaism In The Persian, Hellenistic, And Roman Period**, Leiden, v. 18, n. 2, p.145-151, dez. 1987. Disponível em:

<<https://www.jstor.org/stable/24657907>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

HACHAM, Noah. The Letter of Aristeas: A New Exodus Story? **Journal For The Study Of Judaism In The Persian, Hellenistic, And Roman Period**, Leiden, v. 36, n. 1, p.1-20, 2005.

Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24669546>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

PARENTE, Fausto. La Lettera di Aristeia come Fonte per la Storia del Judaismo Alessandrino durante la Prima Metá del Sicolo I a.C. **Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa: Classe di Lettere e Filosofia**, Pisa, v. 2, n. 1, p.177-237, dez. 1971. Semestral. Disponível em:

<<https://www.jstor.org/stable/24301574>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

PFEIFFER, Robert H. **History of New Testament Times**: with an introduction to the apocrypha. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1949, 561 p.

SCHÜRER, Emil. **Geschichte des jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu Christi**: Das Judentum in der Zerstreung und die jüdische Literatur. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1898. 3 v.

TCHERIKOVER, V. The Ideology of the Letter of Aristeas. **The Harvard Theological Review**, Cambridge, v. 51, n. 2, p.59-85, abr. 1958. Disponível em:

<<https://www.jstor.org/stable/1508930>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

THACKERAY, H. St. J. Translation of the Letter of Aristeas. **The Jewish Quarterly Review**, Filadélfia, v. 15, n. 3, p.337-391, abr. 1903. Trimestral. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1450624>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

IRMÃO ANDRÉ: O MISSIONÁRIO PIONEIRO ÀS IGREJAS PERSEGUIDAS DO SÉCULO XX

Brother Andrews: the pioneer missionary to the churches persecuted in the
20th century

Guilherme Wurster¹
Lucas Simões Albino Dias²

RESUMO

O presente artigo apresentou a vida e o ministério do Irmão André, missionário reconhecido mundialmente por transportar Bíblias para os países comunistas na segunda metade do século XX, com o intuito de auxiliar e capacitar a Igreja perseguida. Inicia-se o texto com um breve histórico de sua vida, conversão e chamado ao ministério. Expõe-se relatos de sua infância até o enfrentamento de guerras, bem como o trabalho desenvolvido por ele nos lugares onde passou. Também é apresentado relatos de suas experiências em muitas viagens. Evidencia-se no artigo que, o trabalho deste homem resultou na fundação da organização Portas Abertas, agência missionária que auxilia as igrejas perseguidas em todo o mundo.

Palavras-chaves: Bíblia. Igreja perseguida. Portas Abertas.

ABSTRACT

This article presents the life and ministry of Brother Andrew, a missionary recognized worldwide for transporting Bibles to communist countries in the second half of the twentieth century, to assist and empower the persecuted Church. The text begins with a brief history of his life, conversion, and call to ministry. It exposes reports from his childhood to the end of wars and the work developed by him in the places where he passed through. There is also an account of his experiences on many trips. It is evident in

¹ Bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: guilhermewurster@outlook.com

² Bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: lucasdias.7@hotmail.com

the article that this man's work resulted in the foundation of the organization Open Doors. This missionary agency assists persecuted churches around the world.

Keywords: Bible. Persecuted Church. Open Doors.

INTRODUÇÃO

A análise sobre o trabalho com cristãos perseguidos não é completa se não for levado em conta o nome de Anne van der Bijl, conhecido em muitos países como Irmão André. Holandês de nascença, adquiriu visibilidade global, visto que seu trabalho alcançou inúmeras nações e seu legado inspirou outros missionários a fazerem dos povos perseguidos o seu campo missionário.

Em uma época de grandes mudanças políticas e econômicas no mundo, André recebeu o chamado de Deus e se colocou à disposição para trabalhar nos países onde o Evangelho era reprimido, e muitas vezes proibido. Em todos os anos de atuação percebeu a mão de Deus e as portas sendo abertas. Passou por fronteiras consideradas rígidas, com carregamentos de Bíblias e alcançou igrejas isoladas, que reprimidas, encontravam-se à beira de desistir.

Sua história foi marcada por momentos de dor e dificuldade, mas sobretudo por momentos em que um homem deixou de lado suas dificuldades, lutas e egoísmo, e viu Deus fazer a obra. A vida de André e sua esposa Corrie é a prova viva do agir de Deus, a fim de que a mensagem seja levada a todos os povos. Em situações inexplicáveis, onde a razão humana bate de frente com a fé, encontra-se impresso esse relato do contrabandista, do servo que viu Deus cegar exércitos e autoridades, a fim de que os olhos do povo fossem abertos para as verdades do Evangelho.

Pouco ainda se escreveu sobre a vida e o ministério de Irmão André, sendo as principais fontes disponíveis, os livros escritos pelo próprio André e artigos do site da Missão Portas Abertas. Boa parte da falta de material se deve ao fato da história de André ser muito recente, tendo seus principais eventos ocorrido a menos de 70 anos atrás, após a Segunda Guerra Mundial e antes da Queda do Muro de Berlim.

Em 2019, Irmão André completou 91 anos, tendo passado por mais de 125 países, registrando mais de 1 milhão de milhas em viagens, para dar suporte a igreja perseguida. Em todo tempo de seu ministério, de mais de 70 anos, André nunca teve uma Bíblia confiscada e foi preso somente três vezes por causa do Evangelho.³ Mas Deus sempre esteve ao seu lado, abrindo as portas para que ele cumprisse o seu propósito, não por mérito seu, mas para a honra e glória de Deus.

Desta maneira, o presente artigo apresentará a vida e a obra de Irmão André, desde a sua humilde origem no interior da Holanda, até a crescente e constante forma com que Deus o quebrantou, moldou e usou, para que desta forma, ele se tornasse um servo devidamente apresentado para trabalhar no auxílio aos cristãos perseguidos pelo partido comunista em diferentes países no século XX, dando origem a organização Portas Abertas.

³ PORTAS ABERTAS. **91 anos do Irmão André**. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/91-anos-do-irmao-andre>>. Acesso em: 29 out. 2019.

1. BREVE BIOGRAFIA DE IRMÃO ANDRÉ

Deus age de formas surpreendentes e diversas para despertar aqueles para o qual Ele tem um plano. No caso do Irmão André, Deus usou de seu anseio constante por aventuras, característica presente em sua infância durante a Segunda Guerra Mundial, e de sua busca por uma trajetória de vida única, para endurecer o seu coração frente ao contato nu e cru com os horrores da guerra, e quebrantá-lo logo em seguida com as verdades do evangelho. Através do conhecimento de Jesus Cristo e da salvação André pôde ser transformando por completo, seguindo um rumo em sua vida nunca antes imaginado. Esse é o caminho que os pontos seguintes evidenciarão.

1.1 A origem, infância e juventude do Irmão André

Irmão André nasceu no dia 11 de maio de 1928,⁴ no pequeno vilarejo de Sint Pancras, na Holanda, em uma família atípica. Seu pai, um ferreiro parcialmente surdo, e sua mãe, uma dona de casa semi-inválida, com seus 5 irmãos, sendo um deles autista.⁵

Sua casa era uma das menores do vilarejo em que viviam,⁶ e apesar da família ser grande, com quatro filhos e duas filhas,⁷ e não possuir muitos recursos financeiros, a porta estava sempre aberta para receber pessoas necessitadas, mesmo que isso significasse racionar a comida.⁸

O final de semana da família era marcado pela ida para a igreja protestante do vilarejo. Devido a surdez do seu pai, eles sempre sentavam no primeiro banco da igreja, mas como o banco era pequeno para a família inteira sentar junta, André sentava nos fundos da igreja, onde podia aproveitar para dar uma escapada quando o culto começava. Enquanto fora do culto na igreja, André passeava, observava a natureza, e quando os lagos estavam congelados, esquiava. Quando o culto terminava, André voltava para a igreja e se posicionava ao lado do pastor, para escutar os comentários que as pessoas faziam para ele. Desse modo, André conseguia uma espécie de resumo do sermão.⁹

A infância de André foi repleta de molecagens e seus vizinhos, bons cristãos, eram seus alvos preferidos. Certa vez, enquanto a Sra. Whetstra assava biscoitos no forno, André pegou um painel de vidro, subiu no telhado e tapou a chaminé, para assim encher a casa deles toda com a fumaça.¹⁰

⁴ PORTAS ABERTAS. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/91-anos-do-irmao-andre>>. Acesso em: 29 out. 2019.

⁵ BERGE, Janet e Geoff. **Irmão André: o agente secreto de Deus**. Almirante Tamandaré: JOCUM Brasil, 2007, p. 9-12.

⁶ ANDRÉ, Irmão; SHERILL, John e Elizabeth. **O contrabandista de Deus: a missão de um homem que mudou o mundo**. São Paulo: Missão Portas Abertas, 2019, p. 17.

⁷ BERGE, 2007, p. 12.

⁸ ANDRÉ; SHERILL, 2019, p. 17.

⁹ ANDRÉ; SHERILL, 2019, p. 19-21.

¹⁰ BERGE, 2007, p. 9-11.

Nem a ocupação da Holanda por parte dos nazistas em maio de 1940¹¹, e a colocação de um quartel general no vilarejo, uma semana depois, fez André parar de se divertir. No auge de seus doze anos, ele se considerava como parte da resistência aos alemães, colocando açúcar no tanque de gasolina dos carros e largando fogos de artifício e rojões na frente do quartel general alemão. Atazanar, para então correr e se esconder dos soldados nazistas que foram designados a ir para Sint Pancras, era outra diversão de André.¹²

Mas conforme a guerra se intensificou, André foi parando com as brincadeiras ao viver na pele os horrores da guerra. Em 1942, jovens passaram a ser recrutados para o exército alemão e André, com 14 anos, fugia para os pântanos juntamente com outros rapazes e homens. Em 1943, a luz havia sido cortada, e havia tanta escassez de alimentos que as pessoas comiam as algas dos pântanos. Finalmente, em 1944 os americanos se juntaram aos aliados na operação denominada dia D, para começar a inverter a vantagem nazista na Europa. Em 1945, os nazistas saíram da Holanda, e a Segunda Guerra Mundial chegou ao seu fim.¹³

André, então com 17 anos, estava sendo pressionado por sua família a procurar um emprego. Mas ele não tinha muitas opções, já que não completou seus estudos por causa da ocupação nazista. André não queria seguir a profissão de seu pai, mas queria algo maior para sua vida.¹⁴

A guerra na Europa havia terminado, mas as Índias Orientais Holandesas – como se chamava a Indonésia na época – começou uma rebelião armada para se tornar independente da Holanda, que respondeu mandando soldados para combater os rebeldes.¹⁵ André foi um dos jovens que se alistaram no exército.¹⁶ Em novembro de 1946, ele se despediu de sua família e recebeu uma Bíblia de sua mãe, com o pedido de que a lesse. Essa seria a última vez que ele a veria, e a Bíblia demoraria um longo tempo para ser lida.¹⁷

Ao chegar a Jacarta, capital da Indonésia, deparou-se com um calor sufocante, tanto devido ao clima tropical úmido, como pelo grande número de vendedores ambulantes,¹⁸ que vendiam de tudo, desde frutas, a macacos. Certa vez, inclusive, ele comprou um gibão.¹⁹ André logo descobriu que a guerra dava adrenalina, mas que esta vinha com um alto custo. O custo de vidas. André tornou-se frio em matar. E ele não matou somente rebeldes nos dois anos que esteve na Indonésia. No calor da batalha, chegou a matar civis. Para desviar os pensamentos, André e seus parceiros bebiam.²⁰

¹¹ GESSAT, Rachel. **1940: Alemanha inicia a ofensiva ocidental**. Berlim, 2016. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1940-alemanha-inicia-ofensiva-ocidental/a-322567>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

¹² ANDRÉ; SHERILL, 2019, p. 25-30.

¹³ BENGÉ, 2007, p. 33-38.

¹⁴ ANDRÉ; SHERILL, 2019, p. 31-32.

¹⁵ SANTIAGO, Emerson. **Império Colonial Holandês**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/imperio-colonial-holandese/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

¹⁶ WORTES, David Nicholas. **Brother Andrew Biography**. Disponível em: <<https://www.inspirationalchristians.org/evangelists/brother-andrew-biography/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

¹⁷ ANDRÉ; SHERILL, 2019, p. 36.

¹⁸ BENGÉ, 2007, p. 43-44.

¹⁹ ANDRÉ; SHERILL, 2019, p. 37.

²⁰ ANDRÉ; SHERILL, 2019, p. 40-41.

Os soldados andavam por entre o caos da guerra na Indonésia. Caminhões passavam todas as manhãs recolhendo corpos.²¹ A única coisa que mantinha André minimamente humano neste ambiente animalesco, era a troca de cartas com seus correspondentes e, principalmente, seu relacionamento com o seu gibão, que o acompanhou fielmente nos dois anos na Indonésia.²²

Em 1949 André levou um tiro em seu tornozelo,²³ e teve de ser internado no Hospital Franciscano de Jacarta. O tempo que André ficou internado foi crucial não somente para a sua recuperação, mas para a sua fé. O modo de agir das freiras franciscanas foi um gatilho que despertou em André a curiosidade de saber mais sobre o amor de Deus. Em 2 meses, André leu inteiramente a Bíblia de sua falecida mãe, que foi ao hospital com seus pertences.²⁴ Assim chegou ao fim seu tempo na Indonésia e se iniciou a sua jornada de vida com Deus. Três anos após o embarque de um jovem aventureiro para a Indonésia, voltava um homem maduro, marcado pela guerra, em um navio-hospital. A vida de André havia mudado.²⁵

1.2 A conversão e o chamado missionário de André

André, com 21 anos, precisou frequentar um hospital para reabilitação e terapia ocupacional, em uma cidade que ficava a mais de 100 quilômetros de distância de seu vilarejo. Em todo o tempo que frequentou o hospital, André não tocou mais na Bíblia de sua mãe.²⁶

Em setembro de 1949, ele, juntamente com outros rapazes do hospital, foi para um culto de avivamento, porém com um detalhe: ele e seus amigos estavam bêbados. Mas mesmo bêbado, uma música em especial tocou o coração de André, cujo refrão era: “Deixa meu povo ir”.²⁷

No outro dia, mesmo com ressaca, André resolveu pegar a Bíblia de sua mãe para ler. E o que antes lhe eram passagens nubladas e frias, agora tinham cor e sentido. Nos dias que se passaram, André devorou as Escrituras Sagradas.²⁸

Após ser dispensado do exército, comprou uma bicicleta e passou a frequentar as igrejas vizinhas do seu vilarejo, não importando a denominação, desde que fosse centrada na Bíblia, anotando a tudo que aprendia nos sermões e relendo os versículos, aplicando-os a sua vida.²⁹

Sua família estranhou esta mudança brusca de seu comportamento em relação ao cristianismo. Seu pai até julgava ser neurose por causa da guerra. Estaria ele se tornando um fanático religioso?³⁰ Em uma noite de um rigoroso inverno de 1950, André não conseguia

²¹ ANDRÉ, Irmão. **Edificando um mundo em ruínas**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1985, p. 48.

²² ANDRÉ; SHERILL, 2019, p. 41-46.

²³ ANDRÉ; SHERILL, 2019, p. 41-47.

²⁴ BERGE, 2007, p. 58-59.

²⁵ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 53.

²⁶ BERGE, 2007, p. 67.

²⁷ ANDRÉ, SHERRIL, 2019, p. 61-62.

²⁸ ANDRÉ, SHERRIL, 2019, p. 61-62.

²⁹ BERGE, 2007, p. 70-71.

³⁰ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 63-64.

dormir, pois só pensava no rumo que sua vida havia tomado.³¹ Deitado em sua cama, André entregou totalmente a sua vida a Deus, com uma simples oração: “Senhor, se tu me mostrares o caminho, eu o seguirei. Amém”.³² Era este desprendimento de si que André necessitava. Pela primeira vez ele se sentia uma pessoa limpa, uma pessoa nova.³³

Na primavera de 1950, André e um amigo foram para Amsterdã ouvir um evangelista holandês. Em seu apelo, o evangelista disse que havia um jovem rapaz na plateia que entregaria sua vida para o campo missionário. André e seu amigo se levantaram. Após o culto, o evangelista lhes convidou a pregarem o Evangelho em sua própria cidade. No sábado seguinte André estava no centro do vilarejo, dando o seu testemunho de salvação para praticamente todo os moradores locais. Ele contou como o fardo que ele carregava desde a Guerra da Indonésia, foi entregue ao Senhor.³⁴

Neste meio tempo, André passou a trabalhar em uma fábrica de exportação de bombons.³⁵ Como a chama missionária estava acesa em sua vida, ele transformou o trabalho na fábrica em seu campo missionário, levando muitos colegas a Cristo.³⁶ A transformação foi tanta que os funcionários cantavam hinos e liam a Palavra no expediente.³⁷ E para manter vivo seu sonho de ser um missionário, André comprava livros de teologia e fazia aulas de inglês com uma professora do seu vilarejo.³⁸

Mas apesar de todos estes avanços missionários, André entendia que Deus tinha um campo maior para a sua vida. Por isso, buscou entrar na vaga da escola de missões da Cruzada da Evangelização Mundial. Em 1953, André recebeu a resposta de que poderia ir se houvesse espaço no alojamento masculino.³⁹

Para angariar fundos para a sua viagem a Londres, André vendeu os poucos bens que possuía. Porém surgiram dois problemas: o primeiro foi que o inglês que ele aprendeu com sua professora do primário não era o inglês correto; e o segundo problema é que a vaga na escola não havia se materializado e ele deveria entrar na turma de 1954. Mas como já havia comprado a passagem, André despediu-se de seus familiares e embarcou no ônibus rumo a Londres.⁴⁰

Ao chegar na sede da missão em Londres, com uma leve dificuldade linguística, André recebeu a notícia de que poderia ficar lá momentaneamente, se pintasse a parede externa do prédio. Ele ficou por dois meses nesta função, enquanto aproveitava para aprender corretamente o inglês.⁴¹

³¹ BERGE, 2007, p. 72.

³² ANDRÉ, 1985, p. 35.

³³ BERGE, 2007, p. 73.

³⁴ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 68-70.

³⁵ ANDRÉ, 1985, p. 44.

³⁶ BERGE, 2007, p. 79.

³⁷ ANDRÉ, 1985, p. 45.

³⁸ BERGE, 2007, p. 79.

³⁹ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 82-89.

⁴⁰ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 82-89.

⁴¹ BERGE, 2007, p. 85-87.

Em setembro de 1953, André recebeu a vaga para estudar na escola de treinamento missionário de Glasgow, na Escócia.⁴² Lá, André, além de estudar, desenvolveu um pequeno campo missionário nas favelas da cidade.⁴³

Os semestres foram de grande valia para André, mas passaram ligeiro. E em todos eles, Deus o supriu e o sustentou em todas as suas necessidades.⁴⁴ Ao chegar ao fim dos seus estudos, André não sabia para onde ir. Quando desceu para o porão para procurar sua mala, deparou-se com uma revista propaganda da conferência da juventude comunista que seria realizada na Varsóvia, capital da Polônia, com o intuito de demonstrar o poder do comunismo.⁴⁵ A juventude comunista contava com 97 milhões de membros, que não estavam sendo alcançados pelo cristianismo, mas sim pelo comunismo.⁴⁶ André viu ali a chance de levar Cristo para um país que fora deixado de lado pelos cristãos, assim começando o seu ministério.⁴⁷

2. O MINISTÉRIO DO IRMÃO ANDRÉ

O mundo do século XX estava conturbado. Diferentes ideologias pós-guerra lutavam por um espaço de atuação. Muitos países da época estavam sob o controle do comunismo. A Europa estava dividida pela chamada Cortina de Ferro, uma barreira que isolava politicamente, culturalmente e economicamente estes países das outras nações vizinhas. O comunismo avançava na China e na América Central. Onde todos viam as portas se fechando para os cristãos, Irmão André viu uma oportunidade, uma verdadeira porta aberta, para socorrer a igreja perseguida nos países dominados pelo partido comunista. Essa visão e caminhada do Irmão André é o assunto que este ponto discorrerá.

2.1 Cortina de Ferro

A Cortina de Ferro foi um termo cunhado pelo primeiro ministro britânico Winston Churchill, para identificar a linha imaginária que separava a Europa Ocidental da Oriental, comandada pela União Soviética, no final da Segunda Guerra Mundial, pelo fato de os líderes comunistas evitavam que seus países sofressem qualquer tipo de contaminação externa ao regime.⁴⁸

Ao longo de suas viagens para a Cortina de Ferro, André passou a formar a imagem da igreja que estava sob o governo comunista da Cortina de Ferro. Ele dividiu os países comunistas europeus em um círculo externo e interno, de acordo com o nível da perseguição religiosa que ele presenciava quando visitava cada país. Polônia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Hungria e a Alemanha Oriental ainda possuíam uma certa liberdade religiosa. Já Romênia,

⁴² BERGE, 2007, p. 88.

⁴³ ANDRÉ, 1985, p. 80-81.

⁴⁴ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 102-112.

⁴⁵ BERGE, 2007, p. 97.

⁴⁶ ANDRÉ, Irmão. **Não há portas fechadas**. Belo Horizonte: Betânia, 1977, p. 79.

⁴⁷ TUCKER, Ruth A. **Missões até os confins da Terra: uma história biográfica**. São Paulo: Shedd, 2010, p. 566.

⁴⁸ BERGE, 2007, p. 99.

Bulgária, Albânia⁴⁹ e a própria Rússia sofriam maiores perseguições dos governos comunistas.⁵⁰

André não via o comunismo como barreira para a proclamação do Evangelho. Já em sua primeira viagem para um país comunista, ele viria a cumprir a missão, que o guiaria por todo o seu ministério: fazer a ponte entre a igreja perseguida e os cristãos livres.⁵¹

2.1.1 Círculo externo da Europa comunista

2.1.1.1 Polônia

A primeira viagem de André para a capital da Polônia foi em 1955, junto com cerca de 30.000 estrangeiros que foram ver o chamado “paraíso dos trabalhadores”. Ao chegarem lá, foram levados para ver a reconstrução comunista da Varsóvia, depois da quase destruição total por parte dos nazistas. Porém, era tudo fachada, pois o grupo visitava somente o lado bonito da cidade, visto que, se eles sássem da rota organizada pelo governo, veriam a miséria e a desumanidade em que vivem os moradores locais.⁵²

Quando teve a oportunidade, André saiu da rota da excursão e foi a esmero, entregar livretos cristãos, e buscar achar resquícios do cristianismo na Polônia:⁵³

Lembro-me sempre daquela viagem porque eu era o único cristão rodeado de comunistas, a ponto de visitar um mundo do qual eu não sabia nada a respeito (...). Encontramos igrejas e uma sociedade bíblica que eram desconhecidas para nós. Também descobri que existia uma enorme falta de Bíblias, mas havia muito entusiasmo. Foi lá que um pastor disse: ‘André, você estar aqui significa mais de 10 dos melhores sermões’. Eu sabia que não poderia pregar muito bem, mas podia estar lá!⁵⁴

André visitou muitas igrejas, e percebeu que na Polônia haviam duas igrejas: a que cooperava com o governo, e a que buscava manter-se fiel a Cristo. André deparou-se também com uma livraria bíblica, que continha diversas Bíblias, algumas em inglês, outras em russo:⁵⁵

O diretor da Sociedade Bíblica contou-me histórias de contrabandistas profissionais que iam à sua loja, compravam dez Bíblias em russo e as contrabandeavam na fronteira da Rússia e ganhavam muito dinheiro. Algo despertou em mim. Pensei: ‘Se as pessoas, incrédulas, fazem isso por amor

⁴⁹ ALBÂNIA - A Albânia era um país tão fechado a influência externa, que companheiros de André só conseguiram entrar naquele país em 1966, através de uma excursão de duas semanas, organizada por uma agência de viagens francesa. Não haviam Bíblias em albanês, e não havia nem uma língua unificada para traduzir a Bíblia, somente dialetos. Os companheiros de André levaram folhetos nos dialetos albaneses, mas nem os cristãos locais aceitavam estes folhetos, por serem estrangeiros. A viagem foi muito infrutífera. IN: ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 334-339.

⁵⁰ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 199.

⁵¹ TUCKER, 2010, p. 566.

⁵² ANDRÉ, 1985, p. 15.

⁵³ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 120-121.

⁵⁴ PORTAS ABERTAS. **Irmão André comenta a queda do Muro de Berlim**. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/tas200906noticia5710>>. Acesso em: 30 out. 2019.

⁵⁵ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 123-125.

ao dinheiro, se arriscando de tal forma, quanto mais nós, devemos ir e levar as Bíblias para os russos'. Foi aí que a primeira semente foi plantada.⁵⁶

André se perguntava porque não havia nenhum missionário trabalhando com o povo cristão de trás da Cortina de Ferro.⁵⁷ Lendo a passagem de Apocalipse 2, *“Esteja atento! Fortaleça o que resta e que estava para morrer”*⁵⁸, André entendeu que deveria ser o pioneiro nesta empreitada.⁵⁹

Na volta para a Holanda, André palestrou em vários lugares sobre o que vira no sistema comunista, em especial, relacionado aos cristãos.⁶⁰ Ao fim de uma de suas palestras, uma nova oportunidade aparece para André, ele foi convidado para participar de uma viagem para conhecer outro país escondido pela Cortina de Ferro: a Tchecoslováquia.⁶¹

2.1.1.2 Tchecoslováquia

A viagem para Praga, capital da Tchecoslováquia, era organizada pelo governo, para mostrar a alguns estrangeiros selecionados, as “maravilhas” do comunismo, inclusive na dimensão religiosa.⁶² O governo pregava que havia liberdade religiosa, mas André deparou-se com uma tremenda escassez de Bíblias. Ao invés do governo proibir a Bíblia, ele anunciou uma nova tradução, que nunca era publicada.⁶³ Esta falta de Bíblias se refletia nas igrejas. Os irmãos que possuíam Bíblias, as erguiam, para que o máximo de pessoas pudessem acompanhar a leitura. O mesmo acontecia com os hinários, muitos que consistiam de cadernos com cópias a mão dos hinos.⁶⁴

A aparente liberdade, era somente uma ilusão, pois o governo controlava a liderança da igreja. Permitiam que somente os favoráveis ao regime estudassem teologia, além de controlar os pastores de duas formas: fazendo-os ter de renovar uma licença a cada dois meses e ter de enviar cada sermão para ser aprovado pelo governo.⁶⁵ Além disso, quem era cristão deveria usar um pequeno cálice de prata, preso em sua lapela, para identificá-lo como cristão, um cidadão de segunda classe, que não poderia ter bons empregos e nem ir para a Universidade.⁶⁶

Foi na Tchecoslováquia, a primeira vez que André levou saudações por parte dos cristãos holandeses, para então enviar as saudações por parte de Cristo, já que ele, um estrangeiro,

⁵⁶ PORTAS ABERTAS. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/tas200906noticia5710>>. Acesso em: 30 out. 2019.

⁵⁷ ANDRÉ, 1985, p. 15.

⁵⁸ NVI, Bíblia. **Bíblia de Estudo NVI**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

⁵⁹ BERGE, 2007, p. 109.

⁶⁰ TUCKER, 2010, p. 566.

⁶¹ BERGE, 2007, p. 110-111.

⁶² ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 134-136.

⁶³ TUCKER, 2010, p. 566.

⁶⁴ BERGE, 2007, p. 114.

⁶⁵ BERGE, 2007, p. 115.

⁶⁶ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 140.

estava proibido de pregar, mas não de enviar saudações.⁶⁷ Porém, como André havia escapado do grupo de excursão, foi proibido de entrar novamente naquele país.⁶⁸

Ao voltar para a Holanda, André passou a ver com as embaixadas dos países comunistas a possibilidade de visto para então poder chegar aos outros cristãos da Cortina de Ferro.⁶⁹ Também começou a receber ofertas de leitores de seus artigos sobre a igreja perseguida. André queria viajar novamente para trás da Cortina de Ferro, e através de uma resposta de oração, começou a fazer carteira de motorista, mesmo sem possuir veículo próprio ou dinheiro para comprar um.⁷⁰

Em 1956, devido a revoltas comunistas, uma onda de pessoas desiludidas com o comunismo se abrigou em campos de refugiados na Áustria e na Alemanha Ocidental. André, foi com um grupo para estes campos, ajudar os refugiados, levando roupas, comida e remédios, aproveitando a oportunidade para também pregar o Evangelho e dar aulas bíblicas. Enquanto estava nos campos de refugiados, duas más notícias lhe chegaram: uma que seu pai falecera, e outra era que seu visto de missionário para a Iugoslávia havia sido negado.⁷¹

Mas depois da tempestade, veio a bonança. André recebeu confirmações de suas orações. A primeira foi que seu visto de professor para a Iugoslávia fora aceito, e a segunda foi um presente que marcaria seus anos seguintes de ministério: o fusca azul. Esse carro veio pelas mãos dos Whetstra, seus vizinhos de Sint Pancras, que passaram a ser colaboradores assíduos de suas viagens missionárias.⁷²

2.1.1.3 Iugoslávia

No ano de 1957, foi a primeira vez que André estava entrando em um país comunista sem ser convidado. Ele estava levando em sua bagagem Bíblias e folhetos em eslavo e croata, o que lhe custaria a prisão se fosse pego, por se tratar de propaganda estrangeira proibida.⁷³

Foi na fronteira com a Iugoslávia que André, pela primeira vez de muitas, fez a oração do Contrabandista de Deus,⁷⁴ feita quando se aproximava da fronteira de um país comunista, com o intuito de poder levar a Palavra de Deus para trás da Cortina de Ferro e não ser impedido pelos homens:⁷⁵

Senhor, na minha bagagem tenho as Escrituras que quero levar para seus filhos. Quando você estava na terra, você fez os olhos cegos verem. Agora, eu oro, torne os olhos cegos. Não deixe que os guardas vejam essas coisas que você não quer que eles vejam.⁷⁶

⁶⁷ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 139.

⁶⁸ BERGE, 2007, p. 117.

⁶⁹ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 143-145.

⁷⁰ BERGE, 2007, p. 119-121

⁷¹ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 148-152.

⁷² ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 153-154.

⁷³ BERGE, 2007, p. 126-127.

⁷⁴ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 157.

⁷⁵ ANDRÉ, 1977, p. 122-123.

⁷⁶ OPEN DOORS. **Brother Andrews Story**. Disponível em:<<https://www.opendoorsusa.org/about-us/history/brother-andrews-story/>>. Acesso em: 31 out. 2019.

Após os guardas revistarem completamente a bagagem do fusca, e até mesmo verem os panfletos cristãos, por algum motivo, não dando atenção a eles, autorizaram a entrada de André no país.⁷⁷ Seu visto era válido por cinquenta dias, que foram gastos em reuniões com a igreja local, distribuição da Palavra, e pregação – seis mensagens em um mesmo domingo – não importando a igreja, seu tamanho, distância ou denominação. Por todos os lugares que André passava, grandes multidões se ajuntavam para ouvi-lo.⁷⁸

Os cristãos iugoslavos gozavam de uma maior liberdade ao norte do país, enquanto ao sul, sofriam maior perseguição, onde os jovens eram os maiores alvos da doutrinação comunista.⁷⁹ Em Belgrado, capital da Iugoslávia, o problema era a escassez de Bíblias, em uma igreja somente sete pessoas, possuíam Bíblia, incluindo o pastor. Foi presenciando este problema, que André definiu definitivamente a missão de sua vida: levar a Palavra de Deus para os cristãos perseguidos.⁸⁰

Ao voltar para a Holanda, André começou a construir um relacionamento com Corrie Van Dam, que naquela época, estava terminando um curso de enfermagem. Desde o tempo que ela trabalhava com André na fábrica de chocolate, ele a admirava, por sua fé e personalidade amorosa. André havia recebido o visto para entrar na Hungria, mas antes de ir, pediu Corrie em casamento, pedindo que ela orasse e pensasse sobre o caso, enquanto ele estava fora, já que a vida de Corrie, sendo esposa de missionário, seria uma vida abnegada e não muito atraente.⁸¹

2.1.1.4 Hungria

Quando chegou a Budapeste, capital da Hungria, André deparou-se com um governo húngaro opressor contra a igreja: pastores haviam sido presos; só era permitida a pregação a aqueles que passavam nas exigências governamentais; questões essenciais do cristianismo, como a salvação, e a divindade de Cristo, foram proibidas por serem consideradas superstições religiosas; e, para vigiar as ações da igreja, por muitas vezes a polícia secreta húngara, se fazia presente nos cultos.⁸²

Parte da Igreja Húngara se dobrou as fortes exigências do governo, mas algumas igrejas acharam formas de driblar estas proibições. Uma estratégia era pregar o Evangelho em casamentos e funerais. André, enquanto por lá esteve, usava destas estratégias, além da sua estratégia padrão de enviar saudações da parte da Holanda.⁸³

Nesta viagem em particular, André estava mais nervoso do que o normal, não somente pela questão da polícia secreta, mas principalmente, por causa da resposta que Corrie daria a seu pedido de casamento. Chegando a Holanda, André foi comprar alianças de casamento em uma joalheria, pois Corrie havia aceitado seu pedido de casamento. Eles se casaram em no dia

⁷⁷ BERGE, 2007, p. 129-130.

⁷⁸ BERGE, 2007, p. 131-132.

⁷⁹ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 160-161.

⁸⁰ TUCKER, 2010, p. 566.

⁸¹ BERGE, 2007, p. 134-135.

⁸² ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 184-187.

⁸³ BERGE, 2007, p. 136-137.

27 de junho de 1958.⁸⁴ André levou Corrie ao acampamento de refugiados da Alemanha Ocidental para ajudá-lo na distribuição de roupas aos necessitados. Ele seguiu viagem, rumo a fronteira da Alemanha Oriental, onde desejava visitar a igreja local. Corrie, devido ao seu ofício de enfermeira, ficou no campo dos refugiados, tratando das questões de saúde e higiene.⁸⁵

2.1.1.5 Alemanha Oriental

O lado oriental da Alemanha, ainda sofria muito com os resquícios da Segunda Guerra Mundial. Além da propaganda comunista, havia fome e silêncio por parte da cativa população. Mas apesar da doutrinação e coerção constante, havia tamanha liberdade religiosa, que André não vira parecido em outro país comunista.⁸⁶

Mas a liberdade também era ilusória. O Estado, percebendo que não conseguiria bater de frente com as igrejas, passou a oferecer cerimônias semelhantes as religiosas, mas sob a direção estatal. Eram cerimônias como casamento e funeral, todas gratuitas e que marcavam não uma etapa religiosa, mas um passo do indivíduo na sociedade socialista.⁸⁷ Apesar da desmoralização da igreja por parte do governo, as igrejas alemãs tinham abundância de Bíblias e possibilidade de se reunir abertamente. Por isso, André instou a igreja alemã a acordar, e buscar contra-atacar a ofensiva governamental. Aproveitar a liberdade que eles tinham dentro do país, para proclamar o Evangelho.⁸⁸

Ao voltar para Berlim Ocidental, André recebeu o visto para entrar na Romênia e na Bulgária, dois países mais a dentro da Cortina de Ferro. André e Corrie voltaram para Sint Pancras, onde haviam feito a base missionária, na casa de seu pai. Corrie estava grávida, mas como havia chegado uma remessa de Bíblias romenas e búlgaras da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, André partiu para mais uma viagem, levando a Palavra de Deus para os irmãos perseguidos, desta vez, no círculo interno da Europa comunista.⁸⁹

2.1.2 Círculo interno da Europa comunista

2.1.2.1 Bulgária e Romênia

Para chegar na Bulgária, André precisaria passar pela Iugoslávia, mas devido a problemas com o visto, teve de fazer um grande desvio para chegar ao seu destino. Foi uma de suas maiores viagens pela Europa. Foram quase 3000 km dirigidos com o fusca azul, passando por Itália, Grécia e Turquia, para finalmente chegar a Bulgária.⁹⁰

Chegando lá, André deparou-se com duas igrejas: uma igreja que era aberta, mas manipulada pelo governo, e a igreja verdadeira, que se mantinha escondida, resistindo ao

⁸⁴ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 192-194.

⁸⁵ BERGE, 2007, p. 139-140.

⁸⁶ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 201-203.

⁸⁷ BERGE, 2007, p. 140.

⁸⁸ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 207-209.

⁸⁹ BERGE, 2007, p. 142-143.

⁹⁰ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 218-220.

estado ateu controlador. Foi para esta igreja, que ele levou as Bíblias que havia trazido. Quando o seu visto no país expirou, André seguiu para a Romênia.⁹¹

Foi na fronteira com a Romênia em 1959, que André teve uma de suas maiores experiências. Após ver que os guardas paravam todos os carros a frente para revistá-los, André imaginou que seria preso, por portar propaganda estrangeira. Foi então que teve uma ideia ousada: deixar as Bíblias a vista. Quando foi sua vez de passar pelo crivo dos guardas, como por um milagre, o guarda não revistou o carro, somente olhou para o passaporte de André e o mandou passar.⁹²

André nunca mentia sobre o que levava na bagagem, apesar de muitas vezes encobrir ou desviar a atenção dos guardas para o conteúdo que ele trazia. Porém, Deus sempre o livrava com pequenos milagres, como o passado por ele na fronteira com a Romênia.⁹³ Em 1974, ao lembrar destes fatos, André disse:

Quando passo com muitas Bíblias numa fronteira destas, e algo de extraordinário acontece, poderíamos chamar aquilo de coincidência. Mas já faço isso há dezoito anos, o tempo todo, com minhas equipes e sempre acontece alguma coisa que distrai os guardas, e, às vezes, até pensamos que não nos viram, ou não viram nossa bagagem. Ninguém pode chamar a isso de coincidência. É uma operação miraculosa ou intervenção divina.⁹⁴

Enquanto o governo búlgaro controlava os cristãos através de registros, a técnica do governo romeno era agrupar as igrejas. Eles agrupavam denominações, templos e horários de cultos. Muitas pessoas paravam de frequentar a igreja pela inconveniência de ter de viajar longe para chegar em uma igreja unificada.⁹⁵

Outra coisa que dificultou para o trabalho de André na Romênia, foi a desconfiança dos locais. Foi difícil para ele achar algum contato de confiança, com quem pudesse deixar as Bíblias que havia trazido.⁹⁶

Uma semana após André voltar para a Holanda, seu primeiro filho, Joppie, nasceu, no dia 4 de junho de 1959. Com seu nascimento a família decidiu se mudar para uma casa maior. Nos anos seguintes o casal teve três filhos e duas filhas.⁹⁷ Foi neste período que André passou a oficializar as missões que já vinha desempenhando, assim assumindo a alcunha de “Irmão André”, nome pelo qual era conhecido pelos irmãos nos países por onde passava. Ele passou também a cogitar a formação de um grupo, um número maior de pessoas que o acompanhariam nas viagens e fariam em outros lugares o que ele já vinha fazendo.⁹⁸

⁹¹ BERGE, 2007, p. 147.

⁹² ANDRÉ, 1977, p. 107-108.

⁹³ OPEN DOORS. Disponível em: <<https://www.opendoorsusa.org/about-us/history/brother-andrews-story/>>. Acesso em: 31 out. 2019.

⁹⁴ ANDRÉ, 1977, p. 102.

⁹⁵ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 242-243.

⁹⁶ BERGE, 2007, p. 148.

⁹⁷ PORTAS ABERTAS. **Irmão André completa 80 anos e relembra fatos marcantes**. Disponível em: <<https://portasabertas.org.br/noticias/cristaos-perseguidos/noticia4445>>. Acesso em: 10 dez 2019.

⁹⁸ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 256-260.

2.1.2.2 Rússia

Em 1960, André viajou para a Rússia com um grupo de jovens ocidentais que iriam participar um festival de jovens em Moscou, tal como em sua primeira viagem em 1955. Foram somente duas semanas, mas André aprendeu muito sobre a situação dos cristãos russos.⁹⁹

Como na Romênia, os russos tentavam controlar a igreja com um programa de unificação, e sendo assim, só havia uma igreja protestante em Moscou. Depois desta, a igreja mais próxima só poderia ser encontrada a 170 km de distância da capital. A igreja de Moscou, apesar de ser grande, estava superlotada. Mas como só tinha duas semanas na Rússia, André voltou para a Holanda.¹⁰⁰

Como o trabalho havia crescido, André passou a contar com a ajuda de Hans, holandês piedoso que conhecera nos campos de refugiados. Em 1961, os dois embarcaram em uma viagem rumo a Rússia, desta vez em uma caminhonete Opel, já que o fusca não estava mais com condições de aguentar uma viagem longa, tendo percorrido mais de 200 mil km pela Europa. Eles percorreram 3 mil km, passando pela Holanda, Alemanha, Polônia para então chegar em Moscou.¹⁰¹ Eles levavam algumas Bíblias em russo, além de outras em ucraniano e em outros idiomas.¹⁰²

Chegando a Moscou, André e Hans fizeram contato com um cristão de uma igreja na Sibéria, onde haviam 150 membros, mas nenhuma Bíblia. Bíblias em russo não eram muito comuns, ainda mais por serem Bíblias grandes, devido ao tamanho dos caracteres do idioma russo. Foi para este contato que eles enviaram mais de 100 volumosas Bíblias em russo que eles haviam trazido.¹⁰³

2.1.2.3 Ucrânia

André e Hans foram para a Ucrânia, para distribuir as Bíblias em ucraniano. Lá, André maravilhou-se ao encontrar uma Bíblia de bolso ucraniana em um pequeno vilarejo. Foi então que teve a ideia de imprimir pequenas cópias da Bíblia em eslavo e russo, para assim poder carregar 3 ou 4 vezes mais do que ele levava naquela viagem. O único impedimento para a impressão, era a questão do custo.¹⁰⁴ Após fazer orçamentos com algumas sociedades bíblicas, André chegou ao valor de aproximadamente 15 mil dólares para fazer a impressão. O problema era que ele não tinha este dinheiro, ainda mais com os filhos para sustentar.¹⁰⁵

Em 1963, André e Corrie decidiram vender a sua casa, comprada com muito sacrifício, pois parecia ser a única forma de levantar o dinheiro necessário para as Bíblias de bolso. Mas para a alegria deles, não precisaram vender a casa, pois a Sociedade Bíblica Holandesa

⁹⁹ BERGE, 2007, p. 152-154.

¹⁰⁰ BERGE, 2007, p. 152-154.

¹⁰¹ BERGE, 2007, p. 152-154.

¹⁰² ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 270-271.

¹⁰³ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 270-271.

¹⁰⁴ BERGE, 2007, p. 155-159.

¹⁰⁵ ANDRÉ, 1985, p. 24.

financiou o projeto das Bíblias de bolso. André precisaria somente pagar o estoque comprado.¹⁰⁶

Assim, o trabalho continuou se expandindo. André em 1964, tinha mais um companheiro de viagem, Rolf, e um segundo veículo: uma van, que foi preenchida completamente com Bíblias de bolso em russo, a primeira edição própria de André, tendo Moscou como destino.¹⁰⁷

2.2 Cortina de Bambu e Cuba

André não imaginara que um dia ele pudesse ir a China. Ele achava que a entrada na China era praticamente impossível. Mas, quando passou a receber informações de que havia cristãos lá, André começou a ter esperança de um dia poder ministrar aos irmãos chineses.¹⁰⁸

A China era um país comunista diferente dos países europeus, pelo fato de ter sido um país bastante evangelizado nos séculos anteriores. Os missionários que lá estavam, foram expulsos do país somente após a Revolução Chinesa de 1949, quando Mao Tse-Tung criou a República Popular da China.¹⁰⁹

No ano de 1965, André recebeu o visto para fazer a primeira viagem para trás da Cortina de Bambu, o correspondente na Ásia da Cortina de Ferro.¹¹⁰ A entrada no país com Bíblias chinesas foi praticamente fácil, porém a maior dificuldade que André achou foi distribuir estas Bíblias.¹¹¹

Quando os comunistas tomaram o poder da China, eles não somente expulsaram os missionários que estavam lá, mas conseguiram quase que por completo destruir a igreja cristã do país. Além de os pastores estarem proibidos de evangelizar, de ensinar religião ou de pregar sobre o dízimo, domingo, cura ou segunda vinda de Cristo, os comunistas criaram uma espécie de igreja estatal, denominada Movimento Patriótico das Três Autonomias. Esta soma de fatores enfraquecia a igreja chinesa.¹¹²

Apesar de livrarias cristãs poderem funcionar, elas pareciam mais uma espécie de museu, pois apesar da liberdade, ninguém se interessava pelo cristianismo. Os únicos que se mantinham fiéis a Cristo eram os mais idosos. Os jovens foram convertidos ao estado.¹¹³ A China foi o primeiro país visitado por André, onde não houve resultados aparentes. A igreja estava morrendo. Perdeu a guerra contra o estado comunista.¹¹⁴

Um ano após a ida de André a China, Mao Tse-Tung iniciou a Revolução Cultural. Qualquer pessoa que tivesse estudado era um alvo em potencial. Milhares de pessoas foram mortas ou presas. E esta revolução atingiu também a igreja.¹¹⁵

¹⁰⁶ BERGE, 2007, p. 161.

¹⁰⁷ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 304-305.

¹⁰⁸ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 309-310.

¹⁰⁹ BERGE, 2007, p. 163.

¹¹⁰ TUCKER, 2010, p. 567.

¹¹¹ BERGE, 2007, p. 164.

¹¹² BERGE, 2007, p. 164.

¹¹³ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 320-321.

¹¹⁴ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 326.

¹¹⁵ BERGE, 2007, p. 166.

Ao voltar para a Holanda, André começou a terceirizar as viagens para levar as Bíblias para os países da Cortina de Ferro, já que em alguns países, ele não era mais bem-vindo e a equipe de trabalho estava crescendo. A expansão a países fora da Europa passou a ser enxergada como necessidade após essa visita à Ásia, e iniciou-se o processo de inclusão de mais irmãos à equipe, formando uma frente missionária efetiva para todos os países já visitados por André, além de outros que ainda necessitavam de apoio. Enquanto, colegas iam para trás da Cortina de Ferro, André seguiu rumo, junto com Hans, para o único país comunista da América.¹¹⁶

Em 1965, André e Hans entraram em Cuba. Lá, descobriram que não havia falta de Bíblias, e eles poderiam falar abertamente nas igrejas. Mas apesar desta liberdade, a igreja estava sendo perseguida por Fidel Castro de outra forma. Os pastores haviam sido classificados como cidadãos não produtivos na sociedade e, por isso, não recebiam os cupons do sistema para comprar alimentos e roupas. Muitos pastores foram obrigados a trabalharem em grupos de mão de obra, principalmente nos canaviais. Desta forma, o governo comunista pretendia sufocar a Igreja aos poucos, porém, o cenário que André encontrou, foi de uma crescente fome espiritual no povo de Cuba.¹¹⁷

E assim, conforme o trabalho crescia, a equipe aumentava. Em alguns países comunistas, a perseguição contra os cristãos foi se abrandando. André e seus colegas, passaram a visitar todos os países que tinham feito contato, ajudando nas necessidades locais, e até mesmo, comprando veículos para que cristãos dos próprios países pudessem se deslocar no auxílio as igrejas locais.¹¹⁸

3. O IMPACTO DO TRABALHO DO IRMÃO ANDRÉ

O trabalho do Irmão André não foi breve ou superficial, mas pelo contrário, foi relevante e deixou marcas positivas que persistem até hoje. Sua atuação deixou um legado de esforço pelo evangelho e pela proclamação da salvação. Muitas pessoas foram alcançadas através de sua atuação e igrejas fortalecidas pelo seu testemunho. Sua obra resultou em um best-seller, intitulado *O Contrabandista de Deus*, além de possibilitar a criação de uma das maiores agências missionárias do mundo, a *Missão Portas Abertas*. Desta forma, a vida de Irmão André impactou gerações de cristãos, fazendo a ponte entre a igreja livre e a igreja perseguida. Este relato e vivência será descrito no ponto três deste artigo.

Em 1965, André foi aos Estados Unidos atendendo a um convite que lhe fora enviado para pregar lá. Após algumas palestras e cultos, ele encontrou, em uma reunião em Los Angeles, Jhon Sherill, que estava trabalhando no Guideposts de Nova York. Após uma entrevista a Guidepost, John, juntamente com Elizabeth, sua esposa, decidiram escrever um livro contando a história do Irmão André.¹¹⁹ A primeira edição do livro *“O contrabandista de*

¹¹⁶ BERGE, 2007, p. 166.

¹¹⁷ BERGE, 2007, p. 165.

¹¹⁸ ANDRÉ; SHERRIL, 2019, p. 346-348.

¹¹⁹ ANDRÉ, 1985, p. 123-124.

Deus” foi lançada em 1967. O livro que conta sobre a vida e o ministério do Irmão André, tornou-se um best-seller rapidamente.¹²⁰

O ministério do Irmão André, que tinha ficado praticamente oculto até o lançamento do livro, trouxe-lhe visibilidade. Cristãos do mundo inteiro passaram a querer contribuir com o seu trabalho. Mas em oposição, o livro o tornou um homem marcado pelas autoridades comunistas, e com isso, o impossibilitou de viajar para muitas nações comunistas.¹²¹ Mesmo após mais de 50 anos depois do lançamento da primeira edição, o livro continua a ser vendido. São mais de 12 milhões de exemplares vendidos em mais de 40 idiomas.¹²²

Conforme o ministério crescia, os escritórios se expandiam para além da Holanda, alcançando os Estados Unidos, Inglaterra e a Ásia. Nisto, André viu a necessidade de dar um nome ao ministério que estava se formando. Como referência a Apocalipse 3.8, que dizia: “*Eis que coloquei diante de você uma porta aberta que ninguém pode fechar*”, André deu o nome para o ministério iniciado por ele de *Missão Portas Abertas*.¹²³

Em 1981, a *Missão Portas Abertas* fez uma de suas mais notórias ações: o projeto *Pérola*. Através da ajuda de um ex-fuzileiro naval, a *Portas Abertas* levou mais de duzentas toneladas de Bíblias, embaladas em recipientes a prova d’água, dos Estados Unidos para Hong Kong, e de lá, para o sudoeste da China. A operação teve uma precisão militar e um custo de seis milhões de dólares. Segundo a revista Time, foi a “maior operação desse tipo na história da China”.

Algumas pessoas foram contrárias a esta operação, pois cerca de 20 mil chineses que ajudaram a operação, acabaram presos, e o governo estreitou a vigilância contra o Evangelho, mas houve resultados positivos, já que quase todas as Bíblias foram entregues com sucesso, e muitas outras pessoas financiaram novos grandes empreendimentos de contrabando de Bíblias.¹²⁴

Em 1985, os países comunistas da Europa Oriental foram se tornando mais abertos para as questões do Evangelho. Muito desta abertura ocorreu por causa da iniciativa de Mikhail Gorbachev, novo líder da União Soviética. Ele instaurou uma série de reformas de abertura e reestruturação, para buscar desfazer a estagnação econômica comunista e repressão política, que já existia há 70 anos. A abertura foi tanta, que Gorbachev permitiu que a *Portas Abertas* doasse um milhão de Bíblias russas em comemoração ao milésimo aniversário da Igreja Ortodoxa Russa.

Em 1989 o Muro de Berlim, que dividia a Berlim Oriental da Ocidental desde 1961, foi derrubado. Este foi um dos maiores marcos da história mundial, marcando praticamente o fim da Cortina de Ferro.¹²⁵ A missão *Portas Abertas Internacional*, aproveitando o novo

¹²⁰ BERGE, 2007, p. 166.

¹²¹ TUCKER, 2010, p. 567.

¹²² BERGE, 2007, p. 173.

¹²³ BERGE, 2007, p. 167.

¹²⁴ TUCKER, 2010, p. 567-568.

¹²⁵ BERGE, 2007, p. 171.

cenário, empreendeu oficialmente o envio de Bíblias para os países comunistas, agora abertos ao Evangelho.¹²⁶

Eu fui um dos primeiros a atravessar o posto de controle Charlie após ter sido construído em 1961. Tive uma visão horrível quando fomos para o outro lado visitar os cristãos. Eles eram tratados muito mal e havia uma onda de suicídio no país que incluía cristãos e pastores evangélicos. Também estava lá quando o muro caiu. Fiquei muito feliz, mas não quis guardar nenhum pedaço dele porque não quero ter recordação daquele período negro da história.¹²⁷

Em 1991, André viajou para a Albânia, o país mais repressivo ao Evangelho das nações comunistas, encontrando um cenário de extrema liberdade religiosa, podendo pregar para multidões e distribuir abertamente 10 mil cópias do Evangelho de João e 7 mil cópias do Novo Testamento.¹²⁸ Em 1993, foram entregues 50.000 cópias da Bíblia para o presidente da Albânia.¹²⁹

Em 1995, Irmão André deixou a posição de presidente da Missão Portas Abertas, aos 67 anos. André deixou, além de seu legado, três diretrizes que deviam ser seguidas para que a missão cumprisse seu papel: 1) distribuir Bíblias de qualquer forma para países onde eram proibidas; 2) treinar líderes cristãos autóctones em países perseguidos; e 3) apoiar e encorajar os cristãos que sofrem por causa de sua fé.¹³⁰

Durante os seus anos de “aposentadoria”, Irmão André concentrou seus esforços nos países muçulmanos. Ele crê que o islamismo pode ser uma ameaça maior para o cristianismo do que foram os comunistas.¹³¹ “Vocês pensam que o comunismo é difícil, espere até que os militantes islâmicos se levantem”.¹³²

Em 2019, a *Missão Portas Abertas* completou 64 anos de trabalho, auxiliando a igreja perseguida em mais de 60 países. O trabalho passou a não somente levar a Palavra de Deus aos cristãos perseguidos, mas também a desenvolver campanhas de oração, de cartas, distribuição de livros nos idiomas das respectivas nações, além de ajuda socioeconômica e treinamento dos líderes locais, visto que a *Missão Portas Abertas* não envia missionários, mas prepara cristãos autóctones para manter a chama cristã acesa no lugar de origem deles. Assim como foi no começo, o trabalho continua acontecendo através do despertamento, da mobilização, da motivação e da conscientização da igreja livre, para unir-se em auxílio à igreja perseguida.¹³³

¹²⁶ PORTAS ABERTAS. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/tas200906noticia5710>>. Acesso em: 30 out. 2019.

¹²⁷ PORTAS ABERTAS. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/tas200906noticia5710>>. Acesso em: 30 out. 2019.

¹²⁸ BERGE, 2007, p. 171-172.

¹²⁹ PORTAS ABERTAS. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/tas200906noticia5710>>. Acesso em: 30 out. 2019.

¹³⁰ BERGE, 2007, p. 172.

¹³¹ BERGE, 2007, p. 173.

¹³² PORTAS ABERTAS. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/tas200906noticia5710>>. Acesso em: 30 out. 2019.

¹³³ PORTAS ABERTAS. **Portas Abertas Internacional comemora 64 anos.** Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/portas-abertas-internacional-comemora-64-anos>>. Acesso em: 31 out. 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Irmão André foi o pioneiro no auxílio a igreja perseguida, em uma época que os governos faziam de tudo para tentar acabar com as igrejas locais. Destacam-se os governos comunistas, por terem buscado fazer do estado, um deus. Mas o verdadeiro Deus, o Deus da Bíblia, não se dobra para qualquer força, humana ou sobrenatural, mas levanta obreiros que se dispõem a batalhar em um campo, tanto físico, como espiritual, para acabar com o poder das trevas e do pecado, devolvendo a igreja, representante de Deus na terra, o sabor do sal e a capacidade de novamente ser fermento, fazendo assim a igreja influenciar o Estado, e não o contrário.

Ele foi um dos primeiros soldados a aceitar o chamado de Deus para combater esta luta. Através de sua influência, ao longo de anos, Irmão André teve participação ativa na queda do sistema comunista na Europa, e este tem sido o papel da missão por ele fundada, a *Missão Portas Abertas*, de dar poder à igreja perseguida para atuar neste mundo como sal e luz, fazendo assim a diferença na vida de milhares de cristãos.

Irmão André é um exemplo vivo de pessoa que, desde o momento em que descobriu qual era a sua vocação, buscou cumpri-la da melhor forma possível para a honra de Deus, que é fiel, e responde as orações de quem busca depender não de suas forças, mas somente da força Dele. A igreja tem o desafio de absorver esta visão que guiou André, o desafio de acordar para fazer a diferença neste mundo. Nas palavras do Irmão André:

A Igreja perdeu a arte de fazer amizade com pessoas comuns. Jesus andou com os rejeitados. Ele conversava com aqueles com quem ninguém queria falar. Ele amou o pobre e oprimido. Precisamos aprender como fazer isso e parar de esperar por um programa, uma missão ou um avivamento que traga pessoas a Deus. Jesus até foi chamado de amigo dos pecadores e publicanos. Sou apenas uma pessoa normal, filho de um ferreiro que sequer foi para a escola secundária. Se eu posso fazer, qualquer um pode.¹³⁴

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Irmão. **Edificando um mundo em ruínas**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1985. 160 p.

ANDRÉ, Irmão. **Não há portas fechadas**. Belo Horizonte: Betânia, 1977. 132 p.

ANDRÉ, Irmão. **O contrabandista de Deus: a missão de um homem que mudou o mundo**. São Paulo: Missão Portas Abertas, 2019. 391 p.

BENGE, Janet e Geoff. **Irmão André: o agente secreto de Deus**. Almirante Tamandaré: JOCUM Brasil, 2007, 176 p.

GESSAT, Rachel. **1940: Alemanha inicia a ofensiva ocidental**. Berlim, 2016. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1940-alemanha-inicia-ofensiva-ocidental/a-322567>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

¹³⁴ PORTAS ABERTAS. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/tas200906noticia5710>>. Acesso em: 30 out. 2019.

NVI, Bíblia. **Bíblia de Estudo NVI**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

OPEN DOORS. **Brother Andrews Story**. Disponível em: <<https://www.opendoorsusa.org/about-us/history/brother-andrews-story/>>. Acesso em: 31 out. 2019.

PORTAS ABERTAS. **91 anos do Irmão André**. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/91-anos-do-irmao-andre>>. Acesso em: 29 out. 2019.

PORTAS ABERTAS. **Irmão André comenta a queda do Muro de Berlim**. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/tas200906noticia5710>>. Acesso em: 30 out. 2019.

PORTAS ABERTAS. **Irmão André completa 80 anos e relembra fatos marcantes**. 2007. Disponível em: <<https://portasabertas.org.br/noticias/cristaos-perseguidos/noticia4445>>. Acesso em: 10 dez 2019.

PORTAS ABERTAS. **Portas Abertas Internacional comemora 64 anos**. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/categoria/noticias/portas-abertas-internacional-comemora-64-anos>>. Acesso em: 31 out. 2019.

SANTIAGO, Emerson. **Império Colonial Holandês**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/imperio-colonial-holandes/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

TUCKER, Ruth A. **Missões até os confins da Terra: uma história biográfica**. São Paulo: Shedd, 2010. 622 p.

WORTES, David Nicholas. **Brother Andrew Biography**. Disponível em: <<https://www.inspirationalchristians.org/evangelists/brother-andrew-biography/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A MISSÃO INTEGRAL E O PERIGO DOS EXTREMISMOS: A IMPORTÂNCIA DE SE PRESERVAR A INTEGRALIDADE DA MISSÃO

The integral mission and the danger of extremisms: the importance of preserving the integrity of the mission

Cléber Mateus de Moraes Ribas¹

RESUMO

A teologia da missão integral é bíblica e deve ser praticada pelos cristãos. Esta prática deve ocorrer de forma verdadeiramente integral, ou seja, atingindo toda a vida do ser humano. A igreja não pode praticar uma missão incompleta: apenas visar a salvação de almas ou apenas sanar as necessidades dos corpos dos seres humanos. Pelo contrário, cada cristão deve ser agente do Reino, levando a todos a promessa de vida em abundância por meio de fé em Jesus Cristo. Desta forma, no primeiro ponto do presente artigo é abordado o conceito de missão integral, a partir da premissa “o evangelho todo, para o homem todo, para todos os homens”, concluindo-se que a Teologia da Missão Integral é bíblica e, portanto, deve ser praticada. No ponto seguinte, são apresentados alguns perigos de uma missão incompleta com ênfase apenas nas necessidades do corpo ou da alma. Conclui-se que a Teologia da Missão Integral deve ser vista como de fato é: integral. Ou seja, equilibrada e sem extremismos. Por fim, é tratada a necessidade de retorno à integralidade da missão concluindo-se que o cristão é chamado a ser um agente de transformação do mundo em todos os aspectos da vida humana, ou seja, agindo em prol do evangelho e alcançando de forma integral toda a humanidade.

Palavras-chaves: Missão. Evangelho. Assistencialismo. Missão integral.

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e pós-graduando em Design Instrucional pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). E-mail: cleber@batistapioneira.edu.br

ABSTRACT

Integral mission theology is biblical and should be practiced by Christians. This practice must occur in a truly holistic way, reaching the entire life of the human being. The church cannot practice an incomplete mission: only to seek the salvation of souls or merely to meet the needs of the bodies of human beings. On the contrary, each Christian must be an agent of the Kingdom, bringing everyone the promise of life in abundance through faith in Jesus Christ. Thus, in the first point of this article, the concept of integral mission is approached, based on the premise “the whole gospel, for the whole person, for all men,” concluding that the Theology of Integral Mission is biblical and, therefore, it must be practiced. In the next section, some dangers of an incomplete mission are presented only on the needs of the body or soul. It follows that the Theology of Integral Mission must be seen as it is: integral. That is, balanced and without extremism. Finally, the need to return to the integrality of the mission is addressed, concluding that the Christian is called to be an agent of the transformation of the world in all aspects of human life, that is, acting in favor of the gospel and reaching all of humanity integrally.

Keywords: Mission. Gospel. Assistentialism. Integral mission.

INTRODUÇÃO

Jesus veio para dar ao ser humano vida e esta em abundância. Por muitos anos e talvez até séculos a abrangência desta vida plena era vista como sendo restrita à eternidade e não durante a vida terrena do indivíduo – ao menos no campo prático da teologia missiológica. Há alguns anos uma nova visão acerca desta vida prometida por Jesus tem surgido entre os teólogos do mundo inteiro. No entanto, esta ideia precisa ser entendida na totalidade, sem que haja extremismos que afastem os cristãos da missão dada por Deus – a missão integral.

Assim, no presente artigo, inicialmente será analisado o ponto central da Teologia da Missão Integral, a saber, “o evangelho todo, para o homem todo, para todos os homens”.² A seguir serão analisados alguns riscos de se deixar de lado a integralidade da missão para dar ênfase apenas à alma do indivíduo ou então apenas ao seu corpo.

1. A MISSÃO INTEGRAL: ÊNFASE NO HOMEM TODO

Muitos líderes cristãos têm enfatizado em suas pregações a salvação da alma do ser humano perdido e uma promessa de vida eterna. Muitos outros enfatizam a necessidade da ação social por parte do cristão. E assim, há tempos, teólogos defendem a sua posição e por vezes atacam a visão contrária. No entanto, quando o cristão busca sinceramente em sua leitura bíblica que o Senhor mostre a ele qual o Seu desejo, ele será confortado com a vida futura e confrontado com a vida presente e vice-versa. Confortado com a vida futura nas muitas promessas de que os que estão em Cristo terão uma vida eterna no Céu, e confrontado com a presente na necessidade de ser relevante às pessoas ao seu redor. Semelhantemente, confrontado com a realidade futura em dever pensar nas coisas do alto e não nas terrenas, e

² KIVITZ, Ed René. **O evangelho integral**. Disponível em: <<http://edrenekivitz.com/blog/2012/03/evangelho-integral/>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

confortado com a presente ao ter a certeza de que Deus age em todas as coisas para o bem dos que o amam – já agora.

Assim, é perceptível que Deus não está preocupado apenas com o futuro do indivíduo, mas com ele todo e em todo tempo – seu passado necessita de perdão, seu presente de transformação e seu futuro de salvação. Ou seja, o ser humano, sendo alguém com corpo e alma,³ precisa ser tratado como alguém que tem necessidades presentes e futuras. Ele tem carências para sua vida presente bem como para a futura. Ou seja, é necessário o evangelho todo, para o indivíduo todo, para todas as pessoas. E esta é a ideia central da Teologia da Missão Integral.

Robinson Cavalcanti afirma que

...a missão integral inclui cinco itens: evangelismo ('kerigma'), comunhão ('koinonia'), ensino ('diakonia'), serviço e profetismo (estes na 'diakonia'). Denominados 'avenidas da missão' pela Conferência de Lambeth de 1988 dos bispos anglicanos, eles são assim definidos: 1) proclamar o evangelho do reino de Deus; 2) batizar e integrar os convertidos a uma comunidade de fé; 3) ensinar todo o conselho de Deus; 4) despertar no coração dos fiéis respostas de misericórdia às necessidades humanas; 5) denunciar as estruturas iníquas da sociedade, defender a vida e a integridade da criação.⁴

Em outras palavras, a missão integral consiste na visão de que todo o ser humano precisa da ação de Deus em sua vida – *toda* sua vida. Por isso, ela não é apenas uma nova visão acerca do evangelho ou do Ide de Jesus, mas uma proposta de retorno ao todo do Evangelho (sua integralidade). Ela é bíblica, uma vez que prega que o Reino de Deus já chegou. E de fato chegou. E esta ideia busca trazer de volta às mentes dos cristãos a realidade do Reino.

A pregação de João Batista consistia no anúncio da vinda deste Reino. Ele dizia: "Arrependam-se, porque o Reino dos céus está próximo" (Mt 3.2). Este mesmo João reconheceu ser Jesus aquele que viria para restaurar todas as coisas. No entanto, suas expectativas não eram exatamente as que deveriam ser e por isso ele pediu aos seus seguidores que questionassem ao Cristo se ele era aquele que deveria vir ou se ainda haveria outro. A resposta de Jesus não veio com uma palavra afirmativa, mas com aquilo que ele estava fazendo em prol das pessoas que necessitavam de uma ação milagrosa em suas vidas. Ou seja, a manifestação de que ele era o Messias prometido se dava já nas suas ações transformadoras nas pessoas que o buscavam.

O pastor e teólogo Ariovaldo Ramos concorda com esta ideia, ao afirmar que a missão integral recupera "a noção do reino de Deus como um sistema que engloba tudo o que afeta o homem e tudo o que o homem afeta. Reúne, portanto, as questões social, política,

³ Independente de que sejam dispostos em duas ou três partes separadas, ou ainda formem uma unidade, é fato que o ser humano possui corpo e alma e não caberia aqui uma análise mais aprofundada sobre o assunto. Assim sendo, o ser humano será tratado no presente artigo como sendo composto de corpo e alma, embora o autor deste não tenha em mente uma discussão sobre a concepção humana.

⁴ CAVALCANTI, Robinson. **Profetismo**: item esquecido da missão integral. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/335/profetismo-item-esquecido-da-missao-integral/inferno>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

econômica, ética, moral, educacional, trabalhista e jurídica, porque tudo isso afeta o homem e é afetado pelo homem”.⁵

Encontram-se exemplos da missão integral nas ações de Cristo. Não foram poucas vezes em que ele agiu para o bem das pessoas que o cercavam, não apenas espiritualmente, mas também materialmente. As mesmas pessoas que foram curadas e libertas do poder do maligno ou comeram pães e peixes multiplicados milagrosamente também ouviram os ensinamentos de Jesus e ficaram admiradas. Ele compadecia-se das multidões e curava seus doentes, mas também pedia aos discípulos que orassem por mais trabalhadores para a seara.

Ele veio para dar vida e esta em abundância (Jo 10.10). A missão dos cristãos de hoje e do futuro é levar esta promessa de vida abundante a quem se entregar ao senhorio de Cristo. É importante salientar que Jesus não disse algo como: “Eu vim para que tenham vida em abundância após a morte de vocês ou após a minha volta gloriosa”. Pelo contrário, a sua promessa de vida plena começa ainda em vida. O apóstolo Paulo afirma que quem está em Cristo é uma nova criação e que, nisto, tudo se fez novo (2Co 5.17). Ora, tendo o cristão nascido de novo, ele já desfruta de uma vida nova e plena. E é esta vida que ele deve anunciar.

Que grande erro os cristãos têm cometido ao desfrutarem de uma nova vida, transformados por Deus por meio da atuação do Espírito Santo em suas vidas e anunciando apenas uma promessa de vida plena após a morte! Semelhantemente, que grande erro cometem os cristãos que se preocupam exageradamente com a vida presente das outras pessoas e acabam deixando de lado a proclamação de que a vida no Céu é uma certeza aos que creem em Cristo Jesus como Senhor e Salvador. A missão é integral e deve ser posta em prática – e isto ocorre quando os cristãos estão dispostos a fazer discípulos que se colocam totalmente sob a autoridade de Cristo.⁶

Assim sendo, “a missão integral da Igreja não é uma corrente teológica contemporânea, mas a explicitação do conteúdo da missão, conforme o exemplo e o ensino de Jesus Cristo. Ao longo da história, aspectos dessa missão têm sido sub ou superenfaturados”.⁷ Por isso, é necessário analisar os extremos que acabam desviando os cristãos da integralidade da missão: a ênfase na salvação da alma ou nas necessidades do corpo.

2. UMA MISSÃO INCOMPLETA

Uma vez que Cristo prometeu esta vida plena, a missão e a mensagem também devem ser plenas. Por isso, é preciso analisar os erros da missão quando incompleta para abandoná-los e “abraçar” uma missão que seja realmente integral, ou seja, não mais tratando o indivíduo

⁵ RAMOS, Ariovaldo. **Marxismo e missão integral**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/marxismo-e-missao-integral>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

⁶ FÉLIX, Leonardo J. N. **Implicações do discipulado integral**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/implicacoes-do-discipulado-integral/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

⁷ CAVALCANTI, Robinson. **Profetismo**: item esquecido da missão integral. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/335/profetismo-item-esquecido-da-missao-integral/inferno>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

como uma alma sem corpo ou vice-versa e sim como um ser pleno que é completamente amado e cuidado por Deus. Os subpontos que seguem desenvolvem tais questões.

2.1 A ênfase apenas nas necessidades da alma

A missão integral surgiu como uma forma de corrigir a ideia errada de que a promessa de vida plena seria restrita à vida futura em novos Céus e nova Terra, por muito tempo pregada pelos ministros do evangelho. A Igreja buscava encher o Céu, mas não se preocupava em encher os estômagos daqueles que não tinham possibilidades para fazê-lo por conta própria. Assim, a promessa de vida eterna se tornava uma esperança quase que utópica a alguns de que um dia teriam enfim uma vida feliz.

No entanto, não há base nas Escrituras para se entender que o cristão seja selado com o Espírito Santo como marca da promessa e continue vivendo como se nada houvesse acontecido. Pelo contrário, Deus transforma a sua vida de forma plena gradativamente. Não se trata de uma Teologia da Prosperidade, mas uma teologia séria e coerente com as Escrituras, na qual é visível, por exemplo, Jesus curando pessoas que dependiam da caridade alheia para sobreviver ou mesmo seus discípulos que, não tendo ouro ou prata, deram a um deficiente físico o que podiam para que ele tivesse condições de trabalhar e viver de forma digna.

Assim, não é correto que os cristãos reduzam o evangelho à salvação futura, pois devem proclamar a possibilidade de desfrutar já agora as bênçãos de uma vida transformada pela obra de Cristo. Ao responder a Paulo que Sua graça lhe bastava, Deus não estava afirmando que o apóstolo deveria apenas esperar pelo dia de sua morte para então desfrutar uma vida plena, mas que por meio de sua graça ele tinha e continuaria tendo uma vida plena e abundante. Esta graça suficiente não pode ser reduzida à condição de uma graça barata que não é suficiente para a vida atual, mas somente para o futuro. Cavalcanti concorda com isso ao afirmar que

...conservadores não têm problema com o evangelismo, a integração a uma igreja ou o ensino. Porém, nem sempre estiveram livres do reducionismo de uma ‘graça barata’, do sectarismo ou de ensinamentos de escassa (ou nenhuma) base bíblica. Alguns aceitam a necessidade do serviço como ‘isca’ para o evangelismo ou como forma opcional e bondosa de ‘caridade’, enquanto outros pensam que a responsabilidade social é do governo ou que os problemas sociais decorrem apenas de pecados individuais, e a conversão é o que interessa.⁸

A salvação oferecida por Deus em Cristo é muito mais do que uma salvação escatológica, mas também teleológica e antropológica.⁹ É fundamental que o cristão tenha em mente que o cristianismo não é semelhante ao pensamento espírita que crê que almas sem corpo vagam

⁸ CAVALCANTI, Robinson. **Profetismo**: item esquecido da missão integral. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/335/profetismo-item-esquecido-da-missao-integral/inferno>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

⁹ REGA, Lourenço Stelio. Jesus veio para nos salvar e muito mais... **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, n. 2, ano CXIV, p. 15, 12 jan. 2014.

pelo mundo. Ou seja, o cristão não deve se contentar em buscar salvar almas apenas, mas servir aos outros.¹⁰ E este foi o ensinamento de Cristo aos discípulos que ansiavam um lugar de honra no Reino: a necessidade de servir aos outros. Aliás, Jesus resumiu a Lei em dois mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Sendo assim, é necessário amar ao próximo como a si mesmo, ou seja, levar às pessoas famintas a comida que tanto é preciosa e necessária para si, lutar pelos direitos dos outros como deseja que os seus sejam preservados, etc.

É preciso lembrar que muitas almas que os cristãos desejam ver no Céu estão hoje em corpos famintos, doentes, cheios de sofrimentos e sem esperança de uma vida digna no dia de amanhã.¹¹ Conforme Félix,

os problemas do homem em suas várias dimensões precisam ser remediados conforme as suas chagas. Aqueles que estão escravizados pelas drogas, por exemplo, precisam da liberdade espiritual e fisiológica. Essas necessidades precisam ser enxergadas e remediadas por aqueles que estão no mundo para revelarem a misericórdia de Deus. Não pode haver discipulado integral se o homem continuar sendo visto como uma alma perambulando pelo mundo, ou, um corpo destituído de sentimentos e emoções.¹²

Não existem espíritos andarilhos. Existem indivíduos de carne, osso e alma, seres humanos completos – integrais. Logo, eles devem ser vistos nesta totalidade e não apenas em parte.¹³ Segundo Bráulia Ribeiro, os cristãos deveriam construir algo que seja “comunitário, espaço aberto, humano, ativo sete dias por semana reconstruindo a humanidade, porque se Deus nos ama mesmo, ele nos ama inteiros”.¹⁴ Ainda segundo ela,

outro problema nosso é que nossos impérios são ‘nossos’. Temos igrejas em bairros pobres, que me lembram as mesquitas de Cairo. Construir mesquitas é a forma como os muçulmanos ricos agradam a Alá. Nós também, ‘crentes-islâmicos’, agradamos a Deus com templos. Lá ficam nossas igrejas, em favelas e guetos sub-humanos, fechadas durante a semana. Não existem nestes guetos espaço para lazer, para educação, para nada que eleve a condição humana da lama em que mergulha. Mas o templo está lá, subaproveitado, monumento à indiferença de Deus pela humanidade. Deus é evangélico e nos vê quando estamos na igreja, se preocupa com nossa religião, não com nossa barriga vazia ou nossa marginalização social.¹⁵

Assim sendo, os cristãos não são chamados a apenas frequentar cultos, entregar seus dízimos, cantar seus louvores e voltar às suas casas para viverem uma vida egoísta e egocêntrica. Eles são chamados a servir os que ainda não foram alcançados pela graça de Deus

¹⁰ RIBEIRO, Bráulia. **Tem alguém aí em cima?** Viçosa: Ultimato, 2013, p. 119.

¹¹ RIBEIRO, 2013, p. 119.

¹² FÉLIX, Leonardo J. N. **Implicações do discipulado integral.** Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/implicacoes-do-discipulado-integral/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

¹³ FÉLIX, Leonardo J. N. **Implicações do discipulado integral.** Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/implicacoes-do-discipulado-integral/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

¹⁴ RIBEIRO, 2013, p. 120.

¹⁵ RIBEIRO, 2013, p. 120.

(manifesta na sua totalidade, visando à totalidade do ser humano) e a levar a mensagem de transformação e de vida plena oferecida por Cristo. São convocados a sair de suas “zonas de conforto” e partir para o serviço no dia a dia, levando as boas novas do Reino e oferecendo o que possuem para mudar a realidade dos carentes. Muitos cristãos não possuem ouro ou prata, assim como os apóstolos, mas não oferecem o que têm.

Enfim, é preciso buscar o indivíduo todo e não apenas sua alma. Os cristãos devem abandonar as ideias concordantes com os ensinamentos espíritas de almas sem corpos e começar a ver o ser humano em sua totalidade – já agora.

2.2 A ênfase apenas nas necessidades do corpo

É fundamental que a Igreja pense além da ideia de vida plena apenas para o futuro. Ela precisa entender que seres humanos são compostos de alma, mas também de corpo. No entanto, um grande problema que surge é o de partir do extremo da visão única da vida futura para uma fuga dos ensinamentos bíblicos sobre ela. Infelizmente muitos ministros do evangelho têm abandonado a missão integral para cair no extremo de enfatizar apenas as necessidades do corpo ou outros ensinamentos que não são coerentes com a integralidade das Escrituras.

Um primeiro problema é a ênfase exagerada nas necessidades materiais do ser humano. O tema da ação social tem sido muito debatido na sociedade em geral. Católicos, evangélicos, espíritas e outros grupos religiosos têm buscado ser relevantes na sociedade – e não é errado que os cristãos evangélicos o façam, uma vez que são agentes do Reino e arautos da vida plena prometida por Jesus. No entanto, é necessário pensar sobre *como* isso deve ser feito. Por exemplo, as ações em prol de pessoas necessitadas feitas em conjunto por pessoas de várias religiões.

Os cristãos são chamados à missão integral. Esta missão, porém, não pode deixar de ser integral e virar apenas uma missão social. Quando um grupo evangélico se une a um grupo de espíritas, por exemplo, ele está pensando no corpo, mas não na alma. Afinal, será que as pessoas alcançadas por sua ajuda saberão diferenciar entre as doutrinas cristãs e espíritas? Infelizmente é muito comum ver, hoje em dia, líderes evangélicos envolvidos com outros grupos religiosos em causas sociais nas quais não se pode falar de Cristo. Há também organizações filantrópicas criadas por cristãos nas quais não é possível anunciar o perdão dos pecados por meio do sacrifício de Cristo e que somente nele há salvação, até mesmo tendo de aceitar que líderes do espiritismo, candomblé e outras religiões proclamem suas doutrinas nestas organizações. Isto sugere a pergunta: o quanto integral tem sido esta missão?

Ariovaldo Ramos Júnior afirma:

Muito me preocupa a corrente de pessoas que se envolvem com a tentativa de resolver os problemas desta vida, sob o pretexto de estar vivendo um evangelho integral. Sim, eu conheço os conceitos de missão integral e sei que assistencialismo nada tem a ver com isto. Mas também sei que cada vez mais

encontramos gente que desistiu de viver o evangelho da maneira primordial (comunhão constante, confronto intenso e submissão voluntária).¹⁶

Infelizmente tem sido muito comum este ativismo sem cruz. E isto não é missão integral. Os cristãos foram vocacionados não para resolver problemas, mas para levar pessoas a Cristo a fim de que tenham acesso à vida plena que ele promete.¹⁷ É seu dever ensinar a todos quanto for possível que vivam piedosamente pela graça redentora de Jesus.¹⁸ E esta “piedade é, antes de qualquer coisa, devoção às coisas eternas. O cuidado com o próximo, embora imprescindível e parte da fé cristã, não pode jamais passar a ser o PRIMEIRO mandamento”.¹⁹

Isto não pode ser esquecido: o primeiro mandamento se refere a Deus e não ao próximo. Antes de amar ao próximo é necessário amar a Deus. Pessoas sem Cristo podem amar as outras pessoas, mas não amam a Deus. E quando a Igreja se envolve em ações sociais com pessoas que não amam a Deus apenas reflete parte do que deveria refletir. Todo cristão é um agente de Deus e não do próximo. O apóstolo Paulo diz “quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31). Mas será que a glória de Deus é manifesta aos homens quando cristãos e espíritas estão lado a lado fazendo ação social? Ou, como o apóstolo pergunta em 2 Coríntios 6.14, “que comunhão pode ter a luz com as trevas?” E aqui cabe o destaque da forma como a Bíblia na Nova Tradução na Linguagem de Hoje traz o início deste versículo: “Não se juntem com descrentes para trabalhar com eles”. Sendo assim, é importante refletir sobre isto, uma vez que a missão não pode ser parcial, mas deve ser integral.

Um outro grande problema que pode surgir é a ideia do universalismo²⁰. Muitos teólogos defensores da missão integral passaram a defender ideias universalistas. Segundo Robinson Cavalcanti, “na Idade Contemporânea, o malabarismo mental de teólogos liberais forjou um universalismo salvífico, que descolou o Jesus histórico do Cristo de Deus, e terminou vendo ‘a face escondida de Cristo atrás dos orixás...’”.²¹ Ele afirma ainda:

Liberais tendem a não se envolver com o evangelismo, visto pejorativamente como ‘proselitismo’, além de desnecessário para uma soteriologia universalista (todos salvos) em que o batismo e a vinculação à Igreja são algo bom, mas opcional, pois ‘Jesus veio para trazer o reino e não para criar a Igreja’. Para eles, esta é uma instituição transitória, e o ensino deve ser plural e especulativo, pois a Bíblia é uma literatura religiosa humana plena de erros

¹⁶ RAMOS, Ariovaldo. **Crise missiológica**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/crise-missiolologica/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

¹⁷ RAMOS, Ariovaldo. **Crise missiológica**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/crise-missiolologica/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

¹⁸ RAMOS, Ariovaldo. **Crise missiológica**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/crise-missiolologica/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

¹⁹ RAMOS, Ariovaldo. **Crise missiológica**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/crise-missiolologica/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

²⁰ De forma resumida, é possível dizer que o universalismo prega que o inferno existe, mas nenhum ser humano irá para lá, uma vez que Cristo morreu por todos e, por conseguinte, todos serão salvos – mesmo aqueles que não creram em Cristo.

²¹ CAVALCANTI, Robinson. **Mui bíblica missão integral**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/311/mui-biblica-missao-integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

e a verdade revelada absoluta não existe; ensiná-la é fomentar alienação, intolerância, misoginia, sexismo e homofobia.²²

Assim, uma vez que o pensamento universalista enfatiza as obras e ensinamentos sociais de Jesus durante seu ministério em detrimento aos ensinamentos hamartiológicos, soteriológicos e escatológicos de Jesus, aqueles que enfatizam demasiadamente as questões sociais da vida terrena podem ser tentados a abraçar estas ideias.

Um exemplo disso pode ser visto em algumas afirmações ou compartilhamentos em redes sociais de um dos expoentes da Teologia da Missão Integral, Ed René Kivitz, como no compartilhamento de uma frase de autoria de Tereza de Lisieux: “Creio no inferno, mas acredito que está vazio”.²³ Já em seu blog ele afirma:

eu respeito e pratico o direito ao livre exame das Escrituras Sagradas, conquistado pela Reforma Protestante, e, por isso, enquanto respeito o direito do teólogo expressar suas conclusões, discordo do teólogo quando suas considerações sobre o significado de profecias do texto que amo e reverencio, não corresponderem ao que entendo ser uma conclusão pautada pelas regras da interpretação bíblica, assim como, no meu parecer, ferirem a uma das maiores revelações desse Livro dos livros: Deus é Pai de todos, está em todos e age por meio de todos (Ef 4.6).²⁴

Obviamente, muitos outros podem estar se desviando dos verdadeiros ensinamentos das Escrituras reiterados pela Teologia da Missão Integral, defendendo assim uma missão parcial e humanista. No entanto, pela graça de Deus também há muitos teólogos sérios e comprometidos com a Palavra que permanecem buscando a verdade das Escrituras e procurando levá-la às pessoas a fim de que conheçam “o amor de Cristo que excede todo conhecimento” (Ef 3.18).

3. UM CHAMADO AO RETORNO À INTEGRALIDADE DA MISSÃO

A missão integral é uma necessidade e deve ser uma realidade. Infelizmente, com o tempo muitos vão partindo de um extremo a outro e quem sabe até voltando ao primeiro. No entanto é fundamental que a Igreja reconheça a integralidade de sua missão. Não se trata de perder tempo com palavras enquanto pessoas morrem de fome ou levar pessoas de barriga cheia ao inferno. É preciso esforçar-se para que pessoas sejam alcançadas pela misericórdia de Deus, tenham seus pecados perdoados e suas vidas transformadas e possam ir de barriga cheia ao Céu, cientes da promessa de vida plena. Conforme Bráulia Ribeiro,

a religião verdadeira deve ter um compromisso com a realidade humana. Qualquer fé que valha a pena deve por obrigação nos ajudar a organizar nossa realidade prática, o universo ao nosso redor. Não pode se desassociar

²² CAVALCANTI, Robinson. **Profetismo**: item esquecido da missão integral. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/335/profetismo-item-esquecido-da-missao-integral/inferno>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

²³ LISLIEUX, Tereza de. Apud KIVITZ, Ed René. Disponível em: <<https://www.facebook.com/edrenekivitz/posts/473624269321404>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

²⁴ KIVITZ, Ed René. **O evangelho integral**. Disponível em <<http://edrenekivitz.com/blog/2012/03/evangelho-integral/>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

dele ou tentar negá-lo. Uma verdade integral sobre Deus prevê a existência de todas as dimensões da humanidade e de uma maneira de entender e de lidar com a realidade sobrenatural ou metafísica. E prevê também as limitações, problemas e possibilidades da nossa existência física. Deus tem que ser místico e prático ao mesmo tempo.²⁵

O cristão não deve se conformar com o mundo (Rm 12.2), ou seja, não ser conforme os padrões do mundo. No entanto, há também a necessidade de que o cristão não se conforme com a injustiça do mundo. É preciso transformar o mundo.²⁶ Não é possível “pregar o evangelho sem amor, visto que um não vive sem o outro e que amor sem evangelho se reduz em paixão efêmera assim como evangelho sem amor redundando em proselitismo religioso”.²⁷ É imprescindível “recuperar o todo do Evangelho e o Evangelho todo, a sua integralidade”.²⁸

A necessidade de se cumprir a missão dada por Deus de forma integral é urgente. É preciso demonstrar ao mundo que Jesus é Senhor e Salvador. Aliás, conforme Lourenço Stelio Rega, “se conseguirmos recuperar todos estes ensinamentos bíblicos do Evangelho não vamos mais ter de manter certas idiosincrasias e reparos em nossa pregação, como falar que Jesus é Salvador, mas também é Senhor, pois quando anunciamos e ensinamos o Evangelho integral ele é tudo isso”.²⁹

Jesus veio trazer muito mais do que salvação, mas esta é uma vida com sentido e abundante aos que creem nele,³⁰ “de modo que a esperança escatológica de um futuro com ele na Nova Jerusalém continua, mas temos de lembrar que o Evangelho tem como alvo transformar a nossa vida desde aqui na vida presente”.³¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A missão integral não é apenas mais um modismo evangélico ou uma nova teologia. Ela é um retorno à visão da missão por parte do cristianismo do primeiro século e ainda ao ensino de Jesus, na sua prática. A missão dos cristãos é integral e por isso é necessário cuidar para não cair em extremos, como a ênfase na salvação futura sem que haja uma transformação presente e vice-versa. Pelo contrário, é imprescindível que os cristãos vivam a sua missão de forma integral; vivam o evangelho integralmente. As pessoas precisam da vida abundante prometida por Cristo – e elas precisam agora.

²⁵ RIBEIRO, 2013, p. 48.

²⁶ SABIA, Marcos Paulo de Souza. **Missão integral:** redundância! Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/missao-integral-redundancia/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

²⁷ SABIA, Marcos Paulo de Souza. **Missão integral:** redundância! Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/missao-integral-redundancia/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

²⁸ REGA, 2014, p. 15.

²⁹ REGA, 2014, p. 15.

³⁰ REGA, 2014, p. 15.

³¹ REGA, 2014, p. 15.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Robinson. **Mui bíblica missão integral**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/311/mui-biblica-missao-integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

CAVALCANTI, Robinson. **Profetismo**: item esquecido da missão integral. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/335/profetismo-item-esquecido-da-missao-integral/inferno>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

FÉLIX, Leonardo J. N. **Implicações do discipulado integral**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/implicacoes-do-discipulado-integral/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

KIVITZ, Ed René. **O evangelho integral**. Disponível em: <<http://edrenekivitz.com/blog/2012/03/evangelho-integral/>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

LISLIEUX, Tereza de. apud KIVITZ, Ed René. Disponível em: <<https://www.facebook.com/edrenekivitz/posts/473624269321404>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

RAMOS JR., Ariovaldo. **Crise missiológica**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/crise-missiolologica/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

RAMOS, Ariovaldo. **Marxismo e missão integral**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/marxismo-e-missao-integral>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

REGA, Lourenço Stelio. Jesus veio para nos salvar e muito mais... **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, n. 2, ano CXIV, p. 15, 12 jan. 2014.

RIBEIRO, Bráulia. **Tem alguém aí em cima?** Viçosa: Ultimato, 2013. 143 p.

SABIA, Marcos Paulo de Souza. **Missão integral**: redundância! Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/missao-integral-redundancia/miss%E3o+integral>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

MINISTERIUM VERBI DIVINI: A TEOLOGIA MODERNA E O SURGIMENTO DA NEO-ORTODOXIA REFORMADA

Ministerium Verbi Divini: modern theology and the appearance of reformed
neo-orthodoxy

Marcone Luiz Baima Pessoa Júnior¹
Ulicélio Valente de Oliveira²

RESUMO

O presente artigo apresenta, a partir de uma análise histórico-filosófico-teológica, os processos fundantes da teologia neo-ortodoxa dentro da teologia moderna. A análise de tal movimento ocorre por meio da apresentação do fluxo do pensamento teológico da Reforma, passando por sua crítica por parte dos teólogos e filósofos iluministas e idealistas e por fim, aflui para a teologia do sentimento de Schleiermacher. Evidencia-se que a crise da teologia moderna, ocorreu devido enfraquecimento do movimento liberal alemão e germânico. Este movimento permitiu que, a partir do solo estéril da teologia meramente ética do início do século XX, uma nova forma ou compreensão da disciplina teológica surgisse, tendo como luminares os teólogos suíços Karl Barth e Emil Brunner, forjadores do conceito de uma “Teologia da Crise”, e do método dialético na teologia dogmática.

Palavras-chaves: Neo-ortodoxia. Dialética. Dogmática. Crise.

ABSTRACT

From a historical-philosophical-theological analysis, the present article aims to understand the founding processes of neo-orthodox theology into modern theology. The study of such a

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial. E-mail: marconejunior17@gmail.com

² Graduado e Especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e Docente Acadêmico no Centro Missiológico Equatorial (CEME) e na Faculdade Teológica Batista Equatorial. E-mail: uli.celiovalente@hotmail.com

movement will take place through the presentation of the flow of theological thought at the Reformation, passing through its criticism by theologians and philosophers of the Enlightenment and idealists, finally flowing into the feeling's theology of Schleiermacher. It will be seen that the crisis of modern theology, especially by the weakening of the liberal German and Germanic movement, has allowed a new form or understanding of theological discipline to emerge from the barren soil of purely ethical theology of the early twentieth century. The luminaries of this movement were the Swiss theologians Karl Barth and Emil Brunner, forgers of the concept of a "Theology of the Crisis," and the dialectical method in dogmatic theology.

Keywords: Neo-orthodoxy. Dialectic. Dogmatic. Crisis.

INTRODUÇÃO

O século XX foi um tempo de muitas incertezas. As verdades fundantes da sociedade foram eclipsadas e, com isso, um subjetivismo tomou conta da mente de muitos. Não o subjetivismo romântico alemão do século XVII, mas uma espécie de culto ao absurdo da existência, na qual a objetividade da verdade e a sobrenaturalidade do transcendente foram lançadas para a distante periferia das consciências individuais, enquanto se buscava um sentido intra-histórico e imanente para o *here and now* (aqui e agora) que se punha diante de todos.

E sob este pano de fundo que se pode perceber o nascimento de uma nova forma de compreender o mundo, uma nova cosmovisão³ que permitiu ver na fé, não mais uma simples vindicação ética ou uma exteriorização das impressões interiores e afetivas dos seres humanos, mas uma fé que possui um objeto determinado e próprio: a Palavra divina *par excellence* (por excelência), encarnada na Pessoa de Jesus Cristo.

Os dois arautos desta nova metodologia teológica foram os dois teólogos suíços: Karl Barth e Emil Brunner. Antes, entretanto, de trabalhar a exposição, ainda que breve, do movimento neo-ortodoxo, deve-se compreender o contexto que cercava esses dois homens e o arcabouço teórico que receberam de seus predecessores. Assim, se faz necessário compreender, em primeiro lugar, os antecedentes históricos e filosóficos de tal movimento, e só então explicar o movimento em si. Tal será o caminho seguido no presente artigo.

1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS DA TEOLOGIA MODERNA E DA NEO-ORTODOXIA

É importante mencionar os acontecimentos históricos que precederam a teologia moderna e a neo-ortodoxia para uma melhor e mais abrangente compreensão a respeito do surgimento dessas teologias. Os subpontos que seguem apresentarão um breve panorama de tais acontecimentos.

³ A palavra deriva do alemão *Weltanschauung* e que, segundo NAUGLE (2017, p. 93), foi cunhada por Immanuel Kant em sua *Crítica da Razão Pura* e expressa uma série de pressupostos, a partir dos quais se apreende intelectivamente e se compreende a realidade, a ela emitindo juízos positivos ou negativos.

1.1 A Reforma Protestante

O primeiro antecedente da teologia moderna a ser analisado é a Reforma Protestante, na qual se estabeleceram os fundamentos e princípios que posteriormente seriam seguidos pela teologia moderna. De fato, os ferrenhos críticos modernos dos dogmas cristãos se consideram tão somente fazendo “o trabalho inconcluso dos reformadores” e, assim, estendendo as arestas da Reforma a outras áreas além da soteriologia.

A Reforma, segundo a opinião sobremodo pertinente de Martin N. Dreher, “[...] não pode ser explicada a partir de um único acontecimento ou a partir da ação de uma única pessoa”.⁴ Não foi em Lutero, nem em Calvino que se deu a Reforma, antes, foi um complexo de fatores, tanto culturais quanto históricos, que contribuíram para, em primeiro lugar, o enfraquecimento do clero e de sua autoridade nos países anglo-saxões, e em segundo lugar, para uma revolta interna religiosa impelida por um espírito humanista de crítica às autoridades clericais estabelecidas. Pode-se, de fato, concordar com H. R. Mackintosh que “de fato, a Reforma estava centrada num novo pensamento acerca da autoridade intrínseca da auto revelação de Deus”.⁵

A proposta de Lutero não foi de uma reforma religiosa, em si, mas de um retorno à autoridade do Evangelho sobre os seres humanos. É a descoberta de que Deus fala em Jesus Cristo e, de fato, falou de maneira definitiva e concludente, e a religião cristã deve repousar neste fato: que somente no Verbo humanado a Palavra divina se faz presente e real para o fiel.

Não obstante, após o estrondoso impacto inicial da Reforma no século XVI, no seguinte século ocorreu aqui o que se costuma denominar de a “crise da segunda geração”. Isto é, quando após um grande despertar ou levante cultural uma segunda geração toma a frente e se arrefece em seu vigor. O espírito combatente esmoreceu de maneira patente e a lassidão se fez presente em todos os âmbitos da nova religião protestante. Tal foi o que ocorreu no século seguinte à Reforma: um desgaste da fé viva e um apego ao dogma pelo dogma, isto é, uma sobrevalorização das formulações puramente escolásticas das doutrinas reformadas. Entretanto, Mackintosh alerta para o fato de que é natural que após um movimento de intensa produção, haja um período que, embora de menor originalidade, apresenta maior profundidade e poder reflexivo “no que os logros da época da originalidade”.⁶ Um movimento, portanto, de protesto contra a ossificação da doutrina e da espiritualidade do século XVI surgiu no século XVIII sob a bandeira do pietismo e do racionalismo do *Aufklärung* (o Iluminismo europeu).

⁴ DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma**. Coleção História da Igreja. São Leopoldo: Sinodal, 1996, Vol. 3, p. 14.

⁵ MACKINTOSH, H. R. **Teologia moderna**. São Paulo: Novo Século, 2002, p. 16.

⁶ MACKINTOSH, 2002, p. 19.

1.2 O Pietismo e o Racionalismo Alemão

O movimento pietista caracterizou-se, a princípio, como um movimento de protesto contra a engessada ortodoxia (*norma normans non normata*⁷) de sua época. Após o aborbulhamento das ideias da Reforma no século XVI, houve um arrefecimento da parte de seus aderentes na segunda e terceira geração após os reformadores. O pietismo, enquanto movimento, se levantou contra tal frivolidade na espiritualidade protestante. O enfoque central da “teologia” pietista era “[...] o processo subjetivo da nova vida, mais do que a ação de Deus na justificação”.⁸ O propósito de seus líderes era o de despertar os espíritos acomodados para uma verdadeira e íntima piedade e vida interior. Eles primavam por um conhecimento mais direto das Escrituras, conhecimento este enquanto processo devocional e nunca a partir de conceitos meramente abstratos e intelectivos.

Não obstante, ainda no século XVIII, outro movimento veio à tona como contraproposta à ortodoxia engessada do escolasticismo reformado: o racionalismo e o idealismo filosófico e teológico alemão, que teve como seus luminares homens como Kant, Fichte, Schelling e Hegel. A premissa a partir da qual todos estes partiam era a autonomia do espírito crítico frente à realidade empiricamente verificável. Logo, a autoridade divina das Escrituras se tornou *ancilla rationis sive homini* (serva da razão ou do ser humano). Analisam-se os pontos cardeais do dinâmico pensamento desses autores.

Desde Platão até o escolasticismo de Tomás de Aquino e Duns Scotus, grande ênfase havia sido dada na capacidade humana de apreender a realidade. Em Immanuel Kant há uma virada quase copernicana na compreensão das capacidades intelectivas do espírito humano⁹. Em uma espécie de síntese, Kant explica que tanto o conhecimento sensível quanto o intelectivo são resultado da atividade conjunta do sujeito e do objeto cognoscível.

O objeto provê ao sujeito cognoscente a matéria; o sujeito, por sua vez, lhe concede a forma, constituindo, assim, o movimento epistêmico de uma comunhão entre processos *a posteriori* e *a priori* (posteriores à verificação empírica e anteriores a ela, respectivamente).¹⁰ De acordo com Kant, o conhecimento intelectivo não visa à coisa em si, mas apenas os

⁷ “A regra que regula e não é regulada”, em tradução livre.

⁸ MACKINTOSH, 2002, p. 22.

⁹ A expressão deriva do próprio Kant, em **Crítica da Razão Pura**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015, p. 29-30: “Até hoje se assumiu que todo o nosso conhecimento teria de regular-se pelos objetos; mas todas as tentativas de descobrir algo sobre eles *a priori*, por meio de conceitos, para assim alargar os nossos conhecimentos, fracassaram sob essa pressuposição. É preciso verificar pelo menos uma vez, portanto, se não nos sairemos melhor, nas tarefas da metafísica, assumindo que os objetos têm de regular-se por nosso conhecimento [...]”. De acordo com o autor, tal como Copérnico promoveu uma revisão da percepção sobre o relacionamento entre o movimentos dos planetas e do sol, inserindo, não mais a terra, mas o sol no centro do universo conhecido, assim ele o faria com respeito à epistemologia: não mais o objeto estaria no “centro” do conhecer, i.e., não mais o sujeito se adequaria ao objeto para compreendê-lo, mas a revisão crítica kantiana se dá na asseveração de que é o sujeito que, segundo o tempo, se antecipa, com determinados conceitos apriorísticos, ao objeto cognoscível.

¹⁰ MONDIN, Battista. **Introdução à Filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. São Paulo: Paulus, 2015, p. 28; KANT, Immanuel. **Prolegômenos a qualquer metafísica futura que possa apresentar-se como ciência**. São Paulo: Estação Liberdade, 2014, p. 63.

fenômenos¹¹, quando o espírito humano, por meio da razão unicamente, tenta ultrapassar os fenômenos e ingressar epistemicamente à coisa em si, ele se perde em antinomias insolúveis¹²: “são-nos dadas coisas como objetos de nossos sentidos situados fora de nós, mas nada sabemos sobre o que podem ser em si mesmos; apenas conhecemos seus aparecimentos”¹³, isto é, aquelas representações que nos chegam por meio dos sentidos. “[...] a Razão pura não é capaz de outra coisa que fundar uma necessidade lógico-formal”.¹⁴

Em Kant, a ideia de Deus reside na esfera dos números, isto é, para além da apreensão da Razão e dos eventos fenomenais. A religião, em Kant, desta feita, visa a moralidade de um ser humano profundamente agnóstico. Kant é o fundador do chamado Formalismo Ético, o qual postula, especialmente na Crítica da Razão Prática, que o critério moral supremo não pode ser derivado da experiência, pois em tal caso ter-se-ia uma moral subjetiva e contingente, mas em uma forma apriorística e incondicionada de avaliação dos valores morais, a fim de que se torne possível a possibilidade de uma moral universalmente válida e intrinsecamente necessária. Há, então, para Kant, uma lei pura que deve reger as ações do indivíduo, um imperativo categórico que permite com que os indivíduos ascendam, de uma moralidade subjetivista para uma moralidade universal e válida para todos, em todos os lugares e em todos os tempos. A religião, assim, se torna uma auxiliadora manca da moralidade universal de todos os indivíduos.¹⁵

Para Schelling e Fichte, sucessores de Kant, a realidade é uma ampliação dos complexos processos mentais e intra-humanos. Em Fichte, observa-se especialmente que a tarefa última da religião é tornar-se desnecessária. A religião presta mero apoio à moralidade, algo que já havia sido esboçado por Kant na Crítica da Razão Prática. Em Schelling, o panteísmo de Spinoza reaparece com vigor singular. Ele compreendeu que o Ego está imerso no Absoluto e Deus mesmo está como que sujeito a um princípio natural de ordem dinâmica. Hegel, entretanto, inicia uma nova reviravolta na filosofia alemã. Nele, a identidade entre o Espírito e a Natureza alcançam seu cume.

É difícil aferir o que, de fato, Hegel cria de Deus, mas pode-se afirmar que seu sistema pode ser identificado como uma espécie de monismo panteísta ou um evolucionismo de caráter lógico. O ser humano pode ser compreendido como espírito finito, mas que possui uma certa identidade essencial com o Espírito infinito. É no desenvolver da mente finita que o Infinito alcança a plena consciência de si mesmo. A realidade do Absoluto reside na realidade

¹¹ A afirmação kantiana repousa em que a razão pura só apreende objetos enquanto fenômenos que se referem ao sujeito cognoscente. Visto que nós “[...] só podemos conhecer *a priori* das coisas aquilo que nós mesmos nelas colocamos”, os conceitos apriorísticos da razão estabelecem a possibilidade de conhecer, antecipando-se aos objetos e à própria experiência possível. Assim, “[...] nós não poderemos nunca, ultrapassar os limites da experiência possível”. Ora, esse conhecimento *a priori* dos objetos possíveis só nos é disponível como conhecimento dos “fenômenos e deixa de fora a coisa em si, como uma coisa efetivamente real por si mesma, mas por nós desconhecida” (KANT, 2015, p. 31).

¹² KANT, 2014, p. 62.

¹³ KANT, 2014, p. 62.

¹⁴ PORTA, Mario González Porta. **A Filosofia a partir de seus problemas**: didática e metodologia do estudo filosófico. São Paulo: Loyola, 2014, p. 114; KANT, 2015, p. 33.

¹⁵ MONDIN, 2015, p. 116.

do pensamento finito do sujeito que nele pensa. A história, assim, passa a ser o processo de autoconsciência do Absoluto e da Identidade Unificante. Hegel afirma, ainda, que o segredo da identidade dos seres e que permeia todas as realidades díspares e existentes está na *coincidentia oppositorum* (coincidência dos opostos).¹⁶ É na oposição dos contrastes ascendentes que se deve entrever a realidade una e elevada da Unidade e do Absoluto Todo-Permeante. O Absoluto de Hegel é, pois, o princípio e o fundamento de todo desenvolvimento infinito. Deus, assim, realiza-se na história e na natureza e, com o mundo, desenvolve-se infinitamente sem deixar de ser ele mesmo.

1.3 Schleiermacher e a Teologia do Sentimento

Filho de um capelão do exército, Schleiermacher, nasceu em Breslau em 21 de novembro de 1768.¹⁷ Após o estudo dos clássicos, foi profundamente acometido por sentimentos e temores de cunho religioso. Em 1783 iniciou seus estudos na escola morávia de Niesky, na qual foi intimamente influenciado pela piedade e devoção dos crentes morávios. Em 1785, iniciou seus estudos teológicos em Barby. Lá também se envolveu em discussões filosóficas e no ano seguinte, foi estudar em Halle e aprofundar-se em Kant. Seus conhecimentos da filosofia grega foram aprofundados também neste período, no qual inicia sua tradução da obra completa de Platão que se tornou marco para o estudo da filologia clássica alemã até os dias atuais.¹⁸

Em 1790, tornou-se pregador da Igreja Reformada Calvinista. Em 1793 passou a ensinar em Berlim, e em 1796 se tornou pregador do Hospital da Caridade, nesta mesma cidade. Berlim, nesta época, já se tornara o “quartel-general” do intelectualismo alemão e iluminista. Em 1798, começou a escrever sua *Reden* (Discursos), os “discursos acerca da religião dirigidos às pessoas cultas entre aqueles que a depreciam”. O início de seu pensamento se caracteriza por uma explosão romântica e de natureza semipoética. “O dom natural de Schleiermacher estava em sua capacidade de unir de um modo excepcional a mais apaixonada religião com o rigor inflexível do pensamento científico”.¹⁹

Nas duas principais obras filosóficas de Schleiermacher, *Dialética* e *Solilóquios* são apresentados os princípios a partir dos quais ele iria, posteriormente, erigir toda a sua teologia

¹⁶ MACKINTOSH, 2002, p. 38.

¹⁷ Schleiermacher é notadamente conhecido como o “pai da teologia moderna”. Jaqueline Mariña, em **The Cambridge Companion to Schleiermacher**. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2005, o chama de um “eminente classicista, filósofo e teólogo”. Suas contribuições extrapolam o âmbito da teologia alemã e se espraiam para os além limites da mesma e abrangem o ambiente da filologia clássica com a sua tradução das obras de Platão; da filosofia do conhecimento com as suas reflexões epistemológicas e suas investigações sobre a natureza humana; e da interpretação de textos pelas suas análises hermenêuticas (cf. MARIÑA, 2005, p. 2).

¹⁸ Schleiermacher tornou-se amplamente reconhecido por suas investigações da obra platônica e pelas luzes que lançou sobre a filologia platônica e sua hermenêutica. Para ele, para se interpretar corretamente o *corpus platonicum* (a obra completa de Platão) necessário era ver em Platão o artista e interpretá-lo como tal, bem como um *scolar* (acadêmico) para lidar com as nuances textuais peculiares ao grego ático elevado do filósofo ateniense (LAMM, 2005, p. 91).

¹⁹ MACKINTOSH, 2002, p. 45.

do sentimento. Nos *Solilóquios*, Schleiermacher expõe a sua ética religiosa e filosófica²⁰. Segundo ele, o ser humano deve fazer, enquanto tarefa moral, uma imagem satisfatória em si de toda a humanidade ideal. Nesta obra, Schleiermacher se levanta contra o imperativo categórico de Kant, e afirma vigorosamente que o ser humano não é uma existência passiva na moral, mas um sujeito ativo, que atua a partir de seus próprios recursos²¹. Assim como as plantas, o ser humano deve crescer e amadurecer, a fim de florescer de maneira livre e autônoma. Sua tarefa neste mundo é, pois, de libertar-se e de ascender no domínio de si mesmo e de todas as coisas, fazendo com que suas potencialidades sejam atualizadas de maneira plenamente satisfatória e livre dos embaraços externos a si mesmo.

Na *Dialética*²², o autor constrói sua epistemologia, seguindo a tradição platônica que o antecedeu. Segundo Schleiermacher, o pensamento que conduz ao conhecimento verdadeiro e insofismável se dá a partir de duas correspondências: entre a ideia puramente simples e a realidade múltipla das coisas sensíveis; e entre as ideias puras e os pensamentos dos demais seres. Com respeito ao primeiro ponto de tangência, entre o ideal e o real, Schleiermacher postula que deve haver entre o pensamento e o ser uma relação de identidade originária, a partir da afirmação da qualidade de certeza do pensamento. Deve existir, assim, uma unidade primária que permita que os opostos do Ideal e do Real sejam, de alguma forma, correspondentes entre si. O conhecimento, portanto, é a correspondência ou evento unificante entre as ideias puras e simples do pensamento e o real múltiplo e sensível. Assim, o fundamento originário da relação entre o pensamento e a realidade recebe o nome de Deus e de Mundo.

Em suas obras de cunho religioso ou teológico, Schleiermacher propõe uma compreensão romântica da fé, sendo esta um sentimento de pura dependência do Absoluto e da Unidade, que é Deus. Não obstante, Manfred Frank²³ afirma que Schleiermacher era um pensador romântico e não um idealista alemão²⁴, desta feita, embora se expresse de maneira

²⁰ Sem dúvida, os problemas éticos estavam no âmbito das principais preocupações que Schleiermacher enfrentou. No entanto, ele mesmo nunca publicou um sistema ético fechado e acabado. O *Grundlinien* (fundamentos) foi uma preparação para tal sistema, mas nunca se veio à tona como tal; o *Brouillon zur Ethik* (Rascunhos sobre Ética, 1806-6) e o *Ethik* (Ética, 1812-13) são manuscritos basicamente compostos de notas de suas aulas em Halle e em Berlim (BEISER, 2005, p. 53). Assim, qualquer investigação sobre a ética de Schleiermacher deve levar em conta as constantes transformações no próprio Schleiermacher durante a sua longa carreira filosófica.

²¹ “No Monologen, Schleiermacher sugere que uma das muitas deficiências da ética kantiana teria sido a falha na consideração da dignidade intrínseca da individualidade” (BEISER, 2005, p. 60).

²² Ao invés de uma “Metafísica”, Schleiermacher chamou suas investigações sobre o transcendente de “dialética, em clara referência à dialética platônica, como uma arte de conversação em pensamento puro”, isto é, um tipo de pensar não distraído pela prática de considerações artístico-estéticas, mas motivado unicamente pela busca da verdade (FRANK, 2005, p. 15).

²³ FRANK, Manfred. **Metaphysical Foundations: a look at Schleiermacher’s *Dialectic***. In: MARIÑA, Jaqueline (edit). **The Cambridge Companion to Schleiermacher**. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2005. Afirma ainda que: “como pensador romântico, Schleiermacher não é um idealista alemão, se por tal pensador é compreendido alguém que crê ter abrangido o absoluto através de conceitos infalivelmente válidos ou como um fundamento na consciência” (FRANK, 2005, p. 17, tradução nossa).

²⁴ Pode-se perceber tal fato na negação da compreensão clássica da metafísica como uma investigação sobre os princípios primeiros e fundantes da realidade. Para Schleiermacher, a metafísica se restringia a uma exposição sistemática de verdades descritivas (FRANK, 2005, p. 15). O solo da metafísica é o transcendente

lítica, seus conceitos são fundamentados na realidade dos objetos percebidos e empiricamente apreendidos pela razão. Logo, seu conceito de religião é marcado por sua tendência de perceber nas realidades visíveis os traços mais significantes do mundo transcendente e íntimo da vida religiosa. A religião de Schleiermacher consiste em um sentimento de dependência absoluta do Todo e da Unidade permeante e última.

Pode-se perceber, portanto, que o pensamento de Schleiermacher, embebido dos influxos do romantismo alemão, causou profunda influência na teologia moderna, pelo qual ele mesmo é chamado “pai da teologia moderna”. O que será exposto, de agora em diante, com relação ao surgimento da neo-ortodoxia, deve ter em conta o arcabouço teórico de uma teologia subjetivista e voltada para o sentimento comum religioso de todos os homens.

2. KARL BARTH E A TEOLOGIA DA PALAVRA

Nascido em 10 de maio de 1886, em Basiléia, Suíça, Karl Barth era filho de Fritz Barth, um ministro reformado e professor na Universidade de Bern e, Anna Sartorius.²⁵ Como membro da Igreja Reformada Suíça, recebeu sua educação inicial de seu pastor, Robert Aeschbacher. Após passar pelas universidades de Bern, Berlim e Tübingen, recebeu em 1909 seu bacharelado. Após seus estudos serem concluídos, foi enviado a uma paróquia reformada em Genebra para ser pastor assistente. Em 1911, passou a pastorear uma igreja reformada em Safenwill, no interior da Suíça. Deparando-se com a realidade precária e deficitária do povo, passou a se envolver com questões profundamente sociais. Não obstante, com o início da Primeira Guerra Mundial, contemplou sua fé marcadamente liberal e influenciada por Adolf Von Harnack (1851-1930) bastante abalada.

Durante quatro anos, após Barth perceber que sua teologia de cunho liberal em nada podia auxiliar o povo pobre de sua cidade, estudou o filósofo Kierkegaard, enquanto seu amigo, Eduard Thurneysen (1888-1977) estudava as obras românticas de Dostoiévski. Juntamente com Kierkegaard, grande influência exerceram os escritos de Lutero e Calvino sobre Barth. E como resultado de tais estudos, Barth publicou, em 1919, a *Der Römerbrief* (Carta aos romanos), com uma edição totalmente reformulada em 1922. Tem-se aqui o início do que ficou conhecido como Teologia Dialética, a qual enfatiza o paradoxo da fé (conceito recebido diretamente de Kierkegaard), na qual duas ideias ou proposições de fé são aceitas enquanto antinômicas e verazes. Jacob Taubes em sua análise do método dialético de Barth, assim afirma:

O que é a dialética? O termo volta de tempos em tempos à tona em várias constelações da história da filosofia, teologia ou sociologia. Mas todas as formas de dialética pressupõem que o “método dialético” é baseado no diálogo. O diálogo pressupõe que nenhuma pessoa é autossuficiente para o estabelecimento do *logos*. [...] Teologia, de acordo com Karl Barth, é possível

que repousa para além de toda a experiência possível e de todo pensamento determinado (FRANK, 2005, p. 15).

²⁵ FERREIRA, Franklin. **Karl Barth**: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia, p. 01. Disponível em: http://www.escolacharlesspurgeon.com.br/files/pdf/Karl_Barth_Uma_Introducao_a_Sua_Carreira_e_aos_Principais_Temas_de_Sua_Teologia_-_Franklin_Ferreira.pdf. Acesso em: 05/04/2019.

somente “em forma de um diálogo, no discurso de questão e resposta. [...] o homem, de qualquer forma, é mortal e não pode ter a “última palavra” para si mesmo.²⁶

A dialética barthiana é a dialética das ideias que conversam entre si, sem, porém, chegarem em um “acordo” ou síntese, no sentido hegeliano do termo. É o “discurso dialogal” ao qual Taubes, na citação acima, se referiu. Assim, o Deus que era totalmente outro se fez carne e fraqueza; o ser humano justificado permanece pecador (ideia recebida de Lutero, *simul justus et peccator*, simultaneamente justo e pecador); Jesus Cristo é Deus e homem verdadeiramente em uma única e simples subsistência; a Trindade é Una e Trina na diversidade das subsistências e unidade da essência. Assim, para Barth, a fé só poderia ser compreendida por meio dos paradoxos antinomistas, e a teologia só poderia atuar em um ambiente como este: de profunda reverência ante o *mysterium tremendum* (mistério tremendo), para utilizar-se do conceito de Rudolf Otto.

“Jesus Cristo, nosso Senhor”: este é o evangelho e o sentido da história; neste nome encontram-se e separam-se dois mundos; interceptam-se dois planos. Um conhecido e outro desconhecido.²⁷

Nós temos que começar com a admissão de que, nós mesmos, não sabemos o que dizemos quando dizemos “Deus”, isto é, que tudo que achamos que sabemos quando dizemos “Deus” não O atinge e O compreende a Ele a Quem é chamado “Deus” no símbolo [...].²⁸

[...] Deus como Pai não é apenas manifesto a nós em revelação, nos é manifesto apenas como o Deus que permanece escondido de nós mesmos em Sua revelação e, ali no revelar a Si mesmo, oculta a Si mesmo; no ficar próximo a nós, permanece longe de nós.²⁹

Em 1922, Barth foi convidado a ser preletor de Teologia Reformada na Universidade de Göttingen, e ao preparar suas preleções sobre a teologia dos reformadores, houve o que Franklin Ferreira chama de uma “verdadeira renascença no estudo de Calvino”.³⁰ Em 1931 publica *Fides Quarens Intellectum* (Fé em busca de Compreensão)³¹, obra na qual comenta o *Proslogion* (diálogo) de Anselmo de Cantuária e a partir da qual irá romper parcialmente com seus colegas Emil Brunner (1886-1966) e Rudolf Bultmann (1884-1976). Nesta obra, Barth elaborou a sua conhecida *Teologia da Palavra*. A tarefa do teólogo é, assim segundo Barth, litúrgica, pois é feita em um ambiente de humildade frente ao mistério divino em Jesus Cristo, a Palavra Divina. A ênfase de Barth não mais estava na distância infinita entre a criatura e o

²⁶ TAUBES, Jacob. **Theodicy and Theology**: a philosophical analysis of Karl Barth’s dialectical theology, p. 231. The Journal of Religion, Vol. XXXIV, n. 4, Oct. 1954. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/484597?journalCode=jr>. Acesso em: 05/04/2019.

²⁷ BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. 5.ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 29.

²⁸ BARTH, Karl. **Credo**: comentários ao credo apostólico. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 26.

²⁹ BARTH, 2010, p. 34.

³⁰ FERREIRA, 2019, p. 3.

³¹ O livro de Barth dedica-se a investigação da “célebre prova da existência de Deus” (2012, p. 22) feita por Anselmo de Cantuária, mas, transcendendo a própria reflexão de Anselmo, Barth buscará estabelecer os fundamentos da teologia e a sua possibilidade mesma de existência enquanto exercício de *intelligere* (compreender) a *fides* (fé), pois o Deus crido pelos cristãos é *causa veritatis in cogitatione* (causa da verdade no pensamento) e, por isso, exige, no âmbito mesmo da fé, uma resposta da razão que se alegra em responder aos impulsos da vontade suscitada na fé (BARTH, 2012, p. 29).

criador, mas na verdade do conhecimento de Deus unicamente possível em Cristo, o Verbo humanado. A teologia, para Barth, era, pois, uma cristologia. Assim, a Palavra divina foi identificada com o Cristo e toda a teologia deveria, como em um caudal, desembocar no conhecimento de Deus em Jesus Cristo.

Em 1927, Barth publicou o primeiro volume de sua *Die Christliche Dogmatik (Dogmática Cristã)*. Após ser criticado reiniciou seu trabalho em 1932 com o novo título *Die Kirchliche Dogmatik (Dogmática Eclesiástica)*, obra monumental em quatro grandes partes, porém, incompleta, visto ter Barth falecido antes de finalizá-la, mas que compreende o ápice de seu pensamento e reflexão teológica em o mais alto grau de desenvolvimento.

3. A FORMA TRIPARTIDA DA PALAVRA NO *KIRCHLICHE DOGMATIK* (DOGMÁTICA ECLESIAÍSTICA)

Não haveria a possibilidade de exaurir o conteúdo abrangente da obra barthiana, visto ser de âmbito profundíssimo e de abrangência quase enciclopédica. No entanto, elege-se o assunto da *Palavra divina* (em Barth) para expor, em breves palavras, um excerto de seu pensamento e de sua elevada capacidade argumentativa e reflexiva e que, assim espera-se conceder ao leitor um vislumbre, ainda que opaco, da imensa e profícua obra de Karl Barth.

Para analisar este aspecto da teologia de Karl Barth, deter-se-á em uma breve análise do §4 do I.1 de sua *Church Dogmatics*³², no qual o autor explora a sua concepção tripartida da *Palavra de Deus*, pela qual ficou conhecida a sua teologia tanto por seus defensores quanto por seus detratores. Tal parágrafo importantíssimo dos *prolegomena* (prolegômenos) de sua *Dogmática*, é dividido em três subseções para cada forma da palavra divina. O parágrafo inicia com uma discussão sobre palavra como proclamação

Para Barth, a questão decisiva na discussão sobre o relacionamento entre *Palavra divina* e proclamação da Igreja está no *evento*.³³ A igreja realiza sua real atividade no ato da proclamação. A Palavra de Deus surge na proclamação da igreja como a pressuposição de sua existência, implicando quatro coisas: que a palavra de Deus é um comissionamento³⁴; que a Palavra de Deus será o tema da proclamação³⁵; que a palavra de Deus será o parâmetro de

³² Utilizamos para todas as citações a tradução em inglês, editada por G. W. Bromiley e T. F. Torrance, intitulada **Church Dogmatics**: volume I, the doctrine of the word of God, §1-7, the word of God as the criterion of dogmatics. Em: BARTH, Karl. **Church Dogmatics**. Volume I. London (UK): T&T Clark, 2009.

³³ BARTH, 2009, p. 86.

³⁴ A Palavra de Deus é a comissão sobre cuja determinada proclamação deve descansar para que seja uma proclamação real. A necessidade da proclamação não encontra uma base objetiva no fato de que certas circunstâncias e escalas de valor imanentes à existência do homem e das coisas desejam ser conhecidas e declaradas” (BARTH, 2009, p. 86, tradução nossa).

³⁵ “A palavra de Deus é o tema que deve ser dado à proclamação caso seja ela real proclamação” (BARTH, 2009, p. 88, tradução nossa).

juízo da proclamação³⁶ e, que a Palavra será um evento na proclamação³⁷, visto que na palavra humana a Palavra divina se faz presente.³⁸

A exposição segue a tratar da Palavra escrita, que, para Barth, envolve a proclamação, visto que o ato de proclamar da igreja não se dá em um vácuo, mas repousa na coleção de revelação já disponível na Igreja – o cânon bíblico.³⁹ Embora as Escrituras sejam partes da proclamação como testemunhas da Revelação por excelência, elas são por sua apostolicidade, também reguladoras da proclamação da comunidade que realiza a sua existência no proclamar.⁴⁰

As tradições não formam um conteúdo subsistente por si para a proclamação da igreja, pois se a parte das Escrituras falam por si deixam de estar em diálogo com a Palavra e se tornam um monólogo infrutífero para o uso da comunidade.⁴¹ As Escrituras, por sua vez não formam uma entidade mecânica, mas uma realidade dinâmica em virtude de seu conteúdo e de suas possibilidades como evento revelacional⁴² – evento em que se aceita a Escritura como Palavra de Deus pela fé.

A terceira e última forma analisada é a *Palavra Revelada* que manifesta o próprio Deus em evento único e singular. Para Barth, a Escritura aponta para a realização de tal evento e se torna um com o evento mesmo. Para o autor, a revelação “abrange” a Escritura como evento revelacional e dirige o olhar daquele que se aproxima do texto com fé, para além, para o *Deus revelatur* (Deus revelado) que se dá a conhecer em evento. Por fim, em sentido absoluto a revelação é encarnação atestada pela Escritura e pela proclamação da igreja.⁴³ Barth ainda reserva algumas reflexões concernentes à unidade das formas da Palavra divina.⁴⁴ A Palavra não se dá a conhecer em separado, mas como unidade perfeita de operações distinguidas. Em

³⁶ “A Palavra de Deus é o julgamento em virtude do qual somente a proclamação pode ser uma proclamação real. Também se pergunta à proclamação se é verdade. O que é decidir isso? Qual é o critério aqui?” (BARTH, 2009, p. 89, tradução nossa).

³⁷ “Finalmente - e somente aqui chegamos ao ponto decisivo - a Palavra de Deus é o evento em que a proclamação se torna proclamação real. Não é apenas a comissão que o ser humano deve ter recebido. Não é apenas o tema ou o objeto que deve entrar no campo em contraste com o discurso humano. Não é apenas o julgamento pelo qual deve ser confirmado como verdadeiro. Sob todos esses ângulos, a atualização da proclamação ainda pode ser entendida como uma caracterização externa e acidental, como um tipo de roupa ou motivo esclarecedor de um evento que, como tal, ainda é, em última análise, o evento da vontade e da realização de proclamar o ser humano” (BARTH, 2009, p. 90, tradução nossa).

³⁸ Pois, como afirma Geoffrey W. Bromley (1979, p. 6, tradução nossa): “A pregação pode recuperar seu lugar apropriado somente se for corretamente entendida como uma repetição da promessa de Deus na qual a Palavra de Deus e a fé estão em encontro pessoal”.

³⁹ BROMILEY, 1979, p. 7.

⁴⁰ “A Sagrada Escritura é a forma concreta da razão pela qual a lembrança com base na qual esperamos que a revelação de Deus não possa ser lembrança de um ser atemporal da Igreja” (BARTH, 2009, p. 99, tradução nossa).

⁴¹ BARTH, 2009, p. 101.

⁴² BARTH, 2009, p. 105.

⁴³ BARTH, 2009, p. 116.

⁴⁴ BARTH, 2009, p. 118-122.

analogia com a Trindade, sempre na proclamação haverá atestação com a revelação e na revelação atestação da proclamação em uma *pericoresis*⁴⁵ de manifestações revelacionais.⁴⁶

4. EMIL BRUNNER E A REVELAÇÃO

Emil Brunner (1886-1966) foi um teólogo suíço que esteve em profundo contato com Karl Barth e que pode ser considerado, juntamente com Barth, como o precursor da teologia dialética, a que ele chamou de *Teologia da Crise*. Após o rompimento com Karl Barth por volta de 1931, Brunner se torna o maior representante da *Teologia da Crise* na era moderna. O que cabe analisar agora é sua compreensão da Revelação e sua contribuição para a “escola dialética” na teologia dogmática.

A doutrina da revelação de Brunner é estabelecida sobre os alicerces de sua epistemologia. Para Brunner, “utilizando-se do próprio conhecimento, o homem pode apoderar-se apenas do mundo”.⁴⁷ Deus, entretanto, não é o mundo, mas o transcende infinitamente. É necessário, portanto, que haja um movimento de descida, de “encontro”, a fim de que o ser humano possa apreender algo acerca de Deus, e que não pode ser realizado pelo indivíduo, mas somente pelo Eterno. O conhecimento de Deus só é possível no âmbito de uma auto-manifestação dele.⁴⁸ A verdadeira doutrina sobre Deus procede, assim, do próprio Deus e aponta para além de si mesma, para a realidade supra histórica e supramundana da vida divina.

Assim, a doutrina cristã não apenas aponta para além de si mesma, para seu “sujeito” real, mas, aponta para longe de si, à divina “doutrina”, ou seja, àquilo que o próprio Deus manifesta e “ensina” sobre si mesmo.⁴⁹

Essa revelação, por se tratar da descida de Deus ao mundo dos seres humanos, não pode ser confinada às categorias humanas, mas só pode ser uma Pessoa: Jesus Cristo encarnado. A realidade da encarnação se encontra na base de toda a manifestação divina ao mundo. Logo, a “Palavra de Deus”, a “[...] decisiva auto-comunicação de Deus, é uma Pessoa, uma existência humana, um homem em quem o próprio Deus nos encontra”.⁵⁰ Deus encontra o ser humano em Jesus Cristo, e esse encontro pode ser considerado a revelação propriamente dita: quando a fé do crente se encontra, no Filho de Deus encarnado, o Deus que se dá a conhecer ao crente, aqui reside o conceito de revelação de Brunner.

Em um apêndice ao capítulo XIV de seu primeiro volume de sua *Dogmática*, Emil Brunner trata da Transcendência divina e da *analogia entis* (analogia do ser), polêmica comum dos teólogos dialéticos, e cabe ao pesquisador analisar panoramicamente a compreensão de Brunner de tal conceito filosófico e sua implicação para a teologia cristã.

⁴⁵ Termo de origem grega que designa, no âmbito da teologia dogmática, a comunhão eterna entre as pessoas divinas - Pai, Filho e Espírito Santo - na divindade.

⁴⁶ BARTH, 2009, p. 118.

⁴⁷ BRUNNER, Emil. *Dogmática*: a doutrina cristã de Deus. 2.ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, vol. 1, p. 29.

⁴⁸ BRUNNER, 2010, p. 30.

⁴⁹ BRUNNER, 2010, p. 30.

⁵⁰ BRUNNER, 2010, p. 31.

Brunner inicia diferenciando os conceitos de “transcendência da essência” e “transcendência do ser”. Segundo ele, a “transcendência da essência” significa que o existir de Deus é completamente diferente da existência das criaturas, assim como a essência do Sujeito Criador difere da essência do Sujeito Criado. A “transcendência do ser”, conceito adotado por Karl Barth, compreende que Deus é infinitamente separado do mundo, pois o ser divino não possui nenhum contato com o ser das naturezas criadas. Brunner, entretanto, afirma que a “transcendência do ser” conduz, erroneamente, a uma ideia deísta extremada da divindade.

O autor admite uma possível abordagem da *analogia entis* (analogia do ser) que vê no ser divino uma semelhança com o ser dos entes criados. Ele compreende que as Escrituras testificam do fato de uma certa analogia entre o Criador e as criaturas, pois “[...] Deus, o Criador, estampou a marca de Sua natureza sobre Sua criação”.⁵¹ Barth, na opinião de Brunner, se equivocou a postular uma *analogia fidei* (analogia da fé) prescindindo de uma *analogia entis* (analogia do ser). “Fé é certamente a pressuposição do correto conhecimento; mas a própria analogia, desde a, e através da, Criação, está nas criaturas em si”.⁵²

E quanto às Escrituras? Brunner entende a Bíblia como a testemunha fiel da revelação, pois a “comunidade dos próprios fiéis [...] não é a religião de um Livro”.⁵³ As Escrituras testemunham da revelação divina e somente em sentido secundário podem ser chamadas de a Palavra divina. Brunner aponta, por fim, para o fato de que é na multiplicidade dos testemunhos escriturísticos que se pode entrever a unidade da fé na Palavra divina humanada em Jesus Cristo. Somente em Jesus Cristo Deus se torna “para os crentes” *strictu sensu* (em sentido estrito), enquanto Deus favorável ao ser humano. Brunner compreende a revelação em palavra escrita como sinônimo de revelação na Antiga Aliança. E nisto ele vê o duplo aspecto desta revelação antiga: o aspecto positivo, em que a linguagem humana se torna elemento distintivo, a fim de expressar a pessoalidade do Revelador e de sua auto-manifestação; e em seu aspecto negativo, em que nem a palavra e nem a linguagem estão “adequadas ao mistério de Deus enquanto Pessoa”.⁵⁴ Por isso, Brunner vê no mistério da encarnação da Palavra divina o evento revelacional por excelência. A Bíblia como testemunho apostólico é como que a palavra fiel que aponta para a Palavra, sem a qual toda a linguagem é nula.

5. KARL BARTH E EMIL BRUNNER: GÊNIOS EM CONFLITO

Nos primeiros anos após o fim da Primeira Guerra Mundial foram caracterizados pelo auge da “teologia dialética”, especialmente com a publicação do *Der Römerbrief* (Carta aos Romanos) de Karl Barth. Não obstante, os anos que antecederam a Segunda Guerra foram de tensão entre os antigos colegas da “escola dialética”, e em especial entre Karl Barth e Emil Brunner. A discussão mais acirrada entre os dois começou com a publicação na revista

⁵¹ BRUNNER, 2010, p. 232.

⁵² BRUNNER, 2010, p. 232.

⁵³ BRUNNER, 2010, p. 35.

⁵⁴ BRUNNER, 2010, p. 32.

Zwischenden Zeiten (entre tempos) do artigo de autoria de Karl Barth intitulado *Das erste Gebot als theologisches Axiom* (O primeiro mandamento como axioma teológico). Barth se levanta contra o que ele chama de “deuses estranhos” no labor teológico, que sempre são introduzidos pelos teólogos pela conjunção “e”.⁵⁵

A última parte dessa citação foi uma clara e direta referência à obra de Brunner *Das Gebot und die Ordnungen* (O mandamento e as ordens). Barth defende que não é tarefa da teologia buscar os pontos de contato possivelmente existentes entre as diversas ciências, mas é tarefa do teólogo se submeter unicamente à Palavra de Deus. Em 1934, Brunner respondeu Karl Barth com a publicação do livro *Natur und Gnade* (Natureza e Graça). Nesta obra, Brunner aponta alguns equívocos de Barth e defende proposições que julga ele serem as mais acertadas, dentre as quais: a imagem de Deus no ser humano não foi formalmente destruída, mas materialmente; Deus testemunha de si mesmo aos pagãos, mesmo que de maneira não completa; o Evangelho é a culminação da velha criação e das necessidades do ser humano.⁵⁶ Barth responde Brunner com o livro intitulado *Nein! Antwort auf Emil Brunner* (Não! Resposta a Emil Brunner). Barth afirma que não é possível conciliar a graça e a natureza, a teologia e a filosofia, visto que o objeto único da teologia é a Palavra de Deus e o só discutir a *teologia naturalis* (teologia natural) se torna o abandono da Palavra divina. Segundo Barth, a teologia natural se opõe aos fundamentos mais basilares da teologia e que, por sua vez, se opõe à própria teologia. O debate marcou o fim da chamada “escola dialética” e iniciou o gradativo afastamento de seus participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se, em breves linhas, percorrer em rasante os fecundos séculos que deram origem a teologia moderna e que culminaram nas obras monumentais de Karl Barth e Emil Brunner. Compreendeu-se o movimento da Reforma que deu início aos estudos bíblicos mais acurados e dissociados da fé e do dogma da igreja. Entreviu também os movimentos da *Era das Luzes* e seus respectivos luminares, juntamente com a resposta dos movimentos populares dos pietistas e idealistas. Buscou-se esboçar, panoramicamente e muito brevemente, o pensamento de Schleiermacher e, por fim, chegou-se a Karl Barth e Emil Brunner, dois dos maiores teólogos do século passado e que exercem intensa influência ainda hoje nas cátedras de teologia dogmática e que se encontram no rol dos gigantes da teologia na história da igreja cristã.

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. 5.ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

⁵⁵ “Assim dizia o século XVIII: revelação e razão. Assim dizia Schleiermacher: revelação e consciência religiosa. Assim dizia A. Ritschl e os seus: revelação e história das religiões. E assim é dito hoje por todos os lados: revelação e criação. Revelação e proto-revelação, Novo Testamento e existência humana, o mandamento e as ordens” (BARTH, 1933, p. 308, *apud* MACKINTOSH, 2002, p. 349).

⁵⁶ MACKINTOSH, 2002, p. 350.

- BARTH, Karl. **Church Dogmatics**. London (UK): T&T Clark, 2009. Vol.1.
- BARTH, Karl. **Credo**: comentários ao credo apostólico. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- BARTH, Karl. **Revelação de Deus como sublimação da religião**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.
- BEISER, Frederick C. **Schleiermacher's Ethics**. In: MARIÑA, Jaqueline (edit.). **The Cambridge Companion to Schleiermacher**. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2005.
- BROMILEY, Geoffrey, W. **Introduction to the Theology of Karl Barth**. London (UK); Grand Rapids (MI): T&T Clark; Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979.
- BRUNNER, Emil. **Dogmática**: a doutrina cristã de Deus. 2.ed. São Paulo: Fonte Editorial. 2010. Vol. 1.
- DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da igreja no período da Reforma**. Coleção história da igreja. São Leopoldo: Sinodal, 1996. Vol. 3.
- FERREIRA, Franklin. **Karl Barth**: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia. Disponível em: http://www.escolacharlesspurgeon.com.br/files/pdf/Karl_Barth_Uma_Introducao_a_Sua_Carreira_e_aos_Principais_Temas_de_Sua_Teologia_-_Franklin_Ferreira.pdf. Acessado em: 05/04/2019.
- FRANK, Manfred. **Metaphysical Foundations**: a look at Schleiermacher's *Dialectic*. In: MARIÑA, Jaqueline (edit.). **The Cambridge Companion to Schleiermacher**. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2005.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- KANT, Immanuel. **Prolegômenos a qualquer metafísica futura que possa apresentar-se como Ciência**. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.
- LAMM, Julia A. **The Art of Interpreting Plato**. In: MARIÑA, Jaqueline (edit.). **The Cambridge Companion to Schleiermacher**. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2005.
- MACKINTOSH, H. R. **Teologia Moderna**, São Paulo: Novo Século, 2002.
- MARIÑA, Jaqueline (edit.). **The Cambridge Companion to Schleiermacher**. Disponível em: https://www.academia.edu/5048869/The_Cambridge_Companion_to_Friedrich_Schleiermacher.Edited_by_Jacqueline_Mariña. Acesso em: 05/04/2019.
- MONDIN, Battista. **Introdução à Filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. São Paulo: Paulus, 2015.
- NAUGLE, David K. **Cosmovisão**: a história de um conceito. Brasília: Monergismo, 2017.
- PORTA, Mario González Porta. **A Filosofia a partir de seus problemas**: didática e metodologia do estudo filosófico. São Paulo: Loyola, 2014.

TAUBES, Jacob. **Theodicy and Theology**: a philosophical analysis of Karl Barth's dialectical theology. In: The Journal of Religion, Vol. XXXIV, n. 4, Oct. 1954, em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/484597?journalCode=jr>, acessado em: 05/04/2019.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

DEUS É SOL: UMA INCÓGNITA APRESENTADA PELO SALMO 84.12 God is Sun: an unknown presented by the Psalm 84.12

Gustavo Albernaz Dias Carreiro¹

RESUMO

O estudo do Saltério apresenta uma série de incógnitas. A palavra שֶׁמֶשׁ (šemeš) é uma delas, ela se encontra no salmo de número 84. Para fazer a correta tradução dessa palavra em seu contexto original e descobrir o seu significado correto esse artigo se utilizou da pesquisa e de ferramentas de análise semântica para clarificar esse termo neste texto e com isso contribuir para a pesquisa bíblica do Saltério. Esse artigo também dá uma atenção especial ao gênero Cânticos de Sião que permitirá que o texto específico escolhido e citado possa ser melhor compreendido, tanto histórico como teologicamente. A plausibilidade de uma “solarização” de YHWH é apresentada nesse artigo.

Palavras-chaves: Saltério. Salmo 84. שֶׁמֶשׁ (šemeš). Cânticos de Sião. Análise Semântica. Solarização.

ABSTRACT

The study of the Psalter presents us with a series of unknowns. The word שֶׁמֶשׁ (šemeš) is one of them; it is found in Psalm 84. This article used both, research and semantic analysis tools, to make the correct translation of that word in its original context, discover its proper meaning, and clarify this term in this text, thereby contributing to the Psalter's biblical research. This article also gives special attention to the genre Canticles of Zion, which will allow our text to be better understood, both historically and theologically. The plausibility of a "solarization" of YHWH is presented.

Keywords: Psalter. Psalm 84. שֶׁמֶשׁ (šemeš). Songs of Zion. Semantic Analysis. Solarization.

¹ O autor é mestrando pelo programa de mestrado profissional da FABAPAR; graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (STBSB/FABAT). E-mail: contato.gustavoalbernaz@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente artigo desenvolverá uma análise semântica sobre a palavra שִׁמֶשׁ (Šemeš) que se encontra no Salmo de número 84.12. Este artigo utilizará a metodologia de análise semântica para a análise desta palavra. Primeiramente será analisado rapidamente o livro de Salmos e os gêneros literários que a ele pertence. Após a identificação do gênero literário do Salmo 84, a pesquisa segue para análise e busca ter uma maior compreensão sobre esse gênero literário.

Em seguida, analisar-se-á mais profundamente o Salmo 84. Far-se-á uma tradução do versículo 12, procurado nas fontes do Oriente Médio Antigo entender o uso da palavra שִׁמֶשׁ (Šemeš). Ao final novamente far-se-á a análise dessa palavra, mas no texto de Salmos. Finalmente, a possibilidade ou não de uma solarização do javismo será discutida, embora a questão ainda fique para debate, por se tratar de um tema muito complexo e da necessidade de novos dados para clarear a visão sobre este tema na Bíblia Hebraica.

1. INTRODUÇÃO PARA COMPREENSÃO E APROXIMAÇÃO AO SALTÉRIO

Segundo Simian-Yofre a análise semântica “comporta o estudo do lexema como conteúdo semântico (...). Esse estudo tem obviamente sentido pleno se se trabalha sobre a língua original do texto em estudo”.²

Simian-Yofre alerta que esse trabalho de decidir:

Quanto a se existe ou não em determinado caso um sintagma, qual é seu sentido e como deve ser traduzido, é muito delicado e por consequência discutível. Quanto mais específica a tradução de um lexema ou sintagma (neste caso X significa Y), tanto mais se tratará de interpretação exegética, ligada, portanto mais estritamente a diversos pressupostos (teológicos e exegético).³

Dessa maneira neste artigo aprofundar-se-á no sentido original da palavra שִׁמֶשׁ (šemeš), em texto específico a fim de elucidar da melhor forma possível todas as nuances que essa palavra traz consigo.

O Saltério ou o livro dos Salmos é segundo Stadelmann “uma coleção de 150 cânticos sacros do Povo de Deus”.⁴ Já Carniti e Schökel dizem que o Saltério é “uma coleção de orações, uma espécie de devocionário. Melhor dito, é uma coleção de coleções”.⁵ Já Rose prefere trabalhar o Saltério não como um escrito contínuo, mas sim como “uma coletânea que reúne numerosas pequenas unidades literárias que, apesar de todas as ‘contextualizações’ secundárias, sempre conservaram sua ‘individualidade’ particular”.⁶

Dentro do Saltério pode-se encontrar diversos gêneros literários. A classificação dos tipos de gêneros, seu número e sua divisão são amplamente debatidos entre os

² SIMIAN-YOFRE, Horácio (coord.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 95.

³ SIMIAN-YOFRE, 2000, p. 96.

⁴ STADELMANN, Luís I. L. **Os Salmos da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2015, p. 15.

⁵ CARNITI, Cecília; SCHÖKEL, Luís A. **Salmos I: salmos 1-72**. São Paulo: Paulus, 1996, p. 72.

⁶ RÖMER, Thomas; et al. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2010, p. 582.

pesquisadores, porém neste artigo preferiu-se utilizar a lista de gêneros elaborada por Stadelmann.

Stadelmann⁷ divide o Saltério da seguinte forma:

Classificação	Salmos
Hinos de louvor	8, 19, 29, 33, 65, 66-A, 100, 103, 104, 111, 113, 114, 117, 135, 136, 145, 146, 147, 148, 149, 150
Hinos ao reinado de Deus	47, 93, 96, 97, 98, 99
Cânticos de Sião	46, 48, 76, 84, 87, 122
Salmos históricos	78, 105, 106
Salmos da realeza davídica	2,18, 20, 21, 45, 72, 101, 110, 132, 144
Salmos litúrgicos	15, 24, 50, 81, 95, 115, 133, 134
Salmos de ação de graças individual	9, 30, 32, 34, 40-A, 66-C, 92, 116, 118, 138, 139
Salmos de ação de graças coletiva	66-B, 67, 68, 107, 124, 126, 129
Salmos de súplica individual	3, 5, 6, 7, 10, 13, 17, 22, 25, 26, 28, 31, 35, 36, 38, 39, 40-B, 41, 42, 43, 51, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 64, 69, 70, 71, 77, 86, 88, 102, 108-A, 109, 120, 129-B, 130, 140, 141, 142, 143
Salmos de súplica coletiva	12, 60, 74, 79, 83, 85, 90, 94, 108-B
Salmos de confiança individual	4, 11, 16, 23, 27, 62, 91, 121, 123, 131
Salmos de confiança coletiva	125
Salmos penitenciais	6, 32, 38, 51, 102, 130, 143
Salmos de vigília	5, 17, 63
Salmos de lamentação	137
Salmos de protesto	44, 80, 89
Salmos de sabedoria	1, 37, 49, 73, 112, 119, 127, 128
Salmos proféticos	14, 52, 53, 58, 75, 82
Salmos sem classificação	9-10, 40, 77, 86,

Desta maneira, pode-se classificar o Salmo de número 84 como sendo um Salmo do gênero literário Cânticos de Sião.

2. OS CÂNTICOS DE SIÃO E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

O salmo 84 para diversos autores⁸ é classificado como sendo um Cântico de/para Sião.⁹ Stadelmann descreve esse gênero da seguinte maneira:

São hinos de louvor em honra da cidade santa, sinal para o Povo de Deus da Eleição divina. Os elementos típicos de sua estrutura literária são: aclamação de louvor, na introdução. O tema central trata de diversos aspectos da cidade santa: o Templo, o sacerdócio, a sede da dinastia davídica e a convergência dos romeiros para o santuário. A elevação rochosa sobre a qual está construído o Templo inspirou a metáfora da cidadela, significando a proteção

⁷ STADELMANN, 2015, p. 17-18.

⁸ STADELMANN, 2015, p. 17.

⁹ CARNITI; SCHÖKEL, 1996, p. 66.

divina para os que nele buscam refúgio. As instituições do povo de Israel têm o mérito de contribuir para o florescimento do culto e da vida religiosa em comunidade. O motivo pelo qual se expressa na oração comunitária o louvor a Deus é serem mediações da salvação divina. Neste contexto se insere a prece de intercessão pelo rei. No epílogo consta a aclamação litúrgica.¹⁰

Schökel por sua vez define os cânticos de Sião como uma espécie de hino, que tem como tema a cidade santa, o monte do templo, e tem como ocasião litúrgica uma peregrinação ou uma festa da capital de Judá. Pertencem a esse gênero segundo autor os salmos 46, 48, 76, 84, 87 e 122. Sua fórmula esquemática é: “o Senhor nos protege em/desde sua cidade”.¹¹

Stadelmann afirma que “desde os tempos mais remotos da história de Israel valoriza-se a cidade de Jerusalém como centro religioso do país e sinal de Eleição divina para os israelitas”.¹² O que iniciou essa valorização é a formulação da chamada teologia de Sião, que tem sido tema de grandes debates entre estudiosos. Ao longo dos últimos 25 anos do século XX, o que predominou nos meios acadêmicos foi a teoria de que a teologia de Sião foi produto do culto pré-davídico e pré-israelita em Jerusalém. Ao observar os diversos paralelos entre a teologia de Sião e as crenças religiosas cananéias, vários estudiosos chegaram à conclusão que a dinastia davídica adotara a mitologia do culto jebuseu como teologia real para a dinastia.¹³ Para VanGemeren, porém, os estudiosos mais recentemente:

Têm-se deslocado da teoria das origens jebuséias para aquelas das origens na corte real de Davi (essa posição foi defendida com maior vigor por J. J. M. Roberts). Esses estudiosos afirmam que a concepção da teologia de Sião do Senhor como o Grande Rei sobre o conselho divino só podia ser defendida num período da história de Israel em que a realidade coincidia com essa confissão teológica. Assim, afirmam que os reinados de Davi e Salomão, o período de maior abrangência do poder de Israel, seria o contexto mais lógico. Tais estudiosos não negam as ligações com os conceitos cananeus. Antes, desejam apenas argumentar que a verdadeira formação das tradições de Sião é produto da corte de Davi.¹⁴

Fohrer aloca o embrião da teologia de Sião não em Davi, mas no período monárquico, segundo ele a teologia de Sião dá seus primeiros passos com o reinado de Saul. Quando este foi elevado ao trono, Israel deu um passo crucial, que teve não apenas consequências políticas, nacionais, culturais, econômicas e militares, mas também um efeito significativo sobre a história do javismo. Deste modo, para esse autor a realeza deve ser considerada a segunda influência que seguiu o javismo mosaico, por causa dos efeitos positivos e negativos que exerceu sobre a forma de javismo que se foi desenvolvendo no território habitado na Palestina.¹⁵

¹⁰ STADELMANN, 2015, p. 47.

¹¹ CARNITI; SCHÖKEL, 1996, p. 85.

¹² STADELMANN, 2015, p. 405.

¹³ VANGEMEREN, Willem A. (org.). **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, vol. 4, p. 1225.

¹⁴ VANGEMEREN, 2012, vol. 4, p. 1225.

¹⁵ FOHRER, Georg. **Histórias da religião de Israel**. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012, p. 160.

Foi com a atuação de Davi, porém, que a realeza começou a desenvolver-se em uma direção diferente e a acarretar consequências religiosas diferentes daquelas imaginadas por seus primeiros proponentes e adeptos.¹⁶ Fohrer diz que esse rei:

Pretendeu seguir o exemplo cananeu e construir um templo, privilégio e tarefa dos reis vitoriosos, em que deveria localizar a arca. Contudo, teve de se submeter à violenta oposição que se levantou em nome de Iahweh, comunicada a Davi através de Natã, o vidente (2 Sm 7.1-7,17). O momento ainda não era propício para dar tal passo. Apesar dessa vitória conquistada pelos defensores de um javismo incontaminado, a influência cananéia obteve uma larga medida de sucesso em Jerusalém. A antiga cidade cananéia, que tinha sido e continuava a ser habitada pelos jebuseus, ligada pouco a pouco por um considerável número de judaítas, tornou-se propriedade privada de Davi e sua dinastia depois de ser conquistada, e teve um *status* constitucional especial ao lado de Judá e Israel. Davi herdou os privilégios e deveres dos mais antigos reis da cidade Cananéia, adquirindo ao mesmo tempo as funções sacerdotais, que estavam enraizadas na tradição Cananéia – talvez como sucessor do rei Melquisedec da última cidade (cf. Gn 14.18-20; Sl 110.4). Assim, através de sua relação com a figura do rei sacral em outras culturas do antigo Oriente Médio, ele veio a ocupar um lugar especial no culto de Jerusalém. Consequentemente, esse culto tomou por empréstimo formas cananéias e as adotou.¹⁷

O que parece ter ocorrido neste caso, foi uma verdadeira fusão do javismo com o culto cananeu de Jerusalém. Albertz vai mostrar como prova dessa fusão de tradições o fato de que Davi apontou dois sacerdotes (famílias sacerdotais) para o seu santuário nacional (II Sm 8.17; 20.25): um deles foi Abiatar, um companheiro antigo do período quando Davi lutava por poder (I Sm 23.9; 30.7) o qual veio da famosa família sacerdotal de Eli do santuário de Siló (I Sm 22; cf.14.3). Através dele Davi pretendia estabelecer conexões com as tradições de culto das tribos israelitas. O outro foi Zadoque cuja genealogia, que foi ratificada apenas em um estágio posterior, não pode esconder o fato de que ele provavelmente era o sacerdote de Jerusalém. Ao deixá-lo no cargo e até mesmo colocá-lo acima de Abiatar, Davi mostrou que ele também queria permitir que a tradição cultural pré-israelita de Jerusalém continuasse em seu culto estatal e reconciliá-lo com a religião de Iahweh.¹⁸

Este equilíbrio na política religiosa de Davi foi mudado novamente por Salomão em favor de Zadoque: ele baniu Abiatar, que pertenceu ao partido de Adonias, de Anatote (I Rs 2,26) e deu o monopólio sacerdotal em Jerusalém aos da linhagem de Zadoque (I Rs 4,2). Salomão, evidentemente, já se via como um governante análogo à monarquia sacral cananéia que ele não sentiu mais necessário levar em consideração quaisquer ligações institucionais entre o culto estatal e as tradições pré-estatais de Iahweh. A razão pela qual a religião oficial de Iahweh do templo de Jerusalém mostra quase nenhuma consciência das tradições de

¹⁶ FOHRER, 2012, p. 162.

¹⁷ FOHRER, 2012, p. 164.

¹⁸ ALBERTZ, Rainer. **A history of Israelite Religion in the Old Testament Period. Vol. I: From the Beginnings to the End of the Monarchy.** Louisville: Westminster/John Knox, 1994, p. 129.

libertação do período anterior da fé javista é que no tempo de Salomão, não israelitas deram o seu tom a fé, sendo seus sacerdotes e teólogos.¹⁹

Assim, para Fohrer, da época de Davi em diante, encontra-se um movimento com uma tendência em direção ao sincretismo. Isso produziu a tentativa de criar uma base ideológica comum a todos, isto é, uma religião estatal, por meio de uma fusão de javismo e religião cananéia, tentativa apenas temporariamente interrompida ou abolida pelas assim chamadas reformas de alguns reis. Politicamente motivada, a atitude de tolerância para com os cananeus teve consequências religiosas. Ao mesmo tempo, a elevação de Jerusalém ao *status* de residência oficial da dinastia davídica, a transferência da presença de Yahweh para lá e a expansão do javismo, conseguida através da adoção de conceitos cananeus, colocaram a base para o gradual crescimento da importância da cidade.²⁰

Salomão obteve sucesso naquilo que Davi fracassou, isto é, na edificação de um templo. Ao norte da antiga cidade jebuséia de Davi, ele estabeleceu um novo bairro, que tornou possível a construção de uma nova residência real e aliviou o verdadeiro amontoamento suportado pela população que crescia cada vez mais. Ali, de acordo com o modelo do templo-residência do Novo Reino egípcio, o palácio e o templo foram construídos juntos, como um único complexo. A localização do palácio e do Templo na mesma cidade, cercados por um muro, mostrava nitidamente que o Templo era propriedade da dinastia davídica e um santuário de Estado, em que eram oferecidos os sacrifícios privados do rei e realizado o culto oficial do Estado.²¹

Albertz ainda vai alertar que:

Em Amós 7.13, o Templo é chamado de "casa do reino" (*bet mamlākā*) e "santuário do rei" (*miqdašha mmelek*); em outras palavras, era a propriedade e a capela privada do rei e, ao mesmo tempo, afirmou ser o santuário público do reino, no qual todo o reino devia encontrar seu centro cívico. Portanto, a centralização da autoridade política, por um lado, desencadeou uma centralização do principal culto israelita que mais tarde - em diferentes condições religiosas e políticas - proporcionou a exigência de Deuterônimo da abolição de todos os cultos locais fora de Jerusalém. Por outro lado, levou a uma fusão institucional entre o poder político e o culto; O culto no santuário central era, em grande medida, uma questão de Estado.²²

Este mesmo autor afirma que a monarquia teve um papel chave no estabelecimento e no desenvolvimento do santuário de Jerusalém e que não surpreende o fato de que existia uma relação muito próxima entre o trono e o altar. Albertz ainda lembra que foi Davi que teve a brilhante ideia de trazer a arca para a sua nova capital, fazendo assim Jerusalém o lugar central de culto para todo o seu reino.²³

¹⁹ ALBERTZ, Rainer. **A history of Israelite Religion in the Old Testament Period. Vol. I: From the Beginnings to the End of the Monarchy.** Louisville: Westminster/John Knox, 1994, p. 129.

²⁰ FOHRER, 2012, p. 164.

²¹ FOHRER, 2012, p. 166.

²² ALBERTZ, 1994, p. 127-128.

²³ ALBERTZ, 1994, p. 128-129.

Sobre o evento de trazer a arca para Jerusalém Fohrer afirma que no tempo de Salomão a assim chamada narrativa da arca (1 Sm 4.1-7; 2 Sm 6; 7.1-7,17) foi provavelmente destacada de suas narrativas originais e expandida para demonstrar a legitimidade de Jerusalém como o local legítimo da arca; o poder da arca foi claramente enfatizado neste contexto. Todavia, a arca perdeu rapidamente sua primitiva importância, enquanto o culto do Templo passou por uma posterior elaboração segundo o modelo cananeu. Além disso, depois do tempo de Davi, deu-se nova mudança na forma do javismo, com mais ênfase no culto e no nacionalismo religioso. O subsequente papel histórico de Jerusalém foi também significativamente influenciado pela construção do Templo e pela transferência para ele do culto que, anteriormente, era realizado na cidade de Davi. A presença de Iahweh, que agora como um “rei” tinha sua própria “casa”, estava associada com o Templo, de modo que, desde a dedicação do Templo de Salomão em diante (IRs 8.12-13), encontra-se a noção de que Yahweh “habita” em Jerusalém. No princípio, essa noção estava associada com o próprio Templo; mais tarde, com o monte no qual ele foi construído (Is 8.18).²⁴

Assim, a monarquia, tanto diretamente como indiretamente, promoveu o desenvolvimento e a formação de tradições históricas, lei e literatura. Não pequena porção dos escritos do Antigo Testamento surgiu como consequência da monarquia²⁵, como, por exemplo, os Cânticos de Sião.

VanGemeren sustenta que qualquer que seja a conclusão das discussões que se chegue sobre as origens da teologia de Sião, o fato é que esse complexo teológico dominou a corte real da dinastia davídica ao longo de toda a monarquia de Judá. Apesar do fato de Judá e Israel terem se separado e de um rei davídico não mais controlar as terras vizinhas, a teologia de Sião continuou sendo a ideologia do Estado e norteou as aspirações dos reis e da corte de Judá.²⁶

No entanto, a nação não sobreviveu ao ataque de Nabucodonosor e dos babilônios. Nessa ocasião, as circunstâncias históricas obrigaram os hebreus a reavaliarem sua ideologia nacional, resultando no predomínio das teologias do Nome (*šēm*) e da Glória (*kābôd*). Porém a teologia de Sião nunca acabou completamente, voltando a ocupar uma posição de destaque nas esperanças dos sacerdotes que trabalharam na restauração de Israel depois do exílio. Assim, os conceitos básicos da teologia de Sião, (segundo VanGemeren “a teologia de Sião abrangia um conjunto importante de ideias que giravam em torno da concepção do Deus de Israel como o Grande Rei da assembleia divina”.²⁷ Essa teologia “afirmava que o Senhor é o Grande Rei divino que controla todas as forças do caos, provendo desse modo a segurança e fertilidade de sua nação”²⁸) reaparecem de modo relevante em livros como Ezequiel, 1 e 2 Crônicas e Esdras-Neemias.²⁹

²⁴ FOHRER, 2012, p. 166.

²⁵ FOHRER, 2012, p. 182.

²⁶ VANGEMEREN, 2012, vol. 4, p. 1225.

²⁷ VANGEMEREN, 2012, vol. 4, p. 1220.

²⁸ VANGEMEREN, 2012, vol. 4, p. 1220.

²⁹ VANGEMEREN, 2012, vol. 4, p. 1225.

Com o passar do tempo, as esperanças de uma restauração nacional esmoreceram-se. A fé do povo de Israel, todavia, reaplicou os princípios da teologia de Sião à sua situação. As tradições de Sião não foram mantidas como um complexo teológico unificado. Antes, foram disseminadas por toda a fé de Israel no pós-exílio e, como consequência disso, sofreram alterações. Nos últimos Salmos, por exemplo, Sião ou Jerusalém não é apresentada mais como refúgio; em vez disso, os israelitas são ordenados a refugiar-se na Torá (cf. Sl 119). De modo ainda mais dramático, o apocalipticismo separou as aspirações da teologia de Sião deste mundo, deslocando-as para um reino celestial. A transferência das esperanças da teologia de Sião da esfera física para a espiritual pode ser encontrada facilmente no texto bíblico de Daniel.³⁰

3. O SALMO 84 E A PALAVRA שְׁמֵשׁ (ŠEMĚŠ)

Antes de, propriamente, fazer uma análise semântica julgou-se necessário antes expor um pouco mais sobre o Salmo 84. Como observou-se no capítulo anterior esse Salmo faz parte dos chamados Cânticos de Sião, a sua teologia e o seu contexto histórico remetem aos tempos monárquicos de Israel.

Esse Salmo além de apresentar as características essenciais de um Cântico de Sião, como a importância da cidade Santa e de Deus como seu protetor, mostra um contexto de peregrinação até o Templo.

Sobre isto, Schökel vai dizer que a

Peregrinação espiritual é a substância do poema. Se a polaridade e tensão se definem no Sl 42-43 em termos de ausência/presença, no presente salmo são distância/presença. Se fisicamente podem coincidir distância e ausência, psicologicamente não são o mesmo. Com o ausente não contamos, com o distante sim. O orante põe-se a caminho: “em seu coração” decidiu peregrinar (v.6), e a mente já se enche do anseio de chegar, de gozo pela certeza e proximidade.³¹

Esse autor ainda vai dizer que esse Salmo não começa com um enunciado, mas com uma exclamação (do mesmo jeito que os Sl 8.2; 133.1), felicita (v.5 e 6) e emite um juízo de valor (v.11). As ânsias (v.3) são a impaciência de quem faz uma viagem para encontrar uma pessoa querida. A pessoa querida neste caso é Deus, que vai se revelar luminoso e protetor (v.8 e 12). O encontro será breve, mas tão intenso que compensará longos períodos e os possíveis perigos da viagem. Com diferentes nomes e pelo possessivo “teu”, Deus faz-se sentir vizinho ao longo de todo o Salmo.³²

A peregrinação, para Schökel, é ética e enuncia-se no final: os que caminham = procedem honradamente, recebem de Deus favor, honra e bem-estar (v.12). A viagem física não fica em mero ritualismo nem em doce experiência íntima, mas compromete a conduta do peregrino. Esse autor encerra seu comentário sobre o Salmo dizendo que “a experiência de

³⁰ VANGEMEREN, 2012, vol. 4, p. 1226.

³¹ CARNITI; SCHÖKEL, 1998, p. 1072.

³² CARNITI; SCHÖKEL, 1998, p. 1072.

união com Deus deve desembocar numa conduta honrada. É como se, no final, o caminho de volta estivesse definido pela experiência do templo”.³³

A palavra שֶׁמֶשׁ (šemeš) tem sido tema de debate entre grandes estudiosos da língua hebraica. VanGemeren ao falar sobre esse termo vai trazer os seguintes detalhes:

O cognato acádio *šamšu* (masc., porém em algumas ocasiões fem., como no sem. ocidental) pode significar sol, luz do sol, dia, disco solar. O nome divino *Šama* (Utu no sum.) refere-se ao deus sol que era “a divindade mais popular da Mesopotâmia do tempo dos acádios em diante” (Collon,167) e é retratado com frequência em selos cilíndricos com raios sobre seus ombros e sua faca serrilhada na mão direita. Num selo de Nipur ele é mostrado sob “um dossel sustentado por colunas torcidas” (Collon, 765). De acordo com textos literários, *Šamas* entra e sai das portas do céu em sua trajetória diária de perambulações e sua ascensão pela porta leste na aurora é retratada com frequência em selos cilíndricos acádios antigos. Ele é o deus da justiça e, conseqüentemente, guardião da lei e juiz da Mesopotâmia. Concede aos reis a autoridade de criar leis. É o senhor do céu e da terra, senhor ou rei dos espíritos dos mortos (*ešemmu*) e tem autoridade de trazê-los de volta (*šūlū*) do mundo dos mortos. Em termos iconográficos o deus sol costumava ser representados como um disco alado.³⁴

VanGemeren, ainda comentando sobre a palavra שֶׁמֶשׁ (šemeš) mostra que é possível que o uso do feminino para se falar sobre o sol seja um reflexo de origem cananéia, também diz que “é um elemento de nome próprio como *šimšôn*, Sansão e *šimšay*, Sinsai, bem como do nome geográfico *bēt-šemeš*, Bete-Semes. Tais nomes, especialmente o último, podem refletir o culto ao sol em Canaã nos tempos pré-israelitas.”³⁵

Sobre o povo cananeu, Eliade informa, que pouco antes de 3.000 a.C. a civilização do Bronze Antigo surgiu na Palestina, essa época assinala o primeiro estabelecimento dos semitas nesta região. Da mesma maneira que a Bíblia, pode-se chama-lós “cananeus”. Esses invasores tornaram-se sedentários, praticaram a agricultura e desenvolveram uma civilização urbana. Durante o passar dos séculos, outros imigrantes infiltraram-se na região, e os intercâmbios com os países vizinhos, sobretudo o Egito, se multiplicaram.³⁶

De acordo com esse autor “muitos elementos religiosos cananeus foram assimilados pelos israelitas”.³⁷ Concordando com essa posição, Tenney afirma que

Após o êxodo e a conquista de Canaã, os israelitas entraram em contato com o culto ao sol, e muitos nomes de locais do período dos Juízes e da Primeira Comunidade refletem sua antiga condição de culto, e.g., Bete-Semes, “casa do sol” (Js 15.10, et al.); Em-Semes, “Fonte do sol” (Js 15.17 et al.); Semes-Edom mencionado em fontes egípcias (Pritchard, Ancient Near Eastern Texts págs 243,245). O ritual envolvido com esta deidade solar era o de marcar o curso do sol com carruagens e modelos de carruagens deixados no portão

³³ CARNITI; SCHÖKEL, 1998, p. 1073.

³⁴ VANGEMEREN, 2012, vol. 4, p. 184.

³⁵ VANGEMEREN, 2012, vol. 4, p. 186.

³⁶ ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 151.

³⁷ ELIADE, 2010, p. 159.

por onde o sol nascente entrava na cidade. Esta e outras práticas foram proibidas no período de Josias (2 Rs 23.5, especialmente no v.11).³⁸

Muitos autores têm debatido como deve ser traduzida palavra שֶׁמֶשׁ (šemeš) no texto de Salmos 84. VanGemerem, por exemplo, entende que a tradução de šemeš pode continuar a ser sol, mas compreendendo que esse seria um uso metafórico do termo. Esse autor esclarece sua posição quando diz que “o fato de Deus ser chamado de “sol” nessa passagem pode ser comparado com o fato de o rei heteu e de faraó serem chamados de “o Sol” emugarítico. Também no acádio “sol” é usado como um nome carinhoso: “és meu senhor, és meu sol” (CAD, Š/1, 337).³⁹

Outros autores trazem conclusões diferentes de VanGemerem, por exemplo as encontradas em *O The Brown-Drive-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Neste material se afirma que, apesar da tradução mais comum para šemeš seja “sol” no Salmo 84.12 a melhor tradução para שֶׁמֶשׁ (šemeš) seria “*battlement*” algo como “ameia” ou “baluarte” no português. Outro exemplo de שֶׁמֶשׁ (šemeš) usado como “ameia” seria Isaías 54.12, só que neste caso o termo está no plural, aliás é a única vez que isso ocorre em toda a Bíblia Hebraica.⁴⁰

Kohler e Baumgartner concordam que essa palavra tem sido traduzida por exegetas mais recentes como “ameias” e esses autores supõem isso devido ao uso do plural usado no texto de Isaías 54.⁴¹ Porém, tendo em vista todo o contexto sociocultural que envolve o texto do Salmo de número 84, de todas as manifestações da adoração ao sol no antigo Oriente Próximo e de muitos elementos religiosos cananeus serem assimilados pelos israelitas⁴², surge o questionamento se possivelmente houve uma espécie de “solarização” do javismo e que talvez esse texto possa ser uma prova desse acontecimento. Esse será o destaque do próximo ponto.

4. SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA “SOLARIZAÇÃO” DO JAVISMO

Segundo Smith, uma “linguagem solar para YHWH na Bíblia Hebraica é limitada. Entretanto, representa uma significativa manifestação de YHWH e constitui um aspecto significativo na religião de Israel durante o período da monarquia”.⁴³

Diversos autores têm apresentado as suas opiniões sobre a possibilidade de uma síntese entre as características solares e a divindade de YHWH. Smith tem a opinião de que a dinastia de Judá contribuiu para esse processo, apesar de esse autor ter consciência de que o culto ao sol já ser algo nativo dessa região; e que esse processo foi visto por alguns autores bíblicos, como os de II Reis 23 e Ezequiel 8, como idolatria e incompatível com o culto a YHWH.⁴⁴

³⁸ TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia cultura cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, vol. 5, p. 694.

³⁹ TENNEY, 2008, vol. 5, p. 184-188.

⁴⁰ BROWN, Francis; DRIVER, R.; BRIGGS, Charles. *The Brown-Drive-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1996, p. 1039.

⁴¹ KOHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, J. J. Stamm. *Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 2001.

⁴² ELIADE, 2010, p. 159.

⁴³ SMITH, Mark. The Near Eastern Background of solar language for Yahweh. *Journal of Biblical Literature*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1990, p. 29.

⁴⁴ SMITH, 1990, p. 39.

Taylor por sua vez compreende que o Salmo de número 84 é o exemplo mais utilizado por aqueles que defendem um javismo solar. Além da expressão *kî še meš ûmāgēn yhwh* (Porque o Senhor Deus é um sol), esses autores argumentam que o contexto do Salmo e a expressão “Senhor dos Exércitos” (v.13) também são uma evidência ao seu favor.⁴⁵ A expressão “Senhor do Exércitos” segundo Taylor, pode ser remontada as tradições da teologia de Sião, e no seu ponto de vista sugere fortemente uma dimensão solar no caráter de YHWH.⁴⁶ Esse autor apresenta a interessante informação de que a expressão *yhwh š^ebā’ôt* (Senhor dos Exércitos) aparece em dois Salmos em que imagem solar aparece de forma mais evidente, nos Salmos 89 e 84, nesse último essa expressão ocorre logo em seguida ao versículo no qual há a aparição da figura solar (v.12).⁴⁷

Porém, Taylor, contrariando Stähli, não acredita que o versículo 12 do Salmo de número 84 possa ser uma indubitável prova de um entendimento solar da figura de YHWH, antes ele acredita que a expressão fora utilizada nesse Salmo como um epíteto real para YHWH, e, portanto, esse Salmo apresenta nada mais do que YHWH como um rei.⁴⁸

Nessa questão enfatiza-se também que Stadelmann nega essa síntese das características atribuídas a divindade solar e YHWH. Esse autor diz que em nenhuma passagem dos Salmos encontra-se a comparação de YHWH com o sol. Portanto, para esse autor a palavra *šemeš* (šemeš) não deve ser traduzida como “sol” no Salmo 84.12, mas como “baluarte”. Esse autor usa como base o texto de Isaías 54.12 no qual o termo *šemeš* (šemeš) é utilizado no plural, (*Šimšot*), e é traduzido como “baluartes”.⁴⁹ Esse mesmo autor faz uso de outros argumentos para defender sua opinião, conforme nota.⁵⁰

⁴⁵ TAYLOR, J. Glen. Yahweh and the sun: Biblical and archaeological evidence for sun worship in ancient Israel. **Journal for the study of Old Testament Supplement Series 111**. Sheffield: JSOT Press, 1993, p. 219.

⁴⁶ TAYLOR, 1993, p. 100.

⁴⁷ TAYLOR, 1993, p. 104.

⁴⁸ TAYLOR, 1993, p. 219.

⁴⁹ STADELMANN, 2015, p. 76.

⁵⁰ As imagens de Fortaleza e Baluarte atribuídas a YHWH são do tipo arquetônico com a finalidade de ilustrar a função do Templo como refúgio dos fugitivos da lei por crime de homicídio involuntário (Êx 21.13-14). Ali prevalecia o direito de asilo. Para salvaguarda da legalidade contra a lei do mais forte. Era um dos privilégios dos santuários centrais de cada país assegurar o direito de asilo aos fugitivos, que tinham proteção contra o braço da lei, sem ser executados de imediato até que fosse verificada sua culpabilidade. Daí que os fiéis que buscavam a proteção de Deus estavam confiantes na eficácia da oração comunitária para receber a ajuda divina em perigo de vida contra a perseguição dos inimigos. Se, portanto, havia garantia de proteção de Deus para os fugitivos em perigo de vida, era de se esperar que os fiéis também pudessem confiar na intervenção divina em situação de aflição. Não é unicamente a função simbólica como “firmeza, proteção” que os salmistas ressaltam, mas, sobretudo o fato de contrastar com os apelativos que os mitógrafos pagãos atribuíram aos deuses, identificados como diversos pólos opostos em sua contraposição entre divindades, sem chegar a uma unanimidade de interesse, embora agregando nelas as energias do mundo astral. Ora, o Deus da Bíblia não se identificava com as forças da natureza e por isso era bem diferente das divindades veneradas no culto, nas crenças e folclore dos outros povos, que apresentavam o Ser Supremo com traços de mera realidade virtual e manifestando-se como deus da tempestade: Zeus (entre os gregos), Júpiter (entre os romanos), Amon-Ra (entre os egípcios), Teshub (entre os hititas), Marduc (entre os babilônicos), Assur (entre os assírios), Baal (entre os cananeus). (STADELMANN, 2015, p. 76).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo trazer uma abordagem semântica no Salmo de número 84.12, com o seu foco principal voltado para a tradução e análise da palavra שִׁמְשִׁי (šemeš). Nesse artigo, abordou-se o que vem a ser o Saltério os diversos gêneros literários nele encontrado, com especial foco para o gênero Cânticos de Sião, cujo gênero literário é o do Salmo abordado. A análise histórica dos Cânticos de Sião e a análise literária da palavra שִׁמְשִׁי (šemeš) evidenciou como a religião javista pode ter sofrido influências de outras culturas.

Todos os autores trabalhados até aqui são exemplos de como a discussão sobre se houve ou não uma “solarização” de YHWH e se na Bíblia pode-se achar evidências que comprovem ou não essa teoria ainda está em aberto. Este assunto certamente será tema de mais debates teológicos e precisa de novas contribuições que possam clarear a visão, não só no Salmo 84.12, mas de toda a Bíblia Hebraica.

REFERÊNCIAS

ALBERTZ, Rainer. **A History of Israelite Religion in the Old Testament Period**. Vol. I: From the Beginnings to the End of the Monarchy. Louisville: Westminster/John Knox, 1994.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Francis; DRIVER, R.; BRIGGS, Charles. **The Brown-Drive-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publisher, 1996.

CARNITI, Cecília; SCHÖKEL, Luís A. **Salmos I: salmos 1-72**. São Paulo: Paulus, 1996.

CARNITI, Cecília; SCHÖKEL, Luís A. **Salmos II: salmos 74-150**. São Paulo: Paulus, 1998.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FOHRER, Georg. **Histórias da religião de Israel**. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012.

KOHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, J. J. Stamm. **Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 2001.

RÖMER, Thomas; et al. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

SIMIAN-YOFRE, Horácio (coord.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000.

SMITH, Mark. The Near Eastern Background of solar language for Yahweh. **Journal of Biblical Literature**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1990.

STADELMANN, Luís I. L. **Os Salmos da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2015.

TAYLOR, J. Glen. Yahweh and the sun: Biblical and archaeological evidence for sun worship in ancient Israel. **Journal for the study of Old Testament** - Supplement Series 111. Sheffield: JSOT Press, 1993.

TENNEY, Merrill C. **Enciclopédia da Bíblia cultura cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. Vol. 5.

VANGEMEREN, Willem A. (Org.). **Novo dicionário internacional de Teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. Vol. 4.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O LÍDER CRISTÃO NO DESEMPENHO DA FUNÇÃO DE CUIDADOR Der christliche Führer in der besetzung der Pflegekraft

Jaqueline Bresch¹

RESUMO

Este artigo mostra a necessidade de mais material a respeito de cuidado aos cuidadores. Se evidencia que o termo líder cuidador é utilizado para indicar pessoas que são líderes cristãos e que se dedicam para cuidar de outras pessoas. Diante desse conceito, o líder cuidador apresenta diversas características importantes e necessárias para exercer esta função, todavia também pode apresentar suas fragilidades. Como todo ser humano, o líder é vulnerável em toda as suas dimensões, porque está sujeito a adoecer e a sofrer dor. Além disso, também necessita de alguém que o acompanhe e aconselhe. Cuidar de pessoas exige disposição física, mental e espiritual. Conseqüentemente, há líderes esgotados e carentes de recuperação. Porém, diante das multitarefas e pressões, o maior desafio da liderança é cuidar de si enquanto cuida dos outros. Estes são os aspectos apresentados no artigo que segue.

Palavras chave: Cuidado. Liderança Cristã. Vulnerabilidade.

ABSTRACT

Dieser Artikel zeigt den Bedarf an mehr Inhalt für die Pflege von Pflegekräften. Es ist offensichtlich, dass der Begriff Betreuerführer verwendet wird, um Menschen zu bezeichnen, die christliche Führer sind und sich der Fürsorge für andere Menschen widmen. In Anbetracht dieses Konzepts verfügt der Betreuungsleiter über mehrere wichtige und notwendige Merkmale, um diese Funktion auszuführen. Er kann jedoch auch seine Schwächen darlegen. Wie jeder Mensch ist der Anführer in all seinen Dimensionen verwundbar, weil er krank wird und Schmerzen hat. Darüber hinaus benötigen Sie jemanden, der Sie begleitet und berät. Die Pflege von Menschen erfordert körperliche, geistige und geistige Veranlagung. Folglich sind die Führungskräfte erschöpft und

¹ Acadêmica em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: jaque.bresch@hotmail.com

bedürfen der Genesung. Angesichts von Multitasking und Druck besteht die größte Herausforderung für die Führung darin, auf sich selbst aufzupassen und auf andere aufzupassen. Dies sind die Aspekte, die im folgenden Artikel vorgestellt werden.

Schlüsselwörter: Vorsicht. Christliche Führung. Verletzlichkeit.

INTRODUÇÃO

O cuidado para com o próximo não é um assunto novo dentro da Teologia. Na perspectiva bíblica, ele tem sido praticado desde os tempos antigos. Porém, a questão do cuidado aos líderes cristãos tem sido objeto de estudos recentes, na teologia, psicologia, enfermagem, medicina, e outras profissões envolvidas. Todo ser humano é limitado, sujeito ao cansaço e a vivência de pequenos fracassos e decepções, acompanhados da sensação de derrota e inadequação.

Cristãos que assumem uma posição de liderança passam a investir vigorosamente nos outros. Para os liderados, o líder é alguém influente e que se destaca. Por esse motivo, cria-se expectativas sobre ele e normalmente é ele quem vai cuidar do grupo, orientando-os para seguir determinado caminho. Infelizmente, muitos líderes não recebem orientações ou cuidado para lidar com as pressões. Cuidar de pessoas exige disposição física, mental, espiritual e também emocional. Diante disso, será abordado sobre a figura do cuidador, o conceito de líder, quem ele é, e suas possíveis fragilidades, para entender os desgastes pessoais, quando há falta de preparo psicológico ou espiritual. Posteriormente, será analisada a situação atual do líder cristão cuidador.

1. A PRÁTICA E O AGIR DO LÍDER CRISTÃO/CUIDADOR

Um líder cristão é alguém que está sob o chamado de Deus para servir um certo grupo e que assume a responsabilidade de cuidar de outros.² Líder é líder cuidador quando está cuidando de alguém.³ Sua missão é conduzir, ajudando a encontrar saídas para os diversos problemas da vida emocional, física e espiritual. Portanto, é aquele que tem a capacidade de influenciar e conduzir as pessoas ao caminho de Deus e instruí-las a perseverar.⁴ A liderança cristã expressa o Reino de Deus, na medida em que o líder vive para Deus e para o próximo.⁵

A seguir, serão apresentadas características que se encontram presentes na pessoa do líder cristão as quais são características do líder cuidador. São elas: ser referência e conduzir os seus liderados à um caminho de fé; ser sensível e se interessar com as necessidades de seus liderados; estar atendo a sua realidade e agir com amor. Posteriormente, serão apresentadas possíveis fragilidades, ou dificuldades, que podem fazer parte da vida do líder cuidador. Finalmente, será feita uma reflexão acerca da situação atual do líder cristão cuidador.

² MOCIDADE BATISTA INDEPENDENTE. **Manual do líder**. 3.ed. São Paulo, 2015, p. 23.

³ LIMA, Eliseu de. **Um café, por favor!** Campinas: Batista Independente, 2017, p. 26.

⁴ MOCIDADE BATISTA INDEPENDENTE, 2015, p. 23.

⁵ LIMA, 2017, p. 57.

1.1 É referência e conduz os seus liderados à um caminho de fé

Neste artigo, utiliza-se o termo de líder cuidador para indicar pessoas que são líderes cristãos, que se dedicam para cuidar de outras pessoas. Cuidador remete a ideia de cuidado⁶, que significa interesse, cautela, atenção, cuidar do outro.⁷ O líder é alguém influente e que se destaca, por esse motivo cria-se expectativas sobre ele, e normalmente é ele quem ajudará o grupo a seguir seu caminho, orientando-os. Liderar é levar as pessoas do grupo a agirem com esforço e dedicação para atingirem os objetivos planejados, com eficiência e eficácia, mantendo o grupo motivado.⁸ Um líder é como um mentor, mostrando o caminho e andando com elas, ajudando em suas dificuldades.⁹

A mentoria exige um grau mais profundo de intimidade entre líder e o liderado, por isso, a dependência de Deus é fundamental.¹⁰ O cuidado envolve as diversas dimensões da vida do ser humano, a saber, os aspectos bio-orgânicos, emocionais, espirituais, existenciais, ecológico-ambientais, entre outros. Dentro do conceito Sagrado, vincula-se a uma relação de ajuda.¹¹

O processo de cuidar abrange ações e comportamentos que privilegiam não só o estar com, mas o ser com. Cuidado existe quando ocorre respeito, consideração, gentileza, atenção, carinho, solidariedade, interesse, compaixão e outros. O cuidar é um processo interativo, só ocorre em relação ao outro.¹²

Um líder cuidador é um guia de fé e prática, tendo a capacidade de conduzir o povo de Deus, buscando simplicidade, amor pelos outros, humildade e crescimento na fé em Cristo.¹³ Um guia, que observa as necessidades do grupo ou indivíduo, fornecendo segurança, pois dirige às pessoas em sua caminhada com Deus, levando à comunhão com Deus, aconselhando e guiando com carinho e tranquilidade, sob a direção do Espírito Santo e com base na Escritura Sagrada.¹⁴

Para gerar crescimento, o líder cuidador busca amar a Deus sobre todas as coisas, com toda a sua alma e com toda a sua força, conforme está escrito em Lucas 10.27, “amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e com todo o entendimento, e o próximo como a ti mesmo”.¹⁵ Um líder cristão gera admiração quando ama o evangelho e prega a sua mensagem. A admiração não ocorre somente a partir dos seus

⁶ OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. **Para não perder a alma: o cuidado aos cuidadores**. São Leopoldo: Sinodal. 2012, p. 18.

⁷ SACCONI, Luiz Antônio. **Grande dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 572.

⁸ DUSILEK, N. G. **Liderança cristã: a arte de crescer com as pessoas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1998, p. 19

⁹ SCHACH, Aline Coscioni. **Filosofia de liderança espiritual para líderes de crianças**. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 2004, p. 12.

¹⁰ SCHACH, 2004, p. 12.

¹¹ OLIVEIRA, 2012, p. 18-19.

¹² WALDOW, Vera Regina; BORGES, Rosália Figueiró. O processo de cuidar sob a perspectiva de Vulnerabilidade. **Revista Latina Americana em Enfermagem**. Julho-Agosto; 16 (4), 2008. Artigo Online.

¹³ DUSILEK, 1998, p. 49.

¹⁴ MAXWELL, John. **Minutos de liderança**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008, p. 15.

¹⁵ HAGNOS: **Bíblia Brasileira de estudo**. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 1412.

liderados, mas também pelos companheiros de ministério como a Igreja em geral, pois notam a marca de um profundo amor pelas Escrituras Sagradas e sua integridade na prática de viver o evangelho.¹⁶

O verdadeiro líder cuidador é comprometido e dedica-se ao crescimento e aperfeiçoamento de seu grupo. Isso requer compromisso, paixão, investimento e clareza por parte do líder a respeito do que ele pretende conseguir do grupo. A chave para o sucesso da liderança é executar as tarefas enquanto se constroem os relacionamentos.¹⁷ Isso resulta em liderados que buscam cumprir com o propósito de Deus.¹⁸

1.2 É sensível e se interessa com as necessidades de seus liderados

O sucesso de um líder depende do interesse pelos outros, pelas pessoas do grupo. Theodore Roosevelt diz que “ninguém se importa com você enquanto não souber o quanto você se importa”. Madre Teresa afirma que se a vida não for vivida em prol dos outros, não vale a pena ser vivida, pois é uma vida egocêntrica e totalmente vazia.¹⁹

O ser humano nasce isento de mecanismos de sobrevivência, sendo assim ele é um sujeito que necessita dos cuidados dos outros. Sem cuidados não há chance de vida, logo o cuidador é fundamental.²⁰ Conforme alguns estudos,

Todo ser humano é vulnerável, em todas as suas dimensões, ou seja, é vulnerável fisicamente porque está sujeito a adoecer, a sofrer dor e incapacidade e, por tudo isso, necessita cuidado; é vulnerável psicologicamente, porque sua mente é frágil, necessita de atenção e cuidado; é vulnerável socialmente, pois, como agente social, é suscetível a tensões e injustiças sociais; é vulnerável espiritualmente, significando que sua interioridade pode ser objeto de instrumentalizações sectárias. Na verdade, a estrutura pluridimensional do ser, seu mundo relacional, sua vida, seu trabalho, suas ações, seus pensamentos, os sentimentos e até suas fantasias são vulneráveis. Dessa forma, pode-se dizer que o ser humano é mais vulnerável do que muitos seres vivos, no entanto, ele tem maior capacidade para se proteger.²¹

O cuidado é uma ajuda não apenas para libertar a pessoa do seu sofrimento ou necessidade, mas também é uma busca para entender e aprender com a situação.²² Percebe-se que mundo está cheio de violência, pobreza e dores. A importância de um cuidador é essencial na vida de qualquer sujeito. A espiritualidade, a fé e a religiosidade saudáveis têm sido reconhecidas como fatores de saúde mental, pois ajudam a pessoa a superar as

¹⁶ SALUM, Sandra. **Exemplos positivos e negativos de Líderes Cristãos**. 14 de julho de 2014. Disponível em: < <https://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/igreja/exemplos-positivos-e-negativos-de-lideres-cristaos/> > Acesso em 30/03/2020.

¹⁷ HUNTER, James C. **O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 70.

¹⁸ FAIS, Carlos Alberto. **Liderança cristã sadia**. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 1999, p. 5.

¹⁹ LOPES, Hernandes D. **Sofrimento, o preço da missão**. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 90.

²⁰ OLIVEIRA, 2012, p. 30-31.

²¹ WALDOW; BORGES, 2008.

²² OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. **Cuidando de quem cuida**. Joinville: Grafar, 2012, p. 30-31.

adversidades. Na perspectiva bíblica, Jesus tornou-se próximo dos que precisavam de ajuda, para cuidar.²³

A liderança começa com a vontade para escolher amar, isso é, sentir as necessidades legítimas dos liderados. Assim, remove-se todas as barreiras que possam servir de empecilho. Para atender a essas necessidades é preciso disposição para servir e até mesmo sacrificar para poder exercer autoridade e influência, e quando isso acontece, o líder conquista o direito de ser chamado de líder.²⁴ Knox, há mais de quatrocentos anos atrás afirmava “você não pode antagonizar e influenciar ao mesmo tempo”. Um líder cuidador nutre a preocupação genuína com o outro, e para ajudar e influenciar cultiva sentimentos positivos pelos liderados de amor e respeito. Liderar com amor gera impacto na vida das pessoas.²⁵

1.3 Está atento a sua realidade e age com amor

Em muitos contextos, a liderança tem sido marcada apenas por grandes eventos, contendo louvor, teatro, evangelismo, e linguagem específica direcionada para o grupo que está conduzindo.²⁶ É desafiador preparar pessoas para além das quatro paredes de uma igreja, pois liderar é muito mais do que fazer programações. Vida cristã é muito mais do que começar culto, orar, cantar. É ter Deus como prioridade e viver isso na prática, na sociedade em que está inserido, o dia todo em todos os momentos dentro ou fora das quatro paredes.²⁷

O líder precisa estar aberto para as mudanças necessárias, atualizando-se, buscando conhecer o que está acontecendo no momento em relação a músicas, tecnologias, profissões e entendendo que o liderado vive num mundo constante de mudanças.²⁸ Ainda que estas sejam ferramentas importantes, o maior desafio do líder é cuidar, orientar e aconselhar o outro do grupo,²⁹ pois é uma responsabilidade dada por Deus.³⁰

O líder precisa ter um grande coração, capaz de tratar seus liderados como filhos, dividindo sua vida com o grupo.³¹ Ele está disponível para atender às necessidades. Conforme Swindoll,

O verdadeiro líder se destaca pela fidelidade diligente em meio a uma tarefa. Essa fidelidade é mais que uma inclinação passiva. Ela é demonstrada pela disponibilidade e pelo envolvimento de pessoas em atender às necessidades. Não há muito benefício em liderança por procuração.³²

²³ OLIVEIRA, 2012, p. 36.

²⁴ HUNTER, 2004, p. 70.

²⁵ MAXWELL, 2008, p. 45.

²⁶ JUAN CRUZ, Alice. **Insight sobre liderança de jovens e adolescentes**. São Paulo: Garimpo, 2015, p. 79.

²⁷ LIMA, 2017, p. 94.

²⁸ MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. **Curso Vida Nova de teologia básica: educação cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 82.

²⁹ JUAN CRUZ, 2015, p. 79.

³⁰ CLINTON, J. Robert. **Etapas na vida de um líder**. Curitiba: Descoberta, 2000, p. 219.

³¹ MODES, Josemar (Org.). **Liderando juniores: desenvolvendo um ministério criativo e dinâmico**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018, p. 20.

³² SWINDOLL, 2004, p. 33.

Muitas vezes, nas Escrituras Sagradas, os liderados são chamados por seus líderes de filhos uma característica de amor paternal. João em suas cartas usa linguagem de um pai que está feliz ao ver seus filhos andando no caminho correto.³³ No primeiro verso da segunda carta de João, observa-se um exemplo desta realidade, a partir do texto que diz “O presbítero, à senhora eleita e aos filhos, a quem amo na verdade – e não apenas eu os amo, mas também a todos os que conhecem a verdade” (2 Jo 1). O amor é uma característica essencial em todos os relacionamentos como também nas relações de liderança. O líder que ama como pai, não apoia os erros, mas aponta os erros do liderado, e ajuda a trilhar pelo caminho certo.³⁴

Vale ressaltar que não é o título de líder que faz alguém de líder cuidador, pois,

...líderes transformadores priorizam o viver mais do que possuir, líderes insensatos priorizam mais o possuir do que o viver; líderes transformadores são ricos em Deus, líderes insensatos são ricos para si mesmos; líderes transformadores sabem que um dia prestarão contas a Deus, líderes insensatos vivem como se isso nunca fosse acontecer.³⁵

Amar também envolve confrontar, importar-se o suficiente com o liderado. O confronto (prestação de contas) é positivo para ambas as partes, gerando uma oportunidade para ajuda e desenvolvimento pessoal, visando o melhor interesse. Conforme Maxwell, “o confronto positivo é um sinal certo de que você se importa com o outro e age em benefício dele”.³⁶

Além disso, um líder cuidador apresenta os atributos de um intercessor,

...aquele que sente os fardos dos outros sobre si; que reconhece a soberania de Deus sobre si; que se firma na fidelidade de Deus; que importuna Deus com suas súplicas; que reconhece os seus pecados e do povo e os confessa; que se estriba nas promessas da palavra de Deus que associa devoção e ação.³⁷

2. DESAFIOS PARA O LÍDER CRISTÃO/CUIDADOR

O ser humano, por natureza, busca o bem-estar e preza pela saúde mental, compreendendo que

O bem-estar é entendido como estado saudável de condição física, mental, emocional, social e espiritual. Saúde mental é um estado de equilíbrio no qual “um indivíduo utiliza suas habilidades para lidar com as tensões normais da vida, trabalhar de forma produtiva e fazer contribuições à sua comunidade”. É a condição necessária para que as pessoas tenham capacidade de pensar, emocionar-se, interagir e cuidar dos diversos âmbitos da vida.³⁸

³³ SALUM, 2014.

³⁴ MODES, 2018, p. 18.

³⁵ LIMA, 2017, p. 61.

³⁶ MAXWELL, 2008, p. 53.

³⁷ LOPES, 2016, p. 90-91.

³⁸ NASTRINI, Márcio; STEGER, Walter. Burnout Pastoral. **Ministério**: uma revista para pastores e líderes de Igreja. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira. Ano 89, Número 531, p. 07, Mai/Jun 2017.

2.1. O cuidado com sua vida espiritual e com a família

Um dos maiores desafios do líder é cuidar de si mesmo antes de cuidar de qualquer outra pessoa. É considerado um princípio inegociável para qualquer líder, cuidar do ser antes de fazer. Hunter diz em sua oração “Pai, ensina-me a guiar a mim mesmo com tal sabedoria para que, então, eu possa guiar outros”.³⁹

Um líder precisa fazer uma boa gestão, tomar decisões certas nos momentos certos, além de cuidar do seu grupo e ser exemplo, precisa ser um bom filho ou filha, um bom esposo ou esposa, cuidar da saúde, fazer exercícios, ser saudável, entre outras coisas, porém às vezes é difícil.⁴⁰ A vida do líder é algo que o liderado tem como referência, além disso, o seu relacionamento com Deus é considerado uma força para um líder efetivo.⁴¹ Há vários relatos de grandes líderes, que geram resultados, mas fracassam na vida pessoal.⁴²

Mesmo o líder cuidador esteja preparado para cuidar de pessoas, também é esperado que ele tenha intimidade com Deus. Pressupõe-se que esteja mais preparado para enfrentar os desafios. Todavia, não é garantido que ele nunca passará por dificuldades, ou que sua família estará em perfeita harmonia e comunhão.⁴³

Líderes e suas famílias podem se encontrar nos holofotes, mas nos bastidores sofrem oposições. Há momentos que perdem o direito de pensar em si, aceitando maus tratos prezando pela harmonia, unidade e paz do grupo, perdoando e imitando a Cristo.⁴⁴

Infelizmente, um líder cuidador, muitas vezes trabalha no automático, desprezando os cuidados básicos consigo mesmo. Gera uma negação do cuidado, não atento às próprias necessidades. No cuidado excessivo do outro, o cuidador se perde no cuidado de si mesmo e o do outro, protegendo de tal forma que prejudica as próprias relações.⁴⁵ É angustiante consultar as estatísticas atuais e analisar o aumento de cuidadores desgastados e exaustos espiritualmente.⁴⁶

Herbert descreve uma pessoa esgotada espiritualmente como “alguém que está num estado de fadiga ou frustração em consequência de sua devoção a uma causa, seu estilo de vida, seus relacionamentos, coisas que não lhe trouxeram a recompensa esperada”. Isso normalmente acontece com pessoas que almejam o melhor.⁴⁷

Além do desafio do cuidado individual, há outros desafios que o líder cristão enfrenta. A liderança bíblica vem através do servir o outro e isso começa com os mais próximos. É nos relacionamentos humanos, ao começar na família, que o líder revela seu verdadeiro eu, pois

³⁹ LIMA, 2017, p. 25.

⁴⁰ KAVA, Luana. **A liderança na sua vida:** pessoal e profissional. Curitiba. 29/08/2018. Disponível em <<https://daad.com.br/a-lideranca-na-sua-vida-profissional-e-pessoal/>> Acesso em: 23/03/2020.

⁴¹ MOLOCHENCO, 2017, p. 82.

⁴² KAVA, 2018.

⁴³ BUHR, João Rainer. **O sofrimento do pastor:** um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores até hoje. Curitiba: Esperança, 2017, p. 27.

⁴⁴ MAXWELL, 2008, p. 106.

⁴⁵ OLIVEIRA, 2012, p. 65-68.

⁴⁶ WALLAUER, Milton. **Cuidando dos cuidadores:** pastores da Convenção Batista Pioneira. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 2005, p. 5.

⁴⁷ SMITH, M. **Esgotamento espiritual.** São Paulo: Vida, 2004, p. 8.

ninguém consegue ser melhor do que realmente é no convívio diário.⁴⁸ A família do líder é observada pela sociedade, e mesmo sem tencionar, serve de exemplo. Vários autores destacam o quanto a família é afetada com os problemas do líder, e a excessiva sacralização da vocação pode fazer com que o líder perca a sua identidade.⁴⁹ Uma pesquisa revela que, o índice de divórcios, suicídios e incidência de doenças provocadas pela tensão são maiores entre os profissionais cuidadores do que entre profissionais de outras áreas e do público em geral. Isso se dá, pois, muitos profissionais reprimem a natureza humana, as necessidades pessoais, durante a maior parte do tempo, para cuidar do outro.⁵⁰ Por isso, ao líder cristão/cuidador é necessário atentar para família e dela zelar.

2.2 O perigo das crises e o estresse pessoal

As pressões sobre um líder muitas vezes podem ser intensas e até implacáveis. O líder tem suas ocupações e a fadiga, por vezes sem tempo para a família, muito menos para as férias. Estes problemas podem deixar o líder desanimado, e este é um risco ocupacional de um cristão que pode levar à perda de entusiasmo.⁵¹ Um líder cristão não está isento de crises pessoais, uma manifestação aguda de uma perturbação física ou moral, período de difíceis situações. A ocorrência de crises não está ligada a falta de maturidade do líder ou por falhas na vida espiritual.⁵² A palavra crise tem diversos significados, mas dentre várias acepções da palavra, Webster define crise como “evento emocionalmente significativo ou radical mudança de status de vida de uma pessoa”; ou “ponto do tempo quando é decidido se um assunto ou curso de ação, prosseguirá, será modificado ou chegará ao fim”.⁵³

Na ótica bíblica há vários líderes que passaram por crises, até Paulo não escapou destes momentos de crise. Passou por diversos conflitos internos da vida cristã, por aflições, privações, angústias, também por conflitos externos, como açoites, prisões, tumultos, além das tribulações naturais como os trabalhos, vigílias e jejuns.⁵⁴ Não há missão sem sofrimento, pois o líder que está realizando seu ministério está cercado de pessoas hostis em um mundo caído, que gera muitos sofrimentos. “Não há colheita feliz sem sementeira regada de lágrimas”.⁵⁵

Grandes líderes enfrentam crises. Conforme Oliveira,

Um dos principais sofrimentos experimentados por aqueles que estão no ministério chama-se baixa autoestima. [...] estão muito ocupados, mas não veem muito efeito... há pouco louvor e muita crítica dirigida à Igreja, e quem consegue viver muito tempo num clima desses sem resvalar em algum tipo de depressão? [...] Neste clima de secularização, líderes cristãos se sentem

⁴⁸ AZEVEDO, Irland Pereira. **De pastor para pastores: um testemunho pessoal**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001, p. 30.

⁴⁹ WALLAUER, 2005, p. 8.

⁵⁰ OLIVEIRA, 2012, p. 66.

⁵¹ STOTT, John. **Desafios da liderança cristã**. Viçosa: Ultimato, 2016, p. 14.

⁵² AZEVEDO, 2001, p. 86-88.

⁵³ AZEVEDO, 2001, p. 86.

⁵⁴ LOPES, Hernandes Dias. **Paulo, o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 89-92

⁵⁵ LOPES, 2016, p. 9.

cada vez menos relevantes e cada vez mais marginalizados. Muitos começam a se perguntar por que deveriam permanecer no ministério.⁵⁶

Atualmente, muitos líderes têm abandonado seu ministério por causa dos grandes sofrimentos ou fragilidades. Entende-se que o sofrimento é um indicativo de problemas e é entendido como algo negativo. Na fuga, a atitude é buscar novos caminhos que tragam menos dores. Sofrer não é incomum, pois já aconteceu com o Apóstolo Paulo. Para ele, passar por angústias e dores não era um sinal de derrota, mas uma prova da legitimidade do seu apostolado. A autoridade de Paulo foi questionada e desafiada na Igreja de Corinto por falsos profetas. Eles o acusavam por não ser um orador eloquente, não ter ascendência judaica legítima, e ser um apóstolo sem visões e revelações. E para completar, o culpavam por não amar o suficiente os novos convertidos.

A situação vivida por Paulo, acontece ainda hoje. Porém, muitos líderes entram em crise devido aos fortes sofrimentos enfrentados, pois são facilmente associados a líderes fracos.⁵⁷ Além de Paulo, há vários personagens bíblicos que passaram por crises. Moisés, teve momentos de crise diante da grande responsabilidade de liderar seu povo. Já Elias, enfrentou tremenda crise e fugiu diante da sua notável experiência sobre os “profetas de Baal”. Davi, por sua vez, caiu em profunda crise moral e espiritual quando pecou. Pedro, negou a Cristo quando estava acometido de pavor, não tirou sua própria vida pois sentiu remorso e arrependimento.⁵⁸

O líder cuidador pode enfrentar crises de identidade e vocacional, tentando encontrar respostas quando está passando por um momento difícil no ministério, ou crise de relevância e de metodologia quando começa a refletir sobre sua relevância para o grupo, ou se os métodos de ensino ainda funcionam. Outras crises podem surgir quando recebem notícias sobre os colegas líderes que desistiram do ministério, ou quando há crise nos relacionamentos familiares.⁵⁹

Um líder cristão têm suas necessidades pessoais, e conforme algumas pesquisas, há três eixos: a) necessidades pessoais ou relacionais: ser pastoreado, ter amizades e pessoas de confiança para poder compartilhar, descanso, lazer, atualização teológica, orientação para os primeiros anos de ministério, tempo de devocional; b) necessidades familiares: de diálogo, maior cuidado, tempo de qualidade, estabilidade financeira; c) necessidades ministeriais: planejamento e melhor organização do trabalho e apoio mútuo. Também há necessidades de melhor planejamento do trabalho, tempo para refletir, descansar, repensar estratégias, reabastecer-se, e reconhecimento da subjetividade, do lado humano.⁶⁰

O ser humano é um sujeito psicossomático, engloba corpo, mente e espírito e é difícil entender a inter-relação entre os três elementos, mas a condição de um afeta o outro. A condição do corpo afeta a condição espiritual⁶¹, portanto, o cansaço físico também é um dos

⁵⁶ OLIVEIRA, 2012, p. 109.

⁵⁷ BUHR, 2017, p. 155.

⁵⁸ AZEVEDO, 2001, p. 88.

⁵⁹ AZEVEDO, 2001, p. 90-100.

⁶⁰ OLIVEIRA, 2012, p. 65.

⁶¹ STOTT, 2016, p. 26.

desafios da liderança atual, apesar da sociedade prezar pela saúde que aplaudem corpos bem cuidados, bronzeados, malhados e elegantes é dada pouca importância ao cansaço crônico. O cansaço crônico pode ser consequência de inúmeros compromissos (faculdades, cursinhos, aulas de especializações, academia, eventos e outros). Este cansaço impede a liderança a doar seu tempo e talento para cuidar de si e dos outros de maneira efetiva, para a obra de Deus.⁶²

Há vários líderes cristãos que sofrem uma síndrome geral de adaptação quando o organismo reage a mudanças, gerando estresse. O estresse é considerado o “mal do século” e atinge várias pessoas, inclusive os líderes cristãos. O estresse gera dores musculares, enxaqueca, insônia, problemas gastrointestinais, aumento da ansiedade, angústia, irritação, falta de concentração e preocupação.⁶³ Boff afirma que

É notório que o cuidar é muito exigente e pode levar um cuidador ao estresse. Especialmente se o cuidado constitui, como deve ser, não um ato esporádico, mas uma atitude permanente e consciente. Somos limitados, sujeitos ao cansaço e à vivência de pequenos fracassos e decepções. Sentimo-nos sós. Precisamos ser cuidados, caso contrário, nossa vontade de cuidar enfraquece.⁶⁴

Ademais, por lidar constantemente com dores alheias, o líder cuidador é uma pessoa exposta ao sofrimento. É comum os líderes cuidadores que estão em extremo ativismo, e negam o seu cansaço, desenvolverem doenças psicossomáticas de fundo emocional, como enxaquecas, úlceras, pressão sanguínea elevada, dores na coluna vertebral e dores musculares. Como diz Swindoll

Quem entra na arena da liderança deve estar preparado para pagar um preço. A verdadeira liderança cobra caro do indivíduo como um todo - quanto mais eficiente é a liderança, maior é o preço!⁶⁵

2.3 Síndrome de Burnout e a depressão

Além do líder cuidador enfrentar as dores, sofrimentos, estresse e descuido familiar, também corre o risco de desenvolver a Síndrome de Burnout, um desgaste ocupacional dos cuidadores. Essa síndrome é confundida com o estresse, pois a doença ainda é pouco conhecida, e atinge pessoas que lidam com pessoas em sofrimento.⁶⁶ A Síndrome de Burnout conhecida como Síndrome do Esgotamento é uma condição médica que ocorre em decorrência a tensão emocional à qual os indivíduos são expostos. Provoca sentimentos e atitudes negativas no relacionamento do sujeito, ocasionando um desgaste físico e mental que se associa a insatisfação e perda de comprometimento nas relações, gerando consequências impertinentes.⁶⁷

⁶² LIMA, 2017, p. 76.

⁶³ OLIVEIRA, 2012, p. 65-68.

⁶⁴ BOFF, Leonardo. **Quem cuida do cuidador?** 30/12/2012. Disponível em: <<https://domtotal.com/artigo/2709/30/04/quem-cuida-do-cuidador/>> Acesso em 25/03/2020.

⁶⁵ SWINDOLL, 2004, p. 59.

⁶⁶ OLIVEIRA, 2012, p. 72.

⁶⁷ ALVES, Marcelo Echenique. **Síndrome de Burnout**. Psychiatry on line Brasil. Porto Alegre, v. 22, nº 9. p. 1, Setembro 2017.

Os indivíduos que mais sofrem esse tipo de esgotamento são os que exercem atividades profissionais que exigem envolvimento frequente e próximo com pessoas que os procuram, a fim de apresentar várias situações e problemas. Os principais sintomas do burnout incluem cansaço constante e progressivo, dores musculares, dor de cabeça, alterações gastrointestinais, insônia, infecções, hipertensão arterial, desinteresse sexual, raciocínio lento, sentimentos de solidão e impotência, diminuição da atenção e concentração, irritabilidade, melancolia, depressão, impaciência, alterações no humor e perda de interesse pelo trabalho.⁶⁸

Além da Síndrome de Burnout, muitos líderes podem desenvolver depressão como reação de esgotamento. “A depressão é um sinal de que há perdas, impotências que não estão sendo respeitadas, talvez pela própria pessoa, e necessidade de lamentar, chorar, pedir apoio a alguém que possa ouvi-la, compreendê-la, acolhê-la em sua dor, luta e desgaste emocional”.⁶⁹

O cansaço, a depressão, a síndrome de Burnout, tem se tornado uma vivência cada vez mais comum na sociedade, inclusive entre os líderes cristãos. Uma das consequências mais infelizes é o surgimento de um coração endurecido e insensível, que afasta o sujeito da compaixão e cuidado pelo próximo e também da possibilidade de ser renovado pelo Senhor.⁷⁰

O cuidador precisa entender que é ser humano. Quando não há o cuidado consigo mesmo, o corpo cansa, a alma esgota e perde a alegria de servir. Conforme Roseli de Oliveira,

A espiritualização, por vezes exacerbada, denuncia que a dicotomia alma-corpo persiste com toda a intensidade e se refere à alimentação, descanso, atividades, sexualidade e expressão das emoções, como amor, ódio, alegria, tristeza, saudade, entre outras. Ao trabalhar as questões emocionais é preciso considerar as outras dimensões e pesquisar como está a alimentação, o sono, o lazer, o trabalho, a sexualidade, a saúde como um todo. Esta somatória de informações verbalizadas pelas pessoas que se encontram em sofrimento psíquico é, por si só, catártica, no sentido que ao contarem quem são, o que fazem, o que gostam e o que as incomoda, se dão conta da potencialização em alguma das dimensões, em detrimento de outras.⁷¹

Sofrer esgotamento é algo que pode acontecer na vida de qualquer ser humano. Não é preciso ter vergonha para expor o que sente, pois se há alguma vergonha a ser sentida, não é pelos sintomas, mas pelo descuido da própria saúde.⁷² Todos estes perigos são reais e presentes na vida do líder cuidador, essa realidade é que será visto no subponto que segue.

⁶⁸ NASTRINI; STEGER, 2017, p. 07.

⁶⁹ NASTRINI; STEGER, 2017, p. 07.

⁷⁰ BARBOSA, Ricardo. Cansaço e esgotamento: para descansar é preciso crer. **Revista Ultimato**. São Paulo, ed. 380, 2019. Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/vida-crista/cansaco-e-esgotamento-para-descansar-e-preciso-crer/>> Acesso em: 20/05/2020.

⁷¹ OLIVEIRA, 2012, p. 74-75.

⁷² NASTRINI; STEGER, 2017, p. 7.

3. A REALIDADE ATUAL DO LÍDER CRISTÃO/CUIDADOR

Diante do quadro atual das possíveis fragilidades de líderes, infelizmente há muitas histórias de liderança com finais tristes. O relato de alguns casos, abordados a seguir, revelam que alguns líderes optaram por caminhos tristes, na ânsia de encontrar alívio.

Um caso triste é do pastor da Primeira Igreja Batista/BA, que tirou sua própria vida com uma corda presa no telhado da área de serviço da sua casa. Sua esposa e seus dois filhos entraram em choque, possivelmente não acreditando no acontecimento. O casal recém havia retornado de uma viagem em comemoração aos 10 anos de casados. Nas fotos postadas nas redes sociais, o sorriso estampado em seu rosto não mostrava que estava passando por uma situação difícil. A suspeita é que ele tenha passado por uma grave depressão.⁷³

Outro caso é o do pastor da Igreja Nova Vida em Rio Grande/RS. Antes de tirar a própria vida, ele publicou em seu facebook:

Nenhum trabalho ou responsabilidade consumiu mais as minhas energias e minha saúde do que liderar uma Igreja. Como pastor posso dizer que a Igreja precisa urgentemente se preocupar com o descanso e a saúde dos seus pastores. Antes de pensar no pastor como um super-homem, lembre-se que existe um ser humano a Imagem de Deus atrás do púlpito. Um ser humano igualzinho a você.⁷⁴

Os relatos acima evidenciam a situação deprimente de líderes que sofrem depressão e cometem suicídio tanto no Brasil como nos Estados Unidos. De acordo com o Instituto Schaeffer, estudos apontam que 70% dos líderes lutam contra alguma fragilidade, e o mesmo percentual afirma que não tem mentoria, discipulado, ou amigo próximo. Além disso, 80% acredita que ministério afeta negativamente suas famílias. Provavelmente, membros da igreja nem imaginam que um líder passa por angústias.⁷⁵

Lobo, faz um alerta em suas redes sociais e publica no Jornal *Pleno News* sua preocupação diante do suicídio de 14 líderes cristãos em apenas um ano, afirmando que

É necessário ter muito cuidado quando falamos a respeito de uma coisa tão violenta como essa, que é tirar a própria vida, porque cada vez que se noticia um fato desse, pode acabar desencadeando outros. Tragédia silenciada pelo tabu. Precisamos falar sobre isso com honestidade, tolerância e amor.⁷⁶

A realidade não é tão deslumbrante, pois, assim como médicos precisam de médicos, psicólogos de psicólogos, líderes também precisam de líderes que cuidem deles, que os ouçam que os entendam. Muitos estão sofrendo calados enquanto cuidam dos outros. Além disso, nunca é previsível que um médico cardiologista tenha um problema de coração, e quando acontece gera surpresa. Todavia, o médico também é ser humano, um sujeito exposto a

⁷³ BUHR, 2017, p. 25.

⁷⁴ RAMOS, Rafael. **Suicídio entre os pastores gera alerta permanente.** Rio de Janeiro, 18/10/2019. Disponível em: <<https://pleno.news/comportamento/suicidio-entre-pastores-gera-alerta-permanente.html>> Acesso em: 20/06/2020.

⁷⁵ BUHR, 2017, p. 25.

⁷⁶ RAMOS, 2019.

enfermidades, necessitado de cuidados. O mesmo é válido para líderes, que também são criaturas de Deus, sujeitas às mesmas fragilidades enfrentada por qualquer outra pessoa.⁷⁷

Um certo estudo mostrou que grande parte dos líderes já pensaram em abandonar seu ministério por causa do esgotamento. Embora esse mal possa ocorrer em qualquer profissão. Essas situações não deveriam somente chocar, mas alertar a Igreja de que há algo errado acontecendo.⁷⁸

Conforme Collins,

Muitos conselheiros ficam esgotados porque exaurem todas as suas reservas. Dia após dia, despejamos nossas conclusões, sensibilidade, compaixão, técnicas de cura e energias. Vamos às necessidades e sentimos a dor das pessoas. Nosso desejo é vê-las curadas; nosso anseio é ajudá-las. Então nos damos cada vez mais, com o mais nobre dos motivos, até que ficamos secos. Às vezes, de uma hora para outra, quase sem aviso, descobrimos que não temos mais nada para dar. O conselheiro cristão, que um dia foi cheio de compaixão, descobre que está espiritualmente vazio. Seus recursos interiores acabaram.⁷⁹

Admitir que líderes não pertencem a uma classe especial de seres humanos, não é uma tarefa fácil, todavia, eles estão sujeitos às mesmas dificuldades. Essa realidade precisa ser compreendida com urgência. Se nada for feito, mais líderes abandonarão seus ministérios. O sofrimento e esgotamento, é algo sério, visível e soluções precisam ser elaboradas. Quando essa realidade se torna visível, infelizmente em alguns casos já é tarde demais.⁸⁰

Muitos líderes sentem-se desamparados e com vergonha, pois à semelhança de outros problemas de saúde mental, a depressão, o cansaço, não são assuntos mencionados em muitas Igrejas. Quando expressos, o assunto parece ser escandaloso, ou repreendido como pecado. Não é à toa que muitos líderes não procuram ajuda, pois quando fazem, a situação parece ficar mais constrangedora.⁸¹

Apesar das evidências das fragilidades de todo o ser humano, por vezes, algumas igrejas evangélicas não consideram o líder como ser humano, sujeito a desafios e sofrimentos, parece que o líder é visto como um ser especial, um super-herói, que está imune de problemas. Se algum problema surgir, ele irá resolvê-lo sem dor, pois está preparado para resolver problemas e está muito mais próximo de Deus.⁸²

Oliveira afirma que, visões distorcidas e idealizadas da figura do líder são detectadas junto à igreja, estas podem ser de organização histórica ou recente. Neste âmbito, os líderes não são percebidos como seres humanos, mas como semideuses, não sujeitos ao cansaço, problemas, enfermidades, e outras fragilidades.⁸³

⁷⁷ BUHR, 2017, p. 27.

⁷⁸ LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério.** São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 78.

⁷⁹ COLLINS, Garry R. **Aconselhamento cristão:** edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 698.

⁸⁰ BUHR, 2017, p. 30.

⁸¹ ESWINE, Zack. **A depressão de Spurgeon: esperança realista em meio à angústia.** São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 29.

⁸² BUHR, 2017, p. 32.

⁸³ OLIVEIRA, 2012, p. 19.

Spurgeon, citado por Eswine, afirma

Cuidamos das doenças do corpo muito prontamente. Elas são muito dolorosas para nos permitir dormir em silêncio e logo nos impelem a procurar um médico ou cirurgião para nos curar. Oh, quem dera fôssemos assim tão atentos em relação às mais sérias feridas de nosso homem interior.⁸⁴

Buhr, lamenta ao certificar que,

Infelizmente muitos líderes de igreja têm se sentido mais do que seres humanos. Provavelmente alguns estão sendo envolvidos inconscientemente. Não percebem o perigo a tempo, e quando finalmente dão conta da situação, fica muito difícil retornar e assumir que também são frágeis seres humanos, dependentes de Deus como qualquer outro cristão. Em algum momento da vida, perceberão que estão pagando um alto preço.⁸⁵

Mas o questionamento principal é, quem cuida dos líderes, mesmo quando eles procuram achar uma saída e não a encontram. Um líder cuidador precisa ter alguém para desabafar, pois é uma oportunidade de repartir o peso da alma. Há relatos de pessoas que sentem dificuldades em desabafar, pois aparentemente, o desabafar soa como um pecado, afinal, é preciso ser grato a Deus por tudo. Nos relatos bíblicos há diversos desabafos que mostram a humanidade dos “personagens” bíblicos, e a partir daí, passam pelo processo de resgate da própria identidade e integração.⁸⁶

Embora se saiba que ninguém aprecia tempos de crise, sabe-se que a Bíblia traz motivações muito claras para este ministério, considerado fundamental para que os líderes sigam obedecendo seu chamado, e sendo fortalecidos por outros líderes que possam ajudá-los e apoiá-los em todas as áreas da vida cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, o líder cristão é aquele que está sob o chamado de Deus para conduzir um grupo de pessoas em direção a um objetivo comum, e assume a responsabilidade de cuidar e zelar pelos outros do grupo. Líder é líder cuidador quando está cuidando de alguém. Porém, para ele cuidar de pessoas é necessária disposição física, mental, e também espiritual. Em consequência do descuido pessoal e daqueles que estão próximos à vida do líder, muitos estão esgotados, abandonando seus ministérios, pois encontram-se carentes de mentoria e cuidado. Portanto, é necessário que o líder reconheça que precisa ser ajudado e mentoreado.

Diante da atual situação, surge a pergunta: na perspectiva bíblica, como a Igreja deve promover o cuidado dos líderes que, por sua vez, cuidam dos outros? Junto a esta questão, surgem outras: quais os exemplos bíblicos de cuidado pessoal e mentoria com os que cuidam? Como o próprio líder deve agir em caso de desgaste? Certamente ainda há muito para pesquisar e contribuir para a conclusão do estudo.

⁸⁴ ESWINE, 2015, p. 1.

⁸⁵ BUHR, 2017, p. 34.

⁸⁶ OLIVEIRA, 2012, p. 105-106.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Marcelo Echenique. **Síndrome de Burnout**. Psrychiatry on line Brasil. Porto Alegre, v. 22, nº 9, p. 1, Setembro 2017.
- AZEVEDO, Irland Pereira. **De pastor para pastores: um testemunho pessoal**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. 216 p.
- BARBOSA, Ricardo. Cansaço e esgotamento: para descansar é preciso crer. Revista Ultimato. São Paulo, ed. 380, 2019. Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/vida-crista/cansaco-e-esgotamento-para-descansar-e-preciso-crer/>> Acesso em: 20/05/2020.
- BOFF, Leonardo. **Quem cuida do cuidador?** 30/12/2012. Disponível em: <<https://domtotal.com/artigo/2709/30/04/quem-cuida-do-cuidador/>> Acesso em 25/03/2020.
- BUHR, João Rainer. **O sofrimento do pastor: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores até hoje**. Curitiba: Esperança, 2017. 154 p.
- CLINTON, J. Robert. **Etapas na vida de um líder**. Curitiba: Descoberta, 2000. 267 p.
- COLLINS, Garry R. **Aconselhamento cristão: edição século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2004. 704 p.
- DUSILEK, N. G. **Liderança cristã: a arte de crescer com as pessoas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1998. 208 p.
- ESWINE, Zack. **A depressão de Spurgeon: esperança realista em meio à angústia**. São José dos Campos: Fiel, 2015. 185 p.
- FAIS, Carlos Alberto. **Liderança cristã sadia**. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 1999. 42 p. *Monografia*.
- HAGNOS: **Bíblia Brasileira de Estudo**. São Paulo: Hagnos, 2016. 1800 p.
- HUNTER, James C. **O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 144 p.
- JUAN CRUZ, Alice. **Insight sobre liderança de jovens e adolescentes**. São Paulo: Garimpo, 2015. 110 p.
- KAVA, Luana. **A liderança na sua vida: pessoal e profissional**. Curitiba. 29/08/2018. Disponível em <<https://daad.com.br/a-lideranca-na-sua-vida-profissional-e-pessoal/>> Acesso em: 23/03/2020.
- LIMA, Eliseu de. **Um café, por favor!** Campinas: Batista Independente, 2017. 132 p.
- LOPES, Hernandes D. **Sofrimento, o preço da missão**. São Paulo: Hagnos, 2016. 144 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Paulo, o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009. 152 p.

LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério**. São Paulo: Vida Nova, 1998. 159 p.

MAXWELL, John. **Minutos de liderança**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008. 224 p.

MOCIDADE BATISTA INDEPENDENTE. **Manual do líder**. 3.ed. São Paulo, 2015. 45 p.

MODES, Josemar (Org.). **Liderando juniores: desenvolvendo um ministério criativo e dinâmico**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018. 114 p.

MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. **Curso Vida Nova de teologia básica: Educação Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2007. 124 p.

NASTRINI, Márcio; STEGER, Walter. Burnout Pastoral. **Ministério: uma revista para pastores e líderes de Igreja**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira. Ano 89, Número 531, p. 07, Mai/Jun 2017.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. **Cuidando de quem cuida**. Joinville: Grafar, 2012. 111 p.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. **Para não perder a alma: o cuidado aos cuidadores**. São Leopoldo: Sinodal, 2012. 135 p.

RAMOS, Rafael. **Suicídio entre os pastores gera alerta permanente**. Rio de Janeiro, 18/10/2019. Disponível em: <<https://pleno.news/comportamento/suicidio-entre-pastores-gera-alerta-permanente.html>> Acesso em: 20/06/2020.

SACCONI, Luiz Antônio. **Grande dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010. 2087 p.

SALUM, Sandra. **Exemplos positivos e negativos de Líderes Cristãos**. 14 de julho de 2014. Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/igreja/exemplos-positivos-e-negativos-de-lideres-cristaos/>> Acesso em 30/03/2020.

SCHACH, Aline Coscioni. **Filosofia de liderança espiritual para líderes de crianças**. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 2004. 60 p. *Monografia*.

SMITH, M. **Esgotamento espiritual**. São Paulo: Vida, 2004. 208 p.

STOTT, John. **Desafios da liderança cristã**. Viçosa: Ultimato, 2016. 88 p.

WALDOW, Vera Regina; BORGES, Rosália Figueiró. O processo de cuidar sob a perspectiva de Vulnerabilidade. **Revista Latina Americana em Enfermagem**. Julho-Agosto; 16 (4), 2008. *Artigo Online*.

WALLAUER, Milton. **Cuidando dos cuidadores: Pastores da Convenção Batista Pioneira**. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 2005. 40 p. *Monografia*.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A ARTE CRISTÃ: UMA PERSPECTIVA DE FRANCIS SCHAEFFER E H. R. ROOKMAAKER

Christian art: a perspective from Francis Schaeffer and H. R. Rookmaaker

Isaac Raphael Costa Rehem¹

RESUMO

A arte cristã é um tema que muito tem sido debatido dentro das igrejas na intenção de compreender os limites para esta área. Francis Schaeffer propõe uma visão bíblica da arte que ultrapasse os limites propostos apenas para a adoração. Hans Rookmaaker foi um defensor de que a arte não precisa de justificativa. Este artigo propõe uma análise da arte cristã na perspectiva destes dois autores na intenção de observar parâmetros para se avaliar a arte. Além disso, esta análise propõe alguns princípios que um artista deve compreender no desejo de se atuar dentro de uma cosmovisão cristã. É possível ainda observar algumas qualidades indispensáveis para um artista que pretenda ser relevante na cultura em que está inserido.

Palavras-chaves: Arte. Contemporânea. Cosmovisão. Bíblia.

ABSTRACT

Christian art is a topic that has been much debated within the churches to understand the limits of this area. Francis Schaeffer proposes a biblical view of art that goes beyond the limits proposed only for worship. Hans Rookmaaker was an advocate that art needs no justification. This article proposes an analysis of Christian art from the perspective of these two authors to observe parameters for evaluating art. This analysis also proposes some principles that an artist must understand in the desire to act within a Christian worldview. It is also possible to

¹ Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Graduado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Paraná (2007). Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada (2017). Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade Tecnológica do Paraná (2012). E-mail: Isaac.rehem@gmail.com.

observe some indispensable qualities for an artist who wants to be relevant in the culture in which he is inserted.

Keywords: Art. Contemporary. Worldview. Bible.

INTRODUÇÃO

Poucos teólogos abordaram com tanta clareza o tema de arte cristã como Francis Schaeffer e H. R. Rookmaaker. Este artigo pretende observar a análise feita por Schaeffer, especialmente a partir de *A arte e Bíblia*. Esta obra aborda a arte na bíblia e sua função em diversas citações bíblicas. A partir desta observação, busca-se a possibilidade de criar uma ponte com o tempo presente. Ambos os autores analisaram a forma como a arte foi sofrendo influencias filosóficas importantes e como contribuíram para o pensamento pós-moderno. Rookmaaker deixa isto muito claro na sua obra prima: *A arte moderna e a morte de uma cultura*.

Desde a reforma protestante e sobretudo influenciada pelos puritanos, a arte foi vista com certo desdém ou até mesmo como algo impuro. Diante deste afastamento, Rookmaaker observa como esta área foi entregue para ser totalmente influenciada pelas correntes filosóficas ao ponto de chegar no momento que se encontra hoje. Schaeffer partindo de um viés mais filosófico, faz observações também muito contundentes em *O Deus que intervém*. Embora a filosofia seja o primeiro estágio, ele considera a arte como o segundo estágio na linha do desespero.² Começando pelos impressionistas, os artistas não sabiam que estavam se rebelando contra conceitos clássicos e que seus trabalhos mudaram e expressaram uma nova mentalidade. Os resultados são vistos na sociedade e na cultura como reflexo destas mudanças que foram ocorrendo ao longo do tempo.

Rookmaaker expressa sua ideia acerca da arte de modo geral no livro *A arte não precisa de justificativa*. Sua ideia central é observar que a arte tem finalidade por si só na revelação da beleza e na produção criativa. Para ele as coisas têm valor pelo que são e não pela função que exercem. Deste modo, a arte embora não precise se justificar para ser arte, há pontos objetivos para se analisar uma obra de arte. Schaeffer propõe alguns pontos, tais como: excelência técnica, validade, conteúdo intelectual e integração entre conteúdo e o veículo. Rookmaaker propõe algumas qualidades para determinar a qualidade do artista: talento, inteligência, caráter e aplicação. Neste sentido, juntar as perspectivas possibilita um ponto de equilíbrio entre a liberdade artística com a responsabilidade do artista.

A arte cristã tem sido reduzida a uma metodologia de evangelismo, sucumbindo a uma visão limitada de cristianismo. Os autores propõem observar a arte cristã como um todo, com uma expressão maior e assim libertar o artista, assim como ao mesmo tempo dar a ele a responsabilidade de desenvolver o seu talento. Nesse sentido, o texto segue avaliando tais considerações acima destacadas.

² SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém**: o evangelho para o homem de hoje. Tradução de Fernando Korndorfer. Jaú: ABU, 1981, p. 37.

1. ARTE NA BÍBLIA

A fim de compreender o papel das artes na vida cristã, Francis Schaeffer busca uma nova perspectiva ao analisar o papel das artes nas Escrituras. Uma das maiores manifestações artísticas que se pode observar foi a escrita de Salmos. A escrita poética foi um estilo literário muito utilizado pelos escritores bíblicos. O estilo poético está impregnado na cultura judaica de tal modo que pode ser observado não somente nos livros poéticos, mas também em outras categorias de livros.

Pode-se observar por exemplo o cântico de Moisés descrito em Êxodo 15 ou o famoso cântico de Ana relatado em 1Samuel 2. Para Sicre, a interpretação de livros proféticos se dificulta em função da dificuldade na compreensão das circunstâncias históricas, culturais, políticas e econômicas. Entretanto, destaca-se que diversas profecias foram escritas em linguagem poética e este tipo de linguagem é muito mais densa e difícil de interpretar que a prosa. Na poesia hebraica, o principal recurso utilizado é o paralelismo, que pode ser sinônimo, antético, sintético, climático, emblemático ou ainda em forma mais complexa como o quiasmo.³

Gusso afirma que os hebreus eram um povo habilidoso na arte da poesia, música e dança. Em sua análise, cerca de um terço de todo o Antigo Testamento é poesia, reforçando a importância artística nas Escrituras. Contudo a manifestação artística não se resume a salmos e poesias.⁴

O trabalho de Francis Schaeffer em *A Arte e a Bíblia* é uma importante análise acerca da arte pela Bíblia. Nesta obra ele observa diversas outras formas de arte que fizeram parte da história de Israel desde o Antigo Testamento. Schaeffer observa que a partir dos dez mandamentos, algumas pessoas erroneamente acreditam que a arte é proibida nas Escrituras.

Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso [...] (Êx 20.4-5 – versão Almeida Revista e Atualizada).

Uma interpretação equivocada deste mandamento pode levar a uma conclusão que a Bíblia proibia esculturas e por consequência todo o tipo de arte. Contudo, a ênfase do texto, assim como pode ser visto em Levítico 26.1, está no prestar o culto, na adoração a uma escultura e não na arte em si. Portanto, a proibição bíblica está relacionada a idolatria e não na produção artística.

Rookmaaker complementa este pensamento afirmando que Deus não quer que a arte seja transformada em um deus, tornando a beleza como um alvo de adoração.⁵ Esse limiar entre fazer um ídolo ou uma forma de arte que confunde muitos cristãos. A arte tem um papel

³ SICRE, José Luis. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem.** 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 137.

⁴ GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria: introdução fundamental e auxílio para interpretação.** Curitiba: ADSantos, 2012, p. 7.

⁵ ROOKMAAKER, H. R. **A arte não precisa de justificativa.** Tradução de Fernando Guarany. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 48.

importante na adoração, como pode ser verificado nas Escrituras, embora a produção de ídolos seja totalmente repudiada. Um ponto importante é que a arte não pode se tornar um deus e nem a beleza o objetivo último. Para Rookmaaker o estecismo seria dar a arte um lugar que ela não merece e isto pode-se tornar destrutivo.⁶

Schaeffer observa que a manifestação artística pode ser entendida como não proibitiva, mas além disso, em alguns casos até mesmo como ordenada por Deus. Um exemplo de ordenança foi o projeto do tabernáculo nos dias de Moisés. Para esta construção, Deus ordenou que Moisés utilizasse toda a forma de arte figurativa conhecida até então pelo homem. Moisés foi instruído a fazer tudo da forma como lhe foi apresentado, no modelo que lhe fora revelado no monte. Para Schaeffer, pode-se dizer que o arquiteto que elaborou o projeto do tabernáculo foi o próprio Deus e não um ser humano.⁷

Um outro exemplo intrigante, foram os querubins de ouro. A utilização de uma escultura de ouro não só foi autorizada, como utilizada para representar um ser celestial, de uma hoste angelical. Essa representação foi ordenada por Deus, numa manifestação artística figurativa. Ainda pode-se verificar o candelabro como uma representação da natureza, flores e objetos de beleza natural. De modo geral, toda a construção do tabernáculo pode ser admirada pela riqueza de detalhes artísticos ordenados por Deus. Estas ordenanças ocorriam não somente na construção do tabernáculo, observa-se que ainda havia uma quantidade significativa de detalhes em outros elementos, como por exemplo na concepção das roupas sacerdotais.

Posteriormente na construção do Templo, Davi entrega para Salomão as plantas que dariam origem a obra de construção. Davi afirma que entregou a seu filho tudo o que lhe veio à mente, mas complementando em 1Crônicas 28.19, as Escrituras demonstram que o projeto lhe foi entregue por escrito pelo próprio Deus.

O projeto arquitetônico era de extrema riqueza de detalhes que não compreendiam apenas propósitos estruturais, mas também objetos que aparentemente não teriam nenhuma função específica além de revelar beleza. Isto pode-se observar na utilização das pedras preciosas que tinham um papel apenas decorativo, assim como algumas colunas que tinham função sustentar romãs. Deste modo, a arte fora utilizada em meio a adoração, contudo não como objeto ou alvo de qualquer modo de idolatria. A construção do templo possuía detalhes externos tais como entalhamentos de leão, bois, flores e mais uma vez como uma representação artística. O autor do livro de Crônicas ainda destaca que Salomão também utilizou da arte para finalidades não religiosas, como na produção do seu trono.

Diante de observação cuidadosa destes eventos em que Moisés e Davi foram instruídos acerca da construção do lugar de habitação de Deus, conclui-se que a arte estava presente não apenas para uma manifestação do ser humano para Deus, mas presente para revelar beleza num lugar no qual Deus era cultuado.

As vezes passa despercebido, mas Jesus também fez referência a manifestações artísticas. Em João 3.14-15 Jesus afirma que da mesma forma como Moisés levantou a serpente no deserto, era necessário que Ele fosse levantado também. O evento citado ocorreu

⁶ ROOKMAAKER, 2010, p. 48.

⁷ SCHAEFFER, Francis A. **A arte e a Bíblia**. Tradução de Fernando Guarany. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 21.

quando Deus havia enviado serpentes venenosas que morderam o povo e muitos morreram. Diante da intercessão de Moisés, Deus ordenou que ele construísse uma serpente de ouro e a erguesse sobre uma haste. Assim, todo aquele que olhasse para a serpente de bronze viveria. Portanto, mais uma vez é possível observar na Bíblia não só a autorização, como a instrução de Deus para que fosse utilizada a arte figurativa. Entretanto, um ponto importante a se observar foi a destruição da serpente no reinado de Ezequias (2Rs 18.4). Ele quebrou a serpente não por ser uma obra de arte, mas pelo fato da idolatria que já havia dominado o coração do povo de Israel a tal ponto de que estavam queimando incenso para a serpente. Ela fora destruída não por causa da existência de arte figurativa, mas em função do uso incorreto ou pior ainda, por causa da idolatria que estava em questão.

O estudo de Schaeffer acerca das manifestações artísticas não se detém apenas na arte figurativa. Ele observa a poesia como citado anteriormente como uma das manifestações mais utilizada nas Escrituras. Não somente no livro de Salmos e não somente a Deus. Isto pode ser visto por exemplo no poema de Davi em homenagem a Saul e Jonatas como heróis nacionais. Neste sentido, Schaeffer analisa o livro de Cantares de Salomão, como outro exemplo de poemas seculares. Embora alguns interpretem como uma representação do amor de Cristo pela igreja, o fato é que Deus utilizou da ilustração do amor entre um homem e uma mulher para relacionar com o amor de Deus pelo seu povo. Isto pode ser libertador, porque pela análise de Schaeffer há ainda artistas que ficam receosos de expressar poeticamente seus sentimentos num relacionamento de homem e mulher. Este tipo de expressão ainda pode ser utilizado como uma manifestação de louvor a Deus. Sendo os dois cristãos, pode até ser uma doxologia consciente.⁸

Um ponto interessante destacado por Schaeffer é a demanda de uma rígida disciplina literária para se escrever uma poesia hebraica, provavelmente mais difícil que a poesia anglo-saxônica. O aspecto técnico do poeta hebreu e sua busca na excelência técnica, pode ser comparada aos artesãos que trabalhavam em estátuas de bronze, que trabalhavam com madeiras ou pedras preciosas até o ponto de conseguir expressar artisticamente com um trabalho tão acurado. Portanto, a busca pela excelência também é uma maneira de louvar a Deus.⁹

A música talvez seja a manifestação artística que ainda sobreviva ainda como uma arte explorada pelos cristãos da pós-modernidade. No contexto bíblico, uma das expressões mais significativas foi a canção que os hebreus entoaram ao serem resgatados do exército de faraó. Possivelmente liderados pela profetisa Miriã, milhares de pessoas reunidas cantaram uma antífona.¹⁰ No contexto do templo também é possível observar músicas sendo entoadas por levitas designados por Davi, e uma organização litúrgica dos quatro mil homens separados para isto (1Cr 23.5-6).

⁸ SCHAEFFER, 2010, p. 33.

⁹ SCHAEFFER, 2010, p. 34.

¹⁰ De acordo com o autor do Dicionário Michaelis, antífona é um versículo que se diz ou se entoa no princípio de um salmo ou canto religioso e que depois é repetido em coro. Conjunto de palavras ou versos que se repete ao final de cada estrofe de um poema ou canção; estribilho, refrão.

Nas Escrituras ainda é possível notar a dança como uma manifestação de arte. Em momentos de extrema alegria, como por exemplo Miriã (Êx 15.20) e Davi (2Sm 6.14). Inclusive o livro de Salmos encoraja o povo a louvar com danças, com tamborim e harpa (Sl 149.3).

2. ARTE COMO ARTE

Schaeffer buscava desenvolver uma perspectiva cristã sobre a arte em geral, ou seja, parâmetros pelos quais os cristãos deveriam observar a arte independente de ser de algum cristão ou não. Schaeffer elaborou algumas perspectivas que poderiam nortear a avaliação de qualquer obra de arte.

A primeira perspectiva é considerada por ele a mais importante de todas. Uma obra de arte tem valor em si mesma.¹¹ Assim, ela não precisa ser avaliada ou analisada pelo seu conteúdo intelectual, mas para serem apreciadas. Para o autor, por este mesmo motivo estavam as obras de arte no tabernáculo e no templo, pela sua beleza apenas. A arte é uma obra de criatividade do ser humano e isto tem seu valor simplesmente pelo fato de Deus ser o criador. Além disso, a arte revela que o homem como um ser a imagem e semelhança de Deus, é um ser dotado com esta capacidade criativa.

Neste aspecto, Rookmaaker também com partilhava e defendia que a arte não precisaria de uma justificativa.

Deus deu à humanidade a habilidade de fazer coisas belas: compor músicas, escrever poemas, produzir esculturas e decorar coisas. As possibilidades artísticas existem para serem percebidas e executadas por nós e para receberem uma forma concreta. Deus deu isso a humanidade e seu sentido está exatamente nesta doação. É algo dado por Deus que tem que ser feito por meio dele, ou seja, por meio dos talentos que ele dá, em obediência e em amor a ele e às pessoas. É assim que a arte é devolvida como oferta a Deus. Assim, a arte tem seu próprio significado como criação de Deus – ela não precisa de justificativa. Sua justificativa é ser uma possibilidade dada por Deus.¹²

Sob a ótica de Rookmaaker, a arte é algo necessário para a humanidade não carecendo de muita justificativa para sua elaboração. A arte é uma dádiva do criador, e esta é uma importante perspectiva para esta análise. Ela pode às vezes até passar sem a devida atenção, mas a arte cria a atmosfera na qual o ser humano vive. É possível absorver diversas mensagens embutidas nas manifestações artísticas, ainda que despercebidamente. Desta forma, a arte é uma influência na formação e no molde do pensamento do seu tempo.

Schaeffer alerta acerca de um ponto importante em questão de arte. Nem toda criação do ser humano é uma nobre expressão de arte, pois nem tudo é intelectualmente ou moralmente bom. Embora o ser humano tenha na sua humanidade a criatividade como característica intrínseca, ele foi afetado pelo pecado. Tanto o artista moderno como o artista cristão têm dificuldade para compreender a obra de arte como obra de arte. Isto porque as vezes descem a um nível irracional, em que a arte não pode ser analisada, entretanto nenhum

¹¹ SCHAEFFER, 2010, p. 46.

¹² ROOKMAAKER, 2010, p. 36.

artista desce ao nível de operar a arte pela arte. De modo geral haverá duas opções: ou a obra será feita a partir de uma cosmovisão cristã ou humanista.¹³ Schaeffer entende que todo artista demonstra através da obra de arte a sua cosmovisão. Nisto baseia-se a sua segunda perspectiva, de que as formas de arte fortalecem a cosmovisão, seja ela verdadeira ou falsa.¹⁴ Contudo, não significa que se deve aceitar automaticamente a cosmovisão. A cosmovisão apresentada por um artista deve ser julgada tanto quanto a sua habilidade artística.

Para este julgamento, Rookmaaker propõe que três valores fundamentais para se jogar uma obra de arte: conteúdo, significado e qualidade do entendimento da realidade que ela esteja associada.¹⁵ Schaeffer também aplica conceitos para quatro padrões de julgamento para uma obra de arte: excelência técnica, validade, conteúdo intelectual (a cosmovisão que está sendo comunicada) e a integração entre o conteúdo e o veículo.¹⁶

Observando a arte a partir da ótica da excelência técnica, pode-se distinguir e reconhecer a capacidade artística, ainda que não seja possível concordar com a cosmovisão do artista. Por falta deste entendimento, muitos cristãos têm se afastado e rejeitado artistas em função de não compreender este importante critério na análise da obra. Desta forma, a análise da obra precisa ser feita fazendo distinção entre excelência técnica e conteúdo. Um segundo critério adotado por Schaeffer é a análise da arte a partir de sua validade. Esse critério busca apontar a coerência entre o artista, sua cosmovisão e sua obra de arte. O ponto de tensão é justamente entre o que o artista crê e se sua arte é feita apenas para retorno financeiro ou mesmo para ter uma aceitação de um público específico. Para esta análise, fica clara a necessidade do critério do conteúdo. Esse terceiro critério é justamente analisar o conteúdo da arte, pois esta reflete a cosmovisão do artista.

A cosmovisão do artista, portanto, deve ser vista sob a ótica das Escrituras. Neste sentido, Schaeffer defende que alguns cristãos julgam que quanto maior a qualidade da arte, menor será a crítica a cosmovisão ou ao conteúdo, quando infelizmente deveria ser o contrário. Ele enquadra os artistas em quatro tipos de pessoas: o que nasce de novo e produz arte dentro de uma cosmovisão totalmente cristã, o não cristão que expressa sua cosmovisão não cristã, o que é pessoalmente não é cristão, embora sua arte sofra influência da cosmovisão cristã e um último grupo seria aquele que é cristão, nascido de novo, embora não consiga compreender claramente a cosmovisão cristã e diante disso, acaba incorporando aspectos de uma cosmovisão não-cristã. Para Schaeffer, este último é o mais triste de todos.¹⁷

O quarto ponto de julgamento da arte, por Schaeffer é com base na adequação da forma ao conteúdo. É a análise da correlação entre o estilo e o conteúdo, se a cosmovisão que está sendo representada se relaciona com o veículo. Neste sentido, há muitas dúvidas se a cosmovisão é adequada ao tipo de veículo de comunicação. Embora haja uma distinção entre

¹³ SCHAEFFER, 2010, p. 45.

¹⁴ SCHAEFFER, 2010, p. 49.

¹⁵ ROOKMAAKER, 2010, p. 51.

¹⁶ SCHAEFFER, 2010, p. 53-60.

¹⁷ SCHAEFFER, 2010, p. 58.

mensagem e linguagem, pela ótica de Schaeffer a linguagem deve ser adequada a mensagem que se deseja transmitir, embora nenhuma obra deva ser julgada apenas por este critério.¹⁸

Rookmaaker ainda levanta padrões de julgamento não só da arte, mas do artista também. Para ele, quatro qualidades determinam a importância do artista: talento, inteligência, caráter e aplicação que serão avaliados em outro capítulo. De qualquer modo, ambos percebiam que havia parâmetros objetivos que permite avaliação de uma arte.¹⁹

Baseado no texto de Mateus 15.11, em que Jesus afirma que o contamina o ser humano é o que sai e não o que entra, Rookmaaker conclui ser um absurdo um cristão não poder ouvir algum determinado tipo de música. Para ele o ambiente é criado pelo que sai do ser humano e não pelo que entra. Sua argumentação é baseada de que assim não é possível compreender os contemporâneos. Sob a perspectiva artística, é fácil concordar com este ponto de vista, contudo cabe uma análise das próprias afirmativas do autor que a arte nunca é neutra.²⁰

A arte sempre é carregada de uma mensagem do criador. Sempre haverá a questão do conteúdo e significado. Sendo assim, é questionável se um cristão deveria estar ouvindo músicas que fossem objetivamente contra princípios cristãos, ou ainda que fossem compostas como uma expressão de adoração a outros deuses. Na música brasileira é muito comum utilizar de expressões de cultos sincretistas e invocação de entidades cultuadas em seitas. O ponto de contato com a sociedade é de extrema importância para os cristãos, entretanto, é importante buscar compreender o limite que não levará a uma idolatria. Influenciar a época ou ser influenciado pela arte é um dilema a ser enfrentado racionalmente pelo cristão.

3. ARTE E COSMOVISÃO CRISTÃ

Desenvolvendo o conceito que a arte não precisa de justificativa, Schaeffer sugere que os cristãos precisam iniciar os seus trabalhos de arte, pensando em fazer uma obra de arte acima de qualquer outro entendimento. Isto seria a valorização da criatividade. A criatividade é, portanto, um ponto de valorização de Deus, o criador.²¹

O conceito de arte cristã muitas vezes tem sido limitado a arte que possa ser executada, admirada ou utilizada para fins eclesiológicos. Essa visão limitada é combatida pelos autores. Rookmaaker reflete que como cristãos “quer durmamos, quer comamos ou trabalhamos, fazemos como filhos de Deus”.²² Portanto, o cristianismo não pode ser resumido a atos religiosos ou momentos piedosos. O propósito da vida não se resume a evangelismo, mas a busca do reino de Deus.

Schaeffer defende que a arte cristã dos dias atuais precisa ser arte que seja coerente com o século atual. A arte precisa mudar, assim como a linguagem muda. A pregação precisa ser feita em uma linguagem de comunicação atual, assim como a arte. Caso contrário, ela rapidamente haverá um obstáculo que a impedirá de ser ouvida. Para Schaeffer, essa variação

¹⁸ SCHAEFFER, 2010, p. 58-60.

¹⁹ ROOKMAAKER, 2010, p. 70-75.

²⁰ ROOKMAAKER, 2010, p. 51.

²¹ SCHAEFFER, 2010, p. 45.

²² SCHAEFFER, 2010, p. 38.

ocorre inclusive de país para país. Não se deveria apenas importar arte, mas produzir na própria cultura. Na área musical cristã observa-se muito este fator. Muita música não tem sido produzida respeitando os aspectos e influências musicais brasileiras. Cada vez mais os artistas cristãos apenas traduzem músicas de artistas estrangeiros. Ainda que componham muitas vezes tendem mais a acompanhar o estilo musical e importar tornando a arte pobre na sua beleza estética.²³

No entanto, não existe um estilo de música bom ou mau, cristão e não cristão. Infelizmente alguns ainda defendem que a música cristã deve ser aquela que respeita mais um estilo dos séculos passados em função de uma tradição. Entretanto, cabe destacar que estilos em si são desenvolvidos como sistemas simbólicos de cosmovisões e mensagens. Portanto, mesmo utilizando estilos do século atual é preciso ter o cuidado de não ser dominado pela cosmovisão que o originou.

O cristianismo não é série de mensagens religiosas intelectualizadas, mas uma mensagem que atinge o ser humano como um todo. Não é possível pregar o cristianismo sem conteúdo. Assim, o feedback é muito importante. Se a mensagem foi comunicada, mas não houve entendimento é preciso ser revista a forma de comunicar. Para ele a forma pode enfraquecer ou fortalecer o conteúdo. Sendo assim, mesmo que sejam adotadas técnicas contemporâneas, o artista cristão deve buscar o Espírito Santo para que o ajude a criar sem comprometer a mensagem do cristianismo.

Contudo, o cristianismo não pode ser um complemento a vida cotidiana. Schaeffer afirma que o cristianismo abrange todas as áreas da vida. Cultura e educação não podem ser vistas como neutras, mas como algo como parte importante e debaixo de uma cosmovisão cristã. A mensagem de um artista ou um professor devem ser julgadas e baseadas nas verdades e absolutos morais bíblicos.²⁴

A arte nem sempre retrata a realidade, e ainda que este seja o objetivo, será apenas um retrato da interpretação do artista sobre o mundo. A arte retrata a imaginação humana, algo metafísico e, portanto, pode ser considerada como algo espiritual.

Schaeffer entende que a cosmovisão cristã pode ser dividida em dois temas: tema maior e tema menor. O tema menor está associado a imperfeição do mundo. Este tema se subdivide entre aquelas que se rebelaram contra Deus e assim permanecem. O outro grupo é aquele que possuem uma vida cristã piedosa, entretanto, ainda possui um lado de fracasso e pecado. Uma vida restaurada, entretanto, que ainda possui seus desafios enquanto caminha para rumo a perfeição em Cristo.²⁵

O tema maior diz respeito a plenitude e propósito na vida. Na área da metafísica, do ser e da existência, Deus existe e Deus intervém. Isto fica ainda mais claro na obra *O Deus que intervém*. O ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus e por isso, possui significância. Ele foi criado na existência do Deus infinito e pessoal que possui um caráter e que rege o universo. O cristianismo, portanto, oferece uma solução moral partindo do

²³ SCHAEFFER, 2010, p. 63.

²⁴ SCHAEFFER, 1981, p. 248.

²⁵ SCHAEFFER, 2010, p. 68.

absoluto moral de Deus. O próprio Deus tem um caráter que reflete na lei moral do universo. Diante disto, uma pessoa quando aproximasse de Deus com este entendimento, ele tem uma base não só para o sentimento de culpa para a realidade da culpa. O ser humano vive a tensão de ser finito e pecador culpado diante de um Deus santo e infinito. A cosmovisão cristã apresenta a única solução para este dilema por meio da vida, morte e ressurreição de Cristo. O homem caído só é redimido por meio dessa graça do amor divino.

Dentro dessa perspectiva, a arte cristã deve abordar tanto o tema menor quanto o tema maior. No aspecto do tema menor, ela deve admitir que a vida é feita de desafios e lutas. Se abordar apenas o tema maior ela não refletirá a realidade, mas uma versão romantizada da vida cristã. Neste sentido, a arte moderna tende a enfatizar apenas o tema menor. Um ar de melancolia, derrota e desespero toma conta do artista contemporâneo, tornando-o um pessimista. Para Rookmaaker, um dos desafios da vida do artista cristão é justamente viver neste mundo pós-cristão.²⁶

A base da cosmovisão cristã é a lei do amor em um mundo cheio de destruição e ódio. O artista cristão precisa achar um equilíbrio de relatar o tema menor, mas sem perder a esperança de Cristo e da sua redenção. Concentrar-se na imperfeição do mundo pode levar o artista a esquecer a lei do amor. Em suma, o artista precisa através do tema menor apresentar o tema maior.

Entretanto, a arte cristã, não é religiosa, mas uma arte que lida com temas religiosos. Partindo da perspectiva da criação, a natureza está imersa na arte divina, sem que houvesse qualquer referência a religiosidade. A Bíblia mesmo revela a manifestação artística fora do contexto religioso, sendo apenas uma referência para revelação da beleza. Esta noção é importante para que o artista perceba que o cristianismo não está comprometido apenas com a salvação do homem. A mensagem cristã parte da existência eterna de Deus e da criação, e não limitado ao plano de salvação. O fato do ser humano ser criado a imagem e semelhança de Deus é um tema importante. Trazer o verdadeiro valor ao ser humano, para o indivíduo, faz parte da cosmovisão cristã e da manifestação artística.

Diante disto, a arte cristã é a representação da vida integral de uma pessoa, representando a totalidade da vida. Ela não ser vista apenas como um veículo de evangelismo. O artista cristão é livre e deve usar sua liberdade para utilizar a sua imaginação. Ele não deve ser restringir a temas religiosos, até porque temas religiosos podem ser mesclados. Ele deve usar a sua liberdade sobre a direção do Espírito Santo. Nenhuma obra de arte é mais importante que a vida do próprio cristão e assim a vida deve ser a própria obra de arte.

Relacionando vida e arte, muito tem se elaborado acerca da vida que há por trás da produção artística. O artista revela não somente através da sua arte, mas através da sua própria vida a cosmovisão que ele carrega. Rookmaaker propõe algumas qualidades²⁷ (descritas na sequência) que podem determinar o escopo, a profundidade e a importância de qualquer artista.

²⁶ ROOKMAAKER, 2010, p. 9.

²⁷ ROOKMAAKER, 2010, p. 70.

A qualidade primordial é o talento, considerando isto como um potencial que o indivíduo utiliza ou não com responsabilidade. Sem talento não se pode associar relevância a um artista. Esta é justamente a base para o desenvolvimento da arte. Mas, assim como na parábola narrada por Jesus, cabe ao artista desenvolver ou enterrar o seu talento.

Diante da iniciativa em desenvolver o seu talento, o artista precisa de uma segunda qualidade, que seria a inteligência. Utilizar a inteligência para analisar qual a melhor forma de desenvolver a sua arte. Infelizmente alguns artistas muito talentosos pecam na forma de empregar e comunicar a sua arte. Um dos aspectos relevantes é a leitura da cultura em que está inserido afim de compreender qual a forma que aquela geração consegue absorver uma determinada mensagem.

Um ponto de falha para muitos artistas é a questão do caráter. Algumas vezes a própria arte é comprometida pela falha de caráter. Muitos artistas a fim de ter seu nome reconhecido e sua arte aceita, submete-se a regras e desejos mercadológicos. Artistas que começaram sua carreira com obras surpreendentes, as vezes definham na expectativa de criar popularidade com seus trabalhos. Popularidade e aceitação por diversas vezes está também associado a busca pelo lucro, o que acaba corrompendo o coração do artista.

O talento, a inteligência e o caráter precisam estar associados a aplicação. A obra de arte não surge como algo instantâneo e muito menos por obra do acaso. Necessita de empenho e aplicação para que o talento seja desenvolvido. Muitos artistas se viam muito limitados tecnicamente no início do seu desenvolvimento e depois de muita aplicação desenvolveram seu talento a tal ponto de poder ser reconhecido e colocado seu nome na história. Até as improvisações e atos espontâneos surgem de um trabalho árduo e aplicado. Isto pode-se notar com clareza na vida dos músicos que necessitam de horas dedicadas a seus instrumentos e no desenvolvimento de suas habilidades.

(...) enquanto cristãos, não basta só conhecer a cosmovisão correta, a cosmovisão que nos diz a verdade sobre o que existe, mas também agir conscientemente de acordo com aquela visão de modo a influenciar a sociedade o máximo que pudermos em todas as suas áreas e aspectos por toda a vida, na total extensão dos nossos dons individuais e coletivos.²⁸

O artista é dotado de liberdade, personalidade, mas também de responsabilidade. Ele precisa compreender suas habilidades e limitações e a partir de uma visão bíblica desenvolver o talento que lhe foi confiado por Deus. Desenvolver um caminho da verdade em que possa expressar os seus sentimentos de forma a publicar uma cosmovisão cristã e assim ser relevante no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão de Francis Schaeffer acerca da arte figurativa nas Escrituras, abre uma possibilidade de observação e comparação com a arte presente nos dias atuais. Sob essa

²⁸ SCHAEFFER, Francis A. **Como viveremos?** Tradução de Gabriele Greggersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 194.

perspectiva, atentar para os registros artísticos impressos na Bíblia abre novos caminhos para uma melhor compreensão do papel do artista na sociedade.

Observa-se uma fileira de artistas cristãos preocupados e confusos sem saber se podem utilizar seus dons e talentos artísticos no mesmo contexto em que fora utilizado no tabernáculo e no templo. Utilizar a arte apenas para revelar beleza. O ambiente da comunidade eclesial pode gerar um ambiente em que a arte possa estar ali apenas para manifestar a arte, e isso indo além da questão musical. O artista cristão muitas vezes vive nessa tensão entre o sagrado e o profano e por fim acaba por enterrar o seu talento com receio de que esteja indo além do que possa ser permitido.

Os critérios propostos por Schaeffer e Rookmaaker para avaliação de uma obra artística numa perspectiva cristã auxiliam o artista cristão a revisitar suas obras e ter parâmetros para julgar sua própria obra, assim como suas influências e até mesmo suas atitudes como artista.

A arte do século XXI tem evoluído em conjunto com as diversas mudanças da sociedade, incluindo as inovações tecnológicas. Hoje há cristãos que desejam expressar sua arte como nas manifestações mais clássicas, mas há também diversos interessados na produção nas mais variadas plataformas digitais com a utilização de recursos tecnológicos de edição de som e imagem. Como apontado pelos autores, o desafio do artista cristão é justamente ajustar o conteúdo da sua mensagem a forma em que vai transmiti-la para que ela possa ser ouvida no seu tempo, imprimindo marcas da sua cultura.

Sendo assim, as análises de Schaeffer e Rookmaaker são libertadoras, mas ao mesmo tempo desafiadoras. Os autores encorajam os artistas a compreender melhor a importância de suas obras e a influência que elas podem causar nas mais diversas esferas da sociedade. Deste modo, destaca-se ainda mais a relevância da arte como uma possibilidade de expressão de uma cosmovisão cristã.

O artista, assim como em qualquer profissão, precisa compreender a integralidade do ser. Não se pode desassociar o artista da produção artística. Portanto, em última análise a arte está sendo a expressão do ser e sua cosmovisão para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Guilherme de. **Raízes Espirituais da Arte Moderna**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NfOiAuEcbU&list=PLGwIMYcY85qZ0BTFOh5BJeP2nhXML6A65&index=12>> Acesso em 31 jul. 2018.

GASQUE, Laurel. **Rookmaaker – arte e mente cristã**. Tradução de Fernando Guarany Junior. Viçosa: Ultimato, 2012.

GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria: introdução fundamental e auxílio para interpretação**. Curitiba: ADSantos, 2017.

ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2015.

ROOKMAAKER, H. R. **A arte não precisa de justificativa.** Tradução de Fernando Guarany. Viçosa: Ultimato, 2010.

SCHAEFFER, Francis A. **A arte e a Bíblia.** Tradução de Fernando Guarany. Viçosa: Ultimato, 2010.

SCHAEFFER, Francis A. **A morte da razão.** São Paulo: Fiel, 1974.

SCHAEFFER, Francis A. **A verdadeira espiritualidade.** São Paulo: Fiel, 1993.

SCHAEFFER, Francis A. **Como viveremos?** Tradução de Gabriele Gregersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 194.

SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém:** o evangelho para o homem de hoje. Tradução de Fernando Korndorfer. Jaú: ABU, 1981.

SICRE, José Luis. **Profetismo em Israel:** o profeta, os profetas, a mensagem. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

MISSÃO INTEGRAL: UMA FUSÃO ENTRE A MISSÃO DO REINO COM A DO INDIVÍDUO

MODES, Josemar Valdir. **Um povo transformador:** Atos capítulo dois e a Teologia da Missão Integral. São Paulo: RTM, 2017. 224 p.

Leandro Hins de Brito¹

O autor da obra é formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS), possui especialização na área de Liderança e Gestão Corporativa pela Faculdade Teológica Batista do Paraná e um Mestrado Livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente. É Mestre em Teologia Pastoral pelas Faculdades Batista do Paraná. Doutorando em História, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio, pela Universidade Federal de Passo Fundo/RS. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel em Panambi/RS. Também coordena o Projeto de Capelania Escolar desenvolvido nas escolas Municipais e Estaduais de Panambi/RS e Ijuí/RS. É Coordenador de Graduação e professor na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí/RS e membro da Comissão Consultiva da Revista *Ensaio Teológico* na mesma Instituição. Também é membro da Comissão Consultiva da Revista Teológica *FABAMA*. Além desta, publicou outras três obras. É casado com Giseli Bloch Modes e pai de Giulia Aiça Modes e Liz Giovana Modes.

Com o objetivo esclarecer sobre a Missão Integral, o autor aborda em sua obra aspectos relevantes desse assunto, que por vezes tem sido mal compreendido e explicado. Muitas vezes a má compreensão do Reino de Deus leva muitos cristãos a terem visão limitada em relação ao mundo que os cerca. Nesse sentido, as demandas da vida passam despercebidas

¹ O autor da resenha é bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: leandrohins@gmail.com

pelos denominados evangélicos, fazendo com que a mensagem do Evangelho se torne rasa e voltada para a justiça própria, tornando a mesma deficitária e levando a perda da cosmovisão. Sendo assim, com base em Atos 2, o autor tenta estabelecer ligações entre a Igreja Primitiva e a Igreja Atual no cumprimento de sua missão.

No primeiro capítulo aborda-se a cosmovisão com base na cultura romana e judaica. Segundo Modes, é de extrema importância compreender o contexto cultural romano e judaico em que a Igreja Primitiva estava inserida, por isso inicialmente evidencia-se os aspectos semelhantes entre a sociedade romana e a atual. Além disso, o autor retrata sobre as condições climáticas e crises que foram vivenciadas pelos romanos, comparando-as com crises enfrentadas pelo povo brasileiro. Nesse sentido é dada ênfase na região Sul do Brasil, e mostra-se como isso afetou as classes de baixa renda. Na continuidade, são feitas abordagens comparando as similaridades de fatos ocorridos no decorrer da história e assim lança luz sobre a questão sobrevivência da sociedade romana.

Partindo do pressuposto da boa conduta da Igreja Primitiva, no segundo capítulo, o autor aborda a cosmovisão cristã dentro do seu fundamento histórico e o motivo de sua transformação social. Com base no texto de Atos 2.42-47, Modes destaca a forma que os primeiros cristãos enxergavam o mundo e como isso interferia no que é denominado Missão Integral. Do texto citado, aborda-se a visão geral, os relacionamentos interpessoais e seus benefícios, bem como os relacionamentos com Deus e como isso afetava a vida dos que criam e dos que não criam n'Ele. Destaca-se ainda o forte crescimento numérico dos cristãos, e os efeitos do Pentecostes. Ainda sobre Atos 2, o autor fala do contexto do mesmo trazendo detalhes que dão mais veracidade as Escrituras Sagradas. Além disso, mostra os motivos pelos quais Lucas, o autor do livro de Atos, escreveu e endereçou o texto a uma pessoa nobre dentro do Império Romano. Menciona-se também os contextos anterior, posterior, teológico, bem como conceitos e demais destaques teológicos.

No capítulo seguinte, Modes aborda a cosmovisão cristã, apontando a mudança da e na história. Mudanças estas que não eram apenas vistas entre as pessoas que faziam parte da Igreja Primitiva, mas principalmente nas estruturas da sociedade, as quais foram completamente modificadas. Segundo o autor, certas coisas só aconteceram e acontecerão quando a igreja entender que sua missão envolve o ser humano como todo, dentro da perspectiva do Reino.

No entanto, para que muitas mudanças ocorram o indivíduo deve ser o primeiro a ser impactado, pois somente após isso as estruturas também o serão. Porém isso não é simples, pois como mostra o autor, no decorrer de sua escrita, há diversos fatores desafiadores que estão envolvidos nesse processo. Além disso, o autor esclarece as diferenças que há entre a Missão Integral e algumas estratégias utilizadas por muitas igrejas contemporâneas, quando o assunto diz respeito a questões sociais entre outras. Para finalizar a obra o autor apresenta algumas tabelas como anexos.

A obra é de suma importância para a compreensão do assunto Missão Integral por ser um tema que rasamente se discute entre os cristãos. Com certeza, o conteúdo apresentado poderá levar muitas pessoas a repensarem alguns conceitos e retornarem ao Evangelho que

olha o ser humano como um todo. Assim, a obra é altamente recomendada a todos que tenham o interesse de crescer no conhecimento sobre do assunto Missão Integral, principalmente a pastores, acadêmicos e líderes de igreja.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.